





LIMA BARRETO

Bagatelas

RIO DE JANEIRO
Empresa de Romances Populares
Rua do Carmo, 35
1923.

Advertencia

Composto de artigos de varias naturezas e que podem merecer varias classificações, inclusive a de não classificaveis, este pequeno livro não visa outro intuito senão permittir aos espiritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre factos, cousas e homens da nossa terra, que, fulgo, talvez sem razão, muito proprias a mim.

Apparecidos em revistas e jornaes modestos é bem de crer que taes espiritos não tenham lobrigado a existencia delles; e é somente por esse motivo que os costuro em livro, sem nenhuma outra pretensão, nem mesmo a de justificar a minha candidatura á Academia de Letras.

Percebo perfeitamente que seria mais prudente deixal-os enterrados nas folhas em que appareceram, pois muitos delles não são lá muito innocentes; mas, consciestamente, quero que as inimizades que elles possam ter provocado contra mim, se consolidem, porquanto, com S. Ignacio de Loyola, penso que não ha inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo.

Rio de Janeiro, 13—8—18.

LIMA BARRETO.

A superstição do doutor

JOAQUIM VERISSIMO DE CERQUEIRA LIMA,
*amanuense dos Correios da Bahia, pedindo fazer constar
em seus assentamentos o titulo de doutor em sciencias me-
dico-cirurgicas. — Deferido.*

(“Gazeta de Noticias”, de 25 de Março de 1917.)

Tratando o Sr. Veiga Miranda, na edição de S. Paulo do “Jornal do Commercio”, de um dos meus humildes livros, disse que eu tinha birra do *doutor*.

Quiz, ao lêr o artigo do meu amavel critico, explicar detidamente por que, de facto, tinha eu essa birra; mas, lembrei-me que jurára a mim mesmo acceitar em silencio todas as criticas que me fizessem, e nada respondi, tanto mais que qualquer resposta poderia magoar a quem tivera a bondade e a lealdade de occupar-se com a minha obrinha. Comtudo, escrevi-lhe uma carta, em que julgo ter manifestado plenamente a minha satisfação, sem deixar transparecer qualquer azedume que verdadeiramente não tinha, explicando brevemente a minha opinião sobre o assumpto.

Citei aqui o Sr. Veiga Miranda não só por que pretendo desenvolver algumas razões da minha birra com o *doutor*, encontrada por elle nos meus escriptos, como tambem lhe dar parabens por ter sido reconhecido deputado.

Sinto que o seja para representar a calamitosa olygarchia paulista, a mais odiosa do Brasil, a mais feroz, pois não trepida em esmagar as suas barulhentas dissidencias, a massete, a pilão ou pilões, como se castram ou se castravam touros valentes para serem depois, muy mansos, bois de carro.

Não me cabendo nem querendo metter-me em bobagens politicas, cumpri o meu dever de civilidade, dando-lhe os parabens e devo continuar o artigo, atacando o thema de que elle é objecto.

Em outro qualquer paiz, talvez, não fosse um temperamento liberal chocado com a especie zoologica e social — *doutor*; mas no Brasil, com a importancia descommunal, o ar de sagrado que os costumes lhe emprestam, e os privilegios que a lei lhe outhorga, não é possivel deixar de revoltar-se contra ella, todo aquelle que não quer vêr renascer nos tempos actuaes, uma nobreza, principalmente

uma nobreza que indica para as suas bases, justamente aquillo que ella não possui — o saber.

Essa birra do *doutor* não é só minha, mas poucos têm a coragem de manifestal-a. Ninguém se anima a dizer que elles não têm direito a taes prerogativas e isenções, porque a maioria delles é de ignorantes. E que só os sábios, os estudiosos, doutores ou não, é que merecem as attenções que vão em geral para os cretinos cheios de aneis e empafia.

Todas as variedades do *doutor* acreditam que os seus privilegios, honras, garantias e isenções, como se diz nas patentes militares, se originam do saber, da sciencia de que são portadores; entretanto, entre cem, só dez ou vinte sabem razoavelmente alguma cousa. São mais sempre, além de mediocres intellectualmente, ignorantes como um bororó de tudo o que fingiram estudar. Aquillo que os antigos chamavam humanidades, em geral, elles ignoram completamente. Não são falhas, que todos têm na sua instrucção; são abysmos hiantes que a delles apresenta.

A maioria dos candidatos ao *doutorado* é de meninos ricos ou parecidos, sem nenhum amor ao estudo, sem nenhuma vocação nem ambição intellectual. O que elles vêem no curso não é o estudo serio das materias, não sendem a attracção mysteriosa do saber, não se comprazem com a explicação que a sciencia offerece da natureza; o que elles vêem é o titulo que lhes dá namoradas, consideração social, direito a altas posições e os differencia do filho de *seu* Costa continuo de escriptorio do poderoso papae

Animados por esse espirito, vão, com excellentes approvações, ás vezes, obtendo os exames preliminares e, afinal, matriculam-se na Academia, como dizem elles no seu gaseão pretencioso — podendo ella ser civil ou militar.

Na escola ou faculdade as cousas se passam muito mais facilmente. Não ha filho de sujeito mais ou menos notavel, que não vá adiante no curso, sem a menor difficuldade. E' mais facil que obter os preparatorios.

Na Escola Polytechnica, é de praxe, de regra até, que todo o filho, sobrinho ou parente de capitalistas ou de *brasseurs d'affaires*, mais ou menos iniciados na Kabala chrematistica do Club de Engenharia, seja approvado. E' bem de vêr porque. Os lentes das nossas escolas, com raras excepções, não se contentam com os seus vencimentos officiaes. Todos elles são mundanos, querem fazer parada de luxo, teatros, bailes, com as suas mulheres e filhas. A situação official que têm, dá-lhes prestigio, fazem-n'os *figuras de prôa* e os seus nomes são procurados para apadrinhar as companhias, as emprezas, mais ou menos honestas, que os especuladores de todos os matizes e nacionalidades organizam por ahi.

Não é possivel que um lente de chimica organica, por ex., que, devido ás relações que tem com o capitalista Joab Manassés, foi feito, com grandes honorarios, presidente da Companhia de Dócas de um porto do Mar de Hespanha, consiga do seu coração a violencia de reprovar-lhe o filho. O Ephraim, o filho de Joab Manassés,

vae assim correndo os annos; e, se encontra um lente honesto, procura uma escola outra para fazer o exame que não lhe querem dar.

O que se diz do filho de Joab, pode-se dizer de milhares de outros em toda a especie de faculdades; e todos elles, ignorantes e arrotando um saber que não têm, vêm para a vida, mesmo fora das profissões a cujo exercicio lhes dá direito o titulo, crear obstaculos aos honestos de intelligencia, aos modestos que estudaram, dando esse spectaculo ignobil, de directores de bancos officiaes, de chefes de repartições, de embaixadores, de deputados, de senadores, de generaes, de almirantes, de delegados, que têm menos instrucção do que um humilde continuo; e, apezar de tudo, quasi todos mais enriquecem, seja pelo casamento ou outro qualquer expediente, mais ou menos confessável. Toda a gente conhece a nossa peculiar instituição do *mulêta*. Chama-se isto ao auxiliar illustrado e entendido que todo o nosso figurão possui, e leva como secretario ou cousa semelhante para todas as commissões em que vae empregar a sua reconhecida capacidade, como dizem os jornaes. O engenheiro F é *mulêta* do Dr. H; o capitão X, do general F; o capitão de corveta Y, do almirante D; e assim por diante, com os medicos, advogados, etc. Elles, os doutores, são nobreza, como se a fidalguia de sangue, feudal e militar, fosse composta de filhos naturaes, não possuísse castellos ou *manoirs* e formada fosse de poltrões ! Fresca nobreza !

Do Imperio nós herdámos um respeito hindu' pelo *doutor* e o augmentamos, como tudo o que elle tinha de máo. Parece que era seu pensamento organizar um *tchin*, á russa, com o titulo, o pergaminho, como diz-se por ahi; e foi feliz porque conseguiu implantar no espirito do povo uma veneração brahmanica pelos seus bachareis, medicos e engenheiros.

O subalterno, o enfermeiro, por exemplo, não chama o medico nem mesmo o interno estudante, por senhor. — Chama-o — Vossa Senhoria. Se, minutos depois, chegar o administrador do Hospital, elle o tratará por senhor. Os soldados russos tratam ou tratavam os officiaes por — *Vossa Nobreza*. Nas estradas de ferro, dá-se o mesmo que nos hospitaes; e, com os juizes, ha de se passar a mesma cousa, por parte dos marinheiros e escreventes.

O povo do Brasil, que, raramente, se deixa infiltrar por idéas uteis que lhe são favoraveis; neste ponto, foi de uma morosidade de espantar, tão docil foi ella !

Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais intelligente do que outro qualquer, e só elle é intelligente; é mais sabio, embora esteja disposto a reconhecer que elle é, ás vezes, analphabeto; é mais honesto, apezar de tudo; é mais bonito, comquanto seja um Quasi-modo; é branco, sendo mesmo da côr da noite; é muito honesto, mesmo que se conheçam muitas velhacadas delle; é mais digno; é mais leal e está, de algum modo, em communição com a divindade. E' essa abusão de feitiçaria, essa grosseira religiosidade de candomblé ou de macumba, pelo nosso titulo universitario, que leva os jornalistas panurgianos a pedir a suppressão do jury, por que, em certas occasiões, absolve certos réus que lhes parece deviam ser condemnados.

Esses senhores ãe tão grande coragem moral no anonymato das folhas diarias, não têm absolutamente a decisão de sentar-se no jury e julgar segundo a sua propria consciencia. Esquivam-se de todo o geito; e, faceis em condemnar os jurados porque não são, em geral, doutores, elles se esquecem de examinar os julgados dos juizes de héca, desde o pretor até o Desembargador e o Ministro do Supremo, onde poderiam encontrar muita cousa que os faria diminuir o seu assombro diante das absolvições do Jury.

Cá e lá, más fadas ha . . .

Esse estado de espirito geral no nosso paiz, essa superstição, essa estúpida credence dos illustrados e dos analphabetos, dos nescios e dos atilados, levou ultimamente os nossos legisladores, num pharisiaco zêlo pela verdade eleitoral, a entregar o alistamento dos cidadãos votantes e tambem as mezas eleitoraes aos juizes, isto é, a doutores e bachareis.

E todos nós vimos como a cousa saiu. Houve fraudes ou duplicatas no Ceará, no Espirito Santo, em Alagôas, na Bahia, no E. do Rio, no Pará, no Rio Grande do Sul, em Sergipe; e o Rio de Janeiro continuou a mandar como seus representantes alguns respeitaveis desconhecidos apelintrados, que não sabem nem a data da fundação da cidade.

O Sr. Erico Coelho, na sua contestação ao Sr. M. Leal, diz textualmente:

“Fiu o Congresso Nacional nos juizes estaduaes a organisação de alistameno e a vigilancia de comícios populares. O recente pleito, no infeliz Estado do Rio, veio a ser o ludibrio das nossas aspirações legislativas”.

O “Correio da Manhã”, em sua edição de 4 do corrente, conta este eloquente caso, depois de registrar o enthusiasmo que lhe despertou a nova lei eleitoral:

“Mas ha casos que esfriam os mais fortes enthusiasmos.

Ante-hontem, na reunião da commissão de Poderes do Senado, enquanto se discutia o pleito do Espirito Santo, fazendo-se terriveis accusações á magistratura local, quantos lá estavam testemunharam um factu desconcertante. Achava-se na sala, e foi apontado pela procurador do politico que contestou a referida eleição, o juiz de direito da comarca de Alegre. Este homem, quando delegado de policia de Victoria, soffrera um grande insulto, por occasião de um discurso, em que endeosava os Monteiros. Foi, por isto, nomeado para aquelle cargo. Indo o Sr. Jeronymo Monteiro defender na Senado os seus interesses, o juiz acompanhava-o todos os dias, carregando-lhe a pasta dos papeis, e serviu de seu auxiliar no exame dos livros e documentos relativos ao pleito, desde a primeira hora. Ao ouvir a contra-contestação do seu protector tinha gestos de effusiva ternura, como de indignação ao ouvir o discurso do Sr. Moniz Freire. E elle dirigiu entre essas paixões, o alistamento e a eleição em Alegre”.

A “Gazeta de Noticias”, de 8 tambem do corrente, referindo-se ás eleições de Sergipe, assim diz:

“A Camara deve hoje reconhecer os deputados eleitos por Sergipe.

Entre os diplomados pela junta apuradora de Aracaju está o famigerado major Manoel de Carvalho Nobre, primo-irmão e cunhado do Dr. Nobre de Lacerda, juiz seccional do Estado, presidente da mesma junta.

Contestando o diploma, producto de um arranjo immoralissimo de familia, feito sob o patrocínio do incorrigivel politiquero general Valladão”.

Poderia adduzir mais exemplares com os quaes mostrasse como os sobrehumanos doutores incorruptiveis procederam; mas não é preciso. E' facil de adivinhar.

Sentindo que a credence geral dava esse prestigio quasi divino ao *doutor*, todos os paes, desde que pudessem um bocadinho, começaram a encaminhar os filhos para as escolas ditas superiores. E' preciso, no Brasil, ter uma carta nem que seja de embrulhar manteiga; é um aphorisma domestico, conhecido e repetido, nos serões do lar, do Norte ao Sul do paiz.

Os doutores, então, cresceram em numero, e o exercicio da profissão para que estavam officialmente habilitados, não dando margem, devido á plethora d'elles, para o ganho remunerador de cada um, encaminharam-se elles para os empregos publicos que nenhuma capacidade especial exigem.

O Thesouro, o Tribunal de Contas, as Secretarias Ministeriaes e outras repartições menos importantes, officiaes engenheiros, medicos, advogados, dentistas, pharmaceuticos; e todos estes, no intimo ou claramente, se julgam com mais direito ás recompensas burocraticas e ás promoções que os seus collegas, que não têm titulo algum.

A prova está na noticia que epigrapha estas linhas. Aquelle amanuense dos Correios pediu ao director geral que fizesse constar, na sua fé de officios que era doutor, para, quando se tratasse de allegar merecimento, pudesse apresentar o “canudo” com o maior de espadas. E a administração — o que é extranho — levará, porque tem levado muitas vezes, em consideração semelhante allegação, esquecendo que só se pode comprar quantidades homogeneas. Merecimento é a comparação dos serviços das aptidões para elles, entre dous ou mais funcionarios. Serão os serviços e aptidões do amanuense da mesma natureza que as aptidões e serviços que pode revelar ou possuir um medico ?

Um medico só pode ter merecimento sobre outro medico; e um amanuense sobre outro amanuense.

Quando é medico, o tal amanuense só pode ser comparado a outro medico; e quando amanuense elle só póde entrar em relação com outro amanuense no que a profissão deste tem de peculiar a elle, eliminando-se da comparação a duvidosa medicina do burocrata. Isto é que é logico, penso eu; senão teriamos que comparar os meritos de um flautista com os de um marceneiro, para dizer qual dos dous é o melhor nas suas profissões. Conçêbe-se ?

Mas, a superstição do *doutor* é tal, que faz o governo, em casos destes, não raciocinar claramente e proceder contra as mais comensinhas regras do bom senso.

E' contra taes disparates que me insurjo e procuro, por todos os meios, mostrar a imbecilidade desse respeito cabalístico, esotérico pelo *doutor*, respeito e veneração que estão creando entre nós uma nobreza das mais atrozes que se póde imaginar.

Se a humanidade cortou cabeças de reis, de rainhas, de duques, de marquizes (Ah ! Que pena, eu não lhes ter visto os lindos, os alvos, os roliços pescoços, entrarem na janella da guilhotina !), de viscondes, etc., para acabar com a nobreza feudal, como é que nós estamos criando uma de pés de barro e que amanhã, póde entorpecer a vida de nossos filhos ? E' preciso combater a superstição enquanto é tempo. Mostrarei mais.

A policia daqui, em um seu regulamento, expedido quando chefe o Sr. Alfredo Pinto, marcou para os *doutores* criminosos prisão especial; o Sr. Nilo Peçanha, em dias proximos, dispensou de concurso para os logares de consules, os bachareis em direito. Por que ? Por que tambem os delegados são obrigatoriamente bachareis ?

Na Contabilidade da Guerra, ha poucos annos, os encarregados de fazer-lhe um novo regulamento, exigiram um concurso descommunal para provimento do 1º logar da respectiva hierarchia; mas dispensaram delle os formados pelas faculdades da Republica. As materias exigidas para o concurso eram quasi o dobro das que se exigem para matricula no curso de pharmacia e odontologia, que dão, como os demais cursos, *formados* pelas faculdades da Republica.

Sob o pretexto de Saneamento do Interior um joven sabio, o Sr. Belisario Penna, anda fazendo propaganda da creação de um Ministerio da Saude Publica. Este moço é um caso typico da presumpção doutoral. Elle, ou não leu a Constituição ou se a leu julga que um medalhão medico, ahi qualquer, pode sobrepôr-se a ella. Um ministerio tão estreitamente profissional ha de querer um ministro medico; e como conciliar essa restricção com a nossa lei fundamental que autorisa o presidente a nomear LIVREMENTE, os seus ministros ? A superstição do *doutor*, por parte do povo, e a presumpção delles como consequencia, obliteram certos espiritos, até fazel-os chegar a essa cegueira completa. A Academia de Letras, onde era de esperar houvesse mais independencia espiritual, só elegem o Sr. Oswaldo Cruz, o Sr. Miguel Couto e o Sr. Aloysio de Castro, todos muito estreitamente medicos, ou cousa aparentada com a medicina, entre outros motivos, e que nada tinham com as letras, porque eram doutores. Não ha a argumentar com a Academia Franceza. Della, nos bons tempos da nobreza, já foram seus membros, marquezes de quinze annos, que deviam ainda estar nas declinações latinas. As tradições fidalgas e aulicas da Academia Franceza permittiram essas cousas e outras antecedentes, algumas tanto ou mais estramboticas. A nossa não tem essa herança secular; e não é sufficiente que um *doutor* pastiche os quinhentistas ou seiscentistas para ser homem de letras e academico dellas. Mais direito tem um máo poeta. Cada macaco no seu galho.

Todo esse ról de manifestações da superstição do *doutor* podia ser infinitamente augmentado, pois, ha muito que, a tal respeito, respigar, nas leis e regulamentos. Poderíamos mostrar que o titulo universitario, que só pode e deve dar direito ao exercicio de una certa profissão está se transformando em um foial de nobreza, emprestando ao sujeito que é delle portador, capacidades superiores aos outros e habilidades que elle não tem ou todos podem ter. As cartas de nossas faculdades estão ficando como os pergaminhos da antiga aristocracia que, nos tempos passados, permittiram os seus possuidores, sem a minima noção de cousas navaes, serem investidos de commandos de navios e esquadras, como se dava na Hespanha, em Portugal e até na Inglaterra, como conta Macaulay.

Os pilotos, cujos nomes foram em geral esquecidos, os humildes pilotos eram que governavam os navios; mas a gloria militar ou a pacifica das descobertas cabia aos Dons Qualquer Couisa ou a um *baronnet* felizardo.

As *carteiras* do Banco do Brasil têm sido testemunhas de cousas analogas e outros departamentos da administração tambem.

E' um erro prestigiar todo o entrave que se oppõe ao livre jogo das forças sociaes. E' da autonomia de cada uma dellas e do seu desenvolvimento total que podemos obter, não só o seu melhor aproveitamento para beneficio commum, como seu equilibrio perfeito e efficaz.

O que o governo e os costumes do Brasil estão fazendo, com essa superstição do *doutor*, é cercear iniciativas, é condemnar intelligencias innovadoras, senão á obscuridade completa, desanimo e ao relaxamento.

Só os ricos podem formar-se e nós já sabemos como, em geral, elles se formam. Os pobres que procuram logares subalternos, logo na adolescencia e são diligentes e capazes, adquirem, por isso mesmo, nas suas especialidades um tirocinio maior e uma pratica mais estimavel para os officios do que o duvidoso saber da maioria dos mediocres que saem das nossas escolas. A lei e os regulamentos não deviam impedir que aquelles fossem recompensados, conforme o merito revelado, com lugares de certa importancia no fim da vida.

* Na Estrada de Ferro Central era assim até bem pouco tempo. Os sub-inspectores do movimento e dos telegraphos, eram escolhidos entre os antigos telegraphistas e chefes de trem; mas veiu a Republica e a avidez dos doutores do Largo de S. Francisco tomou os lugares para elles. Ha republicas aristocraticas.

A alliança do *doutor* com a burguezia, que se faz em geral pelo casamento, dá ao *formado* toda a força que, nos nossos tempos, o dinheiro tem, e a sua simulação intellectual e de saber, acabando em superstição na massa, dá por sua vez, o prestigio que a intelligencia sempre teve, tem e terá, sem lhe dictar mais amor ao estudo, mais honestidade mental, mas abnegação profissional e criterio no cumprimento do dever. São máos pastores... Em geral, elle perde a pouca curiosidade intellectual que tinha na Escola, esquece as poucas noções que recebeu, atem-se a formular, a gastas receitas e fica um fausto silencioso e solemne, defendendo a sua inopia cerebral,

a sua ignorancia com a superstição pelo titulo que todos têm, principalmente as moças, de todas as condições, mas, em muitas das quaes, sabe Deus! com que amargura, ellas se vêm desfazer, quando conhecem intimamente o *doutor* que é marido dellas. Estas é que são as mais francas quando falam dellas, pois, o manipanso se lhes mostra completamente o que era: um toco de pau bem duro.

Essa abuzão doutoral, além de impedir a innovação, pondo todas as intelligencias num mesmo molde, installando nellas preconceitos intellectuaes obsoletas; além de tudo isso, com o nosso ensino superior, feito em pontos manuscriptos ou impressos, em cadernos e outros bagaços, muito exprimido, das disciplinas do curso, sem professores attentos ao progresso do saber professado por elles e, por elles encarado no dia que recebem o decreto de nomeação — causa toda a nossa estagnação intellectual, desalenta os mais animosos, não dá vontade ás intelligencias livres para o esforço mental e vamos assim ficando como os chinezes, parados intellectualmente mas sempre cheios de admiração pelos grotescos exames de Cantão.

O Sr. Tobias Monteiro, em uma interessante brochura — “Funcionarios o Doutores”, aconselhou nossa mocidade a procurar outros caminhos, entre os quaes, apontou o da lavoura. O illustre publicista, como em geral todos os nossos publicistas, jornalistas, romancistas, etc., não quiz descer a detalhes de dinheiro. Nos nossos dias, são os mais importantes. Qual a mocidade que o Sr. T. M. quer que se dedique á lavoura? A ricá?

Esta não é tola de abandonar o trilho batido que lhe dá todos os privilegios, lhe disfarça a miseria mental, e lhe abre todas as portas, para se metter no matto e exercer uma profissão que, para ser remuneradora, exige trabalho, actividade, pratica, senão saber.

Pois se um vulgar bacharelete, mais ou menos rico de si, porém muito mais rico, por ser casado com a filha de um judeu milionario, pode, apesar de completamente desconhecido, fazer-se deputado, comprando votos a trinta mil réis á cabeça e com vales de jantar, por que havia elle de deixar de ser bacharel para estar á testa de uma plantação de arroz, em lugar ermo, sem Lyrico, Municipal e sosias de celebridades europeas do palco e outros lugares, sosias destinadas unicamente á America do Sul? Era engraçado...

Seria á mocidade pobre, que o Sr. T. M. queria se referir? Pense bem o illustre jornalista: um moço pobre, verdadeiramente pobre, consegue uma carta de agronomo, onde elle irá arranjar dinheiro para comprar terras em que exerça a sua agronomia? Em parte alguma. Tem que procurar emprego, não é? O particular, o fazendeiro não lhe dá porque não acredita nessa nova especie de *doutor*. Onde, então? O remedio é cavar com o Pereira Lima um emprego...

De resto, os pobres devem, seja como fôr, empregando mesmo os mais desesperados recursos, concorrer com os burguezes no doutorado. Seria uma calamidade que esses *annelados* ficassem só constando de gente como o Sr. Aloysio de Castro, uma auspiciosa

reincarnação do Mestre Garcia de Orta, physico d'El-Rei ou como o Sr. Helio Lobo, vulgo "secretario da presidencia" ou "paga-ajudas de custo". E' preciso que os pobres façam-se doutores para contrabalançar a influencia nefasata dos burguezetes felizes e precocemente guindados a alturas em que se não dispensa a idade, mesmo quando se trata de genios; mas que elles conseguem com disfarces, peloticas e mais habilidades de feira.

Para terminar, observo ainda que é tal a fascinação pelo titulo, a superstição que se tem por elle, que, uma revista desta cidade — "Kodak", de 3 de Agosto do anno passado, — chegou ao displante de pôr em baixo do retrato de uma senhora, a seguinte e expressiva legenda: Mme. DR. V. R. Já se viu cousa igual ?

Além desse facto curioso e denunciador do nosso estado de espirito em relação ao doutor, temos ainda que o Sr. Pereira Lima, doutor não sei em quê, é Presidente da Associação Commercial; e os mercados do Rio de Janeiro elegeram como seu representante na Camara dos Deputados, o dr. Sampaio Corrêa, que, aliás, é um homem de verdadeiro talento.

Depois disto tudo, quererá ainda o Sr. Tobias Monteiro mandar os moços pobres para a lavoura e para o commercio ? O remedio é outro, Sr. Tobias; e só se poderá applical-o quando a occasião propicia surgir. Não tardará muito.

Expuz, talvez, mal, os motivos da minha birra; mas não me despeço sem prometter que hei de continuar a campanha emquanto tiver um pingo de vida.

Maio, 1918.

São Paulo e os estrangeiros

Quando, em 1889, o Sr. marechal Deodoro proclamou a Republica, eu era menino de oito annos.

Embora fosse tenra a idade em que estava, dessa época e de algumas anteriores eu tinha algumas recordações. Das festas por ocasião da passagem da lei de 13 de maio ainda tenho vivas recordações; mas da tal historia da proclamação da Republica só me lembro que as patrulhas andavam, nas ruas, armadas de carabinas e meu pai foi, alguns dias depois, demittido do logar que tinha.

E é só.

Si alguma cousa eu posso accrescentar a essas reminiscencias é de que a physionomia da cidade era de estupor e de temor.

Nascendo, como nasceu, com esse aspecto de terror, de violencia, ella vae aos poucos accentuando as feições que já trazia no berço.

Não quero falar aqui de levantes, de revoltas, de motins, que são, de todas as coisas violentas da politica, em geral, as mais innocentes talvez.

Ha uma outra violencia que é constante, seguida, tenaz e não espasmodica e passageira como as das rebelliões de que falei.

Refiro-me á acção dos plutocratas, da sua influencia seguida, constante, diurna e nocturna, sobre as leis e sobre os governantes, em prol do seu insaciavel enriquecimento.

A Republica, mais do que o antigo regimen, accentuou esse poder do dinheiro, sem freio moral de especie alguma; e nunca os argentarios do Brasil se fingiram mais religiosos do que agora e tiveram da igreja mais apoio.

Em outras épocas, no tempo do nosso imperio regalista, sceptico e voltereano, os ricos, mesmo quando senhores de escravos, tinham, em geral, a concepção de que o poder do dinheiro não era illimitado e o escrupulo de consciencia de que, para augmentar as suas fortunas, se devia fazer uma escolha dos meios.

Mas veiu a Republica e o ascendente nella da politica de São Paulo fez apagar-se toda essa fraca disciplina moral, esse freio na consciencia dos que possuem fortuna. Todos os meios ficaram sendo bons para se chegar a ella e augmental-a desmarcadamente.

Protegidos, devido a circumstancias que me escapam, por uma alta fabulosa no preço da arroba de café, de que, após a Republica,

os ricaços da Paulicéa se fizeram os principaes **productores**, puderam elles melhorar os seus serviços publicos e ostentar, durante algum tempo, uma magnificencia que parecia fortemente estabelecida.

Seguros de que essa gruta alibabesca do café a quarenta mil réis a arroba não tinha conta em thesouros, trataram de attrair para as suas lavouras immigrantes, espalhando nos paizes de emigração folhetos de propaganda em que o clima do Estado, a facilidade de arranjar fortuna nelle, as garantias legaes — tudo, emfim, era excelente e excepcional.

A esperança é forte nos governos, quer aqui, quer na Italia ou na Hespanha; e desses dois ultimos paizes, em chusma, accorrem familias inteiras e milhares de individuos isolados, em busca da abastança, que os homens do Estado diziam ser facil de obter.

A gente que o vem dominando ha cerca de trinta annos exchiase de contentamento e até estabeleceu a exclusão da sua policia de gente com sangue negro nas veias.

A producção do café, porém, foi transpondo o limite do consumo universal e a descer de preço, portanto; e os doges do Tieté começaram a encher-se de susto e a inventar palliativos e remedios de feitiçaria, para evitar a depreciação.

Um dos primeiros lembrados foi a prohibição do plantio de mais um pé de café que fosse.

Esta sábia disposição legislativa tinha antecedentes em certos alvarás ou cartas régias do tempo da colonia, nos quaes se prohibiam certas culturas que fizessem conçorrencencia ás especiarias da India, e tambem o estabelecimento de fabricas de tecidos de lã e mesmo de officinas de artefactos de ouro para não tirar a freguezia dos do reino.

Que progresso administrativo !

Os palliativos, porém não deram em nada e um judeu allemão ou americano inventou a tal historia da valorisação com que a gente de S. Paulo taxou mais fortemente os agricultores e favoreceu os grandes e poderosos, nas suas especulações.

A situação interna principiou a ser horrivel, a vida cara, emquanto os salarios eram mais ou menos os mesmos anteriores. O descontentamento se fez e os pobres começaram a ver que, emquanto elles ficavam mais pobres, os ricos ficavam mais ricos.

Os governantes do Estado, que influíam quasi soberanamente nas decisões da União, deixaram de fazer a tal propaganda do Estado no estrangeiro, mas augmentaram a policia, para a qual adquiriram instructores e mortiferas metralhadoras e deram em excommungar estrangeiros a que chamam de anarchistas, de inimigos da ordem social, esquecidos de que andavam antes, a proclamar que a elegancia da sua capital, os seus lambrequins, as suas fanfreluches eram devidas a elles, sobretudo aos italianos. A influencia dos estrangeiros, diziam, fez de S. Paulo a unica coisa decente do Brasil. E todos a accetaram porque os dominadores de S. Paulo sempre se esforçaram por esconder as dilapidações ou coisas parecidas, convencendo

os seus patricios de que o Estado, a sua capital, sobretudo, era coisa nunca vista.

Não havia um casarão burguez com umas columnas ou uns vitraes baratos, que elles logo não proclamassem aquillo, o castello de Chenonceaux ou o palacio dos Doges.

Tudo o que havia em S. Paulo não havia em parte alguma do Brasil. A sua capital era uma cidade européa e a capital artistica do paiz.

Entretanto, a antiga provincia não dava, a não ser o Sr. Ramos de Azevedo, um grande nome ao paiz em qualquer departamento de arte.

Não contentes de proclamar isto dentro do Estado, começavam a subvencionar jornaes e escriptores de todo o paiz para espalharem tão pretenciosas affirmações, que o povo do Estado recebia como artigos de fé a fazer respeitar o "trust" politico que o explorava ignobilmente. "Vanitas vanitatum"...

Séguros de que a opinião os apoiava, porque tinham feito o Estado o primeiro do Brasil, os politicos profissionaes de S. Paulo trataram de abafar as criticas dos estrangeiros descontentes ou com opiniões avançadas, a todos, emfim, que não se deixavam embair com a tal historia da capital artistica e cidade européa.

Os estrangeiros, agora, já não serviam e elles queriam fivrar-se do incommodo que os forasteiros lhes davam criticando-lhes os actos, a sua cupidez, o esquecimento dos seus deveres de governantes, para só protegerem os ricaços, os monopolistas, que eram tambem estrangeiros, mas não no ponto de vista do governo estadual, que só julga assim aquelles que não partilham a opinião de que elle é o mais sabio do mundo e affirmam que, em vez de estar fazendo a felicidade geral, está concorrendo para enriquecer os seus filhos, seus genros, seus primos, seus netos e afilhados e os plutocratas avidos.

Trataram logo de se armar de leis que fizessem abafar os seus gemidos; e uma dellas é a celebre de exportação que não se coaduna com o espirito da nossa Constituição; que é inconsequente com a propaganda feita por nós para attrair estrangeiros, que podem e devem fiscalisar as nossas coisas, pois nós os chamamos e elles suam por ahi.

Sem mais querer dizer, podemos affirmar que todo o nosso mal estar actual, todo o cynismo dos especuladores com a guerra, inclusive Zé Bezerra e Pereira Lima, vêm desse malefico espirito de cupidez de riqueza com que S. Paulo infeccionou o Brasil, tacitamente admittindo não se dever respeitar qualquer escrupulo, fosse dessa ou daquella ordem, para obtel-as, nem mesmo o de levar em conta o esforço, a dignidade e o trabalho dos immigrants, os quaes só lhe servem quando curvam a cerviz á sua deshumana ambição chrematistica.

Casos de bovarysme

... Un grand oiseau au plumage rose, planant dans le splendeur des ciels poetiques...

Gautier — Le Bovarysme.

Notou Jules Gautier, um moderno philosopho francez, que Flaubert sellara quasi todos os personagens dos seus romances com a marca genial de um só modo de ver.

E' caso que uma especie de Mal do Pensamento, mal de ter conhecido a imagem das sensações e a dos sentimentos antes das sensações e dos sentimentos, como já dissera P. Bourget, anima e perturba as almas de Frederic Moreau, de Regimbard, Homais, Arnoux e sobretudo, de Mme. Bovary, em quem essa sorte de embriaguez absorveu-a de tal modo que conduziu sua vida para o tragico.

E' inutil lembrar a heroína de Flaubert. Toda a gente a conhece. Emma Bovary, pequena burgueza, educada num estabelecimento aristocratico, casada com um estúpido medico, ou cousa que o valha, faz de si um retrato de grande dama, talhada para altas cavallarias e satisfações, desenvolvendo para se approximar de uma tal imagem todo o vigor de sua natureza violenta. O reflexo dessa imagem sobre a sua consciencia faz que ella deforme toda a realidade, creando dentro de si um principio de insaciabilidade, de ruptura que impede sempre o equilibrio com o mundo externo. Sua vida é assim constantemente perturbada. A realidade não a satisfaz. Mal casada com o mediocre Charles, desgosta-se, despreza-o, abomina-o. Sonha amantes. Retrata-os carinhosamente na sua imaginação; idealisa-os supprimindo inconscientemente os perigos do adulterio. Desvia-se da calma conjugal e estonteamento que o sonho de irregularidade leva á sua alma, arrasta-a a falsificar a firma de seu marido, o que, descoberto a impelle ao suicidio.

Devido á força com que a pobre Emma escravizou-se ao mal, pela alta dose de que delle ella era dotada, pareceu ao philosopho que Mme. Bovary, mais do que nenhum outro personagem de Flaubert, symbolisava essa função original de nossa alma, dahi *bovarysme*, como elle a chamou.

E' um caso agudo; outros ha, porém, em que o individuo attingido delle para se approximar da imagem creada, emprega meios

pueris, minúsculos em comparação com o fim proposto. Na “Educação Sentimental”, do mestre, é que temos o taciturno Regimbard, que, no fito de justificar a sua pretensão a entender de artilharia, se vestia no alfaiate de certa Escola Militar.

No “Bouvard et Pécuchet”, a visão toma outra feição. Já não mais é uma questão de orgulho pessoal, de pretensão ou vaidade; nenhum baixo movel anima os dous bonachões, mas, o que se revela nelles é a desproporção entre o trabalho legado pela intelligencia das gerações passadas e o fraco poder intellectual do individuo para apprehendel-o rapidamente. E' a grandiosa imagem da Sciencia, da Litteratura, que perturba a consciencia delles: e, como bem nota Gaultier: *un comique superieur se degage au contraste manifeste entre la pauvreté du fantoche et la grandeur complexe d'ideal qu'il a entrevu et qu'il voudrait atteindre.*

Num vôo de metaphysica, o philosopho se distancia, analysando á luz do modo de vêr flaubertiano, concepções, idéas, e chega a mostrar não só o bovarysmo como essencial á humanidade, necessario até e explicando a idéa de evolução e sendo sua causa, como também constituindo um creador do real.

E' um livro luxuriamente, rico de apercebimentos novos e que tem sobretudo o merito, como adverte o seu autor, de não visar instituir qualquer reforma, propondo-se sómente: *mettre entre les mains de quelques-uns un appareil l'optique mental, une lorgnette de spectacle qui permette de s'intéresser au jeu du phénomène humain par la connaissance de quelque-unes des règles qu'il l'ordonnent.*

Armado, pois, desse binoculo de theatro que pôde definir como o poder que é dado ao homem de se conceber outro que elle não é, e de encaminhar para esse outro, todas as energias de que é capaz — vamos experimentar no vulgar de dia a dia a força de suas lentes.

Andava eu com um meu amigo a visitar uma casa de loucos.

— Queres vêr um que é curioso? disse-me.

— Quero, respondi-lhe.

— E' o Fernandes. Um bondoso official de pharnacia que as leituras enlouqueceram.

Chegámos.

— Fernandes, pergunta-lhe o interno, meu amigo, como vae teu livro? Sim! (dirigia-se agora a mim) porque aqui o Sr. Fernandes tem um grande livro.

— A obra immorttal da verdade. Como vae? perguntei eu?

— Vocês são pequenos, mesquinhos para me comprehender: eu, disse o doente, bebo o leite de Minerva na taça da philosophia.

E, quando de volta de novo passámos por elle, eu lhe indaguei de sopetão:

— Não é verdade que 7 x 8 são 64?

— Não, senhor, são 54.

Eis como estava o leite de Minerva já estragado: a taboada falhava no Fernandes.

Era um louco, por isso não me animo a classificar-o como attingido do bovarysmo.

E' no trem, trem de suburbios; vem cheio. Entra o recebedor pela porta da frente. No segundo ou terceiro banco, alguém diz:

— Sou delegado, tenho passe.

O conductor afastou-se. Continua o auxiliar a receber os bilhetes de passagens pacientemente. Quasi ao chegar á portinhola do vagão, espera que um retardatario lhe mostre o seu. Eil-o que olha o pequeno papel: é um ministro de Estado que o apresenta ordinariamente.

Ao olhar de quem não estiver armado do binoculo bovary, não se apresentarão os dous actos como identicos. Ambos são, entretanto, identicos; partem do mesmo facto que os dous; o commum delegado e o poderoso ministro se concebem outros que não são.

O delegado acredita-se participando de Jupiter Tonante, tem algo de omnipotente. Quando olha a rua povoada de gente que se cruza da direita para a esquerda, de lá para cá, diz de si para si:

— Se andam soltos, é porque eu quero, senão...

Ao ministro, já a imagem do poder não perturba. Crê-se outro Colbert, Richelieu, Marquez de Pombal ou, no minimo, Cotegipe, Saraiva, Dantas, Zacharias, Ouro-Preto; ou outro qualquer dos nossos; de modo que p'ra isso deve estar attento com a immortalidade, ficar certo de que esta vae lhe registrar os actos, os gestos, as phrases... Como os dous se enganam, meu Deus!

E' puro bovarysimo!

Foi meu colléga um rapaz razoavelmente intelligente que a sympathia de um governador guindou a uma alta posição num Estado dos nossos. Ha mezes, eu o vi aqui pelas ruas, a andar solemnemente de sobrecasaca, passando por mim a estourar como um peru' em roda, espreitando as sentinellas como quem espera brados de armas. Foi o bovarysimo... Como? Concebendo-se outro, muito grande, extraordinario, o pobre moço deformou a realidade: o que elle deveu á pura e simples affeição de um governador que o esperava para genro, attribuiu elle a seu merito.

O meu amigo H., velho funcionario publico, com tantos e tantos annos de serviço, sem uma licença, está attingido de bovarysimo. Aquelle contacto diario com a penna, com o papel e tinteiro; o constante elogio dos directores pela sua calligraphia, pelos seus officios, despertaram-lhe n'alma uma curiosa imagem. Acreditou-se escriptor, litterato; e o humilde escriba para quem o talhe da lettra era a unica preocupação, poz-se febrilmente a escrever versos, romances, contos e, ha dias — coitado! — veio me dizer:

— Você sabe? tenho uma grande obra.

— Qual é?

— *A Comedia do Pó?*

— ?

— E' melhor do que a Divina Comedia e um pouco superior ao D. Quixote.

Relatou-me um conhecido que muito se déra com o philanthropo Z, um facto revelador do bovarysimo.

Z, com o seu talento e a sua philanthropia, ganhara uma fortuna. O que lhe valêra dar grande expansão ao seu amor ao luxo

e ás satisfações de uma natureza exigente. Não havia quem como elle amasse as roupas bem cortadas, os sapatos caros, a roupa branca fina. O seu amor á mesa, ás iguarias era uma paixão. Parecia que Z verificava o aforismo de Brillat-Savarin: os animaes nutrem-se; o homem come; só o homem de espirito sabe comer.

Entretanto, Z com essa natureza exigente sonhava o martyrio social. Batia-se pelas reformas, idealisava perseguições, creava phalansterios. Em rodas de amigos só falava no grande problema, na questão maxima; no soffrimento das classes pobres; e, pela sobre-mesa, contaram-me depois de farto jantar em viandas e vinhos, roia um pedaço de pão velho para, affirmava, nunca se esquecer dos que passam e curtem fome.

Mais casos poderia citar; mas é bom parar, visto ter muita razão o suave Remy de Gourmont, com o assegurar que a philosophia se dirige a cada um de nós em particular.

Bacon e Descartes, Spencer ou Schopenhauer, narram, como Shakespeare ou Racine as aventuras de um heroe e de um principe que somos nós mesmos e está nossa mysteriosa alma de homens; e que não ha uma pagina de seus livros em que o leitor não pare para levantar a cabeça e reflectir sobre o seu destino, com os olhõs vagos e o coração perturbado.

Paremos.

1904.

Tenho esperança que...

Certas manhãs, quando desço de bonde para o centro da cidade, naquellas manhãs em que, no dizer do poeta, um archanjo se levanta de dentro de nós quando desço do suburbio em que resido ha quinze annos, vou vendo pelo longo caminho de mais de dez kilometros, as escolas publicas povoadas.

Em algumas, ainda surprehendo as crianças entrando e se espalhando pelos jardins á espera do começo das aulas, em outras, porém, ellas já estão abancadas e debruçadas sobre aquelles livros que meus olhos não mais folhearão, nem mesmo para seguir as lições de meus filhos. Braz Cubas não transmittiu a nenhuma creatura o legado da nossa miseria; eu, porém, a transmittiria de bom grado.

Vendo todo o dia, ou quasi, esse spectaculo curioso e suggestivo da vida da cidade, sempre me hei de lembrar da quantidade das meninas que, annualmente, disputam a entrada na Escola Normal, desta cidade; e eu, que estou sempre disposto a trocar as pretensões feministas, fico interessado em achar no meu espirito uma solução que satisfizesse o afan do milheiro dessas candidatas a tal matricula, procurando com isso aprender para ensinar, o que? O curso primario, as primeiras letras a meninas e meninos pobres, no que vão gastar a sua mocidade, a sua saude e fanar a sua belleza. Dolorosa coisa para uma moça...

A obscuridade da missão e a abnegação que ella exige, carcam essas moças de um halo de heroismo, de grandeza, de virtudes que me faz naquellas manhãs em que sinto o archanjo dentro da minha alma, cobrir todas ellas da mais viva e extremada sympathia. Eu me lembro tambem da minha primeira decada de vida, de meu primeiro collegio publico municipal, na rua do Rezende, das suas duas salas de aula, daquellas grandes e pesadas carteiras do tempo e, sobretudo, da minha professora — D. Thereza do Amaral — de quem, talvez se a desgraça, um dia, enfraquecer-me a memoria não me esqueça de todo.

De todos os professores que eu tive, houve cinco que me impressionaram muito; mas é della que guardo mais forte impressão.

O doutor (assim o tratavamos) Fructuoso da Costa, um delles, era um preto mineiro, que estudara para padre e não chegara a ordenar-se. Tudo nelle era desgosto, amargor; e, ás vezes, deixava-

mos de analysar a “Seleção”, para ouvirmos de sua feia bocca historias polvilhadas dos mais atrozes sarcasmos. Os seus olhos intelligentes luziam debaixo do pince-nez e o seu sorriso de remate mostrava os seus dentes de marfim de um modo que não me atrevo a qualificar. O seu enterro saiu de uma quasi estalagem.

Um outro foi o Sr. Francisco Varella, homem de muito merito e intelligente, que me ensinou Historia Geral e do Brasil. Tenho uma noticia de policia que cortei de um velho “Jornal do Commercio” de 1878. Desenvolvida com a habilidade e o “savoir-faire” daquelles tempos, contava como foi preso um sujeito por trazer consigo quatro canivetes. “Explorava-a”, como diz hoje nos jornaes, criteriosamente o redactor dizendo que “ordinariamente basta que um homem traga consigo uma unica arma qualquer para que a policia ache logo que deve chamal-o a contas”. Isto era naquelle tempo e na Côte, pois o professor Chico Varella usava impunemente não sei quantos canivetes, quantos punhaes, revolvers; e, um dia, appareceu-nos com uma carabina. Era no tempo da Revolta. Gaba-se, no que tinha muita razão, de ser parente de Fagundes Varella; mas sempre citava a famosa metaphora de Castro Alves, como sendo das mais bellas que conhecia; “Qual Prometteu tu me amarraste um dia...”

Era um bello homem e, se elle ler isto, não me leve a mal. Recordações de menino...

Foi elle quem me narrou a lenda dos começos da guerra de Troia, que, como sei hoje, é da autoria de um tal Stasinus de Chypre. Parece que é fragmento de um poema deste, conservado não sei em que outro livro antigo. O filho do rei de Troia, Paris, foi chamado a julgar uma contenda entre deusas, Venus, Minerva e Juno.

Houvera um banquete no Céu e a Discordia, que não havia sido convidada, para vingar-se, atirou um pomo de ouro, com a inscripção — *A' mais bella*. Paris, chamado a julgar quem merecia o premio, entre as tres, hesitou. Minerva promettia-lhe a sabedoria e a coragem; Juno, o poder real e Venus... a mulher mais bella do mundo.

Ahi, elle não teve duvidas: deu “O Pómo” á Venus. Encontrou-se com Helena, que era mulher do rei Meneláo, fugiu com ella; e a promessa de Aphrodite foi cumprida. Meneláo não quiz acceitar esse rapto e declarou guerra com uma porção de outros réis á Troia. Essa historia é da mythologia; pois hoje me parece do cathecismo. Naquelles dias, ella me encantou e fui da opinião do troyano; actualmente, porém, não sei como julgaria, mas certo não desencadearia uma guerra por tão pouca cousa.

Varella contava tudo isto com uma eloquencia cheia de enthusiasmo, de transbordante paixão; e, ao me lembrar delle, comparo-o sempre com o Dr. Ortiz Monteiro, que foi meu lente, sempre calmo, methodico, não perdendo nunca um minuto para não interromper a exposiçáo de sua geometria descriptiva. A sua pontualidade e o seu amor em ensinar a sua disciplina faziam-no uma excepção no nosso meio, onde os professores cuidam pouco nas suas cadeiras, para se occuparem de todo outro qualquer affazer.

De todos eu queria tambem falar do Sr. Otto de Alencar, mas que posso eu dizer da sua cultura geral e profunda, da natureza tão differente da sua intelligencia da nossa intelligencia, em geral? Elle tinha alguma cousa daquelles grandes geometras francezas que vêm de Descartes, passam por d'Alèmbert e Condorcet, chegam até nossos dias em Bertrand e Poincaré. Podia tocar em tudo e tudo receberia a marca indelevel do seu genio. Entre nós, ha muitos que sabem; mas não são sabios. Otto, sem eiva de pedantismo ou de sufficiencia presumida, era um genio universal, em cuja intelligencia a total representação scientifica do mundo tinha lhe dadô, não só a accelerada ancia de mais saber, mas tambem a certeza de que nunca conseguiremos sobrepor ao universo as leis que supponhos eternas e infalliveis. A nossa sciencia não é nem mesmo uma approximação; é uma representação do Uníversono peculiar a nós e que, talvez, não sirva para as formigas ou gafanhotos. Ella não é uma deusa que possa gerar inquisidores de escarpello e microscopio, pois devemos sempre julgá-la com a cartesiana duvida permanente. Não podemos opprimir em seu nome.

Foi o homem mais intelligente que conheci e o mais honesto de intelligencia.

Mas, de todos, de quem mais me lembro, é da minha profesora primaria, não direi do A. B. C., porque o aprendi em casa, com minha mãe, que me morreu aos sete annos.

E' com essas recordações em torno das quaes esvoaçam tantos sonhos mortos e tantas esperanças por realisar, que vejo crepitar esse matutino movimento escolar; e penso nas mil e tantas meninas que todos os annos accodem ao concurso de admissão á Escola Normal.

Tudo tem os sabios da Prefeitura imaginado no intuito de dificultar a entrada. Creio mesmo que já se exigiu Geometria Analytica e Calculo Diferençal, para creanças de 12 a 15 annos, mas nenhum delles se lembrou da medida mais simples. Se as moças residentes no Municipio do Rio de Janeiro mostram de tal forma vontade de aprender, de completar o seu curso primario com um secundario e profissional, o governo só deve e tem a fazer uma cousa: augmentar o numero das escolas de quantas houver necessidade.

Dizem, porém, que a municipalidade não tem necessidade de tantas professoras, para admittir cerca de mil candidatas a taes cargos, a despesa, etc. Não ha razão para tal objecção, pois o dever de todo o governo é facilitar a instrucção dos seus subditos.

Todas as mil que se matriculassem, o prefeito não ficava na obrigação de fazel-as professoras ou adjuntas. Educál-as-ia só e estabelescesse um processo de escolha para a sua nomeação, depois que completassem o curso.

As que não fossem escolhidas, poderiam procurar o professorado particular e, mesmo como mães, a sua instrucção seria utilissima.

Verdadeiramente, não ha estabelecimentos publicos destinados ao ensino secundario ás moças. O governo federal não tem nenhum, apezar da Constituição impor-lhe o dever de prover essa especie de

ensino do Districto. Elle julga, porém, que só são os homens que necessitam delle; e mesmo aos rapazes, elle o faz com estabelecimentos fechados, para onde se entra á custa de muitos empenhos.

A despesa que elle tem, com os Gymnasios e o Collegio Militar bem empregada daria para maior numero de externatos, de Lyceus. Além de um internato no Collegio Militar do Rio, têm outro em Barbacena, outro em Porto Alegre, e não sei se projectam mais alguns por ahi.

Onde elle não tem obrigação de ministrar o ensino secundario, ministra; mas aqui, onde elle é obrigado, constitucionalmente, deixa milhares de moças a impetrar a benevolencia do governo municipal.

A municipalidade do Rio de Janeiro que rende cerca de 40 mil contos ou mais, podia ter ha muito tempo resolvido esse caso; mas a politica que domina a nossa edilidade não é aquella que Bossuet definiu. A nossa tem por fim fazer a vida incommoda e os povos infelizes; e os seus partidos têm por programma um unico: não fazer nada de util.

Deante desse espectaculo de mil e tantas meninas que querem aprender alguma cousa, batem á porta da Municipalidade e ella as repelle em massa, admiro que os senhores que entendem de instrucção publica, não digam alguma cousa a respeito.

E creio que não é facto insignificante; e, por mais que fósse e capaz de causar prazer ou dôr á mais humilde creatura não seria demasiado insignificante para não merecer a attenção do philosopho. Creio ser de Bacon essa observação.

O remedio que julgo tão simples, póde não sel-o; mas, espero despertar a attenção dos entendidos e serão elles capazes de achar um bem melhor. Ficarei muito contente e tenho esperanza que tal se dê.

○ caso do mendigo

Os jornaes annunciaram, entre indignados e jocosos, que um mendigo, preso pela policia, possuia em seu poder valores que montavam á respeitavel quantia de seis contos e pouco.

Ouvi mesmo commentarios cheios de raiva a tal respeito. O meu amigo X, que é o homem mais esmoler desta terra, declarou-me mesmo que não dá mais esmola. E não foi só elle a indignar-se. Em casa de familia de minhas relações, a dona da casa, sênhora compassiva e boa, levou a tal ponto a sua indignação, que propunha se confiscasse o dinheiro ao cego que o ajuntou.

Não sei bem o que fez a policia com o cego. Creio que fez o que o Codigo e as leis mandam; e, como sei pouco das leis e dos codigos, não estou certo se elle praticou o alvitre lembrado pela dona da casa de que já falei.

O negocio fez-me pensar e, por pensar, é que cheguei a conclusões diametralmente oppostas á opinião geral.

O mendigo não merece censuras, não deve ser perseguido, porque tem todas as justificativas a seu favor. Não ha razão para indignação, nem tampouco para perseguição legal ao pobre homem.

Tem elle, em face dos costumes, direito ou não a esmolar? Vejam bem que eu não falo em leis; falo dos costumes. Não ha quem não diga: sim. Embora a esmola tenha inimigos, e dos mais conspicuos, entre os quaes, creio, está Mr. Bergeret, ella ainda continúa a ser o unico meio de manifestação da nossa bondade em face da miseria dos outros. Os seculos a consagraram; e, penso, dada a nossa defeituosa organização social, ella tem grandes justificativas. Mas não é bem disso que eu quero falar. A minha questão é que, em face dos costumes, o homem tinha direito de esmolar. Isto está fóra de duvida.

Naturalmente elle já o fazia ha muito tempo, e aquella respeitavel quantia de seis contos talvez represente economias de dez ou vinte annos.

Ha, pois, ainda esta condição a attender: o tempo em que aquelle dinheiro foi junto. Se foi assim num prazo longo, supponhamos dez annos, a coisa é assim de assustar? Não é. Vamos adiante.

Quem seria esse cego antes de ser mendigo? Certamente um

operario, um homem humilde, vivendo de pequenos vencimentos, tendo ás vezes falta de trabalho; portanto, pelos seus habitos anteriores de vida e mesmo pelos meios de que se servia para ganhar-a, estava habituado a economizar. E' facil de ver por que. Os operarios nem sempre têm serviço constante. A não ser os de grandes fabricas do Estado ou de particulares, os outros contam que, mais dias, menos dias, estarão sem trabalhar, portanto sem dinheiro; dahi lhes vem a necessidade de economizar, para attender a essas épocas de crise.

Devia ser assim o tal cego, antes de o ser. Cegando, foi esmolar. No primeiro dia, com a falta de pratica, o rendimento não foi grande; mas foi o sufficiente para pagar um caldo no primeiro irége que encontrou, e uma esteira na mais sordida das hospedarias da rua da Misericordia. Esse primeiro dia teve outros iguaes e seguidos; e o homem se habituou a comer com duzentos réis e a dormir com quatrocentos, temos, pois, o orçamento do mendigo feito: seiscentos réis (casa e comida) e, talvez, cem réis de café; são, portanto, setecentos réis por dia.

Roupa, certamente, não comprava: davam-lh'a. E' bem de crer que assim fosse, porque bem sabemos de que maneira prodiga nós nos desfazemos dos velhos ternos.

Está, portanto, o mendigo fixado na despeza de setecentos réis por dia. Nem mais, nem menos; é o que elle gastava. Certamente não fumava e muito menos bebia, porque as exigencias do officio haviam de afastal-o da "canninha". Quem dá esmola a um pobre cheirando a cachaça? Ninguem.

Habituado a esse orçamento, o homenzinho foi se aperfeiçoando no officio. Aprendeu a pedir mais dramaticamente, a aflautar melhor a voz; arranjou um cachorrinho, e o seu successo na profissão veiu.

Já de ha muito que ganhava mais do que precisava. Os nickeis cahiam, e o que elle havia de fazer delles? Dar aos outros? Se elle era pobre, como o podia fazer? Pôr fóra? Não; dinheiro não se põe fóra. Não pedir mais? Ahi interveiu uma outra consideração.

Estando habituado á previdencia e á economia, o mendigo pensou lá comsigo: ha dias que vem muito; ha dias que vem pouco, sendo assim, vou pedindo sempre, porque, pelos dias de muito, tiro os dias de nada. Guardou. Mas a quantia augmentava. No começo eram só vinte mil réis; mas, em seguida foram quarenta, cincoenta, cem. E isto em notas, frageis papeis, capazes de se deteriorarem, de perderem o valor ao sabor de uma ordem administrativa, de que talvez não tivesse noticia, pois, era cego e não lia, portanto. Que fazer, em tal emergencia, daquellas notas? Trocar em ouro? Pesava e o tilintar especial dos soberanos, talvez attraisse malfeitores, ladrões. Só havia um caminho; trancafiar o dinheiro no banco. Foi o que elle fez. Estão ahi um cego de juizo e um mendigo rico.

Feito o primeiro deposito, seguiram-se a este outros; e, aos poucos, como habito é segunda natureza, elle foi encarando a men-

licidade não mais como um humilhante imposto voluntario, taxado pelos miseraveis aos ricos e remediados; mas como uma profissão lucrativa, licita e nada vergonhosa.

Continuou com o seu cãozinho, com a sua voz aflautada, com o seu ar dorido a pedir pelas avenidas, pelas ruas commerciaes, pelas casas de familias, um nickel para um pobre cego. Já não era mais pobre; o habito e os preceitos da profissão não lhe permittiam que pedisse uma esmola para um cego rico.

O processo por que elle chegou a ajuntar a modesta fortuna de que falam os jornaes, é tão natural, é tão simples, que, julgo eu, não ha razão alguma para essa indignação das almas generosas.

Se ainda continuasse a ser operario, nós ficaríamos indignados se elle tivesse juntado o mesmo peculio? Não. Por que então ficamos agora?

E' porque elle é mendigo, dirão. Mas é um engano. Ninguém mais que um mendigo tem necessidade de providencia. A esmola não é certa está na dependencia da generosidade dos homens, do seu estado moral psychologico. Ha uns que só dão esmolos quando estão tristes, ha outros que só dão quando estão alegres e assim por diante. Ora, quem tem de obter meios de renda de fonte tão incerta, deve ou não ser providente e economicó?

Não julguem que faço apologia da mendicidade. Não só não faço como não a detracto.

Ha occasiões na vida que a gente pouco tem a escolher; ás vezes mesmo nada tem a escolher, pois ha um unico caminho. E' o caso do cego. Que é que elle havia de fazer? Guardar. Positivamente, elle procedeu bem, perfeitamente de accordo com os preceitos sociaes, com as regras da moralidade mais comezinha e attendeu ás sentenças do "Bom Homem Ricardo", do fallecido Benjamin Franklin.

As pessoas que se indignaram com o estado prospero da fortuna do cego, penso que não reflectiram bem, mas, se o fizerem, hão de ver que o homem merecia figurar no "Poder da vontade", do conhecidissimo Smiles.

De resto, elle era hespanhol, estrangeiro, e tinha por dever voltar rico. Um accidente qualquer tirou-lhe a vista, mas lhe ficou a obrigação de enriquecer. Era o que estava fazendo, quando a policia foi perturbal-o. Sinto muito; e são meus desejos que elle seja absolvido do delicto que commetteu, volte á sua gloriosa Hespanha, compre uma casa de campo, que tenha um pomar com oliveiras e a vinha generosa; e, se algum dia, no esmaecer do dia, a saudade lhe vier deste Rio de Janeiro, deste Brasil immenso e feio, agarre em uma moeda de cobre nacional e leia o ensinamento que o governo da Republica dá... aos outros, através dos seus vintens: "A economia é a base da prosperidade".

Vera Zassulitch

Affirmou Dostoiewsky, não me lembro onde, que a realidade é mais fantastica do que tudo o que a nossa intelligencia pôde fantasiar. Passam-se, na verdade, deante dos nossos olhos coisas que á mais poderosa imaginação creadora seria capaz de combinar os seus dados para creal-as.

Esse caso de Vera Zassulitch, cujo retumbante processo, fez estremecer a Europa, em 1878, é um delles. Tudo nelle é estranho e convém ser elle lembrado agora, quando a Revolução Russa abala, não unicamente os thronos, mas os fundamentos da nossa villã e avida sociedade burgueza.

Não posso negar a grande sympathia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tyrannos burguezes, acôcorados covardemente por detraz da Lei, para nos matarem de fome, elevando artificialmente o preço dos generos e artigos de primeira necessidade, como: o assucar, a carne, o feijão, o arroz, o café, o sal, o panno, á custa de estancos, de "trusts", de "corners", de "allivios", traficicos de homens e outras inacreditaveis especies de assaltos á economia de toda uma população miseravel que já não tem por si nem os ministros do Evangelho, pois os padres, freiras e irmãs de caridade, todo o clero emfim, está amarrado á causa de semelhantes oppressores e os apoia de todas as formas.

Disse Macaulay, num dos magnificos seus ensaios, que os philosophos francezes do seculo XVIII, quando combatiam a Igreja estavam com os Evangelhos, pois a vetusta instituição religiosa de Roma, cada vez mais se afastava delles; e os philosophos cada vez mais se impregnavam do espirito de Jesus. Hoje, parece que está acontecendo o mesmo com os revolucionarios...

Nós, porém, — continuando — tal e qual a Russia de 1878, dormimos. Como se lê no artigo de Victor Cherbuliez (G. Valbert), na "Revue des deus mondes", de 1º de maio desse anno, os russos daquelles tempos, assim falavam do seu torpôr:

"Tudo dorme; por toda a parte, na aldêa, na cidade, na "teléga", no trenó de dia, de noite, assentado, de pé, o negociante, o "tchinovnik" dorme; na sua ronda, dorme o vigilante sob o frio da neve sob o ardôr do sol. E o réo dorme e o juiz dorme, os

camponozes dormem com um somno de morte; se elles ceifam, lavram — dormem; se elles “surrám” o trigo, dormem ainda. Aquelle que fêre e aquelle que é ferido dormem igualmente. Só o bo-tequim está acordado, com os olhos sempre abertos. E, agarrando com os seus cinco dedos um garrafão de aguardente, a fronte para o polo norte e os pés no Caucaso, dorme um somno eterno a nossa patria, a Santa Russia.”

E nós poderíamos dizer do nosso resignado Brasil, que elle, grande, immenso, rico e generoso, tendo os pés no Prata e a cabeça nas Goyanas, com a gravata luxuosissima do Amazonas, ao pescoço, dorme completamente encachaçado, deixando que toda uma quadrilha, com labias de patuás varios, o saqueie e o ponha nú, como os judeus fizeram a N. S. J. C.

E' assim o Brasil. Todos dormem e só se lembram, quando interrompem um pouco o somno, de appellar para o Estado, pedindo taes ou quaes providencias; e ninguem vê que a Estado, actual é o “dinheiro” e o “dinheiro” é a burguezia que açambarca, que fomenta guerras, que eleva vencimentos, para augmentar os impostos e emprestimos, de modo a drenar para as suas caixas fortes todo o suor e todo o sangue do paiz, em forma de taxa alta de preços e juros de apolices.

Precisamos deixar de panacéas; a época é de medidas radicaes.

Não ha quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolshevikista, não lobrigue nelle uma profunda e original feição social e um alcance de universal amplitude sociologica.

Pondo de parte os panurgianos e aquelles de mentalidade fossil a serviço dos magnatas da Bolsa, da Industria e do Commercio, de todos os homens de intelligencia e de coração, independente, tanto aqui como acolá, ficaram pensativos deante de uma revolução que tão fundamente attingiu os alicerces, não, só os de um grande e poderoso imperio, como tambem os de todas as concepções matrizes das actuaes agglomerações humanas, chamadas civilizadas.

Não se podia comprehender com a nossa mentalidade juridicoburgueza, feita de detricos de tantas idéas collectivas differentes e, por vezes, antagonicas, que meia duzia de doidos vagabundos e ideologos licenciasssem, do pé para a mão, um exercito de milhões de homens e puzessem um imperador, a sua mulher e seus filhos, na Siberia.

Não foram os doidos, como Lenine e os outros são chamados pelos burguezes; não foram elles. Foram os officiaes e os soldados que se desarmaram a elles mesmos. E' que a reforma de idéas e sentimentos já estava feita no intimo delles todos; e, como observou Oliveira Lima, não lhes satisfaziám mais os idéaes patrioticos e politicos; o essencial eram as medidas sociaes. Puzeram fóra as carabinas...

De resto, tomo a liberdade de repetir aqui o que disse em “A Lanterna”, de 21 de janeiro ultimo, com o pseudonymo de Dr. Bogoloff, tratando do terremoto maximalista:

“Loucas ou não, é preciso contar com as suas utopias, pois se assim nos parecem hoje, talvez amanhã sejam disposições da legislação commum. A Historia nos ensina esse poder de que o nosso glorioso e ajuizado Afranio Peixoto, desdenhosamente, com toda a superioridade de sua integridade mental, dá o nome de loucura ou outros mais rebarbativos. E’ uma força que não leva a Petropolis; mas faz descer em um instante os que lá estão em namoro.”

E’ de toda utilidade notar que eu tinha antes citado o Dr. Gustavo Le Bon, que é anarchista em physica e ultramontano em sociologia, mas que não trepida em affirmar, no seu livro “Civilisation des Arabes”, que “a acção da loucura ha sido immensa. Os loucos fundam religiões, destroem imperios e levantam as massas. Sua mão poderosa tem conduzido a humanidade até aqui e a historia seria toda outra, se a razão, e não a loucura, houvesse reinado sobre o mundo”.

São de meditar taes palavras quando vemos o baixo interesse ou a nossa proverbial preguiça mental tentar amesquinhar os revolucionarios russos com o epitheto: loucos. Entre elles, ha mulheres. Ha até uma Mme. Kolentay, que é ou foi ministro do Bem Publico; não é de hoje, porém, que as mulheres russas, moças, em geral, se envolvem nesses movimentos, altruisticamente subversivos, do imperio dos Romanoffs. Esta Vera Zassulitch, que teve uma celebridade universal, é como o symbolo dellas todas.

Acoimada de louca, foi verificado que nada tinha disso.

De restô, essa historia de loucura, como muitas outras, é simplesmente questão de sentido da contagem; para esquerda do O, é negativo; para a direita, é positivo. Mais nada.

No dizer de Cherbuliez, a deploravel vida que lhe haviam feito padecer os homens, teria perturbado uma razão menos solida que a sua. Com dezeseite annos, apenas acaba de terminar a sua educação em um pensionato de Moscou, encontra-se com o revolucionario Netchaieff, e, por ter se encontrado com Netchaieff, passa dous annos nas casamatas de uma fortaleza, sem que pudesse saber do que era accusada. Não via pessoa alguma; não recebia visitas dos paes ou parentes; os unicos rostos humanos que viu, durante esse largo prazo de tempo, mais largo ainda por não lhe darem tarefa alguma, foram o do guarda encarregado de lhe dar comida e o de sentinella que lhe perguntava, todo o dia, atravez das grades: como vae a senhora ?

Os seus vinte annos, ella os viu passar assim sepultados na escuridão de uma masmorra, quando elles lhe pediam sol, luz, alegria, brinquedos, namoros, Amor !

Solta, foi só em apparencia, pois por toda a parte a perseguia a policia, a terrivel policia russa. Sois livre, diziam, mas todos os sabbados tendes de ir á presença do commissario.

Foi assim a sua mocidade; não enlouqueceu: mas a sua alma, como quer Charbuliez, foi invadida por essa tristeza russa que

tem a immensidade e o silencio, das steppes; e, de todas as tristezas humanas, é a mais triste.

Um certo dia, o general Trepoff, ministro ou prefeito ou chefe de Policia de São Petersburgo, vae visitar na prisão os presos politicos.

Entre estes, havia um certo Bogoluboff que se anima a falar ao inquisidor do Estado, de gorro de prisioneiro, á cabeça.

Por causa disto, Trepoff manda dar-lhe uma surra de varas e o detento é vergastado sem piedade.

Vera, uma especie de Mariana das “Terres Vierges”, de Tsurgneneff, revolta-se ao ter noticia do facto.

Ella, no parecer do autor do artigo que estou resumindo; ella não era desgraçada por sua propria desgraça. Soffria por todos os opprimidos, por todos os desherdados; ou, antes, ella não soffria, ella se indignava, se revoltava. Vera ficava irritada ao mesmo tempo contra a sua impotencia e contra a felicidade dessa gente por ahi, calma, gorda e saciada, apezar de saber que milhões de pessoas gemiam e eram perseguidas de todos os modos.

Movida por esses sentimentos, ella, que nunca vira Bogoluboff, tão ferozmente injuriado e rebaixado de sua condição de Homem, jura vingar a offensa e o supplicio que lhe inflingiram. Arma-se, procura Trepoff e mata-o, descarregando sobre elle todo o revolver que levava.

Foi a jury, confessou que obrara com todo o discernimento, com premeditação, de emboscada, etc., etc.; e é absolvida.

O resto não nos interessa; o que nos interessa, é o character dessa mulher, é a sua abnegação é o seu sacrificio em pról do sofrimento de outrem que ella absolutamente não conhecia.

Não trepidou ella em cobrir-se com o opprobrio de um assassinato de arriscar-se ao carcere de cujas dôres tinha experiencia pessoal, de jogar até a cabeça, para mostrar que era “solidaria” com a desgraça, com a angustia, com a dôr de um semelhante...

Ha um epitaphio de um navegante grego, antigo, encomendado por elle mesmo, caso morresse de naufragio, que assim diz: “O marinheiro que aqui jaz, diz-te: faze-te de véla! O golpe de vento que aqui nos perdeu, fazia vogar ao largo toda uma flotilha de barcos alegres.”

Vera não naufragou de todo; mas se a Russia morrer nesse transe, ella verá que o golpe de vento que a matou, fará singlar ao largo toda uma flotilha de povos felizes.

Que fim levou ?

Foi um triumpho, lembro-me bem. O homem chegou aqui, debaixo de palmas, de ovações; houve recepções solennes nas escolas, nas sociedades sabias. Uma noite, depois de vir não sei de onde, desatrellaram-lhe os cavallos do carro, e elle andou puxado e empurrado por milhares de braços pelas ruas da cidade. O triumpho não durou um só dia, mas perto de uma semana; e, como nos nossos não ha aquella praxe romana que permittia dizer-se aos generaes algumas liberdades, para que não se suppuzessefn deuses, não appareceu uma voz destoante: era mesmo um demiurgo.

A poesia nacional trabalhou; trabalhou tambem a eloquencia, e o jornalismo, noticiario, chronica, artigo de fundo, entraram tambem no unismo das aclamações ao homem.

Pouca coisa desse escachoar de escriptos e palavras ficou. Houve ódes, e poemetos, e artigos; mas, verso algum das ódes, dos poemetos, dos sonetos, se imprimiu na memoria dos contemporaneos; e os artigos foram esquecidos depressa, logo, como um beneficio.

Mas, do movimento literario que a presença do heróe determinou, uma coisa ficou, resistiu, incrustou-se na memoria de todos, foi da Saude a Botafogo, correu os Estados e, ainda hoje, após quasi 10 annos, qualquer ainda se lembra de uma quadra, de um verso da canção famosa:

*A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou parabens em meigo tom...*

Não se lembram ? Lembram-se, sim; todos ainda a sabem. E como é estranho o destino das coisas ! O homem, o homem extraordinario, que tanto tinha levantado o nome do Brasil na Europa, só teve em sua honra uma poesia immorredoura, e foi essa canção. Repetida nos cafés concertos de terceira ordem, trauteada pelos moleques, debochada pelos letrados, foi ella que cantou, que deu a immortalidade da poesia ao homem glorioso que ameaçava conquistar os ares.

O autor não é anonymo; é o Sr. Eduardo das Neves, a quem o meu amigo Catullo chama, em livro publicado, popular cancionista brasileiro.

Onde foram as ódes ? Onde foram os epenicios ? Onde estão os sonetos e os poemetos ? O que ficou, cantando na alma do povo a glória do heroe, foi a canção do popular palhaço brasileiro :

*A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou parabens em meigo tom,
Surgiu lá no céu mais uma estrella
E appareceu Santos Dumont.*

Naquelle tempo elle apparecia; hoje, ou melhor, de uns annos a esta parte, elle desaparecé.

Vejam só como nestes ultimos annos, o problema da viação aérea vae tendo um immenso avanço; vejam a quantidade de ousadias, de vontades que elle emprega, e de vidas que elle ceifa tambem. Onde está Santos Dumont ? Bleriot atravessou a Mancha, em monoplano de seu invento; Chavez, esse mallogrado Chavez, fez a travessia dos Alpes; Winmalen, ganhou o *raid* Paris-Bru-xellas-Paris; Védrine foi de Paris a Madrid; Beaumont, chegou á Roma, partiu de Paris; e Santos Dumont ?

Ha ainda mais nomes gloriosos na aviação que se pódem citar de memoria com simples leitura de jornaes. Ha Latham, Farmand, Morane, Garros, Legagneux e quantos outros? Que faz Santos Dumont ?

Ha um anno e pouco, li na "Gazeta de Noticias", em chronica de Demetrio Toledo, que elle tinha feito uma pequena viagem nos arredores de Paris, no seu famoso (para nós) "Demoiselle". Era uma proeza clandestina, mas, cujos resultados foram portentosos, porque elle cobriria não sei que *record*, se a coisa fosse ás claras.

E' essa a ultima noticia que temos delle; antes tinhamos tido a dos hydroplanos; mas — concordem — para quem foi o rei dos ares, é muito pouco tudo isso.

E' verdade que elle foi rei quando não tinha concurrentes á sua realza. No tempo de suas *performances* com os seus dirigiveis ns. 1, 2, 3 e não sei que numero mais, ninguem lhe disputava o caminho do throno, e era natural que fosse rei; hoje ha bem uma centena e é prudente não arriscar essa realza honoraria que lhe ficou.

Não póde ser senão temporaria e decorativa. As *viagens* aéreas de Santos Dumont eram pequenos passeios sobre Paris, dando volta pela Torre Eiffel; hoje, por exemplo, no *raid* Paris-Roma, alguns aviadores bateram a *etape* Paris-Avignon, cuja extensão é de 645 kilometros, com interrupções insignificantes.

Os seus amigos dizem que o seu monoplano é uma maravilha; elle mesmo já o poz no dominio publico. Se fosse a maravilha que dizem, sendo já propriedade de todos, seria de esperar que nos *raids* e nos *circuitos* apparecessem typos do seu *Demoiselle* — não acham ? Mas não acontece isso. Apparecem monoplanos Bleriot, Morane e até desse desastrado Train, cujo *fuselage* é todo de aço; mas typo Santos Dumont, nenhum ! Por

que é? Não me compete dizer, porque não entendo de aviação; mas quem fôr um pouquinho mais entendido do que eu, poderá com justeza explicar.

Não estou tomando satisfação ao Sr. Santos Dumont, embora elle tivesse recebido uma dotação votada pelo Congresso Nacional. Commento tão sómento o desapparecimento de um heróe, de uma gloria nacional, que tantas esperanças despertou no paiz todo e tão fortes emoções provocou.

Sei bem que Santos Dumont é como o barão do Rio Branco; está sagrado, está sob *tabú*; mas — que diabo! — isto de perguntar simplesmente — que fim levou? — não é sacrilegio, não é offensa que vá ferir o respeito polynesico que temos por certo dos nossos grandes homens.

De resto, eu era como todos os brasileiros; acreditava que a solução da navegação aérea ficasse cá em casa, mesmo em menino tive um projecto; e vendo que a cousa nos vae escapando, que o Sr. Santos Dumont não faz mais nada, fico triste e clamo pelo heróe.

Não ha, portanto, nestas palavras, nada de iconoclasta, nada de inconveniente; o que ha, é magoa de um patriota, sincero no mais intimo de sua alma, ao ver que aquelle que estava fadado para legar á Patria uma alta conquista de progresso e civilização, está se deixando bater, arredado dos seus propositos, sepultando-se no esquecimento.

Quando leio, por exemplo, André Beaumont chegou, partindo de Paris, em primeiro logar a Roma, tendo voado de Nice a Roma, em 11 horas e 15 minutos, vencendo nesse tempo cerca de 400 kilometros de Nice a Pisa, incluindo uma grande parte sobre o mar; de Nice a Genova; e 260 de Pisa a Roma; eu pergunto: por que Santos Dumont não fez isso?

Quando leio: Védrines ganhou o *raid* Paris-Madrid. O ousado piloto, o corajoso rapaz transpoz, voando á altura de 2.000 metros a serra, de Guadarrama, e chegou ao aerodromo de Getafa, perto de Madrid, onde uma ovação formidavel o acolheu, apesar da hora matinal; eu pergunto: por que não aconteceu isso com Santos Dumont?

Não é de desgostar? Concordem que é. Nós, quando o recebemos ha alguns annos, com bandas de musica, sonetos, discursos, foguetes e artigos, esperavamos que elle fizesse tudo isso, que elle viesse a ser o rei dos ares, de facto, voando sempre, mostrando a sua pericia, a sua coragem, a sua familiaridade com o novo elemento aberto á actividade humana, de fórma a secundar os nossos anseios e cumprir a grande missão que pareciamos ter no mundo; mas, já que não é elle quem faz taes proezas, já que não é elle quem bate *etapes* de 650 kilometros, fica a nos parecer que o sonho ou o projecto do padre Gusmão vae mais uma vez parar em outras mãos que não as nossas.

Oh! Triste Brasil! Se não é roubado, falha.

Inventou a machina de escrever e roubaram os americanos o invento a um pobre padre da Parahyba; tinha ouro e diamantes a

Africa do Sul e outros paizes, acabaram roubando-os; tinha o maior rio do mundo, mas já descobriram que não é; tinha a portentosa batalha de Riachuelo, mas Fushima lhe furtou a gloria; tinha o *Minas Geraes*, mas a Argentina já mandou fazer um maior; tinha a maior capital da America do Sul, mas Buenos Aires acaba de dizer que não; tinha borracha, elle unico, quasi, mas os inglezes da Asia lhe querem furtar o rico producto; e, agora, por ultimo e talvez por fim, vae fugir do album de nossas glorias, a conquista do ar, cousa que lhe parecia reservada, porque um padre de Santos, chamado Gusmão, desenhou ha mais de 100 annos um projecto extravagante de machina de voar.

Fico triste, mais triste, porém, ha de ficar o poeta popular, aquelle que deu immorredoura gloria ao heroe que se esvae,

A sua canção não está certa; a Europa não *se curvou ante o Brasil*, não *clamou parabens em meigo tom*; não, meu caro poeta; o que a Europa fez, foi sorrir leve e ironicamente, dizendo com-sigo:

— Vocês hão de voar; mas, para se inebriarem de azul, de immensidade; para se sentirem um instante fóra da miseria eterna da terra, hão de precisar de mim. Esperem.

E' o que ella está fazendo, porque, já lá disse outro poeta: .
A Europa é sempre a Europa, a gloriosa!...

Julho de 1911.

o convento

Noticiam os jornaes, com pompa de photogravuras e alarde de sabenças historicas, que o convento da Ajuda, aquella ali da Avenida, fôra vendido a alguns inglezes e americanos pela bella quantia de mil oitocentos e cincoenta contos.

Houve grande contentamento nos arraiaes dos esthetas urbanos por tal facto. Vae-se o mostrengo, diziam elles; e ali, naquelle canto, tão cheio de bonitos predios, vão erguer um grande edificio, moderno, para hotel, com dez andares.

Eu sorri de tão santa crença, porque, se o convento da Ajuda não é tão bonito como o theatro Municipal, tanto um como outro não são bellos. A belleza não se realisou em nenhum dos taes edificios daquelle funil elegante; e se deixo o theatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Bibliotheca, a Escola de Bellas-Artes, penso de mim para mim, que elles são bonitos de facto, mas um bonito de nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso seculo dezoito.

Naquelle tempo, isto é, entre 1748 e 1750, quando elle ficou mais ou menos prompto, se já houvesse jornaes, certamente elles falariaem no lindo e importante edificio com que ficou dotada a leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Falariaem com o mesmo enthusiasmo com que nós falámos ao se inaugurar o theatro do Dr. Passinhos. Não os havia e não podemos passar de supposições. Decorreram cento e cincoenta annos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edificio.

O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem annos, os esthetas urbanos reclamarão a demolição do theatro Municipal com o mesmo afan com que os meus contemporaneos reclamaram a do convento.

E' de vêr como os homens tidos por umas carrancàs, mais tradicionalistas, mais missioneistas, não apresentaram, já não direi protesto, mas queixumes contra essa mutilação que vae soffrer a cidade.

Nenhum delles se enterneceu com a proxima morte daquellas paredes; e havia tanto motivo para isso! Um convento de freiras é de alguma fórma quinto acto de dramas amorosos.

Certas vezes serviram de prisão domestica, prisão ás ordens desse juiz-algoz, o pae de familia, sempre obediente aos vagos co-

digos da honra e da pureza da familia, mettendo as filhas e parentas nos conventos, quando implicava com o namorado que tinham, ou não o julgava de nobreza sufficiente para a sua prosapia.

Em outras, havia de ser voluntaria a reclusão; mas, num pequeno cerebro de mulher, naturalmente esse piedoso desejo vinha de uma decepção amorosa ou de uma forte crença da indigencia de sua belleza. O amor de Deus vinha após o amor dos homens; e aquellas paredes que vão ruir sob os applausos dos esthetas e anticlericaes, longe talvez de estarem impregnadas de sonhos mysticos, estão, talvez, saturadas de decepções, de desillusões, de melancolias e desesperos, posso bem dizer, de revoltas bem humanas.

Com as minhas idéas particulares posso passar sem o passado e sem a tradição; mas, os outros, aquellos que, diariamente, contam nos jornaes historias do açougue dos jesuitas, anedotas do principe-Natruza e outras cousas edificantes e épicas, como é que deixam desaparecer sem uma lagrima, debaixo do alvião barbaro, aquelle velho monumento, pantheon de rainhas, de imperatrizes e princezas ?

E' que elles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se approximasse mais de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Ha conventos de fachada lisa e monotona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.

O Passos quiz; o Frontin tambem; mas, a desappropriação custaria muito e recuaram.

Não sei bem que vantagens trará tal cousa. Se, ao menos, fossemos levantar ali um Louvre, um Palacio dos Doges, alguma cousa de bello e grandioso architectonicamente, era de justificar todo esse contentamento que vae pelas almas dos esthetas; mas, para substituil-o por um hediondo edificio americano, enorme, pretencioso e pifio, o embellezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não ha de ser de natureza altamente artistica. Uma cousa vale a outra.

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que tambem não tenho grande admiração nem pelo estylo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos.

Em materia de immenso lá estão as pyramides do Egypto; e, como são simples de linhas e de destino, ainda pôdem ter alguma belleza; mas uma casa, uma habitação, com centenas de metros de altura, com uma fachada de superficie immensa, de fórmula que não se pôde abranger de um golpe de vista o conjuncto e o movimento dos detalhes, não é só monstruoso, é besta e imbecil.

O convento não tinha belleza alguma, mas era honesto; o tal hotel não terá tambem belleza alguma e será deshonesto, no seu intuito de surripiar a falta de belleza com as suas proporções mastodonticas.

De resto, não se pôde comprehender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses annaes de pedra que contam a sua historia.

Repto: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que elle deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejulgamentos nos nossos sentimentos.

Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que dictam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudaes, barões, duques, marquezes, que determina a nossa taximonia social, as nossas relações de familia e de sexo para sexo; ainda são as cousas de fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucanias, que regulam as idéas da nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, não direi as idéas, mas os nossos sentimentos. E' por isso que eu não gosto do passado; mas isso é pessoal, individual. Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os attestados de sua vida anterior, as suas egrejas feias e os seus conventos hediondos.

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventicios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.

O aspecto anti-clerical com que elles escondem esse desejo de fazer da cidade um improviso catita, nada vale.

Em geral, são sempre os monumentos religiosos que ficam.

O Parthenon era um edificio religioso; e religiosos eram os monumentos de Karnak.

As cathedraes gothicas irão abaixo, quando o catholicismo não tiver mais nem um adepto? Não. A não ser que os velhos turcos venham a conquistar a Europa inteira.

O convento por si só não enfeiava tanto a cidade, como dizem; nem tão pouco a sua demolição vae diminuir o espirito religioso, nem trazer para as alegrias da vida as freiras que lá estavam enclausuradas.

Demais, não eram muitas; uma meia duzia e o seu livramento póde ser obtido com a decima parte do dinheiro por que venderam o immovel. E' só requerer "habeas-corpus"...

De todas as instituições religiosas, uma das mais sabias é o convento. Nos antigos tempos, e um pouco no nosso, em que a vida social era baseada na lucta e na violencia, devia haver naturezas delicadas que quizessem fugir a taes processos; e o unico meio de fugir era o convento.

Era util e consequente; e, se hoje o gosto por taes reclusões diminue, é porque já na nossa vida ha mais tolerancia, menos exhibições de virtudes e de força, menos tyrannias domesticas, religiosas e governamentaes.

Não ha de ser diminuindo conventos com auxilio do alvião dos americanos que teremos a felicidade sobre a terra. Elles pódem ficar, como cousas de museu — ao lado de canhões, de obuzes, de fichas de identificação policial, dos codigos forenses, de todo esse aparelho de coacção inutil, quasi sempre, e contraproducente, nas mais das vezes; o que porém, precisamos fazer é desentupir a nossa intelligencia de umas tantas crenças nefastas, que pesam sobre ella como castigos atrozes do destino.

Os conventos são mudos; mas essas falam. São como os taes

mortos que falam, peores do que espectros; do que fantasmas e almas do outro mundo, porque não só mettem medo ás creanças e ás mulheres, mas tambem aos homens cheios de coragem e ousadia.

Ellas é que são flagello; ellas é que nos crestam; ellas é que nos tiram a felicidade de viver.

Se fosse possivel, com ellas, pôr abaixo certos nomes a alvião e á picareta, com bombas de dynamite e com polvora negra. eu topava, sobretudo se se tratasse de um tal padre Antonio Vieira, um cacetissimo sermonario, um mattoide trocadelista, ausente total do pensamento e da emoção, de estylo obeso, como diz Oliveira Martins, dictador ainda das nossas letras, como se elle tivesse escripto alguma cousa de literario! Vamos pol-o abaixo e deixemos o convento em paz !

Julho de 1911.

No ajuste de contas . . .

A nossa burguezia finança governamental só conhece dous remedios para equilibrar os orçamentos: augmentar os impostos e cortar logares de amanuenses e serventes. Fóra desses dous palliativos, ella não tem mais beberagem de feiticeiro para curar a chronica molestia do "deficit".

Quanto ao cortar logares, é engraçado o que se passa na nossa administração. Cada ministro, e quasi annualmente, arranja uma autorização para reformar o seu ministerio. De posse della, um, por exemplo, o da Guerra, realisa a sua portentosa obra e vem cá para fóra blasonar que fez uma economia de 69 contos, emquanto o do Exterior, por exemplo, com a sua, augmentou as despesas de sua pasta em mais de cem contos.

Cada secretario do presidente, concebe que governo é só e unicamente o seu respectivo ministerio e cada qual puxa a braza para a sua sardinha.

Cabia ao presidente coordenar estes movimentos desconexos ajustal-os, conjugal-os; mas, elle nada faz, não intervem nas reformas e deixa correr o marfim, para não perder o precioso tempo que tem de empregar em satisfazer os hypocritas manejos dos caixeiros da fradalhada obsoleta ou em pensar nas cousas de sua politiquinha de aldeola.

Emquanto as reformas com as hypotheticas economias são em geral obra dos ministros, o augmento de imposto parte, em geral, dos nossos financeiros parlamentares. Elles torram os miolos para encontrar meios e modos de inventar novos; e, como bons burguezes que são, ou seus prepostos, sabem, melhor que o imperador Vespasiano, que o dinheiro não tem cheiro. Partem desse postulado que lhes remove muito obstaculo e muitas difficuldades e chegam até ás latrinas, como aconteceu o anno passado.

Essa pesada massa de impostos, geralmente sobre generos de primeira necessidade, devendo ser democraticamente igual para todos, vem verdadeiramente recahir sobre os pobres, isto é, sobre a quasi totalidade da população brasileira que é de necessitados e pobrissimos, de forma que as taxas dos Colberts da nossa representação parlamentar conseguem esta cousa maravilhosa, com as suas medidas financeiras: arranham superficialmente os ricos e apunham mortalmente os pobres. Paes da patria !

Desde que o governo da Republica ficou entregue á voracidade insaciavel dos politicos de S. Paulo, observo que o seu desenvolvimento economico é guiado pela seguinte lei: tornar mais ricos, os ricos; e fazer mais pobres, os pobres.

S. Paulo tem muita razão e procede coherentemente com as suas pretensões; mas, devia ficar com os seus propositos por lá e deixar-nos em paz. Eu me explico. Os politicos, os jornalistas e mais engrossadores das vaidades paulistas não cessam de berrar que a capital de S. Paulo é uma cidade européa; e é bem de ver que uma cidade européa que se preza, não pode deixar de offerecer aos forasteiros, o espectuculo de miseria mais profunda em uma parte de sua população.

S. Paulo trabalha para isso, afim de acabar a sua flagrante semelhança com Londres e com Paris; e podem os seus compatriotas estar certos que ficaremos muito contentes quando fôr completa, mas não se incomodem connosco, mesmo porque, além de tudo nós sabemos com Lord Macaulay que, em toda parte, onde existiu olygarchia, ella abafou o desenvolvimento do genio.

Entretanto, não attribuirei a todos os financeiros parlamentares que têm proposto novos impostos e augmento dos existentes; não attribuirei a todos elles, dizia, tenções malevolas ou deshonestas. Longe de mim tal cousa. Sei bem que muitos delles são levados a empregar semelhante panacéa, por méro vicio de educação, por fatalidade mental que não lhes permite encontrar os remedios radicaes e infalliveis para o mal de que soffre a economia da nação.

Quando se tratou aqui da abolição da escravatura negra, deu-se phenomeno semelhante. Houve homens que, por sua generosidade pessoal, pelo seu procedimento liberal, pelo conjunto de suas virtudes privadas e publicas e alguns mesmo pelo seu sangue, deviam ser abolicionistas; entretanto, eram escravocratas ou queriam a abolição com indemnisação, sendo elles mais respeitaveis e temiveis inimigos da emancipação, por não se poder suspeitar da sua sinceridade e do seu desinteresse.

E' que elles se haviam convencido desde meninos, tinham como artigo de fé que a propriedade é inviolavel e sagrada; e, desde que o escravo era uma propriedade, logo...

Ora, os fundamentos da propriedade têm sido revistos moderadamente por toda a especie de pensadores e nenhum lhe dá esse caracter no individuo que a detém. Nenhum delles admite que ella assim seja nas mãos do individuo, a ponto de lesar a communhão social, permitindo até, que meia duzia, de sujeitos espertos e sem escrúpulos, em geral fervorosos catholicos, monopolizem as terras de uma provincia inteira, titulos de divida de um paiz, enquanto o Estado esmaga os que nada têm, com os mais atrozes impostos.

A propriedade é social e o individuo só pôde e deve conservar, para elle, de terras e outros bens tão somente aquillo que precisar para manter a sua vida e de sua familia, devendo todos trabalhar da forma que lhes fôr mais agradavel e o menos possivel, em beneficio commum.

Não é possivel comprehender que um typo bronco, egoista e

mão, residente no Flamengo ou em S. Clemente, num casarão monstruoso e que não sabe plantar um pé de couve, tenha a propriedade de quarenta ou sessenta fazendas nos Estados proximos, muitas das quaes elle nem conhece nem as visitou, emquanto, nos logares em que estão taes latifundios, ha centenas de pessoas que não têm um palmo de terra para fincar quatro páos e erguer um rancho de sapé, cultivando nos fundos uma quadra de aipim e batata doce.

As fazendas, naturalmente, estarão abandonadas; por muito favor, elle ou seus caixeiros, permittirão que os desgraçados locaes lá se aboitem, mas estes pobres roceiros que nellas vegetam, não se animam a desenvolver plantações, a limpá-las, do matto; do sapé, da vassourinha, do carrapicho, porque, logo que fizerem, o dono vendê-las-á a bom preço e com bom lucro sobre a hypotheca com que a obteve, sendo certo que o novo proprietario expulsal-os-á, das terras por elles beneficiadas.

Na idade media, e mesmo no começo da idade moderna, os camponeses de França tinham contra semelhantes proprietarios perversos que deixavam as suas terras “en friche”, o recurso do “haro”, e mesmo se apossavam dellas para cultivá-las; mas a nossa doce e resignada gente da roça não possui essa energia, não tem mesmo um acendrado amor á terra e aos trabalhos agricolas e procedem como se tivessem lido o art. XVII da Declaração dos Direitos do Homem.

O que diz com relação á propriedade immovel, pode-se dizer para a movel. Creio que é assim que os financistas dominam as apolices, moedas, titulos, etc.

O povo, em geral, não conhece esta engrenagem de finanças e ladroeiras correlativas de brancos, companhias, hypothecas, cauções, etc.; e quando, como actualmente, se sente esmagado pelo preço dos generos de primeira necessidade, attribue todo o mal ao taverneiro da esquina. Elle, o povo, não se pode capacitar de que a actual alta estrondosa do assucar é obra pura e simples do Zé Bezerra e desse Pereira Lima que parece ter sido discipulo dos jesuitas, com a aggravante de que o primeiro foi e o segundo é ainda ministro d’Estado, cargo cuja natureza exige de quem o exerce, o dever de velar, na sua esphera de acção, pelo bem publico e para a felicidade da communhão.

Não estará tal cousa nas leis ou nos regulamentos; mas, evidentemente, se contém na essencia de tal função administrativa.

Bastiat, nas suas *Mélanges d’Economie Politique*, tem um interessante capitulo, intitulado — *O que se vê e o que não se vê*. Pouco ou quasi nada se relaciona com o nosso assumpto; mas citei-o, porque foi a sua leitura que me fez considerar e analysar melhor certos factos e não ficar como o grosso do povo preso ao que se vê, sem procurar a verdadeira explicação no que não se vê.

E’ difficil imaginar, para quem se atem unicamente ao que se vê, como esse negocio de apolices é o cancro do orçamento e a fonte de todos os nossos males, provocados pelo criterio supersticioso que têm os nossos financistas sobre a propriedade privada.

Poderia encher isto aqui de algarismos, obtidos nos relatorios pantafaçados ou nas tabellas do orçamento, para provar o que digo; mas deixo essa difficil exhibição sabichona para o Sr. Otto Prazeres, afim de que elle possa fazer mais um livro e ir ainda uma vez leval-o em pessoa ao Sr. Wencesláo Braz.

O caso das apolices é muito semelhante ao da escravatura na geração anterior á nossa. E' um onus que, em geral herdamos das gerações passadas. Não garanto; mas, parece-me, que ainda pagamos juros de apolices emittidas em 1867; e mesmo que isto seja inteiramente verdade, deve ser approximadamente, porquanto de onde em onde, o governo, por isso ou aquillo, as substitue por outras, continuando, as novas, a serem virtualmente as velhas que aquellas substituiram.

Mirabeau, respondendo ás objecções feitas a reformas radicaes que rompiam totalmente com o passado, teve na Assembléa Constituinte de 89, uma comparação eloquentissima. Se todos os nossos antepassados, dizia elle, occupassem com os seus tumulos a superficie total da Terra, nós, os actuaes habitantes, teriamos todo o direito de desenterrar os seus ossos, para cultivar os campos, criar gado, tirar da terra, enfim, a nossa subsistencia.

Cito de memoria; mas, julgo não ter deturpado o pensamento do grande Conde de Mirabeau, o qual vem esclarecer o meu, quando não quero acceitar uma carga injusta dos nossos paes e lembro que essa obrigação herdada por nós de pagar premios de apolices de emprestimos de que as gerações passadas abusaram, deve cessar inteiramente, pois é tal verba orçamentaria que nos esmaga de impostos e faz a nossa actual vida difficilissima, mais ainda do que os estancos de Limas Pereiras, Bezerras e caterva.

No proprio ponto de vista dos usurarios e truculentos capitalistas, a apolice é um mal, é um capital immobilizado que não concorre para o desenvolvimento do paiz; pois quem tem poucas, guarda-as, para receber os juros como achego; e quem tem muitas guarda-as tambem, para não fazer nada e viver do rendimento.

Contaram-me que ha uma senhora que é possuidora de 2.000 apolices de conto de réis; tem ella, portanto, a 5 %; o rendimento annual de cem contos de réis. Vive na Europa e não vem ao Brasil, ha perto de trinta annos. Não gasta aqui um tostão, não dá aqui uma esmola, não paga um criado aqui e recebe quasi tanto quanto o presidente da Republica, sem contar com a verba "representação", aliás, sempre augmentada.

Se o povo visse, se o povo soubesse, como no caso dessa senhora, que nós já pagámos em juros o valor dessas apolices, pediria fossem ellas cancelladas e não continuassem a vencer premios e a vultuosa quantia empregada no pagamento delles, cerca de sessenta mil contos, sendo suprimida do orçamento, serviria para aligeirar os impostos que oneram a carne secca e outras utilidades indispensaveis á vida de quasi a totalidade dos habitantes do paiz.

Outra medida que se impõe, é o confisco dos bens de certas ordens religiosas, bens que representam dadas e offertas da piedade, ou quer que seja, de varias gerações de brasileiros e agora estão

em mãos de estranhos, porque os nacionaes não querem ser mais frades. Voltem á communhão, os bens.

Pode-se admittir que os conventos sejam asylos de crentes de ambos os sexos que se desgostaram com o mundo. Admitto, na minha tolerancia que quizera bem ser renaniana; mas os estatutos dessas ordens não deixam perceber isso. Para os conventos de freiras, para as proprias freiras, para as proprias irmãs de S. Vicente de Paula (sei que não são freiras), não se entra sem um dote em dinheiro, sem um carissimo enxoval, e, afóra exigencias de raça, de sangue e familia.

Só se desgosta com o mundo, só tem ancia de ser esposa de Jesus ou praticar a profunda caridade vicentina, as damas ricas e brancas, como a N. S. da Aparecida, de S. Paulo. E' mesmo catholica essa religião ?

Nos mosteiros dos frades, é a mesma cousa e, sabido como todos elles são ricos, não se apprehende para que exijam tanta despesa dos noviços, criando difficuldades para iniciação monastica, quando o interesse da religião estava em facilitá-la. Ha quem suspeite que esse dinheiro todo, os santos monges pretendem empregar-o para a nossa desunião... O tempo nos dirá o que fôr verdade...

Um governo energico é oriundo do povo que surgiu, tem o dever de confiscar esses bens, de retalhar as suas immeasas fazendas, de aproveitar os seus grandes edificios para estabelecimentos publicos e vender, assim com as terras divididas, os predios de aluguel que essas ordens possuem, em hasta publica.

A confiscação desses bens, obriga, para ser a medida completa, o governo a supprimir inteiramente todos os collegios de religiosos de ambos os sexos, sobretudo os destinados a moças ricas, por intermedio das quaes, o clero acaba dominando os seus futuros maridos ou amantes; e, sabendo-se que estes são, em geral, pessoas poderosas e em altos cargos, a gente de sotaina pretende, desse modo, influir decisivamente nos actos dos poderes politicos do paiz e obter a nossa completa regressão aos aureos tempos das fogueiras e do beaticio hypocrita. Ha mais.

Uma das mais urgentes medidas de nosso tempo é fazer cessar essa fome de enriquecer caracteristica da burguezia que, além de todas as infamias que, para tal, emprega, corrompe, pelo exemplo, a totalidade da nação. Para amontoar milhões, a burguezia não vê obices moraes, sentimentaes nem mesmo legaes. Toca para diante, passa por cima de cadaveres, tropeça em moribundos, deruba aleijados, engana mentecaptos; e desculpa-se de todas essas baixezas, com a segurança da vida futura dos filhos. Não encontraria mais motivo para proceder dessa maneira, mais infame do que o dos antigos salteadores dos grandes caminhos, se arriscassemos do Codigo Civil o direito de testar, e as fortunas, por morte, dos seus detentores, voltassem para o Estado; e nisto, imitariamos os seus maiores, os burguezes da Revolução Franceza, que golpearam profundamente a nobreza, estabelecendo a igualdade de herança entre os filhos. O feudo, o Castello desappareceram, pois a fortuna

deixou de passar intacta ou quasi intacta, do marquez para o seu filho mais velho.

Todas estas medidas têm caracter financeiro, sem deixar de ter social; mas, a que me parece, mais urgente, é uma retorma radical do casamento, medida puramente social.

Eu sou por todas as formas de casamento; não me repugna admittir a polygamia ou a polyandria; mas transigiria se fosse governo. Continuaría a monogamia a ser a forma legal do matrimonio, mas supprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizadas de paz. O Estado só interviria para processar e condemnar o bigamo; tudo o mais correria por conta das familias dos nubentes. Os paes e que se encarregariam do processo, hoje chamado — *papeis de casamento* — e das cerimonias que fossem de seu gosto realisar; e o Estado só saberia do *caso*, como actualmente, com o nascimento, por comunicação escripta das partes, para o competente registro. Não haveria nunca communhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispôr dos seus.

O divorcio seria completo e poderia ser requerido por um dos conjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo allegado fosse o amor de um delles por terceiro ou terceira.

A muitos leitores parecerão absurdas essas idéas; não pretendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocinio irão despertar nelles sympathia por ellas e a convicção da sua utilidade social. Appello para todos aquelles que não têm a superstição da lei, dos codigos, dos praxistas, dos accordãos, dos arestos, do Pêgas, do Lobão, das Ordenações e outros alfarrabios caducos; e quanto aos doutores do Direito que estão envenenados, intoxicados até á medulla, com tudo o que decorre do sinistro e cruel direito romano, codificado, em grande parte, por um tyranno das margens do Propontide e pela prostituta sua mulher, como diz Condorcet, nas suas *Reflexions sur l'esclavage des nègrès*; quanto a taes chacaes e hyenas a serviço dos burguezes, eu tomo a liberdade de dizer-lhes que, tarde ou cedo, sem elles ou com elles, ha de se fazer uma reforma social contra o "Direito" de que são sacerdotes, pois o seu deus já está morto no coração da massa humana e só falta enterral-o, com o seu cortejo de apostillas e se-bentas, de consolidações e manuaes, não levando tal enterro senão as grinaldas dos archeologos, antiquarios, geologos e paleontologos. *Requiescant in pace!*

Muitas outras medidas radicaes me occorrem, como sejam: uma revisão draconica nas pensões graciosas, uma reforma cataclysmatica no ensino publico, supprimindo o "doutor" ou tirando deste a feição de brahmane do codigo de Manu', cheio de privilegios e isenções; a confiscação de certas fortunas, etc., etc.

Iremos, porém, de vagar e por partes; e, logo acabada esta guerra que é o maior crime da humanidade, quando os filhos e os outros parentes dos pobres diabos que lá estão morrendo ás centenas de milhares, ou se estropiando, tiverem de ajustar contas com esta burguezia cruel, sem caridade, piedade e cavalheirismo, que enriqueceu e está e enriquecendo de apodrecer, com esse horroroso

crime, nós, os brasileiros, devemos iniciar a nossa Revolução Social, com essas quatro medidas que expuz. Será a primeira parte; as outras depois.

Terminando este artigo que já vae ficando longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso.

Se Kant, conforme a legenda, no mesmo dia em que a Bastilha, em Paris, foi tomada; se Kant, nesse dia, com estuporado assombro de toda a cidade de Koenigsbrg. mudou o itinerario da excursão que, ha muitos annos, fazia todas as manhãs, sempre e religiosamente pelo mesmo caminho — a commoção social maximalista tel-o-ja hoje provocado a fazer o mesmo desvio imprevisto e surpreendente; e também a Goethe dizer, como quando, em Valmy viu os soldados da Revolução, mal ajambrados e armados, de tamancos muitos, descalços alguns, destroçarem os brilhantes regimentos prussianos, — dizer, disto, como disse: “a face do mundo mudou”. Ave Russia !

1—5—18.

Da minha cèlla

Não é bem um convento, onde estou ha quasi um mez; mas tem alguma cousa de monastico, com o seu longo corredor silencioso, para onde dão as portas dos quartos dos enfermos.

E' um pavilhão de Hospital, o Central do Exercito; mas a minha enfermaria não tem o classico e esperado ar das enfermarias: um vasto salão com filas parallelas de leitos.

Ella é, como já fiz suppôr, dividida em quartos e occupo um delles, claro, com uma janella sem um lindo horizonte como é tão commum no Rio de Janeiro.

O que ella me dá, é pobre e feio; e, alem deste contratempo, supporto desde o clarear do dia até á bocca da noite, o chilreio desses infames pardaes. No mais, tudo é bom e excellente nesta ala de convento que não é todô leigo, como poderia parecer a muitos, pois na extremidade do corredor ha quadros de Santos que eu, pouco versado na iconographia catholica, não sei quaes sejam.

Além desses registos devotos, no pavimento terreo, onde está o refeitório, ha uma imagem de Nossa Senhora que preside às nossas refeições; e, afinal, para de todo quebrar-lhe a feição leiga, ha a presença das irmãs de S. Vicente de Paula. Admiro muita translucidez da pelle das irmãs moças; é um branco pouco humano.

A minha educação sceptica, voltereana, nunca me permittiu um contacto mais continuo com religiosos de qualquer especie. Em menino, logo após a morte de minha mãe, houve uma senhora edosa D. Clemencia, que assessorava a mim e a meus irmãos, e ensinou-me um pouco de cathecismo, o "Padre Nosso", a "Ave Maria" e a "Salve Rainha", mas, bem depressa nos deixou e eu não sabia mais nada dessas obrigações piedosas, ao fim de alguns mezes.

Tenho sido padrinho de batismo umas poucas de vezes, e, quando o sacerdote, na celebração do acto, quer que eu reze, elle tem que me dictar a oração.

A presença das irmãs aqui, se ainda não me fez catholico praticante e fervoroso, até levar-me a provedor de irmandade como o Sr. Miguel de Carvalho, convenceu-me, entretanto, de que são uteis, senão indispensaveis aos hospitaes.

Nunca recebi (até hoje), como muitos dos meus companheiros de enfermaria, convite para as suas cerimonias religiosas. El-

las, certamente, mas sem que eu dêsse motivo para tal, me supõem um tanto hereje, por ter por ahí rabiscado uns desvaliosos livros.

Por certo, o seu pouco conhecimento da vida, julgam que todo escriptor é acatholico. São, irmãs, até encontrarem um casamento rico que as faz carolas e torquemadescos.

Eu ainda espero o meu...

Testemunha do fervor e da dedicação das irmãs no Hospital em que estou, desejaria que fossem todas ellas assim; e deixassem de ser por bem ou por mal, pedagogas das ricas moças da sinistra burguezia, cuja cupidez sem freio faz da nossa vida actual um martyrio, e nella estiola a verdadeira caridade.

Não sei como vim a lembrar-me das cousas nefandas dahí de fora, pois vou passando sem cuidado, excellentemente, neste "cenobium" semi-leigo em que me metti. Os meus medicos são moços dedicados e interessados como se amigos velhos fossem, pela minha saude e restabelecimento.

O Dr. Alencastro Guimarães, o medico da minha enfermaria, collocou-me no braço quebrado, o aparelho a que, parece, chamam de Hennequim !

Sempre a literatura e os literatos...

Antès, eu me submetti á operação diabolica do exame radioscopico. A sala tinha uma pintura negra, de um negro quasi absoluto, lustroso, e uma profusão de vidros e outros aparelhos desconhecidos ou mal conhecidos por mim, de modo que, naquelle conjuncto, eu vi alguma cousa de Satanaz, a remoçar-me para dar-me Margarida, em troca da minha alma.

Deitaram-me em uma mesa, puzeram-me uma chapa debaixo do braço fracturado e o demonio de um carrinho com complicações de ampoulas e não sei que mais, correu-me, guiado por um operador, dos pés até á ponta do nariz. Como uma bulha especial, fui sentindo cahir sobre o hombro e o braço, uma tenue chuva extraordinariamente fluidica que, como exagero e muita tolice, classifico de imponderavel. Além do Dr. Alencastro, nos primeiros dias, a minha exaltação nervosa levou-me á enfermaria do Dr. Murillo de Campos. Esta tinha o aspecto antipathico de uma vasta casa forte. Valentemente, as suas janellas eram gradeadas de varões de ferro e a porta pesada, inteiramente de vergalhões de ferro, com uma fechadura complicada, resistia muito, para girar nos gonzos, e parecia não querer ser aberta nunca. "Lasciate ogni speranza"...

Tinha duas partes: a dos malucos e a dos criminosos. O Crime e a Loucura de Maudsley, que eu lera ha tantos annos, veiu-me á lembrança; e tambem a Recordação da Casa dos Mortos, do inesquecivel Dostoiewsky. Pensei amargamente (não sei se foi isso só) que, se tivesse seguido os conselhos do primeiro e não tivesse lido o segundo, talvez não chegasse até ali; e, por aquella hora, estaria a indagar, na rua do Ouvidor, quem seria o novo ministro da Guerra, afim de ser promovido na primeira vaga. Ganharia seiscentos mil réis — o que queria eu mais? Mas... Deus escreve direito por linhas tortas; e estava eu ali muito indifferente á administração da Republica, preocupado só em obter cigarros.

Os loucos ou semi-loucos que lá vi, pareceram-me pertencer á ultima classe dos malucos. Tenho, desde os nove annos, vivido no meio de loucos. Já mesmo passei tres mezes mergulhado no meio delles; mas nunca vi tão vulgares como aquelles. Eram completamente destituídos de interesse, atonos e bem podiam, pela sua falta de relevo proprio, voltar á sociedade, ir formar ministerios, camaras, senados e mesmo um delles occupar a suprema magistratura. Deixemos a politica... A irmã dessa enfermaria maudsliana é franceza; mas a daquella em que fiquei definitivamente, é brasileira, tendo até na physionomia um não sei que de andradino. Anhas muito boas.

O medico da enfermaria, como já disse, é o Dr. Murillo de Campos, que parece gostar de sondar essas duas manifestações mysteriosas da nossa natureza e da actividade das sociedades humanas. Como todo o medico que se compraz com taes estudos, o Dr. Murillo tem muito interesse pela literatura e pelos literatos. Julgo que os medicos dados a taes pesquisas têm esse interesse no intuito de obter nos literatos e na literatura subsidios aos estudos que estão accumulando, afim de que um dia se chegue a decifrar, explicar, evitar e exterminar esses dous inimigos da nossa felicidade, contra os quaes, hoje, a bem dizer, só se achou a arma horripilante da prisão, do sequestro e da detenção.

Creio que lhe pareci um bom caso, reunindo muitos elementos que quasi sempre andam esparsos em varios individuos; e o Dr. Murillo me interrogou, de modo a fazer que me introspeccionasse um tanto. Lembrei-me então de Gaston Reugeot que, na "Revue des deux mondes", ha tantos annos, tratando desse interrogatorio feito aos doentes pelos medicos, muito usado e preconizado pelo famoso psychologo Janet, concluia dahi que a psychologia moderna, tendo apparecido com apparatus registadores e outros instrumentos de precisão, que lhe davam as fumaças de experimental, acabava na psychologia classica da introspecção, do exame e analyse das faculdades psychicas do individuo por elle proprio com as suas proprias faculdades, pois a tanto correspondia o inquerito do clinico a seu cliente:

Não entendo dessas cousas; mas posso garantir que dei ao Dr. Murillo, sobre os meus antecedentes as informações que sabia; sobre as minhas perturbações mentaes, informei-lhe do que me lembrava, sem falseamento nem reluctancia, esperando que o meu depoimento possa concorrer algum dia, para que, com mais outros sinceros e leaes, venha elle servir á sciencia e ella tire conclusões seguras, de modo a alliviar de alguns males a nossa triste e pobre humanidade. Soffri tambem mensurações anthropometricas e tive com o resultado dellas um pequeno desgosto. Sou brachycephalo; e, agora, quando qualquer articulista da "A Epocha", quizer defender uma illégalidade de um illustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus innumerados defeitos e incapacidades, ha de apontar mais este: é um sujeito brachycephalo; é um typo inferior!

Fico á espera da objurgatoria com toda a paciencia, para lhe dar a resposta merecida pelo seu saber anthropologico e pela sua

veneração aos caciques republicanos quando estão armados com o tacape do poder.

Pois, meus senhores, como estão vendo, nestes vinte e poucos dias, durante os quaes tenho passado neste remançoso retiro, semi-religioso, semi-militar — especie de quartel-convento de uma ordem guerreira dos velhos tempos de antanho, têm-me sido uns doces dias de uma confortadora delicia de socego, só perturbado por esses ignobeis pardaes que eu detesto pela sua avidez de homem de negocios e pela sua crueldade com os outros passarinhos.

Passo-os a lêr, entre as refeições, sem descanso, a não ser aquelle originado pela passagem da leitura de um livro para um jornal ou da deste para uma revista. A leitura assim feita, sem pensar em outro que fazer, sem poder sair, quasi prisioneiro, é saboreada e gozada. Ri-me muito gostosamente do pavôr que levaram a todo o Olympo governamental, os acontecimentos de 18.

Não sei como não chamaram para soccorrel-o os marinheiros do "Pittsburg"... Não era bem do programma; mas não sahiria da sua orientação.

O que os jornaes disseram, uns de boa fé e outros cavilosamente inspirados, sobre o maximalismo e anarchismo, fez-me lembrar como os romanos resumiam, nos primeiros seculos da nossa era, o christianismo nascente. Os christãos, affirmavam elles categoricamente, devoram creanças e adoram um jumento. Mais ou menos isto, julgaram os senhores do mundo de uma religião que tinha de dominar todo aquelle mundo por elles conhecido e mais uma parte muito maior cuja existencia nem suspeitavam...

O officio que o Sr. Aurelino dirigiu ao Sr. Amaro Cavalcanti, pedindo a dissolução da União G. dos Trabalhadores, é deveras interessante e guardei-o para a minha colleção de cousas raras.

Gostava muito do Sr. Aurelino Leal, pois me pareceu sempre que tinha horror ás violencias e arbitrariedades da tradição do nosso Santo-officio policial.

Quando a "Gazeta de Noticias" andou dizendo que S. S. cultivava amoricos pelas bandas da Tijuca, ainda mais gostei do Dr. Aurelino.

Lembrei-me até de uma fantasia de Daudet que vem nas "Lettres de mon moulin". Recordo-a.

Um sub-prefeito francez, em carruagem official, todo agaloado, ia, num dia de forte calor, inaugurar um comicio agricola. Até ali não tinha conseguido compôr o discurso e não havia meio de fazer-o. Ao vêr, na margem da estrada, um bosque de pinheiros, imaginou que á sombra delles a inspiração lhe viesse mais promptamente e para lá foi. As aves e as flores, logo que elle começou — "minhas senhoras, meus senhores" — acharam a cousa hedionda, protestaram; e, quando os seus serviçaes vieram a encontral-o, deram com o sublime sub-prefeito, sem casaca agaloada, sem chapéo armado, deitado na relva, a fazer versos. Deviam ser bons...

Mas, o Sr. Aurelino, que ia fazer versos ou cousa parecida, no lago das Fadas, no Excelsior, na gruta Paulo e Virginia, lá na maravilhosa floresta da Tijuca, deu agora para Fouché caviloso, para

Pina Manique ultramontano do Estado, para Trepoff, para Inquisidor do candomblé republicano, não hesitando em cercear a liberdade de pensamento e o direito de reunião, etc. Tudo isto me fez cahir a alma aos pés e fiquei triste com essa transformação do actual chefe de policia, tanto mais que o meu officio não está com a verdade, ao affirmar que o maximalismo não tem “uma organização de governo”. Não é exacto. O que é Lenine? O que são os “soviets”? Quem é Trotsky? Não é este alguma cousa ministro como aqui foi Rio Branco, com menos poder do que o Barão, que fazia o que queria?

Responda, agora, se ha ou não organização de governo, na Russia de Lenine. Se é por isso só que implica com o bolshevismo...

Esse odio ao maximalismo russo que a covardia burguezia tem, na sombra, propagado pelo mundo; essa burguezia cruel e sem coragem, que se embosca atraz de leis, feitas sob a sua inspiração e como capitulação deante do poder do seu dinheiro; essa burguezia vulpina que appella para a violencia pelos seus órgãos mais conspicios, detestando o maximalismo moscovita, deseja implantar o “trepoffismo”, tambem moscovita, como razão de Estado; esse odio — dizia — não se deve aninhar no coração dos que têm meditado sobre a marcha das sociedades humanas. A teimosia dos burguezes só fará adiar a convulsão que será então peor; e elles se lembrem, quando mandam cavilosamente attribuir propositos iniquos aos seus inimigos, pelos jornaes irresponsaveis; lembrem-se que, se dominam até hoje a sociedade, é á custa de muito sangue da nobreza que escorreu da guilhotina, em 93, na praça da Greve, em Paris. Atirem a primeira pedra...

Lembro-lhes ainda que, se o maximalismo é russo, se o “trepoffismo” é russo, — Vera Zawlitih tambem é russa...

Agora, vou lêr um outro jornal... E' o “O Paiz”, de 22, que vae me dar grande prazer com o seu substancioso “leading-article”, bem recheiado de uma saborosa sociologia de “revistas”.

Não ha nada como a leitura de “revues” ou de “reviews”. Vou mostrar por que. Lê-se, por exemplo, o n. 23 da “Revue Philosophique”, é-se logo pragmatista; mas dentro de poucos dias, pega-se no fasciculo 14 da “Fortnightly Review”, muda-se num instante para o spencerismo.

De modo que uma tal leitura, quer se trate de sociologia, de philosophia, de politica, de finanças dá uma sabedoria muito propria a quem quer sincera e sábiamente ter todas as opiniões oportunas.

O artigo de fundo do “O Paiz” que citei, fez-me demorar a attenção sobre varios pontos seus que me suggeriram algumas observações.

O articulista diz que a plébe russa estava deteriorada pela “voldka” (aguardente) e as altas classes debilitadas por uma cultura intellectual refinada, por isso o maximalismo obteve vantagens no ex-Imperio dos Tzares. Nós, porém, brasileiros, continúa o jornalista, somos mais sadios, mais equilibrados e as nossas (isto elle não disse) altas classes não tem nenhum refinamento intellectual.

O sabio plumitivo, ao affirmar essas cousas de “voldka”, de “sadio”, de “equilibrado”, a nosso respeito esqueceu-se que a nosa gente humilde, e mesmo a que não o é totalmente, usa e abusa da “cachaça”, aguardente de canna (explico isto porque talvez elle não saiba), a que é arrastada, já por vicio, já pelo desespero da miseria em que vive graças á ganancia, á falta de cavalheirismo e sentimento de solidariedade humana do nosso fazendeiro, do usineiro e, sobretudo, do poder occulto desse esoterico Centro Industrial e da demosthenica Associação Commercial, tigres acorados nos juncaes, á espera das victimas para sangral-as e beber-lhes o sangue quente. Esqueceu-se ainda mais das epidemias de loucura ou melhor das manifestações de loucura collectiva (Canudos, na Bahia; “Mukers”, no Rio Grande do Sul, etc.); esqueceu-se tambem do Sr. Dr. Miguel Pereira (“O Brasil é um vasto hospital”).

Esquecendo-se dessas cousas comestivas que são do conhecimento de todos, não é de espantar que affirme ser o anarchismo os ultimos vestigios da philosophia (não ponho a chapa que lá está) do “Contracto Social” de Rousseau.

Pobre Jean-Jacques! Anarchista! Mais esta, hein, meu velho?

Mais adiante, topei com esta phrase que fulmina o maximalismo, o anarchismo, o socialismo, como um raio de Zeuz Olympico: “na placidez esteril do “nirvana” da preguiça universal”.

Creio que foi Taine quem, num estudo, sobre o budhismo, disse ser difficil á nossa intelligencia occidental bem apprehender o que seja “nirvana”. Está-se vendo que o incomparavel critico francez tinha bastante razão...

O profundo articulista acoima de velharias as theorias maximalistas e anarchistas, ás quaes oppõe, como novidade, a surgir do termino da guerra, um nietzschismo, para uso dos açambarcadores de tecidos, de assucar, de carne secca, de feijão, etc. Não trepida, animado pelo seu recente superhumanismo, de chamar de effeminadas as doutrinas dos seus adversários, que vêm para a rua jogar a vida e, se presos, soffrer sabe Deus o que. Os cautelosos sujeitos que, nestes quatro annos de guerra, graças a manobras indecorosas e inhumanas, ganharam mais do que esperavam em vinte, estes é que devem ser viris como os tigres, como as hyenas e como os chacaes. Eu me lembrei de escrever-lhes as vidas, de comparal-as, de fazer com tudo isso uma especie de Plutarcho, já que não posso organizar um jardim zoologico especial com taes feras, bem encarceradas em jaulas bem fortes.

Vou acabar, porque pretendo iniciar o meu Plutarcho; mas, ao despedir-me, não posso deixar de ainda lamentar a falta de memoria do articulista do “O Paiz” quando se refere á idade de suas theorias. Devia estar lembrado que Nietzsche deixou de escrever em 1881 ou 82; portanto, ha quasi quarenta annos; enlouqueceu totalmente, tristemente, em 1889; e veio a morrer, se não me falha a memoria, em 1897 — por ahi assim.

As suas obras, as ultimas, têm pelo menos quarenta annos ou foram pensadas ha quarenta annos. Não são, para que digamos, lá muito “vient de paraître”. Serão muito pouco mais moças do

que as que inspiram os revolucionarios russos... Demais, o que prova a edade de uma obra quanto á verdade ou á mentira que ella pode encerrar? Nada.

Compete-me dizer afinal ao festejado articulista que o Zarathrusta do Nietzsche dizia que o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-humano — uma corda sobre um abysmo. Perigoso era atravessal-a; perigoso, ficar no caminho; perigoso, olhar para traz. Cito de cór, mas creio que sem falsear o pensamento.

Tome, pois, o senhor jornalista cuidado com o seu nitzschismo de ultima hora, a serviço desses nossos grotescos super-homens da politica, da finança e da industria; e não lhe vá acontecer o que se passou com aquelle sujeito que logo aprendeu a correr em bicycletta, mas não sabia saltar. E — note bem — elle não corria ou pedalava em cima de uma corda estendida sobre um abysmo...

E' o que ousou lembrar-lhe desta minha cèlla ou quarto de hospital, onde passaria toda minha vida, se não fossem os horrorosos pardaes e se o horizonte que eu diviso, fosse mais garrido ou imponente.

Carta aberta

Exmo. Sr. Conselheiro Rodrigues Alves ou quem suas vezes fizer, na Presidencia da Republica.

Quizera bem, Exmo. Sr., que esta fosse de facto lida por V. Ex., Conselheiro do ex-Imperio do Brasil, ex-presidente de provincia do mesmo Imperio, ex-ministro de Estado da Republica dos Estados Unidos do Brasil, ex-presidente de Estado Federado da mesma Republica, ex-presidente dessa Republica, etc., etc. Os Deuses cumularam V. Ex. de felicidades e a minha esperanza é que V. Ex. se lembre desse dom extraordinario que delles recebeu, para impedir que o poder publico se transforme em verdugo dos humildes e desprotegidos.

Tendo exercido tão altos cargos de governo, além dos legislativos que não citei, tanto no actual regimen como no passado; sendo avançado em annos, é de esperar que V. Ex. esteja agora possuido de um sabio scepticismo no que toca á apreciação dos homens e dos regimen politicos e que essa flôr maravilhosa de bondade e piedade, pelos erros de todos nós, tenha desabrochado no coração de V. Ex. e sempre adorne imarcessivelmente os actos e os julgamentos de V. Ex.

Não é, portanto, "chapa" manifestar eu aqui o meu desejo de que esta encontre V. Ex. no gozo da mais perfeita saude em companhia da Exma. familia, mas... no Cattete.

Não ha nisso, Exmo. Sr., nenhum desdem, nem malquerença com Guaratinguetá; mas concordará V. Ex. que esta nossa Republica que se está fazendo tão burguezmente aristocratica não póde permittir que a sua capital seja uma pequena cidade do interior, certamente pittoresca, mas demasiadamente modesta para tão alto destino.

Supponho até que ha por ahi, Exmo. Sr. Presidente eleito, muitos condes ecclesiasticos e Rockfellers das tarifas alfandegarias, muitos descendentes dos cruzados, que não estão contentes com a cidade do Rio de Janeiro, para capital do Brasil. Acham-na totalmente impropria e indigna de tal funcção.

Na sua peculiar concepção ultra-moderna e super-humana da vida, em que tudo é dinheiro, tende para elle e se resolve com elle; em que o amor é dinheiro e dinheiro é amizade, lealdade, patriotismo,

saber, honestidade; taes cavalheiros, dizia eu, Exmo. Sr., pensaram ultimamente em alugar, arrendar ou mesmo comprar uma cidade bem "chic", bem catita, para capital desse feudo brasileiro, cujos habitantes miseraveis elles explorariam de longe com corvéas, banalidades, gabelas e outros impostos e dizimos baptisados com nomes modernos e canalizados para as suas algibeiras por meios habeis. Escusado será dizer a V. Ex. que o aluguel, o arrendamento ou a compra da cidade em condições seria realisada com o dinheiro do paiz.

Não me parece que V. Ex. tenha tão ingrato pensamento em relação á nossa patria; mas V. Ex. deve deixar Guaratinguetá e vir para o Rio, onde ha muita cousa para V. Ex. vêr e distrair-se com o procurar remedio para sanar as que forem maleficas.

Cochicham por ahi que as nossas finanças vão mal; que a nossa situação internacional é melindrosa; que precisamos tratar energeticamente do nosso surto economico, etc., etc.

Ouçõ falar baixinho de tudo isto; mas não vejo ninguem referir-se ao mal profundo que nos corrõe. Corroe-nos, Exmo. Sr. Conselheiro, um pendor mal disfarçado para o despotismo da burguezia enriquecida com a guerra, por todos os meios licitos e illiticos, honestos e immoraes, de mãos dadas com as autoridades publicas e os representantes do povo.

Não são mais os militares que aspiram a dictadura ou a exercem. São os argentarios de todos os matizes, banqueiros, especuladores da bolsa, fabricantes de tecidos, etc., que, pouco a pouco, a vão exercendo, coagindo, por esta ou aquella forma, os poderes publicos, a satisfazer todos os seus interesses, sem consultar o da população e os dos seus operarios e empregados. V. Ex., já pela sua idade, já pelos seus conhecimentos, já pela experiencia que deve ter de semelhante gente, certamente, mesmo estando longe, tem observado e registrado tão anomalo factõ. O Centro Industrial, por exemplo, o esoterico e kabalístico Centro Industrial, realisa sessões secretissimas, cujas actas são assignadas, não por individuos, mas por firmas de institutos, de sociedades industriaes, e expede intimações ao governo que, deante dellas, estremece. A Associação Commercial, graças á vaidade de alguns dos seus directores, aos quaes as glorias de Demosthenes e de Cicero não deixam dormir, não se esconde no mysterio. Fala alto e grosso e intimida o governo com ameaça de represalias da honra da classe commercial.

Desde Fénelon, ha quasi tres seculos, que sabemos, pelo seu "Discours sur l'inégalité des conditions" que "les riches ne sont que les depositaires des possessions qu'appartiennent á tout le genre humain".

Não parece a V. Ex. que os nossos homens de Estado deviam saber isto e o mais que se segue, affirmando por completo o pensamento do arcebispo de Cambrai, para não satisfazer as exigencias corsarianas que, em nome de uma concepção cannibal de propriedade, lhes vão fazendo os argentarios, os industriaes e os atra-

vessadores de mercadorias de primeira necessidade, em detrimento de todos ?

Para mais tarde, ficará a explanação do que acima fica dito. Certamente para breve, mas após a explicação, pois a espero, do articulista do "O Paiz", de 22 do passado, que accusou Rousseau de anarchista. Aguardo-a, e, se ella não vier, eu terei que explicar por que extranhei tal cousa. Isto, porém, não interessava V. Ex. e trato de continuar as considerações que vinha fazendo.

Não é, Exmo. Sr. Dr. Rodrigues Alves, que o Zé Bezerra, o Cazuzá lá do Cabo, deu em berrar aos ouvidos do governo que é productor e, por isso, quer tal ou qual medida? Appello para a idade de V. Ex., Sr. presidente eleito: algum dia V. Ex. ouviu dizer que Zé Bezerra produzisse alguma cousa? Só se fossem batatas e, assim mesmo, não seria elle só. Havia de haver algum christão que o auxiliasse, pois o coronel Cazuzá é absolutamente estéril.

Não foi á toa que Spencer, nos seus "Factos e Commentarios", disse que detestava essa concepção de progresso que tem como objectivo o crescimento da população, o augmento da riqueza, a expansão commercial. Só dominando uma tal concepção, é que se podia vêr com influencia, poder e attitude de legislador um Zé Bezerra e outros que tal. V. Ex. ha de perdoar-me taes expansões, mas os factos subseqüentes aos acontecimentos de 18 do mez passado trouxeram-me tanto fél á alma que, mesmo dirigindo-me á pessoa tão respeitavel como V. Ex., eu contenho a minha indignação a muito custo.

Não espere V. Ex. que eu venha aqui discutir maximalismo ou anarchismo. Além de ser fóra de propositos, seria indelicado fazel-o com V. Ex.

Quero tambem chamar a attenção de V. Ex. para o modo de proceder da nossa alta policia, pois só me referirei a ella, no curso desta missiva, porquanto, Exmo. Sr., a pequena, a dos humildes guardas, etc., é envenenada, é mal educada pelo proceder de seus chefes prepotentes, ou que se julgam omnipotentes.

Depois do motim de 18, ingenuo que foi, por assim dizer, o gabinete do chefe de policia se encarregou de mandar publicar nos jornaes, como sendo propositos, objectivos dos rebellados, as mais torpes invenções ou as mais estupidas que a imaginação dos seus auxiliares creava. A ligeireza proverbial dos nossos grandes jornaes, quasi todos, por isso ou aquillo, gratos aos grandes burguezes, não as examinou detidamente e espalhou-as aos quatro ventos, servindo as folhas volantes, algumas de boa fé e outras consciencientemente, aos intuitos cavilosos da alta administração policial que procurava tornar antipathica a causa dos operarios aos olhos da população. Não é só isso. As chronicas e artigos que appareceram, dias depois, obedeciam todos a um mesmo schema.

Por essa época, li diversos jornaes e verifiquei tal facto. O artigo de fundo do "O Paiz" de 22 é traçado no mesmo plano que vae seguir a chronica de Miguel Mello, na "Gazeta", a 25; o artigo de Antonio Torres, na mesma "Gazeta", um ou dous dias

depois, caminha nas pégadas do daquelle ultimo; o do Sr. Leão Velloso, no "Correio da Manhã", não se afasta muito da inspiração dos tres primeiros...

Se o chefe de policia, acredite V. Ex., tivesse expedido uma circular a tal respeito, em papel de sua repartição, a obra sairia mais igual, tão sómente isso, porque os artigos todos, se não são eguaes são parecidos. Os pontos capitaes em que se tocam podem ser reduzidos a quatro:

a) Acoimam de estrangeiros os agitadores, que exploram a boa fé dos operarios brasileiros, á custa dos quaes vivem sem trabalhar;

b) Debocham, com a Sciencia do Bom Homem Ricardo e a profundeza dos julgamentos de Sancho Pança, na ilha de Barataria, as doutrinas e idéas dos amotinados, das quaes os autores dos artigos só têm conhecimento pela versão cavilosa dos poderes policiaes;

c) Exaltam a doçura, a resignação e o patriotismo do operario brasileiro;

d) Admittem que os operarios têm motivos de queixa, mas que, em vez de fazerem disturbios, devem esperar serenamente a acção governamental: Codigo de Trabalho, etc., etc.

Ao apreciar taes artigos da forma acima, não quero absolutamente, mesmo em se tratando do "O Paiz", dar a entender que elles hajam obedecido a impulsos suspeitos, e partidos de uma mesma origem, para se apresentarem assim, aos nossos olhos, com um tão flagrante parentesco. Entre os signatarios delles, conheço bem dous e sobre a honestidade de ambos faço o melhor juizo; e dos dous artigos restantes, um não tem assignatura, o do "O Paiz", o que não acontece com o do "Correio da Manhã", não tendo tambem motivo algum para suspeitar da sinceridade dos seus autores.

Atribuo essa semelhança fortuita a outras causas. V. Ex. ha de me permittir que faça uma pequena digressão.

Além da educação de todos elles, além do misonismo fatal e necessario aos jornalistas dos grandes jornaes, ha, para determinar esse uniforme julgamento delles sobre a agitação dos operarios e as theorias que os animaram, o que se póde chamar a ambiencia mental da imprensa periodica. Ella é feita com o desconhecimento total do que se passa fóra da sua roda, um pouco da politica e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo mal disfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuaes, e pelo que póde haver de intelligencia naquelles que as exercem. Junte-se a isto uma admiração estulta pelos sujeitos premiados, agaloados, condecorados, titulados e as opiniões delles; considere-se ainda as insinuações cavilosas dos espertalhões interessados nisto ou naquillo, que cercam os homens de jornaes de falsos carinhos e instillam no seu espirito o que convém ás suas transacções; leve-se em conta ainda mais que todo o plumitivo tem amor á pilheria e não perde vasa para fazel-a, mesmo que seja injusta; e, por fim, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são elles chamados a avançar julgamentos precipitados, impro-

visados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos. Tudo isto e mais alguns outros aspectos peculiares á vida jornalística formam o que se pode chamar, e eu chamarei, a ambiencia intellectual da imprensa quotidiana.

Para os homens de jornal, as nossas idéas de estado, de direito e propriedade são intangíveis; promanam directamente de Deus e são inabaláveis. Por defficiencia de leitura, de meditação, de reflexão, Exmo. Sr. Conselheiro, em geral, os jornalistas não percebem que, no correr das edades, nesta ou naquella parte da Terra, devido a estes ou áquelles factores, taes idéas se têm revestido de diversos aspectos e formas varias e nada nos garante que as que temos nós actualmente não possam ser modificadas, desde que o seu uso ou abuso venha a mostrar, como está acontecendo, que, longe de serem uteis, são nocivas e prejudiciaes á humanidade.

Se os homens de jornal não se deixassem envaidecer com a sua situação pessoal, procurasse reagir contra a ambiencia mental da profissão e tivessem estudado um pouco dessas questões sociaes que ha tanto tempo estão na ordem do dia e preocupam todas as intelligencias e os curiosos de cousas espirituaes, não enguliriam os carrapetões da policia e sobre elles não bordariam os seus artigos e chronicas. Talvez não fosse preciso tanto. Bastava que interrogassem habilmente os seus collegas de reportagem policial, para saber qual o espirito que domina os magnatas da tenebrosa repartição da rua dos Invalidos.

A grande preocupação dos delegados e mais graudos policiaes é “mostrar serviço ao chefe” e a grande preocupação do chefe é “mostrar serviço” ao ministro e ao presidente da Republica. Isto, tanto no que toca áquelles como a este, sem olhar obstaculos, abafando todos os escrupulos de consciencia, seja como fôr, soffra quem soffrer.

Ha uma anecdota que bem exprime essa feição mental dos nossos delegados. Peço licença a V. Ex. para contal-a.

O bacharel A. P., ha annos, era delegado de uma das nossas circumscripções policiaes. Certo dia, chega á Delegacia e pergunta logo, ao commissario:

— Mathias, quantos presos estão no xadrez?

— Nenhum, doutor.

Ao receber semelhante resposta, o delegado ficou indignado e poz-se a esbravejar:

— Como? Nenhum? Que relaxamento é este, seu Mathias?

— Mas, doutor...

— Não tem “mas”, não tem nada! Busca ahi duas praças e vae arranjar-me pelo menos um preso... E’ preciso! Se o chefe souber que o xadrez está vasio, o que dirá de mim? Vae...

Esclarecido assim V. Ex. sobre a feição psychologica especial á nossa alta policia, pedia eu a V. Ex. que voltasse as vistas para as centenas de pessoas que o Sr. Aurelino anda arrebanhando para os seus carceres, sob o pretexto de serem anarchistas e conspiradores, accusações que elle não baseia em documento algum, pretendendo, entretanto, atiral-os para Fernando de Noro-

nha ou outro qualquer desterro. Não preciso lembrar a V. Ex. que ser anarchista, ter opiniões anarchistas, não é crime algum. A Republica admite a maxima liberdade de pensamento; e, desde que o anarchista seja pegado jogando bombas, dando tiros de revolver, perturbando a ordem, cõe no dominio do Codigo Penal, já não é anarchista que a policia tem nas mãos, com o qual ella nada tem a vêr; é o malfeitor, o desordeiro, o sedicioso, para quem, neste paiz com tantas faculdades de direito e tantos jurisconsultos á matroca, as leis devem comminar penalidades, á vista das provas do crime e depois de julgamento regular. Assim sendo, esperava que o prestigio de V. Ex. agisse de tal forma que, estrangeiros e nacionaes, anarchistas ou não anarchistas, mandantes e mandatarios, os responsaveis pelos delictos ou crimes do dia 18 de novembro sejam processados regularmente, com os mais amplos meios de defesa, cabendo sómente á policia apresentar os documentos que possui contra elles e não, como ella quer, julgal-os sem defesa e condemnal-os em segredo, para o que lhe falta competencia legal e é perfeitamente impropria.

V. Ex. vem pela segunda vez presidir os destinos do Brasil; V. Ex. tem experiencia e traquejo de governo; e não deve, creio eu, consentir que empane a longa vida publica de V. Ex., a repetição das scenas dantescas do "Satellite", das deportações para os pantanaes do Acre, dos tormentos nas masmorras da ilha das Cobras e de outros factos assás republicanos.

Fico perfeitamente crente de que V. Ex. não quererá que a Republica do Brasil venha substituir no mundo a autocracia russa, com a sua Siberia e os seus hediondos Trepoffs. Assim seja. Sou de V. Ex. concidadão obediente e respeitador.

Não valia a pena

Obrigado pelo meu estado de saúde a viver recluso, durante um mez e tanto — prazo que ainda não terminou — substitui a agitação inutil de trocar pernas na cidade, conversar aqui e ali, dizer tolices e ouvir tolices, pela leitura de alguns livros aproveitáveis e, quando a fadiga me vem, pela dos jornaes de cabo a rabo.

Alheio completamente ao que se chama “sport” esse “sport” profissional domingueiro, com feitiços de penalidade imposta, até então bem pouco tinha notado a importancia que os jornaes lhe dão. Verifiquei agora, por lê-los mais detidamente, que todos elles consagram columnas e columnas a chronicas, noticias biographicas, emfim, a cousas e acontecimentos referentes aos jogos de bola e a corridas de cavallos.

A “Gazeta de Noticias” que acabo de ler esta manhã traz cerca de duas columnas para noticiar uma corrida no Derby-Club. As noticias dos pareos, comquanto não sejam das mais typicas, são feitas num altismante estylo homerico, no da Illiada de Bitaubé. Já tinha notado que não ha meio de convencer-se um chronista sportivo, de que, no Derby ou no Jockey, tem deante de si cavallos e eguas enfreados e não está contemplando combates singulares entre heroes como Achilles e Heitor. Por não haver meio de levar-lhe ao espirito essa convicção, é que o plunitivo dos prados guinda-se no estylo e transforma cada corrida que assiste em uma guerra de Troya. A casa das pules é Helena.

Vejam só este trecho: “Em bello estylo e fazendo lembrar os seus feitos memoraveis, o velho Sultão triumphou no 5º pareo, conduzido por E. Rodriguez. O defensor da jaqueta rosa e preta partiu, etc., etc.”

Ainda ahi entende-se o que o homem quer dizer; mas é de se ficar completamente tonto quando se encontra um pedaço de prosa como este: “...tropeçando, jogou por terra o seu piloto, deixando assim o campo livre ao filho de Bayard que mais não teve que dominar Desengano que fazia o “train”, para vencer facilmente por dous corpos”.

Imagino um assignante da “Gazeta”, por exemplo, de Itajubá, por cuja assignatura annual pagou trinta mil réis. Afim de não perder nem um vintem do dinheiro que empregou, o paciente ita-

jubense lê o jornal todinho, do começo ao fim. O nosso homem como eu, nunca foi a uma corrida de cavallos ou assistiu uma partida de "football".

Calcule que tratos na bola elle não dará para saber quem é o "filho de Bayard", o que é "fazer o train", o que é "ganhar por tres corpos", o que é "placé por paleta" e outros modismos da epopéa cavallina que o seu jornal desenvolve.

Cansado de procurar decifrar essa linguagem ultra-épica digna das proezas de potros e potrancas, o simplicio mineiro concluirá que foi um tanto roubado no dinheiro que deu para saber novas do Rio e ler cousas amenas.

Não é só sobre corridas de ginetes adextrados que o jornal em questão se espraia. O "football" tem as honras de quatro columnas e de dous "clichés" que exigem a maxima boa vontade para se saber o que exprimem.

O estylo das noticias e a sua linguagem pouco differem das que relatam as proezas do esforçado "Sultão", da abnegada "Faisca" e outros heroes de quatro patas.

Notem com cuidado na sua carteira de apontamentos este pedacinho: "Vibrante entusiasmo da assistencia corôa o feito do magnifico forward".

Ahi, batuta! Salta um Camões, para elle!

Ponham tambem no canhenho mais este outro: "Quasi a seguir Petiot recebe um centro de Vadinho, escorando a pelota e aninhando-a nas rêdes guardadas pelo arqueiro Mattos."

Ao ler tal trecho é bem de esperar que o simplicio patricio do Sr. Wencesláo fique doido de todo! Teimou em decifral-o — foi isto!

Agora meus caros leitores, vejam de que forma vehemente o chronista sportivo de outro jornal de hoje, o "Correio da Manhã", refere-se a "tres jogadores reincidentes, suspensos pela directoria da Liga Metropolitana pelo resto da temporada.

Esse descaso pela decisão de um dos poderes competentes da nossa instituição de sports terrestres; essa tremenda offensa ao cumprimento da lei; essa demonstraçãb revoltante de maximalismo está a exigir da parte da Metropolitana providencias, as mais energicas, afim de se pôr cobro de uma vez para sempre com tamanhos gestos de anarchismo."

O jornalista, com palavras tão indignadas e apaixonadas, falando de anarchismo e maximalismo, acaba pondo os pobres rapazes em mãos lenções com o Sr. Aurelino. Está ahi em que deu o amor delles pelo bolapé e a teima de jogar quando a Liga não queria! Anarchistas! Livra!

Deixando, porém, de rir para considerar de outra maneira mais reflectida essas manifestações apavorantes de culto á força bruta, acudiram-me ao espirito as considerações que Spencer faz, nos seus "Factos e Commentarios", sobre o apreço excepcional que, nos seus ultimos annos de vida, se dava aos "sports" na Inglaterra.

No generalizado amor exaltado, exaggerado, a esses especta-

culos violentos, brutaes, simuladores de combates guerreiros, procurando mesmo alguns a exhibição de sangue, de soffrimentos, de tormentos physicos, de dores em outras vidas, homens ou animaes, encontrava o grande pensador um dos symptomas da nossa regressão á barbaria, pois todos os prazeres, obtidos á custa de scenas tão crueis, determinavam e denunciavam nos espectadores um dessecamento da sympathia.

Tinha toda a razão o philosopho, pois não se póde acreditar que quem vae a taes diversões por gosto tenha em mente melhorar no seu coração os sentimentos de bondade, de caridade, de affeição e piedade, ou procurar uma emoção de arte e de belleza.

E, se os jornaes não trepidam em empregar uma pagina das suas edições, com as banaes e broncas cousas de jogos de bola e corridas de cavallos, escripta, quasi toda ella, em uma linguagem só accessivel aos iniciados, é porque estes são muitos e procuram nas folhas noticias de taes acontecimentos, dando-lhes renda.

O numero da "Gazeta" de que me servi, ao acaso, tem seis paginas, das quaes mais ou menos duas são de annuncios, restando, portanto, quatro que são occupadas com noticias de policia e outras, inclusive as de sport, artigos — materia de redacção, como chamam os profissionaes.

Tendo cada pagina oito columnas e empregando o redactor seis com as suas novidades sportivas, segue-se que, para a materia propria a um jornal, só ficam tres paginas.

Nessas tres, só ha, além do artigo de fundo, um outro que possa interessar um leitor de certa ordem: é uma chronica de Antonio Torres, uma columna e meia de extensão.

Se esse jornal, para attrahir leitores, não appella para o que a arte de escrever tenha de espirital, de cerebral e possa ser admittido na imprensa diaria, soccorrendo-se, de preferencia, das historias de torneios hippicos e das sobrehumanas façanhas do "football", é isto de fazer crer que estamos tambem sendo invadidos por aquelle estado de espirito, caracteristico do retrocesso para a barbaria, muito semelhante áquelle que permittiu apparecer no "Times", de Londres, uma recommendação da candidatura de um "sir" Foster ao Parlamento da Inglaterra, como representante da Universidade daquella capital, visto ser o mesmo "baronet" um notavel campeão de "cricket". Conta isto Spencer no livro citado, se não me falha a memoria.

Todos que têm assistido essas nossas partidas de "football", informam-me que ellas não têm absolutamente o aspecto de divertimentos innocentes. Ao contrario: revestem-se de uma physionomia feroz de briga, de rixa, de combate a valer entre os contendores, e os espectadores acompanham as peripecias do jogo com vaias e chufas, com aclamações e palmas, conforme o seu partido respectivo está perdendo ou ganhando. A's vezes, ha pugilatos e, em outras, são respondidas as chufas e vaias com gestos e palavras pouco protocollares.

Desse sopro de briga e barulho que anima taes apostas, não escapam as mulheres e moças, sobretudo estas, que as assistem. Pa-

rece que vêm naquelles guerreiros de ponta-pés, naquelles Achil-
les de domingo, o seu ideal humano. Minerva e Venus modernisa-
ram-se; e os gregos e troyanos tambem. Será de lastimar?

Spencer accusava a literatura, o jornalismo e a arte de con-
correrem para essa volta á barbaria. No tocante á Inglaterra pôde
ser que elle tenha razão quanto á literatura e á arte; estas acti-
vidades espirituaes, porém, e sobretudo a ultima, pouca ou nenhu-
ma influencia têm os nossos costumes. O jornalismo, entretanto,
tem culpa no cartorio; e, se essa veneração pela força vier a arras-
tar-nos a algum desastre, pôde elle ser accusado como um dos cau-
sadores, na propagação que faz, sob a forma de aphorismos, á pri-
meira vista, indiscutíveis, das vantagens da exaggerada cultura
physica, além de ensoberbar rapazes pouco experientes com retra-
tos, biographias, epitaphios, etc., como se taes campeões sportivos
fossem, de facto, benemeritos da patria e da humanidade.

Não quero analysar todas as consequencias desse proceder dos
jornaes; mas o que se nota logo é que elle leva ao espirito dos mo-
ços dos "sports" uma arrogancia, um sentimento desarrazoado dos
seus merecimentos proprios, um desprezo pelas altas manifestações
da intelligencia, quando não uma característica tendencia sempre
prompta para resolver tudo pela violencia, a "muque".

Essa devoção pela brutalidade não só se manifesta na propa-
gação contagiosa dos "sports" violentos. De uns tempos a esta
parte, observo que alguns jornaes desta cidade, clara ou disfarça-
damente, fazem apologia della e da violencia, para obtermos a nos-
sa prosperidade a afastarmos os obices que, no julgar de taes so-
ciologos de ultima hora, a entravam.

As nossas leis são acoimadas de muito liberaes; os processos
legaes e humanos de julgar são taxados de protectores dos crimi-
nosos e dos inimigos da ordem social; os deveres impostos pela
solidariedade humana, os sentimentos de comiseração e piedade
pelas dôres dos outros e pelos opprimidos constituem aos olhos
dos pensadores de artigos de fundo os ultimos vestigios de uma
philosophia sentimental e chorosa.

Devemos, pontificam elles, cultivar um ideal novo (?), de
força, de acção, cheio de ambições, rico de instinctos robustos da
expansão e do dominio... Pobre Brasil... E' a rã querendo che-
gar a boi!

Um allemão, estou bem certo, antes deste anno de graça de
1918, o anno do implacavel armisticio dos alliados, não falaria de
outra maneira, pois é sabido que sempre elles, os allemães, não pre-
garam outra cousa á massa dos seus patricios, nas suas escolas,
nas suas egrejas e nos seus quartéis e, de tal forma o fizeram e im-
buiram os seus doceis ouvintes de taes theorias, que foi preciso o
mundo inteiro levantar-se e guerrear até a morte o Imperio Alle-
mão, para anniquillar de vez uma tão perigosa quadrilha de fana-
ticos que ameaçava a liberdade de cada povo e de cada paiz.

Agora, se o mundo fez esse gigantesco esforço que acabamos
de presenciari; se milhões de homens morreram nos campos de ba-
talha; se outros tantos milhões ficaram aleijados; se cidades foram

arrazadas a canhão e pelo fogo; se obras de arte e de utilidade geral foram destruídas; se esse cataclisma, em resumo, foi desencadeado; para que o espirito kaiseriano ou bismarckiano de força, de violência, de domínio viesse por sua vez a imperar tanto na França como na Guatemala, tanto na Inglaterra como no Brasil; enfim, se elle assolou quasi todas as regiões do globo para que as Allemanhas se multiplicassem, é o caso de todos aquelles que se deixaram matar, crentes de que morriam pela civilização, pela liberdade e para esmagar a barbaria teutonica, como gritavam os literatos do patriotismo e os jornalistas do direito, é caso, dizia, de saírem elles dos seus tumulos e não nos deixarem socegar um minuto, perseguindo-nos a todos como furias do Inferno.

Se foi para tal cousa e para enriquecer uma minoria de esportalhões que combatemos aquillo que, a todo o instante, chamavam os jornaes — “a barbaria allemã”, não valia a pena sacrificar tantas vidas e o trabalho proficuo de tantas gerações que nos precederam.

Um officio da A. P. S. A.

Nestes ultimos dias de anno que se vae esvaindo mollemente, torpemente, com a hypocrisia de uns e covardia moral de todos, apesar das solemnes preoccupações politicas annunciadas como existindo, nos jornaes, e proclamadas nos artigos de fundo retumbantemente, como ordens do dia dos generaes Haiti admiradores de Napoleão, não ha, para os tristes, não ha, para os evadidos do suicidio ou escapos á cura da "grippe", não ha para estes como encher a sua existencia vasia, como curar o seu tedio e a sua hypocondria, remedio melhor do que se preocupar com as cousas do "sport" nacional que os jornaes publicam.

A Conferencia da Paz e a nossa embaixada a ella não podem trazer aos homens que se sentem assim a alegria curativa que o Austregesilo aconselhou tão ao alcance de todos, pela "A Noite".

Não ha meio de distrair — estou certo — homens desses com as mezinhas e benzeduras humanitarias do phariseu Wilson e de tiral-os de sua profunda melancolia com outras futilidades semelhantes.

Eu mesmo, que não cheguei, e peço a Deus que não chegue nunca, a tão desesperada disposição mental, pouco me interessam semelhantes assumptos. Leio-os, nos jornaes, por alto e cheio de scepticismo, mas muito pouco risonho.

Não me rio, por exemplo, quando vejo falar nas tenções generosas desse pastor protestante que pontifica de cima de um Capitolio, de segunda mão, nas margens do Potomac, embora me lembre logo, á vista de menção dellas, de que nós, os brasileiros, ainda nos orgulhamos de ter feito guerra para libertar dous ou tres povos. Está isto nos compendios e nos discursos patrioticos.

Generosos como somos, esquecemo-nos altruisticamente de nós mesmos, que, pelas épocas de taes guerras, tinhamos nos ferros da escravidão e sob a nossa bandeira mais de meio milhão de homens. O Brasil tem um coração de bohemio...

Essa abnegação, esse esforço sobre nós mesmos em favor dos outros (Vauvenarges), esse esquecimento das nossas necessidades para attender as dos outros bem poderá nos afigurar, ao lado de Wilson e do seu supimpa Estados Unidos, no *Flos Sanctorum* das nações.

Será difficil obter qualquer especie de distracção nos jornaes,

com as perlengas sobre a Conferencia que os enchem, só lhes deixando espaço largo, para tratar da politica portugueza em estirados artigos, nos quaes o assassinio do Sr. Sidonio Paes sempre arrasta — não atino por que — o recordar o do Sr. D. Carlos I, rei de Portugal, e o do principe, seu filho, Luiz Felipe.

De resto, eu não posso ter a confiança e a esperança que os publicistas officiaes e, officiosos depositam na tal Conferencia.

Na bocca ou na penna delles, sahirá de Versalhes não só a grandeza militar do Brasil, a sua riqueza amoedada, a sua importancia universal, mas, talvez mesmo a extincção das seccas do Ceará.

O que elles não querem, é a paz universal e não sei a causa de semelhante ogeriza.

Tenho a respeito da riqueza que a Conferencia possa trazer ao Brasil, o mesmo julgamento daquelle mendigo inglez que conhecia perfectamente a opulencia do seu paiz, sabiá que o imperio britannico era o mais consideravel da Historia, mas tambem sabia que continuava sem tecto, mal conseguindo diariamente uns vintens — elle, subdito da maior e mais rica potencia de que os homens têm memoria !

Se a leitura dos jornaes, nessas suas partes, assim se comporta no meu espirito e na minha alma, não posso aconselhal-a aos que vêem os seus sonhos morrendo e se enchem de tédio pela vida. Tambem não lhes aconselharia a leitura de obras de qualquer natureza, porque se ellas desorarem um estado d'alma semelhante, são inuteis: é se forem animadas de um contrario, são hostis, aborrecem e trazem odio a taes espiritos combalidos ou saciados.

Como Omar, devem elles queimar as suas bibliothecas, porquanto, quer num, quer noutro caso, não prestam serviço algum, como os livros da de Alexandria a que aquelle chefe arabe mandou atear fogo.

Entretanto, em materia de leitura, a que nos pôde trazer distracção é a de cousas sportivas, sobretudo as de "football".

Sempre ha o que descobrir, por intermedio dos jornaes, nos "sports" athlecticos; é um mundo que se abre inopinadamente aos nossos olhos; são perspectivas inesperadas que vamos descortinando de dia para dia.

Quando um club qualquer inaugura um tanque de natação, e arranja umas crianças para cantar alguma cousa fanhosa, temos o cicerone sportivo, athlectico e gladiador, o Sr. Coelho Netto a nos ensinar que aquella cantoria e aquella piscina são puramente gregas, tem no seio Hercules, e Djanira, tem o Hymetto, tem Olympiadas, tudo aquillo, emfim, que consta do formulario de cousas daquelle Grecia que não tem Aristoteles, nem Themistocles, nem Thales, nem Praxiteles, nem Euripedes, nem Aspasia.

E uma Hellade especialmente fabricada para o gasto caseiro da gente dos "sports" da nossa terra.

Quasi nunca me incommodei com semelhante assumpto athlectico, mas vejo agora que tenho feito mal e aconselho que todos se interessem por elle. Diverte e ensina.

Desprezando esse atletismo dominical, não vira eu como elle tendia para o progresso da Patria, para o rejuvenescimento da nossa juventude que nasce velha, extirpando-lhe d'alma o pessimismo, a melancolia, as perturbações nervosas, fazendo-nós um povo escultural, sadio e alegre, como eram os taes gregos que o Sr. Coelho Netto inventou.

Até bem pouco, a minha attenção só estava voltada para os grandes doentes de corpo e de cabeça, como Pascal, Voltaire, Rousseau e tantos outros; mas, nos dias que correm, considerei que taes personagens, incapazes para o "football" e outros exercicios saudaveis e hellenicos, já pela sua constituição physica vergonhosa, já pela sua organização mental defeituosa, deviam e devem ser sacrificados no nascedouro.

A vida deve pertencer aos fortes e é um erro estarmos protegendo os bois, os carneiros, os perús, enquanto exterminamos os leões e os tigres.

Capacitado disso e de mais outras cousas, transformei todo o meu systema de idéas; e, de desdobraimento em desdobraimento, convenci-me de que não fôra o serviço militar obrigatorio, a faniosa nação armada de Von der Goltz, que trouxera ao mundo essa montruosa guerra de 1914, por todos annunciada como finda.

Essa guerra que se revestiu das classicas ferocidades das guerras de todos os tempos e requintou de maldade com o emprego das invenções e descobertas mais actuaes, feitas geralmente com fins generosos e humanitarios, foi obra dos pacifistas, dos internaciona-listas, dos anarchistas, dos anti-militaristas, dos que não se entregam a "sports".

Errava, portanto, quando tinha para mim que essa atroz carnificina originara-se unicamente da realisação da tal idéa de nação — exercito.

Posta em pratica semelhante concepção, por mais que queiram negar os interessados de boa-fé ou não, surge logo uma casta de sacerdotes egypcios, que são os officiaes, sobretudo os das armas chamadas especiaes, encarregados de manter perpetuamente o fogo sagrado da guerra. Tal gente tem que empregar toda a sua vida em pensar na guerra, em planos, em novos armamentos, em aperfeiçoamentos da machina bellicosa, etc., etc.; e o premio dessa sua gloria só pôde vir da guerra, da grande guerra.

Transmittem o seu sonho guerreiro aos outros officiaes, contamam-os; e, por sua vez, estes ultimos, como instructores, e comandantes de todos os grãos, infeccionam o espirito dos infernos e dos recrutas de dezoito annos, quasi nada na infancia, de opiniões malsãs com o asseverar que o seu paiz é o primeiro do mundo, que está escolhido por Deus para fazer a felicidade do universo; que a guerra é divina, que não pode haver paz na terra, que da guerra nasce a riqueza de um paiz, etc., etc.

Em breve tempo, encontrando um povo docil, crente, activo e paciente, está criado um espirito colectivo no paiz, todo elle inclinado para a guerra e convencido das suas vantagens de toda a ordem.

E, como a idéa tende a transformar-se em acto, uma nação que adquiriu esse alma não se pode resignar a ficar com as armas ensarilhadas.

Quer a guerra, por força, tanto mais que, quando os rapazes, aos vinte annos, deixam a caserna, lá encontram o padre ou o pastor a prégar as mesmas cousas quarteleiras, as revistas populares a abundar nos mesmos conceitos e os "sports" violentos a lhes darem amor pelas cousas que suggerem a guerra.

Pensava assim, mas desde que, ha quasi dous mezes, me entreguei á leitura das noticias de "football" e de outros "sports", vi que laborava em erro.

Todo o meu julgamento era falso, porque eu me tinha posto num ponto de vista humanitario que é absolutamente idiota e effeminado, como me convenci, lendo seguidamente o articulista "ad-hoc" dos artigos de fundo do "O. Paiz" — um homem feroz que escreve com a cimitarra de Gengis-Khan e não monta o cavallo fantástico da Utopia, mas sim aquelle ginete tartaro de Mahomet II que escapou de ir comer a sua ração na basilica de S. Pedro, em Roma.

Além do derivativo, para a monotonia dos meus dias actuaes, que encontrei em tão proficua leitura combinada com as das chronicas de "football", quando as conseguia entender — a meditação sobre ellas levaram-me á intelligencia certeza de que a força do Brasil ha de organizar-se principalmente da cohesão que o "football" vae trazer ás varias partes da federação, unindo os espiritos e as almas num mesmo pensamento e num mesmo anhelos.

Até agora eram o "Malho" e o "Rio Nú" e o Casimiro de Abreu que sommavam as nossas almas dispersas para fazer a da nação. Não havia logarejo da nossa patria em que não chegassem aquellas revistas e não havia villa obscura em que não soubessem as moças uma poesia do infeliz poeta das "Primaveras". Elle tinha chegado, no Brasil, ao apice da gloria que um poeta deve desejar; era recitado, cantado, mesmo sem lhe saberem o nome; tocava todas as almas só pela força do seu estro.

Era isto um mal e é preciso explicar por que.

Quanto ao "Malho", o antigo e o novo, o mal não era grande porquanto elle é patriota, religioso, "retrateiro", e não tem nada de maximalista que possa incommodar o chanfalho do Sr. Aurelino e a prosa renda de bilros do esquecido philosopho Celso Vieira, da Policia. Mas o "Rio Nu ? E o Casimiro, então ? Este era peor do que a "grippe". Enchia com a sua versalhada morbida o paiz de tristeza, de um vago sonho de infelicidade redemptora, de ancias, de amor não correspondido e infecundo e, reflexamente, deprimia-o, tirava-lhe a actividade dominadora e expansionista.

Não era possivel continuar a cousa assim. A Allemanha tinha abandonado os seus poetas nevoentos e sonhadores; e tratara de encher-se de um ideal de força, de expansão e de dominio. E' verdade que fracassou como colonizadora, só se mostrando capaz quando deu cabo dos Herreros; mas só ahi. E' verdade que a matilha internacional em nome de idéas oppostas ás pelo imperio allemão

propagadas, cahiu-lhe em cima e fel-o levar a bréca. As suas idéas, porém, para maior gloria de Deus, passaram para os outros povos vencedores e nós precisamos não ficar atraz. Devemos abandonar os nossos poetas choramingas, para ler as futuras epopéas dos vates do Itamaraty, cantando as façanhas do Zé Bezerra e outros que taes, impressas na typographia dos Salesianos e de outras ordens religiosas, bem inspiradas nos Evangelhos canonicos ou mesmo apocryphos.

E para obter essa transposição profunda do sentir nacional estava naturalmente indicado o "football" e mesmo a nossa expansão pelo estrangeiro afóra, como mostra a Associação Paulista de Sports Athletics (A. P. S. A.) no seu celebre officio á Confederação dos mesmos "sports", publicado no "O Imparcial".

Diz aquella sociedade textualmente, defendendo tres dos seus socios: "Amilcar, Néco e Friendeireich têm sido os defensores das nossas côres (as do Brasil) na Argentina, no Uruguay e ahi, nesta Capital (Rio de Janeiro), sempre que se precisa dos seus valiosos concursos".

Mostra ainda a referida aggremação sportiva que esses tres jogadores são constantemente afastados dos seus empregos, para tomar parte em pugnas de pébolado (V. "Paiz", de 22-12-18 — Reportagens Sportivas), facto que muito lhes prejudica no avanço das carreiras que abraçaram.

Essa obrigação em que está ella de designar quasi sempre ou sempre esses tres "players" não fornece a conclusão de que, apesar de tão generalizado, como dizem estar o "football", não tenham elles substitutos ou equivalentes. Uma conclusão dessas seria illogica, porquanto é fito a propagação do jogo de ponta-pés na bola concorrer para o desenvolvimento physico da nossa raça, o que não se daria, se após tantos annos, o "sport bretão" só tivesse em S. Paulo essas tres figuras obrigadas para os encontros mais importantes.

O desenvolvimento da raça deve ter sido conseguido e com os quinhentos mil habitantes, a linda Paulicéa possuiria certamente muitos outros "footballers" da força daquelles tres. O mesmo, supponho eu, deve se dar com o Rio de Janeiro, quanto "áquelles que perdem no seu interesse, quando concorrem para o triumpho das nossas côres e para os "superavits" do balanço dos grandes jogos".

Tanto por lá, como por aqui, podemos concluir que o desenvolvimento physico da população do paiz se vae generalizando sem que possa causar espanto a existencia de alguns insubstituiveis.

Acredito, por isso digo, "do paiz", que, na Bahia, em Alagoas, em Matto Grosso, em Santa Catharina, seja o "football" intensamente cultivado. E' verdade que ainda não li noticia das apostas entre jogadores daqui e da cidade do Salvador, mas o citado officio faz suspeitar que já tenha havido, pois diz que o "profissionalismo" "começa a irradiar dessa capital para o sul e norte do paiz".

Ha muitas cousas mais a observar e a concluir de tão interessante officio e as conclusões a tirar é que o "football" tem tra-

zido vantagens sociaes, commerciaes, financeiras, politicas, tanto no ponto de vista interno como no externo.

De todo o coração confesso, agora, o meu erro de julgamento sobre tão digno "sport". Houve tempo até que acreditei que elle viesse a causar entre S. Paulo e o Rio de Janeiro uma guerra de secessão brasileira.

Após a leitura do officio em questão, desvaneceram-se essas minhas apprehensões e fiquei convicto de que reina a maxima harmonia entre os paladinos das duas cidades.

Concorrendo, assim, para a cohesão nacional, para um perfeito entrelaçamento da familia brasileira, o jogo de "football", ainda por cima, actua como elemento poderoso da nossa expansão nacional e faz falar do Brasil no estrangeiro.

Se os nossos sabios, os nossos poetas, os nossos artistas não são conhecidos lá fora, entretanto os jogadores de "football" são conhecidos na estranja.

Actualmente, fora dos "grounds", só um brasileiro pode orgulhar-se disso: Ruy Barbosa. E' honroso para o desporto nacional !

28-12-18.

Problema vital

Poucas vezes se ha visto nos meios literarios do Brasil uma estréa como a do Sr. Monteiro Lobato. As aguias provincianas se queixam de que o Rio de Janeiro não lhes dá importancia e que os homens do Rio só se preocupam com coisas do Rio e da gente delle. E' um engano. O Rio de Janeiro é muito fino para não dar importancia a uns sabichões de aldêa que, por terem lido alguns autores, julgam que elle não os lê tambem; mas quando um estudioso, um artista, um escriptor, surja onde elle surgir no Brasil, apparece no Rio, sem esses espinhos de ouriço, todo o carioca independente e autonomo de espirito está disposto a applaudil-o e dar-lhe o apoio da sua admiração. Não se trata aqui da barulheira da imprensa, pois essa não o faz, senão para aquelles que lhe convem, tanto assim que systematicamente esquece autores e nomes que, com os homens della, todo o dia e hora lidam.

O Sr. Monteiro Lobato com o seu livro "Urupês" veio demonstrar isso. Não ha quem não o tenha lido aqui e não ha quem o não admire. Não foi preciso barulho de jornaes para o seu livro ser lido. Ha um contagio para as boas obras que se impõem por sympathia.

O que é de admirar em tal autor e em tal obra, é que ambos tenham surgido em S. Paulo, tão formalista, tão regrado que parecia não admittir nem um nem a outra.

Não digo que, aqui, não haja uma escola delambida de literatura, com uma rhetorica trapalhona de descripções de luares com palavras em "l" "1" e de tardes de trovoadas com vocabulos com "r" "r" dobrados: mas S. Paulo, com as suas elegancias ultra-europeas, parecia-me ter pela literatura, senão o criterio da delambida que acabo de citar, mas um outro mais exaggerado.

O successo de Monteiro Lobato, lá, retumbante e justo, fez-me mudar de opinião.

A sua roça, as suas paisagens não são cousas de moça prendada, de menina de boa familia, de pintura de discipulo ou discipula da Academia Julien; é da grande arte dos nervosos, dos creadores, daquelles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cerebro para o papel ou para a téla. Elle começa com o pincel, pensando em todas as regras do desenho e da pintura, mas bem depressa deixa uma

e outra cousa, pega a espatula, os dedos e tudo o que elle viu e sentiu são de um só jacto, repentinamente, rapidamente.

O seu livro é uma maravilha nesse sentido, mas o é também em outro, quando nos mostra o pensador dos nossos problemas sociaes; quando nos revela, ao pintar a desgraça das nossas gentes roceiras, a sua grande sympathia por ellas. Elle não as embelleza, elle não as falsifica; fal-as tal e qual.

Eu queria muito me alongar sobre este seu livro de contos, "Urupês", mas não posso agora. Dar-me-ia elle motivo para dis-correr sobre o que penso dos problemas sociaes que elle agita; mas, são tantos que me emaranho no meu proprio pensamento e tenho medo de fazer uma cousa confusa, a menos que não faça com pausa e tempo. Vale a pena esperar.

Entretanto, eu não poderia deixar de referir-me ao seu estranho livro, quando me vejo obrigado a dar noticia de um opusculo seu que me enviou. Trata-se do "Problema Vital", uma collecção de artigos, publicados por elle, no "Estado de S. Paulo", referentes á questão do saneamento do interior do Brasil.

Trabalhos de jovens medicos como os Drs. Arthur Neiva, Carlos Chagas, Belisario Penna e outros, vieram demonstrar que a população roceira do nosso paiz era victima desde muito, de varias molestias que a alquebravam physicamente. Todas ellas têm uns nomes rebarbativos que me custam muito a escrever; mas Monteiro Lobato os sabe de cór e salteado, e, como elle, hoje muita gente. Conheci-as, as molestias, pelos seus nomes vulgares; papeira, opilação, febres e o mais difficil que tinha na memoria era — bocio. Isto, porém, não vem ao caso e não é o importante da questão.

Os identificadores de taes endemias julgam ser necessario um trabalho systematico para o saneamento dessas regiões afastadas e não são só estas. Aqui, mesmo, nos arredores do Rio de Janeiro, o Dr. Belisario Penna achou duzentos e cincoenta mil habitantes atacados de maleitas, etc. Residi, durante a minha meninice, e adolescencia, na ilha do Governador, onde meu pae era administrador das Colonias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo que o Dr. Penna tem razão. Lá todos soffriam de febres e logo que fomos, para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, um de cama, tremendo com a sezão e delirando de febre. A mim, foram precisas até injecções de quinineo.

Por esse lado, julgo que elle e os seus auxiliares não falsificam o estado de saude das nossas populações campestres. Têm toda a razão. O que não concordo com elles, é com o remedio que offerecem. Pelo que leio em seus trabalhos, pelo que a minha experiencia pessoal pode me ensinar, me parece que ha mais nisso uma questão de hygiene domiciliar e de regimen alimentar.

A nossa tradicional cabana de sapê e paredes de taipa é condemnada e a alimentação dos roceiros é insufficiente, além do máo vestuario e do abandono do calçado.

A cabana de sapê tem origem muito profundamente no nosso typo de propriedade agricola — a fazenda. Nascida sob o influxo

do regimen do trabalho escravo, ella se vae eternizando, sem se modificar, nas suas linhas geraes. Mesmo, em terras ultimamente desbravadas e servidas por estradas de ferro, como nessa zona da Noroeste, que Monteiro Lobato deve conhecer melhor do que eu, a fazenda é a forma com que surge a propriedade territorial no Brasil. Ella passa de paes a filhos; é vendida integralmente e quasi nunca, ou nunca, se divide. O interesse do seu proprietario é tel-a intacta, para não desvalorisar as suas terras. Deve ter uma parte de mattas virgens, outra parte de capoeira, outra de pastagens, tantos alqueires de café, casa de moradia, de colonos, curraes, etc.

Para isso, todos aquelles aggregados ou cousa que valha, que são admittidos a habitar no latifundio, têm uma posse precaria das terras que usufruem; e, não sei se está isto nas leis, mas nos costumes está, não podem construir casa de telha, para não adquirirem nenhum direito de locação mais estavel.

Onde está o remedio, Monteiro Lobato? Creio que procurar meios e modos de fazer desaparecer a "fazenda".

Não acha? Pelo que li no "Problema Vital", ha Camaras Municipaes paulistas que obrigam os fazendeiros a construir casas de telhas, para os seus colonos e aggregados. Será bom? Examinemos. Os proprietarios de latifundios, tendo mais despesas com os seus miseraveis trabalhadores, esfolarão mais os seus clientes, tirando-lhes ainda mais dos seus miseros salarios do que tiravam antigamente. Onde tal cousa irá repercutir? Na alimentação, no vestuario. Estamos, portanto, na mesma.

Em summa, para não me alongar. O problema, comquanto não se possa desprezar a parte medica propriamente dita, é de natureza economica e social. Precisamos combater o regimen capitalista na agricultura, o latifundio, dividir a propriedade agricola, dar a propriedade da terra ao que effectivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na "Casa Grande" ou no Rio ou em S. Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o "Problema Vital".

Quem será afinal ?

Aposentado como estou, com relações muito tenues com o Estado, sinto-me completamente livre e feliz, podendo falar sem rebouços sobre tudo o que julgar contrario aos interesses do paiz. Os parcos nickeis que a minha aposentadoria rende, dar-me-ão com o que viver, sem ser preciso normalmente escrever pelinescas biographias de figurões, para comprar um par de botinas. Não fóra a grave dôr domestica que me ensombra a existencia, eu me daria por verdadeiramente feliz e sufficientemente experimentado. Tendo passado por diversos meios os mais desconstrados possíveis, eu me julgo conhecedor bastante das coisas deste mundo, para, com os elementos da vida commum, organizar uma outra de meus sonhos, com a qual minore, só no creal-a, a magoa eterna e impagavel que haja talvez em mim e me turve as alegrias intimas.

Esperava desde muitos dias a completa liberdade, de independencia quasi total, para poder dizer da minha pobreza a fraca verdade aos poderosos e ricos que, assim, se fizeram por toda a sorte de maneiras, honestas e dehonestas. Hei de dizer-lhes aos poucos...

Durante os quinze para os dezeséis annos em que guardei as conveniencias da minha situação burocratica, cumpri muito a custo a minha indignação e houve mesmo momentos em que ella, desta ou daquella fórma, arrebentou.

Muitas attitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses phariseus por ahi, vinham do angustioso recalque dos impetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquillo que eu podia dizer totalmente.

De boa ou má fé, estupidamente ou generosamente, aqui e ali, fui tomado ou sou tomado por doido; e a policia, onde abundam os esquiros de varias categorias e ordenados, julgou-se já nas suas attribuições de me classificar como tal. As leis do Brasil são feitas para serem cumpridas...

Comprehendo perfeitamente este estado de espirito policial ou costumeiro, á vista da carestia da vida e da necessidade em que está o literato que quer ter fama, de não dizer nada, andar bem vestido e fazer parte da côrte de algum Cunhãbemba politico. Não sou desse figurino e sei que irrita os altos espiritos dos manequins intellectuaes, quando me vêm o nome com qualquer appellido li-

terario. Adivinho o que elles dizem; e os melhores, os de bofes menos mãos, hão de reflectir assim consigo mesmo:

— Este Barreto é louco! Dizem que escreve alguma coisa engraçada... Por que é que elle não faz como F.? F. era amigo de E. que o metteu na Repartição do Cadastro e, em pouco, foi chefe de secção. E' doido, não ha duvida!

Um pobre diabo, que taes cousas considerou, pensava que *escrever alguma coisa engraçada* é fazer concurso para amanuense, sem saber que isto eu já tinha feito, muito digna e lealmente, quando elle se lembrou piedosamente de mim. Obrigado.

Um outro diria, ao saber da minha situação burocratica:

— Por que o Barreto não entra para um jornal? Elle iria longe, ganharia dinheiro, etc.

Destes e de outros commentarios, cortei uma parte, não por vexame, mas por consideração ao leitor. Não se esqueçam de que tenho para mim que falta confessada é meia falta.

Não se aborreceria com essas considerações a meu respeito se ellas não envolvessem duas cousas: a loucura e a calumnia á literatura.

Não nego que tenha neste ou naquelle momento ou dia, dado signaes de loucura; mas, como eu e mais permanentemente, muitos homens aos quaes nem por sombra me quero comparar, têm dado, o que não obsta de, até hoje ensinarem a todos nós cousas excepcionaes.

Imagino um Pascal sem a sua irmã Mme. Périer, a braços com a psychiatria do Sr. Aurelino, do edificante Celso Vieira, do seu apressado gabinete medico legal, onde iria parar?

Nunca me importei com o emprego em que fui aposentado; mas a minha situação de filho, diante da de meu pai, e o meu cavalheirismo unicamente, porque não tenho nenhuma obrigação legal, pediam-me que me fosse mantendo nelle, para ter *o tal certo* da covardia moral e intellectual da nossa gente, contra a minha propria consciencia.

Tendo provocado todos esses poderosos ou *simile* poderosos que ha em todos os desvãos desta cidade e sendo um pessimo funcionario publico, uma das minhas absorventes cogitações era esperar toda a manhã lêr nos jornaes o decreto da minha demissão. A incerteza alancêa...

Quando pessoas muito chegadas á mim, ao saber, por exemplo, que tinha accusado o gracioso Helio Lobo, de imprimir a sua mofina literatura á custa do Governo, vinham a mim assustadas e diziam: "Você está mexendo com o Helio!... Elle está no gabinete do Presidente... Você está doido! Deixe disso!..." — não imaginam como tal cousa me aborrecia. Que toda a gente dissesse isso, vá! mas, na bocca dos parentes, era de opprimir, mostrando elles desejo de annular-me ou de querer que eu fosse ahi uma especie de *Loulou da Pomerania* nas letras.

Cabe aqui uma observação: o povo do Brasil tem a concepção de que os poderosos são governados pelas suas proprias vontades, dahi talvez a tendencia delles em ter em pouca conta as

disposições de lei. A gente meúda do Brasil admite tacitamente o sultanismo... Isto, porém, não vem ao caso. Vamos adiante.

Cada um vê o seu abysmo; e, se não sou Pascal, não sou tambem um indigente ou um desclassificado, para que a policia do Rio de Janeiro me tomê, devido a isto ou aquillo, como doido e me faça recolher ao Hospicio, como se o casarão da Praia das Saudades fosse uma prisão domestica e como se nós as tivessesmos na nossa legislação.

Uma apprehensão... Continuo, para verem como era dolorosa. Meus parentes são sem valimento e os meus amigos são fracos; mas não preciso incommodar nenhum desses outros, para pôr-me a coberta de uma estúpida violencia policial dessa ordem, porquanto tenho *ficha* muito legal no Estado. Fui funcionario publico e agora o sou aposentado; e, conforme as leis actuaes, nesse negocio de loucura minha, tenho eu pae vivo e não sendo indigente, só elle, por ser eu solteiro, é que tem direito de intervir nelle.

A provavel intromissão indebita da policia em cousas de minha vida domestica, assim considerada pelas leis, e, para a qual, ella não tem competencia legal absolutamente, era para mim um fóco de desgostos e de relação.

Abusando da inexperiencia de minha irmã, nessas cousas de leis, e da simplicidade e tambem da ignorancia dos meus irmãos, não faltava malvado ahí que não lhes aconselhasse tal intromissão para a qual tambem elles, os meus irmãos, eram insufficientes legalmente e para o julgamento do meu estado não sobrar, em uma, sentimento da actividade que me absorvera, em outros, desenvolvimento mental e a instrucção necessaria. Serviam, sem querer, aos que me queriam desacreditar...

Se no mar de magoas intimas em que bracejo desde a minha maioridade, alguma felicidade Deus ainda me quizer dar, é não permittir, por cousa alguma, tenha eu negocios com a policia, até á minha morte. Posso dizer, com orgulho, agora que já vivo em meio della, que a minha vida é limpa, apezar de ter soffrido as maiores difficuldades e tambem grandes tentações...

A loucura entre si é uma grandiosa e sagrada desgraça, e não a quero em mim assessorada senão pela sincera piedade dos que me estimaram, por mim mesmo.

Respeitem a minha desgraça, se, de facto, eu vier, um dia, a cahir nella! E, espero com muita fé, que, se tal acontecer, não será inteiramente total, para que não possa eu tomar o caminho da sepultura dos vivos que é tambem a dos sonhos dos que não quizeram se esquecer dos outros, nem nos dias fastos nem nos nefastos, apezar de terem podido conseguir a falsa felicidade dos vulgares...

O Dr. Juliano Moreira é uma excellente e bôa pessoa; e não mette medo aos homens como eu, pois elle os estudou e lhes adinvinha as dôres.

Os commentadores, porém, não ficaram nisso e calumniavam-me, a mim e á literatura.

Julgaram elles que eu fazia assim como o mariquinhas do

Helio, para arranjar promoções electricamente, ajudas de custa, ou, como outros, propinas e gorjetas de figurões politicos. Nunca, na minha vida, tentei coisa mais desinteressada do que escrever as minhas confusas emoções e pobres julgamentos; e nunca esperei desse meu acto senão aquillo que, entre nós, a literatura pôde dar dignamente, limpamente. A fortuna, eu a deixei para os outros.

Não foi jámais minha esperança obter com as letras dinheiro, posição ou o quer que fosse fóra do que é o objectivo dellas, normalmente. Conhecia caminhos menos arduos; e, antes de dezeseis annos, encetei um conveniente... Uma vez ainda declaro que, fazendo literatura, não espero fortuna, nem empregos; e não se incommodem com o meu esbodegado vestuario, porque elle é a minha elegancia e a minha *pôse*.

Barras viu “sanc-culottes” mais relaxados e sujos do que eu, que acabaram muito elegantes barões e prefeitos do Imperio de Josephina e Napoleão. Por ahí não pega o carro...

Era caso, caro leitor, de pedir desculpas por este desabafo pessoal, mas precisava eu fazel-o da fórma mais publica possivel, para alliviar-me de uma grande oppressão.

La plaie du coeur est le silence... Adiante.

Entre as muitas cousas que os surprehendentes espiritos das minhas relações acharam em mim como prova de loucura, foi ter eu em começos do anno passado, protestado, e até por escripto, perante o Presidente da Republica, contra o embarque de sacerdotes catholicos na nossa “Invencivel Armada” que ia tomar parte nas guerras da Europa.

Um dos jornaes desta capital que, sangrando-se em saude, mais vehemente aconselhou e defendeu, essa providencia bellicosa, propugnada pelas damas do Sagrado Coração de Jesus, foi o “Correio da Manhã”.

Não tenho á mão as edições, mas são facéis de achar, para lhes dar os termos em que o referido jornal julgava a hospedagem dos padres e frades, a bordo de navios de guerra nacionaes, como cousa perfeitamente legal e constitucional.

De antemão, como sempre, acoimava de intolerantes os que se oppuzessem a essa manifestação clerical dos poderes publicos, como se houvesse intolerancia no querer o respeito á Constituição e como se a Igreja Catholica, á vista do seu passado, pudesse appellar para a tolerancia que nunca foi das suas virtudes.

Alguns conhecidos, porque eu não tinha um collarinho assim, taxaram-me de doido, maluco, por ter escripto ao Presidente da Republica, embora a Constituição (Art. 72, § 9) me permitisse isso e não exigisse que eu ou outro cidadão andasse tão bem vestido quanto o senador Lopes Gonçalves, para protestar, em nome da lei.

Lera eu simplesmente a Constituição e não vira tal exigencia lá. Lera eu toda; e, até, este § 7 do mesmo artigo 72, quasi me ficára de cór:

“§ 7° — Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção offi-

cial, nem terá relações de dependencia, ou alliança com o Governo da União ou dos Estados.”

As nossas leis são tão claras, dizem tão bem o que ellas querem, que, em geral, precisam de commentadores sabios e autorizados, para explical-as melhor, embora ninguem possa allegar ignorancia da lei em sua defesa.

O artigo de lei, ou paragrapho, como quizerem, creio não ser daquelles que precisam de jurisconsultos de merito para ser entendido. Qualquer um que saiba lêr e escrever está apto a entendel-o; entretanto, a mania fradesca achou para elle, um commentario feminino que lhe servia aos designios occultos, e embarcou um capellão na fracção da esquadra nacional em operações de guerra.

Passaram-se os dias, e leio agora, no mesmo jornal que defendeu o alistamento de sacertodes catholicos para officiaes a bordo desses navios de guerra nacionaes, o seguinte, na sua edição de nove do mez de Janeiro corrente, segunda pagina, a proposito da situação dos cirurgiões-dentistas nas nossas forças armadas:

“Vem a proposito lembrar que é esta magnifica opportunidade para ser reformado tambem, e devidamente ampliado, o quadro dos dentistas, que entre nós, tanto no Exercito como na Marinha, têm sido relegado para um plano quasi que humilhantemente inferior. Na Marinha, os dentistas não têm nenhuma especie de garantias, nem mesmo quando tenham de seguir para a guerra; como succedeu quando partiu para os mares europeus a divisão naval brasileira, da qual fez parte um capellão com a patente de capitão-tenente com respectivos vencimentos em ouro, e um dentista... sem ter direito a coisa alguma, nem mesmo, legalmente, ao soldo!”

Não commento e não faço consideração alguma. Em uma terra em que os seus mais altos poderes politicos e administrativos violam tão claramente a sua lei maxima a que todos, inclusive elles, devem obedecer, é perigoso reclamar alguma cousa, fazer critica, a menos que se tenha entre o poder delles e a nossa vida e liberdade, de permeio, o Oceano. Vou ganhando prudencia...

Mas, ao jornal, que, em menos de um anno, dá tão palpaveis mostras de ter mudado de opinião, é caso de perguntar, a elle ou aos seus semelhantes:

— Quem será o maluco? Quem será a final?

Não ha nada como rir-se por ultimo...

Procurem a sua Josephina!

Segundo as chronicas, a vida de Machiavel não foi daquellas mais bem governadas pelo bom senso. Dizem por ahi que elle gostava de conviver com vagabundos e bebericar pelas tavernas de Florença, mal vestido e de algibeira pouco provida de dinheiro. Entretanto, saiu-se um dia dos seus cuidados e julgou-se capaz de dar conselhos aos pilotos, para a boa governança dos seus estados. Escreveu o “Principe” que ainda hoje é objecto de meditação e estudo, menos para a generalidade dos homens de governo.

Muitos outros homens têm havido, sagrados pela posteridade e pelos dictionarios biographicos, que, tendo vivido uma vida muito pouco decente e equilibrada, segundo as regras communs, não trepidaram em indicar aos homens de estado, o caminho são para estabelecer um governo forte, fecundo e as leis a que devem obedecer com segurança de acertar.

Rousseau foi um delles e até escreveu um tratado geral de sciencia politica, cujos ensinamentos, sob este ou aquelle disfarce, com estas ou outras palavras, perpassam ainda hoje no phraseado das arengas parlamentares e nos solidos artigos da imprensa politica.

E’ verdade que tambem Rousseau publicou uma obra sobre a educação das crianças; e este seu livro — “Emile” — provocou de Voltaire a reflexão de que era dever de quem se propunha a tal cousa, ser primeiramente bem educada. Supponho que o patriarcha de Ferney se referia ao cidadão de Genebra.

Apezar de não conhecer nenhum modesto e bem equilibrado funcionario ou honesto negociante que tenha tentado estabelecer as regras da sã politica; ha, entretanto, homens austeros que, directa ou indirectamente, têm se permittido a liberdade de incutir no espirito dos principes normas do bem governar.

Pessoas autorizadas dizem que Fénelon, no seu Telemaco, viu isso, tanto mais que o escreveu “ad usum Delphini”, no caso: o Duque de Bourgogne. Ha mesmo quem vá além e affirme, que, nesse seu livro, existem criticas aos processos governamentais e ás idéas administrativas de Luiz XIV, augusto avô do seu augusto discipulo.

Livro que se lê em menino, logo que se consegue traduzir francez, não é possivel a quem não se entrega á exegése de obras

celebres da literatura, dizer, até que ponto tem fundamento a opinião dos que examinaram á luz da vida dos personagens dos costumes, das medidas de governos contemporaneos, a ellas. Os sabios, em resumo, as estudaram, com as respectivas sabedorias, na sua ambiencia natural e as locam na sua época. Nós não podemos fazer o mesmo para discutir com elles.

Li o “Telemaco”, como toda a gente; mas hoje, só me lembro de Salento e da felicidade dos Salentinos com a emoção simples de menino. . Não posso adiantar cousa alguma sobre o que se assegura por ahi com relação ás censuras indirectas, ás criticas veladas ao poderoso Rei-Sol, existentes no popular romance do obediente prelado que se retractou humildemente do quietismo heretico de Mme. Guyon.

Julgo tambem que o padre Antonio Vieira deu por escripto conselhos politicos ao Duque de Bragança que foi mais tarde Rei de Portugal; mas nunca os li, nem serei capaz de lê-los. Se citei o celebre jesuita, foi para prestar homenagem a um genio, semi-nacional e ao seu lidimo portuguez que é bem outra lingua para muita gente, da qual não me envergonho de fazer parte.

Vendo, agora que a idade me chega e a experiencia tambem, que os mais diversos homens, tanto de costumes como de importancia social, se haviam animado a aconselhar principes, reis, doges, com verdadeiros manuaes da arte de governar, eu me lembrei de transmittir aos leitores os preceitos que o meu obscuro amigo Alamiro Vianna julgava proprios para fazer um perfeito governante na nossa terra.

Este Alamiro, comquanto tivesse a vida mais honesta que se pôde exigir, era incapaz de governar o seu collarinho no pescoço ou a gravata no collarinho; entretanto, sempre o conheci interessado pelas cousas de governo. Elle me expoz as suas idéas, em diversas épocas e occasiões. Eu, porém, vou resumil-as aqui e expol-as num corpo só, como se assim me tivesse feito. Eil-as:

“Essencialmente agricola e democratico como o Brasil, não era possivel que eu tivesse em mira organizar com papel, penna e tinta, o modelo do “Principe Perfeito” que lhe fosse adequado. Nós não temos “principe”; temos presidente da Republica. Pela natureza do regimen deve provir este das camadas medias e atravessar vagarosamente os cargos politicos e administrativos que o ponham em evidencia.

Não é de suppôr que tenha uma grande illustração nas letras, nas sciencias e nas artes. Formado em bacharel ou em outra qual-quer cousa, o seu commercio com os livros deve ser pouco a pouco abandonado. Não só porque isto lhe pediria tempo que deve ser mais bem empregado no estudo de cousas eleitoraes e no cultivo de relações com pessoas poderosas e decisivas no logar em que elle começar sendo juiz, promotor ou medico de aldêa, como tambem os livros lhe tirariam a energia precisa ou dispersal-a-iam quando é seu dever consagral-a toda num unico proposito: subir.

Poderão objectar que o aprendiz de Presidente deve ser facil

na palavra, fazer discursos, citar autores politicos e celebridades financeiras, para o que precisa leitura. Para tudo isso, porém, os gastos da carreira não exigem o manuseio de grandes obras e o commercio de tratadistas em vigor. Bastará o emprego da sabedoria commum sem abandonar a leitura constante dos jornaes e das revistas vulgares. Uma vez ou outra, entretanto, é conveniente conversar com os malucos que estudam a vida inteira ou ler-lhes apressadamente as maluquices que escrevem.

O principal e mais fecundo ideal do politico é não querer fazer nada de util aos outros e tratar unicamente de si, da sua fortuna pessoal e da familia. Não quer isto dizer que não propugne a execução de obras de utilidade geral. Ahi, porém, ha os seus conformes. Se fôr vereador de uma villa qualquer, trabalhará para a substituição de um pontilhão de madeira que ha na estrada do Itahy, por um outro mais solido de alvenaria.

Quando o melhoramento se inaugurar promoverá uma festança: arcos de bambus, foguetes, gyrandolas, benção do vigario, discursos, noticias nos jornalecos locais e rões da capital e o barulho da philharmonica local. Entretanto, no cargo de deputado estadual, os projectos devem ser mais platonicos e inocuos, revestindo-os porém, de uma feição de grandeza e de fecundo em resultados praticos. Por exemplo: autorizará o governo a mandar ao logarejo em que foi promotor ou clinicou, uma commissão para estudar as jazidas de cobre que lá existem.

A commissão irá occupar commodos nos hotels, namorará as bellezas locais, empregará uns camaradas indigenas, fará uns buracos, apresentará um relatorio succulento que terá uma grande repercussão. Os matutos esperarão muito tempo a inauguração da exploração em regra que nunca terão inicio; mas sempre falarão na boa vontade do doutor para obter a prosperidade do municipio.

A sua influencia na comarca ficará solidificada e os que a tiverem em outras limitrophes, procurarão a sua amizade e entendimento politico, de modo que, em breve, poderá elle ser deputado federal.

E' nesta parte da vida publica que se decidirá a sua ascensão final ao Cattete.

Tenho observado que é util ao deputado, no interesse de sua carreira, não procurar fazer figura no inicio de sua deputação. Deve evitar dar muito na vista e ter opiniões sobre qualquer assumpto. O bom deputado não deve ter opinião sobre cousa alguma, para poder ter toda aquella que fôr do agrado dos chefes. Dando na vista e effectuando opiniões suas, parecerá a estes que o novo parlamentar que se emancipar delles ou mesmo dominal-os ou dar-lhes o tombo. A prudencia e a segurança na sua escalada ao poder, pede que elle receba com o maior acatamento e veneração as ordens, as idéas e as opiniões dos Zés Bezerras ou Pires Ferreiras. Dessa massa é que se fazem os "leaders" das bancadas e saem aquelles deputados que têm as boas graças dos governos. E' preciso não esquecer que a Camara é uma media, além de ser uma

“multidão”; e quem, nella está ou faz parte, perde muito de proprio e ganha muito pouco.

O deputado novato que se guiar por essas observações e tiver-as sempre em mira como principio de sua conducta politica, não será “leader” na primeira legislatura, mas na segunda sel-o-á e a sua carreira no parlamento estará feita. E’ preciso, porém, ter os olhòs voltados para um Ministerio, por isso elle não se deixará annullar. Convém que o seu nome saia nos jornaes, para isso deve cultivar a amisade dos jornalistas de todas as opiniões do momento, desde os famosos até os mais obscuros. Procure mesmo que os rapazes dos jornaes o trocem. Troçado no Rio de Janeiro, é celebre em Santa Ephigenia do Roncador. De quando em quando, o nosso futuro presidente deve affirmar a necessidade imperiosa de tratarmos do desenvolvimento da industria pecuaria e do fortalecimento da federação nacional, não permittindo a deturpação do regimen. Tudo isto muito vagamente, sem tocar de frente no assumpto.

“ Ha, porém, um escolho na vida do politico que tenciona chegar á Presidencia: é o casamento.

Um homem habil que quer guindar-se ás alturas politicas, deve ter muito cuidado com a escolha de sua esposa. Tres especies de casamento podemos estabelecer, para facilidade do nosso estudo: o de fortuna, o de interesse e o primitivo, o natural.

O de amor não se conta, pois esse negocio, dizem os entendidos, só é encontrado fóra do matrimonio. Vejamos quaes são os caracteristicos das especies e qual a que é util ao politico.

O de fortuna é aquelle em que o cidadão procura na mulher o dinheiro, pois é raro que a mulher procure no homem a mesma cousa, deixando tal proposito para mais tarde, independente do marido. Justiça seja feita !

O de interesse é aquelle em que o cidadão enxerga na mulher pelo seu nascimento ou por suas relações de familia, um bom meio de subir e brilhar. As mulheres, procuram, ás vezes, a ultima cousa nos maridos.

Quanto á terceira, o nome está dizendo o que é; e não preciso lembrar cousas da época das cavernas, para explical-a melhor. Casamentos desta natureza são, em raros casos, almejados pelos homens; mas, sempre, pelas mulheres. Coitadas !

Nenhuma destas especies de casamentos convém ao politico que tem os olhos voltados para o Cattete.

O de dinheiro é bom, se a mulher é completamente idiota. E’ facil encontrar um homem idiota, mas uma mulher é muito difficil; é facil, em compensação, encontrar um homem intelligente; mas uma mulher é muito difficil.

A mulher rica que não é idiota, o que quer é dominar o homem, por isso compra-o. Não o deixará com a liberdade de movimentos necessarios ao politico de grandes remigios. Não permittirá que afague os chefes influentes e as respectivas familias, pois leva a serio as suas fumaças de nobreza de armazem... Tudo

isto trará difficuldades na ascensão da carreira que ella não sentirá necessaria, porque tem o dinheiro “della” que será o dos filhos. ELLE que lhe fique ás sopas...

O de interesse não dará resultados, porquanto os primeiros passos que tem de dar o politico, só pôde ser em logarejos longinquos; e se ahi casar-se para ser vereador, talvez, no maximo, consiga ser deputado estadual, não tendo o sogro e os seus parentes valimento para leval-o mais longe. E' melhor não passar nunca dos namoros sem consequencias e estabelecer com elles os degrãos de sua escada.

O primitivo trará a carga pesada da matrona e dos filhos, que se succederão quasi de anno em anno, tolhendo-lhe os movimentos e obrigando-o, por decencia, á morrinha enervante do lar.

Um politico que começa, deve viajar no seu caminho aligeirado de cargas e trambolhos moraes, materiaes, sociaes e familiares.

De resto, as mulheres adequadas ás duas ultimas especies de casamentos, são faceis de contentar. São pouco motrizes, ou nada!

Qualquer uma dellas está contente, em ser segunda, não em Roma, mas em qualquer aldeia. A rica poderá ser mais motriz mas não o é. O seu ideal é o dinheiro, figurar em uma grande cidade e um deputado pôde fazer uma cousa ou outra, sem deixar a Camara pensa ella. Fal-o estagnar uma e outra.

Não convindo nenhuma mulher dessas tres especies, o politico deve encontrar a sua em casamento mais complexo, de natureza muito especial, não esquecendo nunca de ter em vista estes dous principios que devem guiar a sua vida:

- a) Fazer fortuna;
- b) Não ter nenhum proposito de beneficiar a communhão geral.

No Brasil, observo (não se esqueçam que é o Alamiro que fala) que os politicos, se bem que se guiem por estes dous vitaes principios, não chegam nunca ao apice da gloria de sua carreira, para felicidade delles e para nos dar um espectáculo soberbo da energia humana. Attribuo isto aos seus casamentos desastrosos e indecentemente bacharelescos e burguezes. Quasi sempre com elles afasta de si quasi todas as “chances” de subir bem alto e dominar completamente. Se casam ricos, causam inveja; se casam pelo imperio da natureza, são olhados como mendigos que precisam de bons empregos para manter a mulher e os filhos.

O casamento que convém a um politico de longo curso, deve ser feito como o de Napoleão com a viuva Beauharnais, a Rose do Directorio, que será mais tarde a Imperatriz Josephina. Elles, os politicos, devem, como Bonaparte procurar, nesse negocio de casamento, antes “trouver l'amour tout fait que l'amour à faire”. Entendam bem. Rose, na sua atroz e dourada miseria, julgava que o corso tinha dinheiro, á vista dos ricos presentes que lhe offerecia; e Napoleão necessitava della, já por suppol-a com al-

guma fortuna na... Martinica, já pelos seus victoriosos e infalliveis prestimos junto aos poderosos do dia.

Todos os dous precisavam de dinheiro e um esperava encontrar-o com o auxilio do outro.

Conta Barras, nas suas "Memorias", então todo poderoso Director da Republica Franceza, que Bonaparte lhe dissera: "les femmes sont bonnes à quelque chose en ce monde; elles sont plus serviables que les hommes".

E' preciso, como Napoleão, para afastar os obstaculos de uma grande carreira, arranjar uma mulher "serviable" como Josephina, que o foi generosamente para Hoche, generosamente para a ordenança deste e generosamente para "er tutti quanti", como diz Barras.

As mulheres desta especie têm os predicados de educação das ricas, com a superioridade de tel-a feito objectivamente na vida; têm as vantagens das mulheres que, pelas suas relações, podem fazer subir o marido; têm as qualidades requintadas das mulheres primitivas, sem o trambolho dos filhos. Sabem escamoteal-os...

Demais, possuem a ambição, não lhe dando limite algum; conhecem toda a especie de homens de alto a baixo, sabendo como ferir, um por um, na sua corda sensivel; e, finalmente, unem-se commercialmente na esperança de lucro avultado, que cada um por si não poderia obter. São motrizes e operatrizes, para resumir afinal.

O destino do general Buonaparte, que até ali era um general de rua, uma especie de delegado de policia agaloado, e não conseguira obter um commando em chefe, uma commissão importante apezar de todo o empenho de Barras, vae mudar, logo que conhece a Rose do Directorio. Trata casamento com a faiscante viuva do general Beauharnais, trouxe-a a conferenciar com Barras num gabinete secreto, espera-a na ante-sala; o Director não deixa o manto nas mãos da futura Imperatriz e está o nosso homem no caminho do dominio politico, da fortuna, e, por québra da gloria. Eil-o feito general em chefe, tendo vencido a desconfiança jacobina do honesto Carnot.

Na vespera do seu embarque para assumir o commando do exercito da Italia, á custa da Republica Franceza, enche de dinheiro, de mobílias, de cavallos, de carruagens, a sua esposa "qui", conta ainda Barras, "des longtemps exercée á ce genre de metier, savait faire de l'argent".

Os nossos principiantes politicos não devem esquecer que Buonaparte nasceu na maior miseria; que sua mãe e irmãs, quando elle andava no exercito, em cargos subalternos, viveram em Marseilha e outros logares, da caridade publica e privada; e que, afinal, elle veiu a passear a cavallo a Europa toda, como vencedor, e ainda hoje atormenta o mundo e é acclamado como grande general e extraordinario politico.

Quando Alamiro me disse isto, olhou, um por um, os retratos e quadros de sua modesta bibliotheca e me disse:

— Não admiro Napoleão; é um typo negativo, theatral e grosseiro. E' da especie de theatro dos grandes lances, dos berros e grandes gestos. Dos typos negativos, o que admiro, é aquelle.

Apontou um busto em gesso que havia entre duas estantes. Perguntei:

— Quem é ?

E' o imperador Juliano. E' o mais puro dos negadores; é aquelle que soube, sem baixeza ignobeis, discretamente, modelar a sua vida no seu ideal. "Venceste, Gallileu !" Que se ha de fazer ?

Depois accrescentou:

— Admiro, entretanto, muito Josephina. Vou mandar pôr no quadro a reproducção, em heliogravura, do seu retrato por Isabey.

Este dialogo talvez nada adiante aos politicos; mas um ensinamento ainda surge delle: procurem a sua Josephina !

São capazes de tudo . . .

E quando ouvirdes falar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estas cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim.

S. LUCAS.

Felizmente, agora pôde-se falar com certa liberdade da guerra que findou, sem incorrer nas iras do governo nem provocar as censuras do patriotismo ardente do Sr. João Lage.

Temi sempre as primeiras e nunca quiz que, clara ou tacitamente, o Sr. João Lage do Charuto, pela bocca alcidka dos seus sociologos contractados, fosse levado a lançar-me a excommunhão maior do alto do seu sono de papa do patriotismo brasileiro.

Nunca fui patriota; mas, para a segurança da minha vida e ter a liberdade que ainda os magnatas concedem a todos, de andar pelas ruas da cidade, durante os quatro annos de guerra, se não fiz alarde de um patriotismo falso, nada disse que pudesse melindrar os iniciados na religião da patria que officiam no casarão da rua Larga ou nas columnas dos jornaes.

No começo da contenda européa, dei a minha adhesão á Liga pelos Alliados; mas, desde que ella desandou, aproveitando-se da simplicidade de muitos e da cumplicidade de alguns, em escriptorio de annuncios de carnes frigorificadas, e outros generos de primeira necessidade, julguei do meu dever não dar mais nenhuma palavra de apoio a semelhante instituição que, quando não era quarta pagina de jornal, se transformava em sociedade musical e dansante ou em club dramatico, recreativo e literario.

Não sendo patriota, querendo mesmo o enfraquecimento do sentimento de patria, sentimento exclusivista e mesmo aggressivo, para permittir o fortalecimento de um maior que abrangesse, com a Terra, toda a especie humana, desejei muito a derrota da Alemanha, que, sempre retardada politicamente, era ainda a região do globo, onde a superstição patriótica se havia quintessenciado com um apparatus guerreiro levado á maxima perfeição, graças ás características do povo e ás aptidões do seu pensamento para as pesquisas especializadas e demorados trabalhos que exigem paciencia na intelligencia.

A quéda da Alemanha representava para mim um golpe dado no "patriotismo" que, tendo sido um sentimento fecundo em outras

épocas, hoje não era mais do que um instrumento nas mãos dos burguezes para dominar as massas e explorar toda a terra em seu proveito, matando a rodo com outras mãos, saqueando, acumulando riquezas como nunca tyranno asiatico poude ter.

Julgava, então, que os adversarios da Allemanha não se deixassem explorar pelos córvos da finança, da industria e do commercio, mas, bem cedo vi que me enganava.

O proprio Brasil que, por prudencia, se devia ter mantido neutro na contenda, embebedou-se com discurseiras, deixou a sua philosophia bonancheirona de matuto e metteu-se na guerra para tomar os navios mercantes allemães, passal-os a outras mãos, vender café, afim de dar lucros e commissões avultadas a certos espartalhões fartos que chamam todos os mais de vagabundos.

De mais, podia continuar a dar o insignificante apoio do meu nome a uma associação, a tal Liga, quando os Estados Unidos da America do Norte entraram na guerra, com aquella arrogancia e ares de mata-mouros que lhes são proprios.

Desprezando, por ora, todas as razões de ordem pessoal que julgo sinceramente e perfeitamente legitimas, os meus motivos para detestar semelhante paiz eram os mesmos que eu tinha para querer o aniquilamento politico da Allemanha.

A sua vaidade patriotica, os seus processos cavilozos e duplices com os mais fracos, o seu amor ao "Kolossal", a sua estúpida concepção de dominio politico ao geito do defunto Imperio Romano, a seus olhos, faziam da republica de Washington um equivalente americano da Germania de Bismarck.

A guerra, com a entrada delles, deixava de ter para mim a significação de um immenso sacrificio doloroso para attingirmos tempos melhores, passando a ser uma guerra como todas as outras.

O Brasil, então, como sempre o Brasil republicano, tratou logo de desmanchar-se em zumbaias covardes á megatherica organização politica do contiiente.

Quebrou a sua neutralidade, sem nenhuma justificativa, em favor dos americanos e do seu almirante Caperton, que, segundo a "Revista Americana", possui na Marinha dos Estados Unidos, a triste especialidade de interventor nas nossas pobres republicas mais ou menos escuras.

Em seguida, sempre a reboque da America do Norte, declarou guerra á Allemanha, tomou-lhes os navios mercantes, etc., etc.; e não arranjou dinheiro.

Falo sem temor, dessas cousas da politica internacional porque conheço o estofo dos pedantes que a querem fazer coisa transcendente. Elles o que pretendem, é tapar o sol com uma peneira; e, nesse caso dos Estados Unidos, disfarçar a sua falta de hombridade, de decoro, de vergonha, de orgulho, com um palavreado ôco e parlapatão. Não ha livros verdes ou de todas as cores do arco-iris que possam negar a triste e ignominiosa verdade de que o Brasil é e está sendo caudatario desavergonhado da America do Norte.

Nunca foi dos nossos habitos administrativos dar essas denominações coloridas aos nossos relatorios ministeriaes; mas, desde que

o sr. Rio Branco, ou Silva Paranhos metteu-se no Itamaraty, o Brasil se “endomingou”, tomou attitudes escolhidas, assim como o copeiro do meu estimavel confrade Ataulpho de Paiva faz, com o auxilio das roupas que lhe dá o desembargador, quando vae vêr as crioulas, no circo, pelas tardes dos dias de seu descanço semanal.

Já disse Ruy Barbosa que não é certo chamar chanceller o Ministro do Exterior. Consultei eu dictionarios e fiquei convencido de que ha nisso grande bobagem. O Itamaraty, porém, nada enxerga dentro do Brasil, nem mesmo as cousas elementares da lingua que deve fallar.. Elle faz e desfaz “As diplomacias da Lua e é bem possivel que o tal livro verde seja simplesmente pardo.

Não é, porém, occasião para analysar as cousas do antigo palacio do Menino de Ouro, com o sr. Domicio da Gama, o das “Meias Tintas”, ou sem elle. E’ assumpto para mais tarde, tanto mais que ainda não lhes disse a que vieram essas considerações.

Li ha dias que, numa cidade extrema do Norte, a sua população, como prova de reprovção ao acto do governo não nomeando Ruy Barbosa para a Conferencia de Versailles, organisou uma proccissão de desagravo em que figuravam o retrato desse eminente homem publico nacional, do Marechal Foch (está faltando o *d e de*) de Wilson.

Não tenho nada a reparar que os meus concidadãos de tão longinquas paragens, tenham em grande conta os dous primeiros homens; mas o terceiro — por quê?

Nós, os brasileiros, temos muito poucas informações do que é a politica dos Estados Unidos. Suppomos que Wilson seja assim um homem do “Poder da Vontade” que chegou até a posição em que está, pelo seu unico esforço. Em outros paizes, é possivel isto; porém, nos Estados Unidos, mais do que em nenhum outro, a cousa é impossivel. A politica lá é negocio e os representantes politicos da nação, se não são homens de negocio, representam taes homens. Uma eleição custa fortunas e só syndicatos de argentarios pôdem custear-as.

Wilson ou outro qualquer, quando fala bonito do alto daquelle Capitolio-Pelle Vermelha, representa um “trust” financeiro ou quer que seja, e julga os interesses do mundo atravez do prisma dos interesses desse “trust”. Não ha nada de ideologico nas suas palavras, ou melhor, nas suas intenções. Elle doura a pilula unicamente e é todo actual e interesseiro como os vendedores de pomada viennense, alli, na rua do Ouvidor.

Certamente, tendo taes intuitos de “reclame” literario, os politicos negociastas americanos não iriam pôr na Casa Branca um sujeito que não soubesse perorar, que não conhecesse a arte de enfeitar logares communs e fosse dizer aos seus patricios e aos estrangeiros que o que elles querem é ganhar dinheiro, enfraquecer os outros povos e sangral-os. Procuram um bom discursador porque, apezar de sermos um paiz de oradores, os americanos practicos, mais do que nós outros, dão tudo por um discursosinho.

Wilson, portanto, deitando essas discurseiras philanthropicas pelo mundo, não está senão fazendo propaganda de alguma marca

de machinas de escrever ou preparando terreno para augmentar o territorio do seu paiz.

E' dos nossos dias os generosos propositos "yankees" com relação a Cuba. Vimos como a America do Norte promoveu traiçoeiramente a guerra com a Hespanha; vimos como ella a derrotou; vimos como se apoderou de Porto Rico e das Philippinas; e estamos vendo o que é a independência de Cuba! E o Hawai?

Nós, porém, nos julgamos privilegiados e immunes de semelhantes favores. Batemos palmas aos americanos, damos-lhes bailes, enquanto elles não nos offerecem mais bellos, mais grandiosos e estrambolicos, em palacios pharaonicos que hão de construir nos nossos recantos pittorescos ou nos fazem descer dos bondes de 1ª classe. Paiz feliz...

Eduardo Prado, escreveu documentadamente a "Illusão Americana". Floriano apprehendeu-lhe a primeira edição, visando "interpôr-se entre o escriptor e o seu escasso publico". Não foi elle que se interpôz. Foi a tolice nacional, a falta de visão de todos nós, a incapacidade de fazermos um julgamento por nós mesmos e a necessidade de irmos buscal-os nos nossos grandes jornaes sem sinceridade e independencia.

Se lessemos os autores corajosos, sinceros e honestos, veriamos bem que os processos politicos dos Estados Unidos são os mais ignobeis possiveis; que elle tem por todos nós um desprezo rancoroso e humilhante; que quando falam em liberdade, em paz e outras cousas bonitas, é porque premeditam alguma ladroeira ou oppressão. Menos cavalheiros que a Allemanha, enchem-se de disfarces...

Para finalizar, vale a pena lembrar a guerra do Mexico, não esquecendo que os Estados Unidos se oppuzeram *officialmente*, durante muito tempo, que a Hespanha fizesse a emancipação da escravatura em Cuba.

Sobre a guerra do Mexico, diz Eduardo Prado, na sua "Illusão Americana": *A má fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Fomentou quanto pôde a revolta daquelle territorio, animando-o a separar-se do Mexico, para mais depressa absorvel-o, e depois declarou guerra ao Mexico, verdadeira guerra de conquista, humilhou aquella republica até ao extremo e arrebato-lhe a metade do seu territorio. O' fraternidade.*

Q que, entretanto Eduardo Prado não diz mas se póge lêr nos "E'tudes morales et politiques", de E. Laboulaye, é o verdadeiro fito dessa guerra criminoso. Os Estados do Sul dos Estados Unidos, esoravagistas, temendo perder a maioria que tinham no Senado Americano, fomentaram a insurreição do Texas que foi afinal annexado aos E. Unidos, dividido em Estados, dando estes ao Senado representantes perfeitamente escravocratas. Não havia, portanto, perigo de passar nenhuma lei que acabasse com a escravidão; mas, que não contentes com isso, conseguiram que a União declarasse a guerra, para obter mais territorios e, vencedores, restabeleceram a escravidão, onde o governo do pobre Mexico já a tinha abolido desde muito. Eis ahi o que foi a guerra do Mexico.

Parece incrível; mas não é e nem parecerá sel-o quando se sabe que os “sociologos” americanos daquellas épocas, foram buscar no Novo Testamento base para justificar a’ escravidão. Sabem onde? Na tocante epistola de S. Paulo a Philemon. Elles são capazes de tudo...

Sobre o maximalismo

Em 11 de maio do anno passado, na revista "A B C", desta cidade, na qual durante muito tempo collaborei, tive occasião de publicar um longo artigo — "No ajuste de contas" — que as bondosas pessoas que o leram, taxaram-n'o logo de manifesto maximalista. O artigo não tinha esse pomposo intuito, mas, sendo tomado por tal, deixei que elle assim corresse mundo e fui desde logo classificado e apontado como maximalista. Quando houve o motim de 18 de novembro, estava no Hospital Central do Exercito, havia perto de 15 dias; mas, assim mesmo, espantei-me que o trepofismo da rua da Relação não quizesse ouvir-me a respeito.

Desde esse artigo, muito de longe, tenho tocado nesta questão de maximalismo; mas, lendo na excellente "Revista do Brasil", de S. Paulo, o resumo de uma conferencia do eminente sociologo argentino, sr. dr. José Ingenieros, lembrou-me voltar á carga, tanto mais que os nossos sabichões não têm nem uma especie de argumento para contrapôr aos apresentados pelos que têm meditado sobre as questões sociaes e vêem na revolução russa, uma das mais originaes e profundas que se tem verificado nas sociedades humanas. Os doutores da burguezia limitam-se a acoimar Lenine, Trotsky e seus companheiros de vendidos aos allemães.

Ha por ahi uns burguesinhos muito tôlos e superficiaes, porém, que querem ir além disto; mas, cuja sciencia historica, philosophica e cuja sociologia só lhes fornecem como bombas exterminadoras dos ideaes russos a grande questão de tomar banho e a de usar collarinho limpo.

Estes meninotes, "ad instar" Eça de Queiroz, repisam essas bobagens com ares petronescos de romanos da decadencia que jantam no Novo Democrata, faltando-lhes até um bocadinho de energia viril para arranjar um emprego nos Correios.

Os ricosinhos que lhes repetem as sandices, esquecem-se que, quando os paes andavam nos fundos dos armazens e dos trapiches, a trabalhar como mouros para conseguir as fortunas que elles agora nem as gosar sabem, mal tinham elles tempo para lavar o rosto, pela manhã, e, á noite, os pés, para deitarem-se. Foi, á custa desse esforço e dessa abnegação dos paes, que esse petrosinhos agora obtiveram ocio para bordar vagabundamente al-

mofadinhas, em Petropolis, ao lado de meninas deliquescentes. Hercules caricatos aos pés de Omphales chloroticas e bobinhas.

A argumentação dessa especie de insectos aptéros, cujos costumes e intelligencia estão á espera de um Fabre para serem estudados, convenientemente, dá bem a medida da mentalidade delles.

Os que são ricos, de facto, e aquelles que se querem fazer ricos, á custa de um proxenetismo familiar qualquer, sentindo-se ameaçados pelo maximalismo, e tendo por adversarios homens illustrados, lidos, capazes de discussão, deviam se tivessem um pingo de massa cinzenta no cerebro, procurar esmagar os seus inimigos com argumentos verdadeiramente scientificos e hauridos nas sciencias sociaes. Não fazem tal, entretanto; e cifram-se em repetir "blagues" do Eça e coisas do popular "Quo Vadis".

"Non ragioniam di lor, ma guarda e passa"...

Deixemol-os, portanto; mas o mesmo se pôde fazer com o articulista de fundo do "O Paiz", que toda a gente sabe ser o sr. Azevedo Amaral. Este senhor, de uma hora para outra, adquiriu, nos centros literarios e jornalisticos do Rio de Janeiro, uma autoridade extraordinaria sobre essas questões sociaes. Não quero negar-lhe o valor; ella, a autoridade, era justa até certo ponto; mas vae se tornando insolente, devido ao exaggero dos administradores e sycophantas da illustração do sr. Azevedo Amaral.

O sr. Azevedo Amaral é hoje o assessor illustrado do sr. João Lage, no "O Paiz"; é o seu consultor para as cousas de alta intellectualidade, que demandam leituras demoradas, o que o sr. Lage não pôde fazer, pois anda sempre atrapalhado com interminaveis partidas nocturnas de "poker" e, de dia, com as suas manobras do genero jornalístico, nacional e estrangeiro. E' o sr. Amaral quem fala pelo sr. Souza Lage, a respeito da grande politica, das questões economicas e sociaes; e fala com a segurança de sua fama, com a irresponsabilidade do anonymato e com o desdem pelos seus provaveis contradictores que só o podem atacar, pelas pequenas revistas e jornaes obscuros aos quaes ninguem dá importancia. O sr. Amaral escreve no "O Paiz", órgão da burguezia rica do Rio de Janeiro, do Banco Ultramarino, do Teixeira Borges, que está sempre a navegar de conserva com as nossas esquadras, do Souto Maior & C., do visconde de Moraes, etc.; e, sendo todos os grandes jornaes mais ou menos isso, isto é, órgãos de fracções da burguezia rica, da industria, do commercio, da politica ou da administração, é bem de ver que um artigo maximalista não terá publicidade em nenhum delles. Dessa fórma, pôde o sr. Amaral dizer o que quizer, impunemente, sem arriscar-se a polemicas que lhe arranhem a reputação literaria. E' invencivel e invulneravel.

Quando, em 22 de novembro de 1918, elle disse que Jean Jacques Rousseau era anarchista ou que o anarchismo tinha origem na "philosophia sentimental e chorosa" (chapa n. 1.783) do autor do "Contrato Social", eu, dias depois, pela revista "A B C", emprezei-o a demonstrar tal cousa.

Habitado, sempre que posso, a ir ás fontes, nunca tinha encontrado, na leitura das obras de Rousseau, semelhante espirito, nem mesmo a mais tenue tendencia para o anarchismo.

Rousseau, ao contrario, é um crente da Legislação e do Estado, que organiza como uma machina poderosa, para triturar o individuo, cujas actividades de toda a ordem devem ser marcadas por leis draconianas. Jean Jacques, como toda a gente sabe, era um grande admirador do despotismo do Estado, existente em Sparta, a que houve de facto ou a que está nas vidas dos seus heroes, Lycurgo, Agesiláo, etc., contadas por Plutarcho. Houve até quem dissesse que era um duro Calvino leigo. Como esse seu espirito está longe do anarchismo!

No “Contrat Sociel”, liv. II. Cap. VII, tratando “Do Legislador”, elle diz textualmente: “*Il faut, en une mot, qu’il (o legislador) ôte á l’homme ses forces propres, etc.; e no periodo seguinte: “Plus ces forces naturelles sont mortes et anéanties, plus aussi l’institution est solide et parfaite: en sorte que si chaque citoyen n’est rien, ne peut rien que par tous les autres, et que la force acquise par le tout soit égale ou supérieure á la somme des forces naturelles de tous les individus, on peut dire que la législation est au plus haut point de perfection qu’elle puisse atteindre”.*

Estão nestas palavras suas consubstanciado o ideal do autor das “Confessions”, no tocante á politica. Elle é um crente na efficacia do Estado e da Legislação; e não ha autor anarchista que seja capaz de subcrever taes palavras. Não ha um, e com razão, que não negue o Estado e duvide da efficacia da Legislação. Em geral, o que o anarchismo quer, é soltar os homens, deixal-os agir livremente, sem leis, nem regulamentos, ou pêas legaes quaesquer, para que, pela livre e autonómica acção de cada uma das forças individuaes, em virtude da sympathia que nos solicita, uns para os outros, se obtenha naturalmente o equilibrio de todas as forças e actividades humanas.

Como é então que o sr. Amaral, sociologo “ad-hoc” do sr. João Lage e do capitalismo cynico de que este é órgão, escreve um trecho como este? Vejam só:

“A esse ideal novo de força, de acção e de trabalho, o anarchismo, reflectindo os ultimos vestigios da philosophia sentimental e chorosa do autor do “Contrato Social”, vem de oppôr a utopia desvirilizada de um mundo, enervado pela suppressão da luta e da concorrência que elimina os fracos e os incapazes, de uma terra, adormecida na placidez esteril do nirvana da preguiça universal.”

Esse “novo ideal” era de fazer rir; e o “nirvana da preguiça” merecia commentarios. Deixo-os para outra occasião. O meu fito, relembrando estas cousas aqui, é notar a estolida pretensão dos famosos jornalistas daqui deste meu Rio de Janeiro. O sr. Amaral é doutor, guindou-se aos grandes jornaes, onde têm tido posições de admiração estulta dos redactores autorizados e dos reporters da policia, e julga-se por isso com bastantes titulos, para não defender as solemnes affirmações que faz, por escripto, publico e razo.

Eu sei que elle avança para não me responder. Tenho em

muita boa conta o seu espirito, para não acreditar que me desdenhe por não ser eu formado. Quando s. s. andava pela Escola de Medicina, sabe bem o doutor Amaral que eu veraneava pela Escola Polytechnica; e se não me formei, honesta ou deshonestamente, foi porque não quiz.

Não é razão para o seu espirito, estou certo disso, mas, ha de pezar um pouco, devido ás influencias ambientes; e mais ainda: dado o meio em que vive, de pequenas invejas e rancores, de censuras pharisiacas e virtudes tartufescas. S. s. convenceu-se de que não devia dar-me tréla porque eu bebo e escrevi em uma revista que não era, e não é, de todo obscura. Se fosse em um jornal...

O sr. Azevedo Amaral, por contagio, adquiriu aquella molestia da nossa reportagem que só julga cousa importante e intelligente o que sae nos nossos grandes jornaes de noticias policiaes. E' de admirar, porque, em geral, embora seja admittido o contrario, o homem superior não se adapta.

Lembrei tudo isto, porquanto tendo ha quasi um anno, como já disse, deitado uma especie de manifesto maximalista, estou na obrigação e me julgo sempre obrigado a seguir o que aqui se disser a respeito dos ideaes da revolução russa em que me baseei naquelle meu escripto.

Digo ideaes e não as formulas e medidas especiaes, porquanto, desde o começo, tinha visto que ellas não podiam ser as mesmas em todos os paizes.

O sr. Ingenieros, muito mais sabio nessas cousas do que eu, e muito mais experimentado nellas, assim definiu o maximalismo: *a inspiração de realizar o maximo de reformas possiveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares.*

E' o que se póde lêr no numero da "Revista do Brasil", de S. Paulo, a que já alludi, e no qual mais adeante elle esclarece o seu pensamento, mostrando como na Russia é necessaria a nacionalisação dos immensos latifundios que estão em mãos de particulares, mas que tal medida, na Belgica ou na Suissa, não teria razão de ser, porquanto nestes dous ultimos paizes, a propriedade agricola está já muito subdividida nas mãos dos mesmos que trabalham.

No meu artigo "No ajuste de contas" inspirado nas vagas cousas sobre a "Revolução russa", de que tinha noticia, eu pedia que se puzesse em pratica quatro medidas principaes: a) suppressão da divida interna, isto é, cessar de vez, o pagamento de juros de apolices, com o qual gastamos annualmente cerca de 50 mil contos; b) confiscação dos bens das ordens religiosas, sobretudoo as militantes; c) extincção de direito de testar; as fortunas, por morte dos seus detentores, voltavam para a communhão; d) estabelecimento do divorcio completo (os juristas têm um nome latino para isto) e summario, mesmo que um dos conjuges allegasse amor por terceiro ou terceira.

Este artigo que os raros leitores meus chamaram de maximalista, justificava todas essas quatro medidas radicaes e indicava ligeiramente outras. Não quiz, porém, tratar do problema agrario nacional que é um dos mais prementes.

No numero passado desta revista, comtudo, dando noticia de um oppusculo de Monteiro Lobato, eu disse o que pensava a tal respeito. O folheto do autor de "Urupês" tratava do saneamento das zonas sertanejas e ruraes do Brasil, nestas ultimas, já agora, devemos incluir tambem os suburbios e freguezias roceiras do Municipio do Rio de Janeiro (custa-me muito escrever — Districto Federal). Quando se agitou essa questão aqui, não julguei que os seus propugnadores exaggerassem. Achei sómente que elles encaravam o problema no ponto de vista estreitamente medico; e não pezavam bem as outras faces da questão, parecendo-me então que queriam estabelecer a dictadura dos doutores em medicina.

A solução do saneamento do interior do Brasil, no meu fraco entender, joga com muitos outros dados. Ha a parte de engenharia: dessecamento de pantanos, regularisação de cursos dagua, etc.; ha a parte social, no fazer desaparecer a fazenda, o latifundio, dividil-o e dar a prosperidade dos retalhos aos que effectivamente cultivam a terra; ha a parte economica, consistindo em baratear a vida, os preços dos vestuarios, etc., cousa que pede um çombate decisivo ao nosso capitalismo industrial e mercantil que enriquece doidamente, empobrecendo quasi todos; ha a de instrucção e muitos outros que agora não me occorrem.

Em resumo, porém, se póde dizer que todo o mal está no capitalismo, na insensibilidade moral da burguezia, na sua ganancia sem freio de especie alguma, que só vê na vida dinheiro, dinheiro, morra quem morrer, soffra quem soffrer.

O caso typico desse malsão estado de espirito com que o enriquecimento de S. Paulo infeccionou todo o Brasil de ganancia e avidez chrematistica, está nesse caso recente das louças baratas, da "louça do pobre", cujos impostos de entrada, de um segundo para outro segundo, afim de enriquecer um fabricante paulista, foram, na lei do orçamento, augmentados cinco vezes mais.

O deputado Nicanor do Nascimento, que está muito mais do que eu, habituado a lidar com essas questões de pauta, tarifas, impostos, etc., mostrou, em um curioso artigo, no numero passado desta revista, como esse proteccionismo nos empobrece, como nação, e não favorece o fisco de fórma alguma. O que elle não disse, é como essa monopolisação de salteadores, por intermedio das taxas alfandegarias, faz miseraveis os pobres e os médios; mas, depreheende-se perfeitamente do seu trabalho. Desejava muito que elle viesse tambem a tratar da isenção de direitos... Hei de ver...

O escandalo das louças, dizia, teve a vantagem de mostrar ao publico os baixos das manobras de que se servem esses espertaihões para enriquecerem nababescamente. O caminho sorrateiro, para arranjar a emenda, ficou claro e todos os que a guiaram pela estrada escura da "cavação" parlamentar, ignobil, sórdida e sem entranhas, ficando desmascarados, tiveram que se denunciar, denunciando os outros guias que a levaram até o Senado da Republica. E' esse o "trabalho" com que elles blasonam ter adquirido fortuna honradamente!... Que honra, Deus do céu!

Com taes casos á vista, cabe bem aos homens de coração de-sejar e appellar para uma convulsão violenta que desthrono e dissolva de vez essa “societas sceleris” de politicos, commerciantes, industriaes, prostitutas, jornalistas “ad-hoc”, que nos saquêam, nos esfaimam, emboscados atraz das leis republicanas. E’ preciso, pois não ha outro meio de exterminal-a.

Se a convulsão não trouxer ao mundo o reino da felicidade, pelo menos substituirá a camada pôdre, ruim, má, exploradora, sem ideal, sem gosto, perversa, sem intelligencia, inimiga do saber, desleal, vesga que nos governa, por uma outra, até agora recalçada, que virá com outras idéas, com outra visão da vida, com outros sentimentos para com os homens, espulsando esses Shylocks que estão ahi, com os seus bancos, casas de penhores e umas trapalhadas financeiras, para engazopar o povo. A vida do homem e o progresso da humanidade pedem mais do que dinheiro, caixas fortes attestadas de moedas, casacões imbecis com lambequins vulgares. Pedem sonho, pedem arte, pedem cultura, pedem caridade, piedade, pedem amor, pedem felicidade; e esta, a não ser que se seja um burguez burro e intoxicado de ganancia, ninguem pôde ter, quando se vê cercado da fome, da dôr, da molestia, da miseria de quasi toda uma grande população.

Os tolos a que alludi, no começo destas linhas, dizem que repellem o maximalismo, porquanto não podem admittir que, amanhã, o seu criado lhes venha dar ordens. A razão é supimpa de gentil sociologo fabricante de almofadinhas, em Petropolis ou no reino dos céos.

Será preciso lembrar-lhes, Santo Deus! que um dos aspectos que mais impressionam os pensadores estudiosos da Revolução Franceza, é ver de que fórma tendo ella acabado ou expulsado a grande nobreza hereditaria, a de espada, quasi exgottada de energias, e mesmo a de béca, deu occasião para surgir das mais humildes camadas da sociedade franceza, forças individuaes portentosas e capacidades sem par de toda a ordem? Será preciso?... Mas, repito: *Non racioniam di lor, ma guarda e passa...*

Os uxoricidas e a Sociedade Brasileira

"...et je detest e l'orgueil qui veut qu'on s'honore et qu'on honore autrui, comme si quelqu'un dans la postérité d'Adam pouvait trouvé digne d'honneur !"

ANATOLE FRANCE — *"M. Jérôme Coignard."*

Entre os livros que me legou, ao morrer, o meu saudoso amigo Gastão Soares, a quem chamavamos "Chambá", quando era elle servente da Escola Polytechnica, veiu um muito curioso. E' edição da antiga casa Laemmert; e pelo typo, papel e outros pequenos indicios, deve ella ser de 1840 a 1850. Tem por titulo — "Crimes espantosos" — e, tendo eu um unico volume, o primeiro, não sei de quantos se compunha a obra.

Como diz o seu titulo, o volume é formado com a narração de varios e extranhos crimes occorridos todos em França, pois é o trabalho — o que me esquecia de dizer — uma traducção da lingua desse paiz para o portuguez.

Em começo, eu quiz desfazer-me do livro. Estava incompleta a obra; era evidentemente uma cousa de fancaria e não valia a pena figurar e occupar logar na minha modésta bibliotheca. Puz-me, porém, a ler a traducção do Sr. desembargador Henrique Velloso d'Oliveira, pois assim se chamava o traductor, e não mais quiz atirar fora a semi-secular publicação da defunta livraria Laemmert.

Narrava ella muitos crimes, alguns curiosos, inesperados e inexplicaveis, e outros de uma estupidez, de uma tal ferocidade, que me enchiam de pasmo haver homens que os commettessem.

Na categoria ultima, estava o assassinio de um filho pelo seu proprio pae.

Um tal Gilberto Augusto de Vandégre, nobre de quatro quarteiros de nobreza, vivia apezar da sua authentica fidalguia, a vida de um simples camponez, elle e a familia, nos arredores de Riom, Puy-de-Dôme, Auvergne.

Casado com uma mulher de extracção obscura, todos os seus

filhos cresceram com os gostos, affeições, habitos e usos de humildes camponezes. Um delles, o mais velho, André, ahi pelos trinta annos, muito naturalmente, veiu a apaixonar-se por uma rapariga aldeã, Maria Bourdu, então criada de servir em casa de Gilberto Joannet, "fermier" visinho dos Vandégres. Tratou de casar-se; os paes, porém, puzeram todos os obstaculos, já os que podiam com a sua autoridade domestica, já os de natureza judiciaria e extrajudiciaria. A mais encarniçada, contra a rapariga e o casamento, era a mãe; entretanto, como já lhes disse, a sua origem não era lá muito superior á de Maria Bourdu. Para encurtar razões: dias antes de realisar-se afinal o casamento, André foi morto a tiros pelo proprio pae.

Por que isso? Embora fidalgo e nobre, a vida que o filho levava era de simples camponez, de pequeno cultivador aldeão, os seus gostos deviam ser equivalentes á vida que tinha; e, muito naturalmente, havia de affeioar-se por uma rapariga de seu ambito de existencia, que não podia, se não como elle, por excepção, ser nobre de nascimento. O pae mesmo já tinha dado exemplo semelhante com o seu matrimonio; mas, por que, então, se oppunha e se oppoz até com tão hediondo crime ao casamento do André?

Foi por causa da honra, a Honra feudal da nobreza de antanho, que via como um crime aquella "mèssaliance". Naquella cabeça dura, limitada e estúpida, de nobre que se degradara em simples camponez, tinha sobrevivido a absoleta e cruel concepção de Honra dos tempos antigos dos cavalheiros e barões.

Faltam-me elementos para affirmar que tudo que caracterizou a antiga nobreza, elle tivesse perdido, mas estou disposto a crer que sim.

Entretanto, o facto de seu filho nobre, unicamente pelo lado paterno, vir a casar-se com uma criada de servir, apparecia-lhe no lusco-fusco da sua fidalguia crepuscular, como cousa horrenda, como uma offensa aos seus fóros de nobrezà, a dissolverem-se em vulgar e plebeu camponez.

A honra, como todas as concepções que têm guiado as sociedades passadas, inspira actualmente muitos crimes ou os desculpa. Essas concepções não devem ser totalmente varridas da nossa mentalidade; ha nellas muita cousa a aproveitar e as acquisições que nos trouxeram, não são de desprezar; mas devem ser empregadas com precaução para nos serem uteis e nos servirem de modo a não entrar em conflicto com o nosso actual sentimento da vida. Ellas devem perder alguma cousa, em face de nossas idéas contemporaneas sobre o mundo e o homem.

Pode alguém hoje desculpar ou perdoar o infame e hediondo crime que acabo de narrar, em nome da Honra? Não. Entretanto, a literatura e a chronica estão cheias delles, e embellezados, quando acontecidos, nos tempos feudaes.

Sabe-se bem a que torturas, cintos de castidade, etc., etc., sofriam as mulheres dos tempos dos castellos e "manoirs", quando os seus brutaes maridos dellas se afastavam em expedições e guerras

longinquas. Tudo, em nome de que ? E' de rir. Em nome da Honra. Póde-se admittir isso actualmente ?

Não ha necessidade de responder...

Uma das sobrevivencias nefastas dessa idéa medieval, applicada nas relações sexuaes entre o marido e a mulher, é a tacita autorisação que a sociedade dá ao marido de assassinar a esposa, quando adultera. No Brasil, então é fatal a sua absolvição, no jury.

Eu mesmo já absolvi um destes matadores de sua propria mulher e contei isto, com o pseudonymo de "Dr. Bogoloff", na "A Lanterna", em 28 de janeiro do anno passado.

* Conteí como o caso se deu, nas seguintes palavras que transcrevo, por me parecerem opportunas:

"Dentre as muitas cousas engraçadas que me têm acontecido, uma dellas é ter sido jurado em mais de uma sessão. Da veneravel instituição, eu tenho notas que me animo qualifical-as, de judiciosas e, um dia, hei de publical-as. Antes de tudo, declaro que não tenho sobre o jury a opinião dos jornalistas honestissimos, nem tampouco a dos bachareis pedantes. Sou de opinião que a instituição deve ser mantida, ou, por outra, voltar ao que foi. A lei, pela sua generalidade mesmo, não pode prevêr taes ou quaes casos, os aspectos particulares de taes ou quaes crimes; e só um tribunal como o Jury, sem peias de praxistas, de autoridades juridicas, de arrestos, de commentadores trapalhões, etc., pode julgar com o criterio muito racional e concreto da vida que nós vivemos todos os dias, desprezando o rigor abstracto da lei e os preconceitos dos juristas.

A massa dos jurados é de uma mediocridade intellectual pasmosa, mas isto não depõe contra o Jury, pois nós sabemos de que força mental são a maioria dos nossos juizes togados.

A burrice nacional, sobretudo no seu quinhão parlamentar, julga que deviam ser os "formados" a compor unicamente o Jury. Ha nisto sómente burrice, e ás toneladas ! Nas muitas vezes em que servi no tribunal popular, tive como companheiros de conselho "doutores" de todas as matizes. Com raras excepções, todos elles eram excepcionalmente idiotas e os mais perfeitos eram os formados em direito.

Quasi todos elles estavam no mesmo nivel mental que o Sr. Ramalho, official da Secretaria da Viação; que o Sr. Sá, escripturario da Intendencia; que o Sr. Guedes, contra-mestre do Arsenal de Guerra, etc., etc.

Podem objectar que esses doutores todos exerciam cargos burocraticos. E' um engano. Havia-os que ganhavam o seu pão dentro das habilidades fornecidas pelo "canudo", e eram bem tapados.

Não ha paiz algum em que, tirando-se á sorte os nomes de doze ou sete homens, dez ou cinco sejam intelligentes; e o Brasil, que tem os seus expoentes intellectuaes no Aloysio de Castro, no Helio Lobo e no Miguel Calmon, não pode fazer excepção da regra.

O Jury, porém, não é negocio de intelligencia. O que exige de intelligencia é muito pouco, está ao alcance de qualquer. O que

se exige lá é independência, coragem moral, força de sentimento da vida e firmeza de caracter; e tudo isto não ha “lata doutoral” que dê. Essas considerações vêm-me ao bico da penna, ao ler que o Jury, mais uma vez, absolveu um marido que matou a mulher, sob o pretexto de ser esta adúltera.

Eu julguei um crime destes e foi das primeiras vezes em que fui sorteado e aceito. O promotor era o Sr. Cesario Alvim, que já é juiz de direito. O Sr. Cesario Alvim fez uma accusação das mais vehementes e perfectas a que eu assisti no meu curso de jurado. O Sr. Evaristo de Moraes defendeu, empregando o seu processo predilecto de ler autores cujos livros elle leva para o Tribunal, e referir-se a documentos particulares que, da tribuna mostra aos jurados. A mediocridade de instrucção e intelligencia dos juizes de facto e a sua falta de senso critico, fazem que fiquem elles impressionados com as “coisas de livro”; e o Dr. Evaristo sabe bem disto e nunca deixa de recorrer ao seu processo predilecto de defesa.

Mas... Eu julguei um uxoricida. Entrei no Jury com reiterados pedidos de sua propria mãe que me foi procurar por toda a parte. A minha firme opinião era condemnar o tal matador conjugal. Entretanto, a mãe... Durante a accusação fiquei determinado a mandal-o para o xilindró... Entretanto, a mãe... A defesa do Sr. Evaristo de Moraes não me abalou... Entretanto, a mãe... Indo para a sala secreta tomar café, o despreso que um certo Rodrigues, campeão do réo, demonstrava por mim, irritando-me, mais alicerçou a minha convicção de que devia condemnar aquelle estúpido marido... Entretanto, a mãe... Acabando os debates, Rodrigues queria responder os quesitos, sem proceder á votação previa: “Vamos acabar com isto, dizia elle: são quasi seis horas e a mulher está á minha espera, para jantarmos”. Protestei e disse que não assignaria as respostas, se assim procedessem. Rodrigues ficou attonito; os outros confabularam, em voz baixa, com elle. Um veiu ter a mim, indagar se eu era casado. Disse-lhe que não e elle concluiu: “é por isso; o senhor não sabe o que são essas coisas”. Tomem nota desta... Afinal, cedi. A mãe... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua “Honra”, matando idiotamente uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amal-o mais, se o amou, porventura, algum dia, e amar um outro qualquer... **EU ME ARREPENDO PROFUNDAMENTE.**

Arrependi-me e me arrependo ainda hoje; e, desde então, logo que se me offerece occasião, tenho verberado semelhante pratica, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legitimos órgãos, a admiite como normal e necessaria.

Não diria a verdade se não dissesse que assim é. De alto a baixo, todos nós outorgamos esse direito de matar a mulher, que prevarica, direito cruel e estúpido, ao marido infeliz.

Vão já muitos annos que eu, de calaçaria com Ary Foom, já fallecido, fomos ao necroterio visitar o cadaver de uma rapariga

do conhecimento daquelle meu infeliz camarada, cujo “maquereau”, “por motivos de encontro de contas”, conforme se suspeitou, a tinha assassinado e se suicidado em seguida, no interior de uma casa da rua de Sant’Anna.

O necroterio era no largo da Batalha, e, ao redor, havia um poviléu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas reparigas na mais infima degradação social, etc., etc. Pois bem: dos grupos de reparigas dessa natureza, só se ouvia a condemnação da “rodeuse” assassinada que ellas julgavam casada com o seu assassino, e isto em termos bem duros e crus, mas que eu posso pôr aqui em mais côrtezes: “Bem feito ! Porque ella foi enganar o marido !”

Este facto muito me surpreendeu, a ponto de tomar delle notas mais desenvolvidas que ainda tenho nos meus papeis.

Levado por esse espirito de crueldade, de inhumanidade em que entram erros de uma antiga e tola concepção da nossa natureza, no Jury da semana passada, quando foi julgado um uxoricida, o trabalho do promotor, o meu amigo Dr. Martins Costa, consistiu na sua accusação ao réo, em tentar provar que a assassinada não era adúltera. Admiro que o Dr. Martins Costa, uma intelligencia lucida, moderna, que já de ha muito rompeu com esses preconceitos, da nossa pharisaica sociedade, fizesse tal cousa. Não podia elle, em sã consciencia, desculpar o assassinio da mulher, por ser ella adúltera. Não ha lei que tal autorise e nós, hoje os avançados, não podemos comprehender que tal cousa seja consagrada com absolvições iniquas, que desculpem o assassinio e animem outros.

Estamos a toda a hora mudando; não só nós, como a propria natureza. As variações do nosso eu, de segundo para segundo, são insignificantes; mas em horas, já são palpaveis; em mezés, já são ponderaveis; e, em annos, são consideraveis. Não é só o nosso corpo que muda; mas tambem é o nosso espirito e o nosso pensamento. Que se dirá, então, no tocante ás nossas inclinações sentimentaes e, sobretudo, nesta parte tão melindrosa de amor, no que se refere á mulher ?

Então quando tudo muda, tudo varia, ella não pode nem deve variar, mudar, transformar-se, uma vez que parece ser a essencia da natureza inteira de que nós tambem fazemos parte, a mudança ?

Por economia de esforço sentimental, por habito, pelas acquisições que a marcha da sociedade tem trazido á nossa “psyché”, somos levados insensivelmente á monogamia e a viver durante a vida toda com uma unica mulher; mas não é geral e não o pode ser, por não ser o expontaneo da nossa organização, quer a physiologica, quer a psychologica. Esta então é que reage poderosamente sobre a mulher para levar-a ao adulterio.

Em geral, na nossa sociedade burgueza, todo o casamento é uma decepção. E’, sobretudo, uma decepção para a mulher. A sua educação estreitamente familiar e viciada pelas bobagens da instrução das Dorotheas (jesuitas de saias) e outras religiosas; a estreiteza e monotomia de sua relação, numa unica classe de pessoas, ás

vezes mesmo de uma só profissão, não dão ás moças que, communmente, se casam em verdes annos, criterio seguro para julgar os seus noivos, senão os exteriores da fortuna, titulos, riqueza e um nome mais assim.

Mas, quando elles se despem, um diante do outro: quando elles consumam o acto do casamento; a mulher ganha logo um outro sentido, muda não só de corpo, ancas, seios, olhar, etc., mas de intelligencia e pode julgar então, com muita penetração, o que é e vale o seu senhor para toda a vida. O menor defeito d'elle, devido ao sentimento da perpetuidade de sua submissão áquelle homem, amplia-se muito; e ella se aborrece, se sente a longa vida que ainda tem que viver sem uma significação qualquer, sem sentido algum, sem alegria, sem prazer. O homem quando chega a esse semi-anniquilamento da Esperança, tem o alcool, a orgia, o deboche, para se atordoar; a mulher só tem o amor. Vae experimentar e, ás vezes, é feliz.

Nós todos conhecemos esses casaes irregulares que têm vivido longas vidas felizes; ás vezes, porém, não é e é assassinada bruscamente, sem o perdão dos parentes, das amigas, das conhecidas, de ninguem !

Lembro aqui, que, quando sahi do Jury a que alludi mais acima, os irmãos da victima vieram-me agradecer o ter eu absolvido o matador de sua irmã...

Contra um ignobil e iniquo estado de espirito dessa ordem, que tende a se perpetuar entre nós, aviltando a mulher, rebaixando-a ao estado social da barbaria medieval, de quasi escrava, sem vontade, sem direito aos seus sentimentos profundos são que ella joga no satisfazel-os, a vida; degradando-a á condição de cousa, de animal domestico, de propriedade nas mãos dos maridos, com direito de vida e morte sobre ella; não lhes respeitando a consciencia e a liberdade de amar a quem lhe parecer melhor, quando e onde quizer; — contra tão desgraçada situação da nossa mulher casada, edificada com a estupidez burgueza e a superstição religiosa, não se insurgem as borrobotas feministas que ha por ahi. Ellas só tratam de arranjar manhosamente empregos publicos, sem lei habil que tal permitta. E' um partido de "cavação", como qualquer outro masculino.

Voltando, porém, ao ultimo Jury de uxoricidio, eu notei que os jornaes pouco falaram na defesa do Sr. Evaristo de Moraes, a não ser para dizer que elle se alegrava de ver o réo cercado, ali, de muitos camaradas. Isto traz agua no bico; mas quero crer que o Jury decidiu com completa liberdade de acção.

O outro advogado, porém, teve a honra de ser resumido com mais largueza; e a sua defesa, que foi brilhante, merece por isso, alguns commentarios, tanto mais que, segundo me parece, não é a de advogado profissional.

Sobre a parte sentimental, que é a unica forte e logica do seu discurso, porque tambem ha uma logica dos sentimentos, nada posso dizer, porquanto não conheço nem de vista o seu constituinte; e,

escrevendo isto aqui, não me anima nenhum sentimento de animadversão contra o pobre moço que elle defendeu.

Continuo aqui uma campanha a que me impuz, de combater essa toleima espiritual e sentimental que leva um rapaz como o seu collega que era o réo, a praticar o maior, e talvez o unico crime absoluto, que é o homicidio, por causa de abusões e superstições burguezas, religiosas e feudaes.

O joven advogado e official de Marinha — vem a pello falar nisso — conforme li no jornal (“Correio da Manhã”), de 26 de fevereiro de 1919, disse que o réo:

“Levantou o seu inexprimivel grito de revolta contra esse crime de adulterio que não tem nenhuma circumstancia attenuante que o desculpe”.

Diga-me uma cousa, Sr. tenente: e o de assassinio tem? Qual o mais grave dos dous? Qual dos dous invade sacrilegamente o dominio das forças mysteriosas que nos governam? Diga-me, Sr. tenente: quem tem o direito de matar?

O Sr. tenente talvez ficasse um pouco embaraçado para responder-me; eu continuo, mas toco em outros pontos. Por que accusar este ou aquelle? Por que, cheio de sua enfatuação militar, chamar de réles “Primo Basilio” de logarejo, a terceira personagem da tragedia, aquella que ficou nos bastidores?

O culpado não é ella, não é elle, não é est’outro. E’ a fatalidade da nossa carne, dos nossos ossos, do nosso sangue de homem; e foram tambem, e especialmente, os sonhos della e essa necessidade de fugir do plumbeo tediõ da vida terrena, que é muito poderoso na mulher, para os paraísos artificiaes, da imaginação de cada um. Continuemos, para não perder tempo:

Como diz o senhor que o assassinio foi consequencia do “desespero que se não domina, do acto reflexo que se não contrae?” Curiosa especie de desespero é esse que, primeiramente, faz a seu portador ir pacientemente á cidade, comprar revólver, para depois emittir elle o acto reflexo que não pode contrahir, sob o imperio da paixão cega!

O segredo de sua defesa, onde o Sr. tenente denunciou bem o ponto fraco do réo, é aquelle em que indica como um dos culpados: a “sociedade corrompida que com a sua indiferença estimula o adulterio e delle só tira motivos de galhofas e de irrisão para o marido”.

Quasi sempre é esse terror do ridiculo, mais, talvez do que as sobrevivencias da Honra medieval; é o pavor pusilanime do cochicho da maledicencia que leva os maridos em taes condições a matar as suas mulheres infieis. Elles não temem soffrer na sua consciencia a oppressão do remorso de um homicidio; elles temem os boquejos das esquinas, das confeitarias, dos botequins.

Não me animo a commentar semelhante preferencia: cada qual pensa e age, segundo o seu proprio entendimento, e de accordo com a sua logica interna.

Elles, esses maridos, não são absolutamente passionaes. Se-

riam passionaes, se entre a concepção do crime e a sua execução a quantidade de tempo que medeiasse, fosse quasi nenhuma. e, solicitados imperiosamente pela paixão, agissem 'quasi instantaneamente. Tal não se dá; elles se armam precavidamente esperam a occasião propicia. E' como se Othelo fosse procurar a adaga ou o espadagão, para matar Desdemona... Todos, ou quasi todos, esses crimes por adulterio, bem analysados, resultam na convicção de que são perfeitamente premeditados; e no ponto relativo á individualisação de pena, o joven defensor foi infeliz.

Quanto mais bem educado é o réo, menos direito. se assim me posso exprimir, tem de o ser por assassinio. A instrucção e a educação, são freios que se põem aos nossos fundamentaes e mãos impulsos de matar; e poucos são aquelles que as podem receber, por isso devem ser mais responsaveis os que as têm, do que os outros, orphãos desses dons inestimaveis.

Vão longas estas linhas: e eu não posso terminal-as sem confessar que tenho muita pena dessa pobre moça que teve a coragem moral de dizer ao marido que o filho a palpar-lhe no ventre não era do esposo. "Sim", disse ella, "é d'elle; e só a elle é que eu amo". ("Correio da Manhã", de 25—2—19).

Ainda bem que não negou a sua falta como tantos que negam os seus crimes evidentes; é uma heroina de Ibsen. Onde está a honra? Decididamente a descendencia de Adão, não pode falar em semelhante senhora...

A mathematica não falha

Embora ainda não esteja aposentado de todo, já me julgo completamente desligado do emprego publico que exerci, na Secretaria da Guerra, durante quinze annos.

A vida de cada um de nós, que é feita e guiada mais pelos outros do que por nós mesmos, mais pelos acontecimentos fortuitos do que por qualquer plano traçado de antemão, arrasta-nos, ás vezes, nos seus ponta-pés e repellões, até onde nunca julgariamos chegar.

Jamais imaginei, em dia algum da minha vida, ter de ir parar naquelle casarão do Campo de Sant'Anna e testemunhar as sabias e presurosas medidas que os Presidentes da Republica e os seus Ministros da Guerra põem em pratica para a efficaz defesa armada do Brasil

Mas, successos imprevistos da minha vida com dolorosas desgraças domesticas, num instante de necessidade e angustia, levaram-me até ali, fizeram-me ver bem profundamente, de excellente logar na platéa, uma das partes mais curiosas da administração republicana.

Não me despedi ainda do logar, mas, de qualquer modo, hei de fazel-o; e, quando de todo o fizer, penso que o farei sem saudades.

E não é propriamente por ser elle; fosse outro, creio, que se daria o mesmo.

Neste como naquelle, nesta ou naquella profissão, tenham-se as melhores ou peiores aptidões, o que se nos pede nessa sociedade burgueza e burocratica, é muita abdição de nós mesmos, é um apagamento da nossa individualidade particular, é um enriquecimento de idéas e sentimentos communs e vulgares, é um falso respeito pelos chamados superiores e uma ausencia de escrupulos proprios, de modo a fazer os timidos e delicados de consciencia não supportar sem os mais atrozes soffrimentos Moraes a dura obrigação de viver, respirar a atmospheria deleteria de covardia moral, de panurgismo, de bajulação, de pusilanimidade, de falsidade, que é a que envolve este ou aquelle grupo social e traz o socego dos seus phariseus e sadduccus, um socego de morte da consciencia.

Os delicados de alma, nos nossos dias, mais do que, em outros quaesquer, estão fatalmente condemnados a errar por toda a parte. A grosseria dos processos, a embromação mutua, a hypocrisia,

e a bajulação, a dependencia canina, é o que pede a nossa época para dar felicidade ao geito burguez.

E' a época dos registros e dos tabelliães; é a época dos codigos, sendo tambem o tempo das mais vastas ladroeiras; é a época das policias aperfeiçoadas, apesar de que é o tempo dos crimes monstruosos e impunes; é o tempo dos fiadores endossantes, etc., verificando-se nelle os maiores "calotes"; é a época dos diplomas e das cartas, entretanto, sobretudo, entre nós — é o tempo da mediocridade triumphante, da ignorancia arrogante, escondida atraz de diplomas de saber; etc., etc.

Quem fez nas primeiras edades uma representação da vida cheia de justiça, de respeito religioso pelos direitos dos outros, de deveres moraes, de supremacia do saber, de independencia de pensar e agir — tudo isto de accordo com as licções dos mestres e dos livros; e choca-se com a brutalidade do nosso viver actual, não pode deixar de soffrer até o mais profundo do seu ser e ficar abalado com esse choque para toda a vida, desconjunctado, desarticulado, vivendo aos trambolhões, sem norte, sem rumo e sem esperanza.

Um espirito que creou, para si, um ideal de vida muito differente da que a nossa actual de facto apresenta, conclue que tanto vale ter isto ou aquillo; que os homens são insupportaveis, tolos, injustos e que devemos vel-os, ricaços ou generaes, doutores ou curandeiros, carvoeiros ou almirantes, ministros e os seus sabios secretarios, na sua hypocrisia de tartufos, na sua miseria moral, na sua abjecção necessaria, como actores de uma comedia que nos deve fazer rir, sem esquecer de ter pena delles, pois os seus esgares, as suas "pinturas", as suas roupagens brilhantes de reis, de principes, de papas, ou os trapos de mendigos que os vestem, a sua "characterisação", emfim tem por destino ganhar dinheiro, afim de que não morram de fome, elles, as mulheres e os filhos.

Sem que me attribua qualidades excepcionaes, detesto a hypocrisia e por isso digo que deixo o emprego sem saudades.

Nunca o amei, jamais o prezei. No começo, se tivessem respeitado o meu proceder, a dignidade do meu provimento, o meu trabalho e as qualidades de burocrata que eu tinha como todos os outros, talvez mudasse de sentimento, e, mesmo, como tantos outros, me tivesse deixado annullar commodamente no ramerrão burocratico.

Não quizeram assim, revoltei-me; e, desde essa revolta, que sei que os meus desastres são devidos muito a mim e um pouco aos outros. Dahi para cá, todo o meu esforço tem sido livrar-me de tal logar, que é para a minha consciencia um fóco de apprehensões, transformando-se elle em um inquisitorial aparelho de torturas espirituaes que me impede de pensar tão somente no esplendor do mysterio e rir-me á vontade desses bonecos sarapintados de titulos e distincções que, não sem pena, me fazem gargalhar interiormente para mais perfeitamente gosar a bronca estulticia delles.

A minha sociedade agora não será mais a dos simuladores do talento, do trabalho, da honestidade, da temperança; será a dos

defrogués, dos toques, dos ratés de toda as profissões e situações, mas que sabem perfeitamente que falta confessada é meia falta, e também que Sardanapalo poderoso mandou pôr como seu epítaphio as seguintes e eloquentes palavras: Fundei Tarso e Anchiãle, entretanto, estou aqui morto.

Antes, porem, de esquecer totalmente os episodios desses meus quinze annos de minha vida que deviam ser os melhores della, mas que me foram os de maiores angustias, quero registrar algumas passagens curiosas que observei, e também curiosas figuras que conheci, durante elles.

Todo o mundo está disposto a accusar os burocratas desta ou daquella cousa feia; mas poucos se lembram das “partes” de certa especie que são de pôr um christão doido. Ha algumas que são verdadeiramente importunas, insupportaveis e de desafiar a paciencia de Job.

No meu tempo de Secretaria, havia por lá muitos; e, de tão renitente especie, eu me lembro de um preto de quasi setenta annos, forte ainda, que, em um mez fez entrar mais de dez requerimentos, pedindo a mesma cousa.

Chamava-se elle Agostinho Petra de Bittencourt e tinha sido musico de um batalhão de Voluntarios da Patria, que estivera no Paraguay. Dizia-se filho de um padre Petra que morrera ha mais de cincoenta annos, deixando uma incalculável fortuna, em barras de ouro e pedras preciosas, em moedas de ouro e prata, que se achava depositada no Thesouro. Era seu herdeiro, como seu filho; e, quando bem interrogado, Agostinho dizia que o padre era branco. Entretanto, não seriam precisos grandes conhecimentos anthropologicos para dizer-se, á primeira vista, que o herdeiro de fortuna tão grande não tinha nem uma gotta de sangue caucasico. Um jornal daqui chegou a tratar do caso; mas annos se passaram e só elle não deixou de falar na famosa herança...

A sua demanda com o Ministerio da Guerra, porém, era de outra natureza e muito mais prosaica. Tendo vindo a lei que dava vitaliciamento aos Voluntarios da Patria, sobreviventes, o soldo dos postos e gradações com que foram dispensados, ao terminar a guerra, Agostinho requereu lhe fosse concedida semelhante pensão como mestre de musica.

A Contabilidade da Guerra, consultando os documentos originaes da época, as folhas de pagamento, denominadas na linguagem militar — relações de mostra, só encontrou o nome de Petra como musico de 1ª classe. O velho não se conformou e, daqui e dali, arranjou uma bibliotheca de Ordens do dia da guerra, contra Lopes, que elle sobraçava dia e noite, onde o seu nome figurava como mestre da banda.

Armado com ellas, Agostinho foi a Ministros, a secretarios de S. Ex., a ajudantes de ordens de S. Ex., a todo o pessoal majestoso que recebe luz de S. Ex., queixar-se da imaginaria injustiça de que vinha sendo victima. Não havia nenhuma, mas Petra

attribuia aos empregados da Contabilidade má-fé, falsidade administrativa; quando elles tinham cumprido o seu dever.

Como, em geral, todos os requerentes, o pobre musico de batalhão só se queixava dos pequenos; e os grandes, ao receberem as suas queixas, aconselhavam que requeresse. E elle requeria sem dô nem piedade; e annos e annos levou elle pelos corredores do Quartel General, sobraçando a sua bibliotheca bellicosa, requerendo, resmungando, reclamando e um mez até deu entrada a mais de dez requerimentós no sentido da sua modesta pretensão.

A' vista desse exemplo e de outros mais significativos, talvez, mas pouco pittorescos, é de crer que o Imperio e a literatura patriótica da occasião tenham posto no espirito dos Voluntarios do Paraguay grandiosas esperanças de toda ordem. E' mesmo vezo de todos os governos, quando precisam de soldados para as suas guerras, isso fazerem. O nosso não podia fugir da regra, e, ao se ver a braços com o *El-Supremo* do Paraguay, se não disse francamente aos Voluntarios que, se voltassem, não teriam mais que trabalhar para viver, prometeu com certeza grandes cousas, pois todos com que tratei estavam possuidos de uma forte convicção dos deveres do Estado para com elles.

Foi, naturalmente, esse sentimento, multiplicado, quadruplicado, decuplicado, centuplicado e tambem deformado no espirito simples, primitivo e vaidoso de um ingenuo e ignorante preto que levou o major honorario do exercito, voluntario da patria, José Carlos Vital, ao mais completo desastre que se pode imaginar.

Vital foi ha annos uma figura popular do Rio de Janeiro. Todos devem lembrar-se de um pretinho muito baixo, meudo, feio, com feições de pequeno simio, mollares salientes, labios molles, sempre humidos de saliva, babados mesmo, que era visto passar pelas ruas principaes, fardado de major honorario, com uma banda obsoleta na cintura, um espadagão anti-diluviano, de collarinho extremamente sujo e botas cambaias... Hão de se lembrar, por força! Pois essa figura pouco marcial era o major José Carlos Vital.

Para obedecer á justiça, diga-se que todos o olhavam com respeito. Aos poucos, envaideceu-se com isto e não perdoava continencia. brados d'armas e outras cerimonias militares devidas a seu posto. Ficou irritante e cavava assim a sua ruina. A vaidade matou-o como veremos.

Nos seus tempos aureos de "major", era Vital um simples servente do Arsenal de Guerra; e, quando deixava as suas humildes funcções lá, no Cafôfo, nas proximidades do actual Mercado, envergando solememente a farda e sobraçando com o braço esquerdo o espadagão, não era raro que, na primeira tasca, aceitasse um copo de paraty e contasse, encostado ao balcão da venda, á gente humilde e tresmalhada daquellas paragens as suas proezas guerreiras. O Arsenal era naquelle tempo logar escolhido quasi sempre, para embarque ou desembarque de figurões de toda ordem e nacionalidade; e, quando isso se dava, o Major julgava-se obrigado a comparecer com o seu fardão, o seu espadagão, o seu collarinho

sujo, as suas botas cambaias e o seu charuto de tostão. A's vezes mesmo, com tal toilette, apresentava-se no palacio do Cattete, para cumprimentar o presidente da Republica, em dias festivos...

E' facil de imaginar como a presença de semelhante heroe quebraria a harmonia de tão solemnes e graves cerimoniaes por demais obedientes ao protocollo e ás regras de precedencia. Mas o Major, "Voluntario da Patria", que era, nunca quiz convencer-se de que o seu heroismo ficava mal em taes logares e devia somente brilhar no largo da Sé, no do Moura e em outras molduras dessa natureza que lhe eram adequadas e proprias. Um bello dia apparete um outro José Carlos Vital, major como elle, Voluntario da Patria como elle, mas branco, e modestamente vivendo em Pernambuco, recebendo tambem etapa de asylado lá, como o seu homonymo preto recebia aqui. Abre-se inquerito; cada um dos Josés Carlos Vitaes apresenta as suas provas de identidade; a indagação da verdade é feita com o maximo criterio e imparcialidade, acabando-se por concluir que o de Pernambuco é o authentico, embora o daqui não tenha procedido de má fé. O festejado heroe do largo do Moura, do becco da Batalha, o orgulho das ultimas pretasminas que conheceram o Principe Ubá, perde as honras, o emprego, a etapa de asylado, enviuva o fardão, para sumir-se dentro de um velho fraque de paisano vulgar.

E aquella satisfação de ser Major, com as suas honras, privilegios, garantias e isenções, esvae-se, some-se, foga da sua triste vida de filho sem pae e que da mãe não tem a mais vaga lembrança; essa satisfação infantil que lhe resgatava os padecimentos de creança desvalida e levada em tenra idade, como se verificou, para os campos de batalha — essa satisfação se anniquila completamente como se o destino não lhe quizesse dar, nos seus ultimos dias de vida, essa vã e pueril consolação, como se não lhe quizesse dar a minima illusão de felicidade, a elle que passára toda a existencia, esmagado, humilhado, sem prazeres, sem alegrias, talvez, mesmo as mais vulgares !... Ah ! A Vaidade...

Chamei de vã e pueril a consolação que podem dar as honras que envaideciam o "Major". Será verdade ? Vi tanta gente disputal-as; vi tantos homens de condições de riqueza e instrucção mais variadas, requestal-as que estou disposto a crer que erreí quando assim as qualifiquei.

Não poderei citar muitos casos de pedidos dellas, porque quasi todos, por communs de argumentação e motivos me escaparam da memoria; mas um, por ser sobremodo grotesco, viveu-me sempre na minha lembrança e, ainda hoje quando d'elle me recordo, causa-me riso. Conto-o. Um Voluntario da Patria, chamou em seu auxilio ou tentou chamar, a arithmetica para obter o justo honorario a que se julgava com direito. O Sr. José Dias de Oliveira, porteiro addido do extincto Hospital do Andarahy, vivo ainda, como o são tambem os outros dous seus collegas a que alludi, era um velho pesadão, curto de membros e de corpo, com umas abundantes e longas barbas mosaicas, ventre proeminente e accentuado na sua

redondeza, voz cava, que, de quando em quando, apparecia na Secretaria, afim de procurar com um seu amigo, funcionario della, "o livro dos Voluntarios da Patria". Só elle conhecia esse livro e elle o pedia com a maxima insistencia. A sua voz cava não permittia grandes gritos; mas assim mesmo, nos dias de reclamação, conseguia encher os corredores e as salas com o seu vozeiro. Quem o visse, nesse transe, poderia apreciar o gesticular desenfreado com que acompanhava a sua abafada gritaria e o cuidado constante que tinha, para não lhe cairem as calças pernas abaixo. Movia todas as partes do corpo que permittiam movimento; os braços, as pernas, a cabeça, o pescoço; e falava, falava, semi-gritando.

Queria o tal "livro" para resolver ou justificar os seus direitos, que tinham o apoio da mathematica. Era, argumentava, tenente honorario e fôra tenente da policia do Paraná. Ora $2+2$ são quatro. Logo, elle possuia quatro galões, o que equivale a dizer que era Major e, como tal, tinha direito á patente desse posto. De alguma forma, penso eu agora, o Sr. José Dias de Oliveira tem razão. Se o esoterismo positivista da geometria e do calculo tanto concorreu para o 15 de Novembro, não é de mais que a kabala da taboada de sommar auxiliasse a pretensão do porteiro addido do antigo Hospital do Andarahy. $2+2=4$; elle é, portanto, Major. A mathematica não falha...

○ nosso “yankismo”

No ultimo numero publicado da excellente “Revista do Brasil”, de S. Paulo, o Sr. Brenno Ferraz do Amaral, faz um estudo algo apaixonado, entre os Estados Unidos e o Brasil. O artigo chama-se mesmo: “Um confronto infeliz”. Eu o li com todo o cuidado e interesse que sempre me merecem as publicações daquela revista e a sua leitura mais uma vez me convenceu, que, sob este ou aquelle aspecto, com estas e outras considerações, todos nós, devemos combater essa ingenua tolice dos nossos sociologos “ad-hoc”, e sportivos que nos aconselham a imitar a monstruosa Republica da America do Norte, até o pōnto de levar-nos a sermos, como depois de Rio Branco somos, um disfarçado protectorado della, situação que chegou á sua culminancia actualmente, com o “right honorable” Meia Tinta no Itamaraty.

Nós só vemos dos Estados Unidos o verso, não vemos o reverso ou o avesso; e este é repugnante, vil e horroroso. Houve mesmo quem descrevesse e sinto não ter aqui o livro para transcrever algumas das suas paginas edificantes.

Por mera imitação daquella agglomeração humana, enchemos o Rio de Janeiro de descabellados sobrados insolentes, de cinco e seis andares, com uma base relativamente insignificante, verdadeiras torres, a esmagar os sobradinhos humildes dos tempos do Imperio, com os seus dous andares acanhados e decentes. Uma cidade como a nossa, semeada de collinas pittorescas, arborisadas ou não, que formam o seu verdadeiro encanto, se se seguirem taes construcções, em breve ella perderá os seus horizontes originaes e ficará como qualquer outra.

Condições particulares de sua topographia obrigaram a cidade de Nova York a appellar para esses estafermos de innumerous pisos; e não se verificando ellas na nossa, antes pelo contrario, não tinhamos necessidade de enfeiar o Rio de Janeiro, com construcções que a sua natureza repelle.

O fundo do espirito americano é a brutalidade, o monstruoso, o archigigantesco. Elle não tem o sentimento das proporções que toda a criação humana deve guardar, com o proprio homem. Desde que não sintamos essas proporções; desde que não possamos perceber uma relação occulta commosco e com as nossas forças normaes, não sei como se pode achar belleza de um monumento

edificio, enfim, de uma civilização; e o sentimento que ella pode inspirar será de esmagamento e de oppressão, sensações muito oppostas á de belleza que é suave e macia.

Eduardo Prado, na sua immortal "Illusão Americana", dá bem uma imagem disso, quando vê, ao entrar no porto de Nova-York, um mestiço com sangue de azteca e tolteca olhar assombrado aquella confusão diabolica, parecendo pensar um instante na conquista daquelle inferno, mas, depois, considera bem alto que, unicamente, com os apitos, elles, os de Nova York, conseguiram en-surdecei-os, e derrotal-os, os seus patricios de Guatemala ou alhures.

Nós não estamos ficando surdos com as cousas americanas, mas estamos ficando cegos; e, na classica imagem, somos, como as mariposas que a luz atrae, para matal-as.

Não temos o bom senso de repellir os grosseiros e megathe-ricos ideaes americanos e ficar nós mesmos. O mundo não é sempre o mesmo, embora a sua substancia possa ser uma unica; e os homens, portanto, não o podem ser e devem variar com elle.

Substituir o ideal collectivo que é espontaneamente o nosso, por um outro que vae de encontro á nossa mentalidade e ao nosso temperamento, é suicidar-nos.

A fascinação do modelo estrangeiro, como ensina Gaultier, no seu curioso Bovarysimo, entra sempre em algum gráo na formação de qualquer sociedade, mas, para ser util e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo proprio e ancestral.

Não é possivel que, tomando hoje uma apparencia, amanhã outra, depois aquella outra, haja quem deseje que sejamos afinal o brutamente americano.

Um jornal libertario de S. Paulo, "A Plebe", que os seus directores têm a bondade de enviar-me, conta, em sua edição de 15 de março, varios factos, denunciadores da ferocidade brutal a que attingem nos Estados Unidos as lutas de partidos. Toda a gente está disposta a suppol-os o paiz mais livre do mundo, com o povo mais tolerante do orbe; mas vejam só estes casos:

"Cavalheiros da Liberdade" ou da "Colombia", é uma sociedade nos moldes da "Mão Negra", composta de burguezes e politicos, mancommunados com Wilson e a sua matilha de flibusteiros fardados.

Esses individuos, assim protegidos e organizados, commettem toda a sorte de monstruosidades, e uma das mais repugnantes passou-se a 7 de agosto de 1917, em Wuit Montana, em que foi victima Frenp Litz, enforcado por questões de pensamento.

No mesmo anno, outra proeza semelhante foi perpetrada ali: 16 trabalhadores, que se rebellaram contra o egoismo e a exploração patronaes, foram levados para o campo, despojados do vestuario e, depois de os cobrirem com alcatrão e de lhes encherem o corpo com pennas, soltos no meio do matto, onde 12 delles acãbaram por perecer victimas das mais revoltantes torturas e sofrimentos.

Mais adiante, o mesmo jornal conta:

“Em Leatle Vanch, os “Cavalheiros da Liberdade” penetraram numa reunião operaria e prenderam 300 circumstantes, a quem despojaram de todo o dinheiro e objectos de valor, fazendo por ultimo uma fogueira do mobiliario existente na casa.

Em Patersons, os mesmos sicarios legaes assaltaram as officinas e a redacção do jornal “Era Nova”, manietaram os redactores, roubaram quanto lhes aprouve e, em seguida, lançaram fogo ao edificio.

Em Washington, com a ajuda da policia, privaram da liberdade 1.128 operarios, por protestarem contra a guerra num comicio monstro, soltando-os unicamente ao cabo de varias e persistentes reclamações das classes organisadas.

Em Chussmas, assaltaram o jornal “Chronica Subversiva”, prenderam os redactores e queimaram a séde da sua redacção. Igual banditismo foi praticado, em Boston, contra “O Proletario”, em Broocklin, contra “La Aristora”; e, em Chicago, contra a “Solidariedade”.

Agora, *mot de la fin*:

“E, para remate de tão pouca vergonha, os filhos das nações alliadas que não possuissem 400 dollars, para os fins exigidos, eram mandados para os paizes dos seus progenitores, afim de serem utilizados na horrivel carnificina”.

Quem leu a “Illusão Americana” sabe perfeitamente que não é de hoje que existe “no paiz mais livre do mundo” essas “grandes companhias” de bandidos, que se alugam aos grandes industriaes e capitalistas, para reprimir greves e agitações operarias. empregando as maiores crueldades. A “Pinkerton” é celebre no mundo inteiro.

Nas nossas guerras civis, nas nossas lutas politicas de aldêa. ha muita crueldade, mas não ha dessas repressões operadas por homens que são a ellas levados a executar, mediante um salario mais ou menos avultado. Não os move, senão dinheiro.

Em geral, em todas as suas manifestações, quer normães, quer anormaes, o americano denuncia e define o espirito burguez. Entendo por isso aquelle em que o amor, a adoração, a dominação pelo dinheiro, mais que outro movel de qualquer ordem, impera e conduz. Esse amor, essa fascinação levam-n’o aos grandes *trusts* de uma ousadia céga de conquistadores da lenda e aos grandes roubos, á mão armada, nos carros de caminho de ferro, assaltados em movimento, por bandidos mascarados, pistola em punho, “hands up”, emquanto as algibeiras e “valises” são saqueadas, e os prudentes passageiros ficam socegadinhos, preferindo perder dinheiro a morrer.

Possuidores de um territorio immensamente rico, sobretudo rico dos productos naturaes que são hoje, depois da invenção da machina a vapor, a base da nossa vida, orientados para esse ideal de riqueza, não era possivel que deixassem os Estados Unidos de ser o que são hoje. Lá, as riquezas naturaes existem, são aprovei-

tadas e não são como as nossas, que a gente chega a duvidar da sua existencia. Essa historia do nosso carvão é uma dellas; e uma pessoa que pensa por si, vendo as explicações, as idas e vindas, as parolagens dos sábios sobre elle, só tem que concluir que elle não é aproveitavel ou não vale nada, ou não existe e é um “paco”, de “conto do vigario”. O mais é embromação...

Um paiz, como os Estados Unidos, que possui a região fantasticamente rica de Pittsburg, não podia deixar de ter uma grande predominancia nos nossos dias em que o aço, o ferro e o carvão de pedra, figuram em todos os utensilios, em todas as machinas, e construcções, que a nossa vida, individual, por mais elementar que ella seja, exige a intromissão d'elle, ostensiva ou occultamente.

Numa zona relativamente restricta, como a de Pittsburg encontram-se carvão de pedra, em campos infinitos e á flor da terra, ferro, petroleo e um gaz natural, que é captado e pode ser levado por encanamentos ás uzinas.

Sem negar as qualidades do individuo americano, é bem de ver que as producções do seu solo e mesmo a sua topographia, permittiram que os Estados Unidos, no seculo do vapor, no seculo por excellencia do ferro, do carvão de pedra, com as concepções burguezas da livre concorrência, da liberdade de trabalho, da vida como luta, viessem ser a mais alta expressão do espirito burguez, vencedor na humanidade, com a Revolução Franceza “*Make money honesty if you can; but make money*”...

Em geral, esse espirito é caracterizado pela fé de que tudo se pode obter com dinheiro, e o que elle dá tem tanto sabor, ou mais, como se fosse obtido de outro geito. Não ha consideração de tempo, de moral, de nada — é com dinheiro !

Jules Huret, na sua viagem aos Estados Unidos, conta uma singular vista a Mme. Mackay, mulher do rei dos telegraphos, portanto rainha. Huret descreve a visita, pondo mais cor em o estylo de “reporter”, que quasi sempre é um desenho apressado, um “croquis”. A hospedeira, de algum modo, collaborou com elle e não houve a perturbar a boa emoção da partida, a presença do activissimo marido, que andava a estender fios electricos no interior, para ganhar mais um milhão de dollars — uma migalha !

Mme. Mackay, que é, ou era artista e também “authóress”, dá-lhe pessoalmente detalhes de suas alfaias e dos caprichos com que ellas foram obtidas, com as minucias de catalogo. A banheira é cavada em um bloco colossal de marmore italiano; mas, conta, duas se haviam partido, quando viajavam da Italia para Nova-York.

Está ahi o burguez e o seu gosto; entretanto, a Maria Antonietta, dos telegraphos, possui uma cabana bem rustica, construida sobre a borda de um morro, que cae a pique, num precipicio, onde a solidão é completa e onde ella ama e escreve

— “*C'est la que je viens tous les jours écrire; la, seulement, je suis heureuse*”.

Foi assim que a riquissima e, por isso mesmo, bella Mrs. Cla-

rence Mackay, falou ao redactor do "Figaro", que não quiz informar si ella suspirou e pensou na guilhotina revolucionaria. Publicou ou fez representar uma peça theatral.

O seu drama é tudo o que ha de mais opposto á sua situação social, as idéas conductoras com que a sociedade a levou, a figurar, por aluguel, de grande dama do seculo XVIII. Elle faz literatura, naturalmente de edições carissimas. Ha, nelle, monges, revoltas intimas. nevoentas dissertações, raptos lyricos, Heloisa e Abélard, — "thème de l'amour libre, de la supériorité de "l'amour intégral" sur l'amour platonique", diz o jornalista viajante.

E essa grande burgueza, cheia de milhões e milhões, ainda ha bem pouco, na sua ancestralidade, a comer, por unico jantar, batatas cozidas numa humilde cabana, dos campos na Irlanda, pensava que os saccos de dollars fariam della um Shakespeare, que não tinha na bibliotheca senão edições baratas do Plutarcho e de novelistas italianos. Se não foi pateada, foi porque representou num salãozinho, muito a contragosto dos seus parentes millionarios que deviam querer ver a sua obra gritada, berrada, num palco de duzentos metros de bocca e com a assistencia de um milhão de espectadores, pagos á farta, para terem muito enthusiasmo.

A crença no todo poderio do dinheiro que entre nós se apossou primeiramente, de S. Paulo, o que foi notado por Alberto Torres, não sei em que lugar, e vae avassalando todo o Brasil, matando as nossas qualidades de desprendimento, de doçura e generosidade, de modestia nos gostos e nos prazeres, emprestando-nos, em troca, uma dureza com os humildes, com os inferiores, com os desgraçados, com tolas e infundadas superstições de raça, de classe, etc., nesta época de grandes e justas reivindicções, ameaça-nos de morte, ou senão, de grandes lutas sangrentas. Vou ler o Laboulye — "E'tudes Morales e Politiques" — tendo, porém, fé que as lutas, antes daqui estalarem, terão reduzido a cacos o ante-diluviano megatherio do Mississipi. Renan (cito de segunda mão), dizia que queria viver para ver como acabava Guilherme II, da Allemanha.

Eu peço a Deus que alongue a minha vida até ver aquelle aneurisma americano arrebentar em sangue, aos borbotões...

Quando isso se der, pedirei um pedaço de marmore da banheira de Mme. Mackay, a Maria Antonietta dos telegraphos, para servir de peso de papeis na minha modesta mesa de escriptor pobre e não me esquecerei de todo do Theophilo, do seu drama philosophico.

Quem viver, verá.

Edificantes notas ao Southey

Quando em fins do anno atrazado, o sr. Assis Brazil fez em S. Paulo, sob os auspicios da Liga de Defeza Nacionã, uma conferencia sobre "A Idéa da Patria", li na publicação que della fez o prestimoso "Estado de S. Paulo", em successivos dias, tão compromettedores absurdos que não me contive e comecei a escrever algumas observações sobre ella, para estampal-as em alguma revista obscura e desdenhada. Guiado por aquella idéa muito propria do Sr. Assis Brazil, de que a capital do Brasil deve ser em Pedras Altas, o eminente republicano historico emmaranhava de tal modo os caminhos do povoamento do Brasil e asseverava taes cousas, que me obrigou a consultar velhos livros queridos, para me certificar que as minhas duvidas não provinham de uma lamentavel desorganisação do meu aparelho cerebral.

Um delles foi a Historia do Brasil, de Roberto Southey, traduzida pelo sr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. E' edição da Livraria Garnier, do Rio de Janeiro, de 1862; e, creio, não haver outra.

Lera-lhe os seis volumes ha muitos annos e não me incommodara com as notas do sabio conego.

Em 1917, quando eu fui reler, ou antes consultar, accudj pacientemente ao chamado das sabias notas do Conego doutor. Na pag. 433 do 3º volume, encontrei esta:

O "Paraná" (que em tupi significa "mar") toma este nome na confluencia do Paráhyba (será erro de revisão?), que vem do centro da provincia de Goyaz, e do Rio Grande que sae do interior da de Minas Geraes nascendo na serra da Mantiqueira. Serve de limites ás provincias de Minas, Goyaz, S. Paulo e Paraná; dividindo outrosim o Brasil do Estado Oriental e da Confederação Argentina. Recebe então o Paraguay e o Uruguay, adquirindo o nome de Rio da Prata. F. P.

Fiquei estupefacto com semelhante geographia. Estaria eu esquecido? Fiz exame tão criança... O sr. conego doutor era um homem sabio, muito considerado pelas suas letras, no seu tempo; e eu — o que era?

Corri ao meu Wappœus, na traducção ou melhor refundição dos sabios e operosos srs. Capistrano de Abreu e Valle Cabral. Não satisfeito, soccorri-me do "Moreira Pinto", o grande, em que estudara a Chorographia do Brasil, ahi pelos meus treze annos. Não estava doido, não! O sabio Conego é que levara com a sua sabedoria um completo terremoto na bacia fluvial do Prata.

O Paraná, com o nome de Parahyba, nasce em Minas, na serra de Canastra, nas vertentes oppostas áquellas que dão origem ao S. Francisco; e separa de facto Minas de Goyaz e de Matto Grosso. O Rio Grande que, conjuntamente com o Parahyba, forma o Paraná propriamente dito, é que separa Minas de S. Paulo, como está em qualquer mappa; mas Paraná, Parahyba ou Rio Grande absolutamente não entram, como quer o Conego, na separação do actual Estado do Paraná do de S. Paulo.

Onde pois, o sabio Conego doutor teria visto isto? Em que fantastica carta ou tratado?

Eu daria tudo que pudesse dispôr em dinheiro ou alfaias para possuir semelhante documento.

Não contente com tal descoberta, o reverendo conego doutor foi pol-o, o Paraná, dividindo o Brasil do Estado Oriental. Hom'essa!

Para um geographo dos meados do seculo XIX, o celebre sr. Fernandes Pinheiro, autor respeitado e citado, grande autoridade no seu tempo, é perfeitamente um geographo medieval.

Paginas adiante do mesmo tomo do Southey; na mesma traducção e edição, o Conego doutor (não se omittem nunca os titulos tão do nosso gosto), corrige e assevera, em nota, pags. 432 e 435.,

“Ha aqui um singular equivoco de Southey que cumpre rectificar. E' inexacto que o Rio Uruguay nasça na provincia de Santa Catharina perto da ilha deste nome. Os mais acreditados geographos do Brasil marcam a sua derivação na “Serra Geral” (provincia de S. Pedro do Sul), correndo por dilatado espaço com o nome de Pelotas, e tomando nos “Campos das Vaccas” o nome pelo qual é mais conhecido, serve de limites ao imperio do Brasil: e á Republica Oriental F. P.”

Nova estupefacção da minha parte. Este sabio está doido ou eu não sei quem verdadeiramente sou. Corro ao Wappœus e lá encontro, pag. 130:

“I. O rio Uruguay recebe esse nome na confluencia dos rios das Canôas e das Pelotas que nascem na vertente occidental da Serra do Mar, na Provincia de Santa Catharina.

Com quem estará a verdade: com o conego doutor F. P. e os seus autorisados geographos ou com o Wappœus, o Capistrano, o Valle Cabral, o Homem de Mello e outros notaveis collaboradores da traducção para portuguez da obra do allemão?

E' de entristecer, semelhante alternativa, tanto mais que o Moreira Pinto não nos diz que o Uruguay separe o Brasil da Republica a que elle deu o nome.

Timido diante dos titulos do annotador, do historiador e poeta inglez, simplesmente deixo registradas aqui estas minimas observações muito medroso do meu saber, medo que me fez, ao me encher de perplexidades em face das notas do Conego doutor Fernandes Pinheiro, abandonar o proposito de commentar a conferencia do famoso e autorisado Dr. Assis Brazil, a gigantesca mentalidade de Pedras Altas.

Henrique Rocha

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquella atmosphera da Escola Superior, não me agradava nos meus 16 annos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.

Todos os meus collegas, filhos de graudos de toda a sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiencia que me intimidava, que me abafava, se não me asphyxiava.

Fui perdendo o estímulo; mas, a autoridade moral de meu pae, que me queria ver formado, me obrigava a ir tentando... Conjugados... Momentos... Theoria do pendulo... Theorema das areas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pae, tanto mais que, a bem dizer, não tinha sido reprovado.

Os ultimos annos, passei-os pelos corredores da Escola a discutir, já affeito ao seu *ar* — agora! — ou ler na bibliotheca nacional ou municipal; mas, sobretudo, na da propria Escola. Eu lia Kant, Spencer, Comte, até o velho Condillac li, e Le Bon, as suas grandes obras sobre as civilisações dos arabes e dos hindús. De todos, porém, quem eu gostava mais de ler, era Condorcet — *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain* — e os opusculos que completavam o volume, entre os quaes as — *Reflexions sur l'esclavage des nègres* — que ainda hei de reler.

Cousa curiosa que me occorre no momento; o marquez de Condorcet era relaxado e ha até uma carta de mlle. de Lespinasse pedindo-lhe que o fosse menos, que limpasse as unhas, etc.; entretanto, esse relaxado, perseguido no processo dos Girondinos, fugiu e foi descoberto em uma tasca dos arredores de Paris, por populares, por causa das suas mãos aristocraticas...

Li-o muito, sobretudo essa formosa obrinha que citei, no dizer da tradição, escripta no xadrez.

Talvez em lenda litteraria, como aquella que creou o "D. Quixote" tambem composto no carcere...

Vivia eu nesse conflicto moral desde os meus dezenove annos, quando, aos vinte e um, meu pae adoeceu sem remedio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Emfim... Não seria mais doutor em cousa alguma — o que me repugnava — nem preci-

saria andar agarrado ás abas da casaca do dr. Frontin. Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral!

Bastos Tigre, que já, por aquella época, fundava jornalecos e revistecas, convidou-me para fazer uma destas, — “O Diabo” — com Amorim Junior, Malagutti e elle.

Essa pequena revista deu quatro ou cinco numeros, e fez o seu successo de estima. Comecei, então, a conhecer uma porção de artistas, de poetas, de philosophos, de chronistas, jornalistas, reporters, etc. Não me lembro de todos, mas, de muitos guardo memoria.

Emilio de Menezes, Guimarães Passos, Raul Braga, Domingos Ribeiro Filho, Raul, Calixto, Luiz Edmundo, Santos Maia, Lucilio, Helios, os dois Timotheos, os dois irmãos Chambellands, Evencio, Jobim, Lenoir, o extraordinario Gil, Camerino, Arnaldo, Gonzaga Duque, Lima Campos e tantos outros, alguns já mortos e alguns ainda vivos, poucos felizes e o resto... na mesma. No meio dessa chusma de conhecimentos novos, vim tambem a conhecer Henrique Rocha.

Não sabia bem quem era, que *apito tocava*, se era escriptor, pintor, caricaturista, scenographo, *revisteiro*, poeta — o que fosse. Não tinha eu habitos de bohemia de bofequim, de confeitaria, apezar de desde pouco mais de quinze annos, quando me matriculei, até áquella data, viver sobre mim, em casas de commodos e comendo em pensões mais ou menos familiares. Não sabia quem era, nunca tinha ouvido falar nelle e a minha ingenuidade causava espanto.

— Amorim, quem é este Rocha?

Amorim Junior, fingindo indignação, com aquelle seu gesto de erguer ambas as mãos á altura das faces e agital-as, encarava-me e dizia:

— Mas, você, então, não sabe quem é o Rocha?

— Não.

— Pois é o Rocha “Alazão”, o Rocha “Facada”, o Rocha “Mentira”, o Henrique Rocha — está ahi!

Calava-me, não só assombrado com tantos appellidos grotescos, como tambem para esconder a minha toleima de rapaz já feito e maior.

Indaguei daqui e dali e vim a saber algumas cousas da vida do Rocha. Era filho de um grande clinico ou, como os francezes dizem — um grande pratico de Nictheroy que, se não gostava de literatura, apreciava muito os literatos e os poetas.

Muitas vezes, isso acontece; e o Rocha se creára no meio delles. Estudara alguns annos medicina, andara pela Europa, gastara dinheiro, fôra veterinario de um regimento de cavallaria do Exercito; e, como tinha collegas e velhos conhecimentos, acabara por viver numa disfarçada mendicancia, levando a bohemia muito além dos limites de idade admittidos pela gente honestissima. Gostava tambem de receitar, sobretudo permanganato de potassio. Era um ex-homem. Muitos fugiam delle, não pelo que elle pedia; mas, pelo estado em que elle pedia.

Achei muito curioso o typo, sympathisei muito com elle, tanto

maís que me tratava com muita ternura, paternalmente, talvez com pena. Sempre que podia, isto depois de ter sido nomeado para a Secretaria da Guerra, eu o procurava propositadamente. Tinha um grande desejo de ser “mordido” pelo Rocha. Parecia que isso me sangrava e talvez um artigo de José Verissimo, naquelle tempo não me deixasse tão satisfeito.

Rocha era o homem das esquinas, onde ficava, com as mãos atrás das costas, muito alto, inclinadô, com geito de um jaburú ou socó-boi, á beira de uma lagôa. O fraque augmentava a semelhança. A preferida era a rua Gonçalves Dias com a da Assembléa, onde havia uma casa de bebidas, e, hoje, uma charutaria. Tempo das ruas estreitas, convém notar.

Eu vinha da Secretaria e, quasi sempre, procurava-o, dizendolhe:

— Rocha, como vaes?

— Assim.

E fazia uma contracção com os labios, falava com os dentes quasi cerrados e dava de hombros que pareciam côtos de azas de pinguim.

Em seguida, elle perguntava:

— Tens cigarros?

— Tenho.

Dava-lhe um, accendjamos os nossos e elle accrescentava, depois de tirar uma fumaça:

— Estou aqui, á espera de um “cara”... Minha filha veiu de Paris e pediu-me que fosse jantar com ella; mas o “cara”... até já! até já!

E deixava-me precipitadamente, sem apertarmos as mãos; e corria atrás de um conhecido qualquer.

Assim foi durante muito tempo e o meu interesse e sympathia por elle fizeram-me ir colhendo, aqui e ali, umas historias, aneddotas curiosas sobre o Rocha.

Uma dellas creio que ouvi de Emilio de Menezes. Rocha era antigo conhecido do engenheiro Paulo Alves que foi o primeiro Prefeito de Nictheroy e a cuja iniciativa muito essa capital deve.

Toda vez que o via, Rocha pedia “alguma cousa”.

Certo dia, Paulo Alves, que, naturalmente, vinha aborrecido com qualquer acontecimento, fez uma intimativa severa ao Henrique:

— Rocha, diga-me uma cousa!

— O que é, Paulo?

— Quanto queres, para não me “morder” mais este anno?

Elle pensou um pouco e estimou a cousa em pouco:

— Cincoenta mil réis.

O engenheiro Paulo Alves mettu a mão na algibeira e deu-lhe a “pelle”, como o Rocha chamava o papel moeda.

— Está tratado, não é Henrique?

— Sim, Paulo.

Durante alguns dias, cerca de um mez, Rocha via o amigo e só o cumprimentava :

— Como vaes, Paulo?

— Como vaes, Rocha?

E ficava tudo assim. Certa vez, porém, fosse por que fosse, avistou o dr. Paulo Alves na calçada opposta, já um pouco distante, e correu ao alcance delle.

Henrique Rocha, a bem dizer não corria; elle tinha nessas occasiões uma attitude e um passo singular e engraçados. Deixava descer um dos hombros, o fraque inevitavel esvoaçava, mettia a cabeça no pescoço e ia saltitando lesto como um urubú que quer levantar o vôo. Assim foi elle atraz do benemerito ex-prefeito de Nactheroy. Parou este e perguntou-lhe com austeridade:

— Mas, Rocha, você não se lembra do nosso trato, mais?

Rocha calou-se, pensou e disse instantes após, sem gaguejar:

E' verdade! Mas você póde "passar" "O" — do anno que vem.

O dr. Paulo Alves sorriu, deu-lhe "algum", não todo, para não faltar numerario para as outras vezes.

Comquanto todos o vissem, de manhã á noite, fosse dia util ou feriado, fosse domingo ou dia de trabalho, na rua do Ouvidor e na de Gonçalves Dias, principalmente nesta, Henrique Rocha tinha a pretensão de passar por caçador e fazia questão disso.

Ora, caçador tem fama de mentiroso, imaginem agora um sujeito que se mette como caçador — que mentiroso devia ser! Dahi proveio o appellido de "mentira".

Entretanto, elle não cessava de impingir as suas historias fantasticas, de fantastico caçador.

Uma tarde, já á boca da noite, estavam diversos bohemios daquella epocha bebericando, em torno de uma mesa de botequim rées, entre os quaes o Rocha e um grande poeta, hoje homem morigerado e academico, mas, naquelles tempos, o mais desalmado, estabonado e revoltoso sujeito de que as nossas chronicas literarias guardam memoria, quando, não sei a que proposito, o Henrique deu na veneta de contar historias. Matára tucanos, jacús, mutuns, cotias, antas, pacas, veidos, onças — o diabo! Todos já estavam cançados com as suas mentiras venatorias, quando encetou a longa narração de uma caçada de caitetés no grosso matto, nas serras de Therezopilos.

— Vocês sabem é á noite... Puz-me em cima de uma pedra... Fazia luar — comprehende-se — não... Bem! Puz-me em cima de uma pedra e esperei. Daqui a pouco, ouvi o roncar... Uh! uh! uh! uh!... Eram os "queixadas"... Engatilhei a espingarda e a "vara" appareceu na trilha...

Nisto L. M., o poeta, diz:

— Rocha! Rocha! Se me mattas o porco do matto, eu te quebro a cara! Vê lá, hein!

— Espera, filho! Espera um pouco! acode Rocha., Engatilhei a espingarda e esperei que a "vara" passasse, porque — vocês sabem — só se atira no ultimo, senão...

— Rocha! Rocha! insiste o poeta. Se me matas o “queixada”, eu te quebro a cara.

— Espera, filho! Espera um pouco. Deixei passar a “vara”, dormindo na pontaria, mas...

— Rocha! Rocha! Observa o L. M.

— Mas, afinal, veio o ultimo e...

— Rocha! Fez furioso o poeta, levantando a mão ameaçadoramente.

A’ vista do gesto, o felicissimo caçador explicou com calma:

— Não o matei; a espingarda negou fogo.

Essa mania de Rocha por caçadas fazia que tivesse sempre em casa uma magnifica Lafoucheux, de dous canos, troxados, com a qual um dia lhe pregaram uma magnifica peça. Conto o caso como elle foi. Morava elle em Nictheroy, ahi pelas bandas do Cubango, muito além, na matta, com uma crioula — doce gente que tem sempre o coração aberto para os infelizes que a procuram na ultima hora da desgraça... Morava elle por lá mais a crioula, que nas historias do Rocha, passava a ser uma franceza, talvez para não pagar casa, pois bonde e barcas o Visconde de Moraes lhe dava de graça. Bem!

Certa tarde, Rocha convidou o Evencio Nunes, pintor; o Placido Junior, que foi muito tempo secretario d’“A Noticia”; e não sei quem mais, para ceiaem na sua residencia e lá passarem a noite. O Lebrão, proprietario da Colombo, dava diariamente tudo que sobrava da “estufa”, pedaços de leitão, frangos, peixe frito, etc., ao Rocha, e elle e os seus amigos, naquelle dia, se encheram de embrulhos com as carnes magnificas que a generosidade do Lebrão lhes proporcionára. Era no tempo do bom Rio de Janeiro, de ruas estreitas, mais liberal e cavalheiro, generoso e pittoresco. Saíram da Colombo, ahi, pelas oito horas da noite, tomaram a rua da Assembléa em direcção ás Barcas de Nictheroy.

Todos caminhavam prelibando aquella pantagruelica ceia em que navia, porém, um pouco da distincção e da elegancia dos banquetes *chics*, devido á origem das iguarias.

No meio do caminho, ali, pela esquina da antiga rua dos Ourives, Rocha que tinha dinheiro no bolso, mas precisava realizar suas “reservas metallicas”, viu não sei quem e, de repente, passando os embrulhos aos outros, disse nervoso:

— Vão para as barcas, pois não posso perder “aquelle”.

E saiu atraz de um cavalheiro que se esgueirava na rua escura, na calçada opposta e em sentido opposto ao que levavam.

Evencio, Placido e os outros foram para a ponte das barcas e esperaram. Nove horas, nada de Rocha! Dez horas, nada de Rocha! Tomaram uma resolução heroica. Resolveram então embarcar para Nictheroy e irem direitinhos para a casa d'elle. Assim fizeram e lá, a rapariga, Eponina, creio eu, perguntou logo:

— Cá dê nhô Henrique?

— Já vem, diz um delles. Estamos com fome... Aquece isto que elle não tarda.

Assim foi feito. Ceiaram muito bem e aboletaram-se em esteiras — sofás rasteiros, — aqui e ali, nas dependencias da casa.

A habitação ficava um pouco retirada da rua ou estrada e o portão ou cancella não podia ser fechado á chave. Elles fizeram isto e puzeram-se a dormir.

Só, pelas tantas, Rocha appareceu, batendo desesperadamente na cancella:

— Eponina! Eponina! Abre que sou eu!

Ouvindo isto, Placido não teve duvidas em castigar o malandro que os abandonára “covardemente”.

Agarrou a espingarda, munição, entreabriu a janella e, a cada apello do Rocha, descarregava a arma. Mais elle gritava, mais tiros Placido dava para o ar.

O fantastico caçador dessa feita não teve outro remedio senão dormir no matto — cousa que lhe devia ter acontecido pela primeira vez nas excursões venatorias.

Rocha “mordia” mas tambem era “mordido”.

Antes, porém, de contar como elle foi mordido, vem a pello lembrar um episodio de ciumes desse meu velho camarada.

Estavamos eu, o dr. Ribeiro de Almeida, que é hoje engenheiro da Prefeitura de Nitheroy, Rocha e outras pessoas, á noite, conversando, na Avenida. Rocha contava qualquer cousa, pois tinha a lingua facil e a imaginação fertil. Acercou-se de nós um typo desconhecido, de uma tez sem accento parecido com os nossos habitantes, e, de chapéo na mão, dirigiu-se ao Ribeiro de Almeida, pedindo qualquer cousa. Rocha apartou-se amuado e, quando o homem se foi, voltou ao grupo e disse, para nós indignado:

— Vocês viram isto, só! Estes ciganos vêm para a Avenida “morder”... Já se viu uma cousa dessas!

Narro, porém, como o velho Henrique foi “mordido”. Contou-me esse factó o proprio heroe da façanha, actualmente excellente pae de familia, mas que, naquella época, excedia a todos nós em estabanação, desordem de vida e extravagancia. Uma noite de chuva, elle foi a uma espelunca de jogo qualquer. Jogou e perdeu todo o dinheiro, o ultimo nickel do bonde!

Saiu “zarro” á procura de um camarada que lhe garantisse no bonde, a *ida e volta*, como dizia o Amorim de antanho.

Andou por toda a parte, botequins, confeitarias, tascas literarias e não encontrou nenhum, desesperava quando topou o Rocha. Que havia de fazer? Morder o Rocha; e assim fez. Dirigiu-se a elle:

— Rocha, você não me póde passar ahi um cruzado.

— Poi não.

Metteu Henrique ambas as mãos nas algibeiras da calça, trouxe-as cheias de nickéis, juntou-as em concha e disse para o camarada:

— Escolhe ahi, filho!

Muitos episodios se podem contar do pobre Henrique Rocha, todos, na verdade, cheios de muito comico, até nos gestos que inventou o havia, até na terminologia que creou ha, mas não se poderá descobrir por elle uma miseria moral de sua alma que repugnasse.

Havia nelle mais um precoce cansaço de viver, uma incapacidade para a luta que a vida actual requer, desanimo de uma intelligencia que não sabe onde e como se applicou, uma melancolica contemplação inconsciente e doentia dos homens e das cousas, do que mesmo deshonestidade e patifaria. Não se sabe do Rocha nenhuma anecdota em que elle fosse desleal ou tentasse falsificar qualquer cousa.

Conto ainda mais um caso para acabar:

Ha annos o meu amigo e compadre Emilio Alvim, não sei porque, me convidou a ir á casa delle, em Botafogo, almoçar. Fui. Quando lá cheguei, elle se preparava para sahir, o que me encheu de espanto.

— Não ha duvida! disse-me elle. A mulher sahiu e todos sahiram; mas vou almoçar em casa do V., pois elle me mandou chamar. Vaes commigo.

Em começo, eu não quiz ir, mas afinal accedi. Era na rua da Assumpção a casa de V., que hoje dirige um grande jornal e que, de ha muito, dirige jornaes no Rio de Janeiro.

Na casa de V., foi a mesma cousa. Todos tinham sahido e só lá estavam a senhora e a filha.

Feitas as apresentações, a senhora de V., disse para o Emilio:

— Você, Alvim, sabe quem passou por aqui num estado lamentavel, agora mesmo?

— Não.

— O Rocha.

Alvim perguntou:

— Que vem elle fazer por aqui?

— Vem ver a mãe, que mora na casa vizinha. Parece que, quando elle scisma de vir ver a mãe, arranja mais dinheiro, compra um samburá grande, enche de repolhos, aboboras, courves, alfaces, outras verduras e peixe!... Bebe, bebe e chega aqui cambaleando com o cesto atochado, deixando cahir aboboras que elle apanha para logo cairem repolhos que elle apanha, a ponto de fazer medo que elle se estenda na calçada... Coitado! E a mãe não precisa...

Rimo-nos do grotesco da scena e entreolhamo-nos. Nenhum de nós dois sabia daquillo.

Livros de viagens

Gostei sempre dos livros de viagens. Em menino, a minha leitura predilecta era Jules Verne; passando a rapaz, o meu gosto não diminuiu e, se não li o Marco Polo, foi porque não me cahiu em mãos; mas li as viagens de Cook, Bougainville e o ultimo livro de viagens que li, se não me falha a memoria, foi o de Nansen — “Vers le pôle”. E’ uma literatura das mais agradaveis, pois, tendo todos os direitos a admittirem-n’a como real, parece irreal.

Quando li, por exemplo, a viagem do “Fram”. o navio de Nansen, a emoção foi a mesma que tive com “As aventuras do capitão Hatteras”, de Jules Verne. Em nenhuma das duas leituras procurei o real ou o fantastico; o que achei em ambas foi sonho, muito sonho de ver cousas novas.

Actualmente, serias ou não, pouco procuro ler viagens; já me sinto muito viajado em torno do meu proprio quarto; já sei muito bem que elle é a vastidão do meu mundo e que a essa vastidão me devo condemnar. Antigamente ainda ia a Nictheroy; cheguei até a projectar uma longa viagem a Petropolis; hoje, porém, nem mais esse desejo tenho. Fico no meu canto e a maior viagem que faço, é ir, de onde em onde, ao centro da cidade. Não julguem que seja pequena; não é. De onde moro até á rua do Ouvidor, ha bem duas leguas.

Não quer dizer com isto que abomine as viagens; nem abomino, nem invejo.

Uma especie de viajantes, porém, que me aborrece, além dos caixeiros, são os diplomatas. Elles viajam tanto, que acabam não vendo nada de novo. Falo dos nossos, pois os outros não os conheço; e, dos nossos, muito poucos.

Os seus livros de viagens, em geral, são de uma pasmaceira de quem não tem olhos para ver e intelligencia para penetrar. Quando não sabem sentir por si as cousas estranhas que se lhes apresentam aos olhos, correm a um autór famoso e decalam-n’o manhosamente. A’s vezes mesmo, o sujeito não é famoso; é um Gomez Carrillo qualquer.

De resto, elles não vêem as cousas profundas de um paiz, mas só aquellas superficiaes communs a todos os paizes. São os bailes, os theatros, as ruas elegantes, os bairros ricos e os bairros torpes, onde não foram. Houve um diplomata brasileiro, não

era de grande gradação — graças a Deus ! — que se aborrecu muito que no Annam houvesse annamitas. Gente tão feia !

Entretanto, ha excepções: e devia havel-as, pois nós não somos de todo estupidos. E não são de hoje que ellas apparecem. Ser-me-ia impossivel fazer a bibliographia dos livros de viagens dos diplomatas brasileiros. Creio mesmo que nem o Itamaraty a saberia fazer. Li, porém, uma “Relação de uma viagem á Venezuela, Nova Granada e Equador” que, sendo das excepções de que falei, é, entretanto, bastante antiga. Data de 1866; foi impressa em Bruxellas, na casa de A. Lacroix, Verboeckhoven & C., etc., e seu autor se assigna simplesmente — Conselheiro Lisboa. Não sei quem tivesse sido, mas é supposição minha que fosse pessoa de alta consideração por aquella época e tivesse sido acreditado como ministro do Brasil junto áquellas republicas, para tratar de negocios de limites. Se bem me lembro, elle fez duas viagens áquellas paragens; mas o livro se refere particularmente á que fez em 1853.

O livro tem por fim, diz o seu autor, “dar a conhecer a meus patricios, paizes que, apesar de serem limitrophes conosco, são, no Brasil, inteiramente desconhecidos; procurar (por meio de uma narrativa benevola que apontando com indulgencia os defeitos faça com justiça valer as virtudes dos Hispano-Americanos) corrigir o effeito que têm produzido no mundo literario as obras de escriptores preocupados”. Phrase, pontuação, tudo é do conselheiro.

Sem procura de brilho no estylo, nem descrever paysagens indeseptiveis, o autor consegue o fim que se propõe. Elle nos dá uma pintura, se não exacta, ao menos verosimil e sympathica, da vida social, politica, artistica, desses tres paizes, que ainda são para nós inteiramente desconhecidos.

De todos tres, porém, aquelle pelo qual parece ter elle mais sympathia é pela Venezuela. A sua capital, Caracas, é sempre tomada por termo de comparação com as outras duas capitães que visitou. Ainda hoje, daqui e dali, se ouvem valiosas referencias á cultura, ao amor ás artes, sobretudo, á literatura dos caraquenses. Nomes celebres na historia da America, como Miranda, Bolivar, Sucre e outros, nasceram na pequena cidade do norte da America do Sul, e o exemplo desses grandes nomes, com o de outros nas letras, parece estimular a cultura e o fervor para altos feitos nos Venezuelanos.

O livro do Conselheiro Lisboa, é singelo e documentado; e, tanto quanto está no poder de um livro, a sua obra dá uma idéa dos paizes que visitou em missão do nosso paiz. Executar a obra com carinho e afan, fazendo penosas viagens que não eram do seu dever, mandando até, naturalmente por sua conta, desenhar typos populares ou não, trechos e vistas de cidades, tirando cópias de plantas de obras celebres, entre as quaes as do grande Humboldt, que illustrou aquellas paragens, demonstrando assim uma rara acuidade de espirito e uma capacidade de pensamento geral que nós nunca suppunhamos em diplomatas.

Suggeriu-nos dizer isto tudo que ahi vae, a leitura do livro

que o Sr. Oliveira Lima, também diplomata, embora aposentado, acaba de publicar sobre a Republica Argentina.

Ha entre “Na Argentina”, diz o Sr. Oliveira Lima, e o livro do velho conselheiro Lisboa, um ponto de contacto: é que ambos querem constituir elementos de paz e concórdia entre visinhos. Se, para a longinqua Venezuela, isso é um tanto platonico, para a Republica Argentina, é sempre necessario. Não ha nada como nos conhecermos, para vivermos em paz e perdoarmos os nossos mutuos defeitos.

“Na Argentina” tem a grande virtude de ser obra feita com *sympathia*. Não ha a censural-a por isso, e seria estulto, nestes tempos de guerras e barafundas bellicosas, censurar alguém ou alguma cousa por ter *sympathia* por isto ou por aquillo.

A impressão de leitura mais forte que me ficou do livro do Sr. Oliveira Lima, foi o esforço extraordinario feito pelos argentinos para crear um passado, para organizar tradições.

Os seus publicistas, os seus poetas, os seus novellistas, andam em busca de ninharias de ante-hontem para transformar em motivos dignos de epopéas e longos e substanciaes estudos.

As antiguidades mais de hontem são transformadas em preciosidades do Museu de Saint Germain ou de Copenhague.

Sente-se bem que o artificial espirito de tradição argentino pede raizes e não quer simplesmente adejar, como diz o celebre Dr. Ingenieros; quer vel-as mostrarem-se á superficie da terra em sobrecasacas furadas pelo punhal de assassinos de presidentes, em oculos de alcance de almirantes estrangeiros que, ha poucos dias, foram infelizes nas suas expoliações contra Buenos Aires, e em outras bugigangas. Entre nós, já vae surgindo um movimento analogo, tanto assim que o Sr. Sá Freire já mandou procurar algumas recordações de Duclerc e de Duguay-Trouin. Tanto para lá como para aqui, não me cabe censurar tal cousa; mas lembro que tradição só é tradição aquella que se faz espontaneamente e sem esforço é guardada na memoria de todos, dispensando qualquer preocupação de exactidão e estreita veracidade historica.

A tradição palpavel e documentada só póde ser relatorio. A lenda, que não deixa de ser em parte tradição, de Carlos Magno só se fez durante cerca de tres seculos, pelas narrações oraes, sem que se lhe guardassem os estribos e a espada; e dahi nasceu essa maravilha de poema anonymo que é a “Chanson de Roland”.

Guardar muito cuidadosamente cousinhas desvaliosas de uso de personagens que amanhã serão desvaliosos, não póde formar tradição alguma. Póde ser tudo, menos isso. A historia e a tradição não são feitas pelos contemporaneos nem pela geração que se segue. Pedem para serem feitas algumas gerações adiante.

Os documentos do passado, conforme nos ensina a historia européa, que não é de dois ou tres seculos, substituiram por si mesmos, sem consideração de tempo e logar. Ha castellos de tres seculos que desapareceram; de outros ha restos, porém, que têm mil annos ou cerca disso.

Nós, — assim falo porque estamos soffrendo do mesmo mal — queremos substituir o tempo-na escolha que elle faz dos documentos e recordações que se devem guardar. A tentativa é vã. A America politica não tem passado, não tem avós, não tem tradições de familia. Com esse esforço de construir uma tradição sua, está a parecer-se com certos “parvenus” em cuja genealogia elles não encontram os bisavós, mas que arranjam sujeitos habilitados que fazem entroncar a sua ascendencia com Ricardo Coração de Leão, que, para libertar o Santo Sepulcro, praticou degola-mentos em massa, ahi pelo seculo XII da era christã.

Essas considerações me levaram longe e o espaço não me sobra. O livro do Sr. Oliveira Lima é em todos os pontos um livro excellente, que nos faz conhecer a Republica Argentina sob varios aspectos. Encontro, nelle, porém, uma falta: é o povo argentino. S. S. não se preoccupa com as camadas ditas representativas. Professores (lá são ricos, diz S. S.), gente do mundo, estancieiros; mas o povo, na sua nudez, o Sr. Oliveira Lima deixa de parte. Penso eu que não foi propositadamente, mas uma omissão involuntaria, devida aos habitos da profissão.

Mesmo na literatura, a obra só nos fala de autores considera-veis não ha duvida, mas de autores cujo merito a importancia de sua posição social torna de alguma forma suspeito.

Nas nossas democracias sul-americanas, sequiosas todas de medalhas e considerações, os poderosos não deixam aos humildes nem o direito de dizerem tolices em prosa ou verso. Elles o tomaram tambem para si.

Muito mais podia dizer sobre tão notavel obra, por tantos titulos digna de leitura, mas o espaço já mingua e as palavras já me faltam. Comtudo, já que falei tão longamente do espirito tradicional que implica de algum modo espirito de nacionalidade, pen-samento nacional e o mais; já que falei nessas cousas, não posso deixar de lembrar aqui uma phrase de Remy de Gourmont, quando o presidente da Suissa nos deu ganho de causa na questão do Amapá: “A America do Sul é a Europa depois da invasão dos barbaros”.

16-4-20.

Duas reliquias

Imaginem os senhores, quando, em começos deste mez, arumando e limpando os meus poucos livros, dei com dois tratando de orthographia, como não fiquei espantado !

Já me havia esquecido delles, porquanto estão em minha casa ha muitos annos. Ambos já têm mais de tres dezenas de annos. e vêm nos acompanhando atravez de todas as vicissitudes e mudanças da minha humilde familia, desde que me entendo. Ha muito tempo, porém, não os via.

Um é da autoria do Sr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Foi impresso aqui, no Rio de Janeiro, em 1860, na Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Souza, á rua dos Ciganos, 43 e 45.

E' a segunda edição, sendo que a primeira foi publicada pelo "Jornal de Alagoas".

Semelhante reliquia é dedicada ao Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, presidente da Provincia de Alagôas.

Este senhor deve ser com certeza pae do inevitavel Gil Vidal; e, se eu mantivesse relações com este conspicuo jornalista, talvez lhe fizesse presente do incunabulo da imprensa alagoana. Não tendo relações e receando-me de offercel-o sem as ter, porque podia parecer lisonja e obsequio calculado de escriptor obscuro que quer ganhar mama com auxilio da primeira columna do "Correio da Manhã", mudei de tenção e lembrei-me de dar de presente o volume ao meu velho collega e amigo Oiticica, que, em tempos, já se deu á theologia grammatical.

Anda elle, porém, atrapalhado com cousas mais modernas e actuaes; e suppuz que o livro, nas suas mãos, iria ter o destino que tinha tido nas minhas, durante cerca de trinta annos: ficar na estante. Foi o que lhe aconteceu e ao outro, desde que meu pae m'os deu.

Lembrei-me do Sr. João Ribeiro, do Sr. Medeiros e Albuquerque...

Emfim, o destino a dar a este como ao outro, que é do fallecido professor Boscoli e veio á luz em 1885, ficou sendo para mim objecto de cogitação um dia inteiro. Quem terá paciencia de lel-os ? Quem poderá tirar ensinamentos delles ? Tinha uma pena de que elles continuassem numa catacumba particular.

Tenho uma vizinha que é moça da Escola Normal. Pensei cá

commigo: — essas cousas meticulosas, esses trabalhos chinezes de grammatica, etc., cabem bem ás mulheres ou aos frades. São trabalhos de paciencia e de memoria que fazem dos imaginarios e dos malucos torturados em achar a substancia das cousas, a verdade da existencia.

Vou dar essas preciosidades áquella minha vizinha que sabe de cór os nomes dos presidentes da Republica, de 1889 para cá, seus feitos memoraveis e datas da coroação e sagração de cada um e da sua abdicação do poder nas mãos dos seus herdeiros.

Dias depois, pensei: esta moça talvez julgue que eu a quero namorar; e vai por isso fazer um estardalhaço no bairro. Não, não dou; não quero ser calumniado.

Andei assim de resolução em resolução, hesitante, sem saber a quem dar os dois bedengós, quando me lembrei do meu amigo Cicero de Britto Galvão.

Cicero é moço, é dado á bibliographia, publica uma interessante revista mensal — “Livros Novos” — sobre esse assumpto. que é a unica existente no Brasil; está ahi — pensei eu — pessoa capaz de dar apreço aos livrecos ou encaminhal-os a um destino digno de suas tenções e delles, dos livros.

Empacotei os volumes e escrevi uma carta a Cicero. A minha vaidade pedia que a missiva fosse publicada; mas vi que Cicero a não publicaria.

Não está nos moldes de sua revista, é extensa — logo adivinhei essas suas objecções.

Resolvi publical-a aqui, porque quero que o maior numero de pessoas saiba os motivos porque me separei de tão sabios livros que talvez fizessem o encanto de algum paciënte e notavel professor da roça, excepto talvez o professor Jeremias do W. Léo Vaz. Tinha este muito mais que pensar do que indagar se “fallar” deve ter um ou dois “ll”.

Eis a carta:

— Meu caro Britto Galvão. Saude e saudades. Tenho recebido a “Livros Novos”. Obrigado. Para pagar-te o obsequio, se assim me posso exprimir, mando-te estas duas raridades que estavam entre os meus livros communnissimos. Ambas ellas me foram dadas por meu pae, que se deu em tempos, como modesto amator, ao estudo ou á leitura desopilante das estupendas questões de que ellas tratam. Uma dellas até foi-lhe offerecida pelo autor, o fallecido professor Boscoli, homem operoso e dado á metaphysica grammatical, tendo, apezar de sua percuciencia e capacidade de encadeiar raciocinios subteis, como se fosse um verdadeiro doutor da Escolastica, deixando insoluveis muitos problemas syntacticos, orthographicos, etc. aos seus successores e seguidores de sua audaciosa feição mental, para que este ou, por sua vez, os discipulos destes, afinal, illuminavam a parte da humanidade que fala e escreve portuguez, com uma clara solução de semelhantes quadraturas do circulo, triseccções do angulo da panossa grammatica, mesmo que fosse no dia de Juizo Final.

Tu, creio, e eu, (afianço) ainda até hoje não sabemos se o certo é — *Que horas é?* — ou errado é — *Que horas são?*

Está ahí uma questão grammatical que Boscoli propoz aos Mersennes philologicos, e, aq que me conste, nenhum até hoje resolveu com acerto. Não quero tomar em semêlhante polemica por demais transcendente. iniciada ha annos pelo Descartes — Boscoli da sciencia e philosophia linguistica, nêem em outras parecidas; por isso, isto é, para que não me venha tentação de fazel-o algum dia, é que te mando estas duas preciosidades.

Já te falei da do fallecido Boscoli que deu a de sua autoria a meu pae, quando este era typographo na Imprensa Nacional, onde ella foi composta e impressa.

A outra é de um Sr. José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha.

Creio que este senhor é o irmão do famoso autor portuguez, Visconde Castilho, e andou por aqui ha annos, armado de palmaria a corrigir nos nossos autores o que lhe parecia erros de portuguez, segundo o seu portuguez enviezado, assim feito pelo seu orgulho de ter nascido no Reino, não admittindo nenhuma modificação na linguagem lusa transplantada para aqui e modificada pelo tempo e outros factores embora, de onde em onde, os seus proprios patricios deixem de lado os classicos e pseudos-classicos e escrevam com toda a liberdade, sem semelhantes em cadernos de escripta de mestres-escola da roça. Garret e Eça são exemplos.

Se as não quizerdes, podes dal-as a alguém que aprecie o assumpto.

Tive diversos propositos entre elles o de offerecel-as á Academia de Letras. Fui candidato e só tive um voto; e, por vingança e despeito, offerecendo-lhes estes livros, era minha supposição que elles servissem para atear ou reateiar discordia entre os seus conspicuos membros. Cá de fora, então, ficaria eu a rir-me delles, e, se a cousa viesse a acabar em rôlo e sopapos, pediria a alguns camaradas emprestada a sua capacidade de riso para poder dar uma gargalhada homerica diante dos argumentos do gracioso Dr. Helio por exemplo, justificando a escripta do vocabulo — *caracteristica* — conforme a sua origem grega, e, após forte discussão, atracando-se afinal com o suave Dr. Aloysio que opinava dever graphal-o de accordo com a orthographia original (elle nunca a tinha visto) da “Canção do Figueiral” ou do “Tinharabos”.

Pensando melhor, porém, verifiquei que a discordia premeditada era verdadeiramente sacrilega, além de profundamente denegrir o meu character.

A Academia é perfeitamente o cemiterio das letras e dos literatos. Os que lá estão, não passam de cadaveres bem embalsamados, e muito melhor os mais moços, devido ao aperfeiçoamento actual do processo. O progresso é uma grande cousa...

Muita gente, por ahí julga que, do imperio do esquecimento em que a Morte nos faz entrar a todos, se foge com mausoléos vistosos, inscripções de leguas e meia, embalsamamentos, missas de setimo dia, etc., etc.

Alguns com isso escapam, é verdade; mas como o celebre Pechilin, cujo cadaver embalsamado anda aos ponta-pés no Caju'. Não foi esquecido...

Na Academia, ha muita gente que tem tambem essa ingenua crença; e agora, com a herança do velho Alves, é de crer que os marmoristas de carregação, de Genova, vendam-lhe toneladas de anjos ajoelhados, em postura de reza e outros adornos tumulares, para guarnecer os seus salões e os seus "fauteuils", ganhando elles muito dinheiro com isso.

Abandonei, como te ia dizendo, o proposito de perturbar a paz daquella necropole egypcia, ou melhor: daquelle "columbarium", porque não é digno da nossa piedade de viventes tal fazer, instigados por quaesquer motivos que sempre hão de partir da nossa condição inferior de sêres vivos. Todos os mortos, pensei eu avisadamente, merecem o nosso respeito e piedade.

Fosse qual fosse o seu estado anterior no nosso mundo, tivesse sido elle um escravo de Livia ou o proprio Augusto, todos elles devem ficar em paz onde estão, respondendo perante os Deuses pelas culpas e peccados que tiverem praticado.

E' um sacrilegio quebrar-lhes de qualquer modo o socego em que estão; e, portanto, dou-t'as, a ti, as duas obrinhas curiosas que ahi vão, para que tu, Britto Galvão, fiques com ellas ou as dêas a qualquer, mesmo que seja ao Museu Nacional ou ao Historico do Sr. Escragnolle Doria. Preferia que fosse áquelle e ficaria muito contente se fossem expostas na sala das mumias.

Os volumesinhos estão á tua disposição na livraria Sçhettino, onde podes procural-os.

Peço-te tambem desculpas por ter publicado esta, antes de obter tua autorisação.

Arranja a cousa como quizeres. Adeus.

28-2-20.

Dous livros

Com o lindo titulo de "Saudade", veiu-me ter ás mãos um livro original que o seu autor, o professor Thales C. de Andrade, de Piracicaba, teve a bondade de me offerecer. E' um livro por assim dizer didactico, mas que, ao contrario dos livros didacticos, não vem cheio de declamações patrioticas, de clangoramentos a uma duvidosa grandesa do Brasil, a reboar nos espiritos infantis, mas que tambem não tem criticas pouco proprias a serem dadas a ler a creanças. E' um livro puro e doce, em que, na linguagem mais simples, o autor procura convencer os seus pequenos leitores das bellezas e dos encantos da vida da roça.

Pouco conhecedor dessa vida, nada direi, nem poderia dizer, sobre o acerto de sua these; mas o certo é que o livro me encontrou e eu o li com prazer de quem sonha com uma região que não viu e não verá nunca.

Trata-se da historia de um menino chamado Mario que "foi crescendo, foi crescendo e . . . ficou moço".

Cheio de saudades da sua meninice quiz escrever a historia della. Metteu mãos á obra, a historia ficou grande que dava até um livro. Mandou-o imprimir e chamou-o "Saudade".

Com esse entrecho simples, como convinha ao destino do livro, o Sr. Thales C. de Andrade conseguiu realizar uma obra em que as creanças falam na sua linguagem propria, em que traduzem á sua emoção diante das cousas e da natureza com as imagens e comparações proprias á sua idade, não deixando, porém, de haver incidentes que se passam entre gente grande.

O maior encanto do seu livro é este de reunir á candura da creança, a reflexão de homem e o grande segredo de sua obra é mostrar a capacidade de observação do seu pequeno heroe, sem mesclar essa capacidade com nenhuma especie de pedantismo.

O seu prefaciador, o Sr. A. de Sampaio Doria, diz muito bem que "o autor tem intuição exacta da psychologia infantil; sabe ser creança entre creanças, alliando a um assumpto proprio uma linguagem sobria e expressiva".

A familia de Mario deixa a fazenda, vende-a e vem morar na cidade, onde o pae se estabelece. Mario não se agrada da cidade:

— "De manhã até á noite, conta elle batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquillo parecia não ter fim, enjoava

a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carvoeiro, o mascate, o cégo, o aleijado e mil outras pessoas que iam offerecer alguma cousa ou pedil-as, ou visitar mamãe e acompanhar-a nos passeios”.

Essa complicação da vida urbana aborrece logo a creança que se recorda da vida simples do campo. Chega o fim do anno, o pae, dá um balanço no negocio e tudo lhe tinha corrido mal. No fim de pouco tempo, elle empobrecia a olhos vistos. Foi preciso recorrer a um emprego, numa fabrica, onde não vê futuro algum.

Resolve, então, o pae do Mario a comprar com o resto da fortuna que tinha reservado, umas terras que lhe foram offerecidas em condições vantajosas. Depois dos indispensaveis ajustes, lá vae toda a familia se estabelecer de novo na roça. Dahi em diante é que se desenvolve a parte mais importante do livro, aquella que é a sua verdadeira méta.

A apresentação dos collegas de escola primaria, a descripção da professora, D. Alzira, uma “criação”, “Zé Fidélis” e tantos outros trechos são inesqueciveis.

O Sr. Thales teve o bom gosto de entremeiar os seus capitulos com versos e cantos relativos aos assumptos tratados nelles. Ha um de Monteiro Lobato e um outro do proprio autor “O Cordão”, que dá um firme relevo e um desenho seguro, uma imagem da vida roceira, das suas creanças simples e da sua ingenuidade necessaria.

Um livro didactico tão brilhante como o do Sr. Thales C. de Andrade, acabada a leitura delle, provoca algumas perguntas sérias á nossa consciencia: o que devemos ensinar aos nossos filhos? Que sentimentos moraes devemos transmittir-lhes?

Diante dessa onda de brutalidade, de violencia, de ausencia de qualquer sentimento de piedade e misericordia, que vae cobrindo o mundo, será a bõdade, o amor que lhes devemos ensinar ou deverá ser tambem a violencia, a crueldade e o egoismo, para que lhes não sejam vencidos por qualquer dos partidos que appellam todos para a força e para a matança?

Não sei responder; mas, no formoso “Saudade”, eu só vi a excellencia, a poesia e a transcendencia da meiguice, da honestidade e da amisade.

Foi por isso que o livro do Sr. Thales encheu-me de prazer e me fez recordar os meus innocentes annos de menino. Eu me absteria de falar, tratando dessa obra sobre linguagem, se não tivesse percebido ter elle merecido criticas estreitas a tal respeito. Abster-me-ia por duas razões: primeiro, por não ter competencia nem autoridade; e segundo por ser enfadonho, estar a escarafunchar coisinhas.

Entretanto, eu me animo a observar que muitos modismos e vocabulos que lá vêm gryphados como expressões duvidosas, têm fóros de cidade entre os nossos melhores grammaticos. Nenhum delles levá a mal que se diga *cabeçudo* por teimoso; “encharcar-se de tanto beber isto ou aquillo”; “nem por sombra”; “feito amisade com algum”, e outros.

Quanto á phrase... “as plantações que estão tremendo de viçosas”, faz-me lembrar — as estrellas palpitavam no céu — metaphora hoje corriqueira que, segundo Remy de Gourmont, se não me engano, foi pela primeira vez empregada por Chateaubriand. Não tenho aqui á mão o — Du Style — daquelle autor francez, senão documentaria a cousa.

Emfim, o livro do St. Thales é digno de todo o apreço.

* * *

Em reedição Gastão Franca Amaral acaba de publicar o seu interessante dialogo entre um pessimista e um optimista — *Horror á forma humana*.

Approximo aqui o ingenuo livro do professor Thales do angustioso opusculo de Franca Amaral, não por isso ou por aquillo, mas pela necessidade urgente de dizer sobre ambos qualquer cousa.

Como o titulo indica, o trabalho do ultimo põe em scena dous amigos que conversam muito á vontade num recanto da Gavea, á tarde, sobre esta cousa de saber se a vida é boa ou má.

O outro não diz; mas estou disposto a pensar que o dono da *casa artistica e confortavel* é o optimista.

Não é que supponha que sempre os donos de casas desse genero sejam optimistas. O pessimismo não vem de ter soffrido. Não. Vem de razões obscuras e intimas que são difficeis de colher. Um pobretão pode ser optimista; e o filho de um millionario pode ser pessimista. Tenho para mim que tal concepção da vida não vem tambem de se a ter saciado della, mas de se a ter antegosado em toda a extensão e profundidade e saber que ella não tem sabor algum. E' presentil-a sem fundo, sem sentido, indigna de qualquer esforço em qualquer direcção; é tel-a como uma apparencia a que forças e causas obscuras nos obrigam a acceital-a, que nos faz pessimistas.

Á fortuna e a pobreza nada têm que ver com o pessimismo, nem o amor ou outra qualquer cousa apparente.

O livro de Franca Amaral suggere muitas outras reflexões que talvez eu tivesse feito, mas que não sei exprimir.

Elle joga com muitas idéas, com muitas noções; possui muitos aspectos, demonstrando-se um estudioso e pensador.

Escripto com toda a correcção; é, porém, um dialogo philosophico, genero literario antigo que vae renascendo, onde se pedem mais idéas, conceitos, de que mesmo a naturalidade e o abandono da conversa familiar.

Não ha a censural-o por isso, porque elle sabe o que fez, e o fez bem feito.

Sobre o nosso Theatro

Tenho dito muitas vezes que não vou a theatro. Isto é verdade. Não é porque desprese o theatro propriamente; não é porque desprese os artistas; não é porque desprese os autores. Eu não vou a theatro porque despreso o publico. Os artistas e os autores não têm culpa de que o nosso theatro seja a chulice que é; quem tem culpa é o publico. Aquelles dão a este o que este lhes pede, e não podem, e não devem fazer outra cousa, pois precisam viver.

Estou disposto a acreditar que ha entre os autores muita gente capaz de fazer cousa melhor; e, por isso, lembrei-me de bordar algumas considerações sobre cousas do palco carioca.

Mas, como é que você não indo a theatro vae falar sobre theatro?

A explicação é simples. Sigo attentamente a vida delle pelas chronicas, pelas revistas especiaes. Recebo a "Comedia", que os meus amigos e camaradas M. Austregesilo e Autran têm a bondade de enviar-me; e sempre leio o semanario do Barreiros e Lino, "Theatro & Sport". Este meu methodo de estar em dia com o nosso theatro tem duas vantagens: posso meditar calmamente sobre elle e não corro o perigo de fascinar-me por uma corista qualquer.

Ainda agora, relendo uns numeros não muito atrasados, da ultima das revistas citadas, vi que havia no nosso "mundinho" theatral, um grande barulho com o sr. ou, aliás, dr. Cardim.

Aqui, no Brasil, ninguem deixa o doutor, mesmo quando escreve revistas de anno. Dito isto, passo ao que estava tratando.

Não imaginei nunca que o sr. Cardim merecesse opposição tão rancorosa. Elle, pelo que leio, desde os folhetins do Arthur, me apparecia como um abnegado propagandista da nossa regeneração scenica, como um defensor dos artistas, etc., etc. Vem, porém, a revista do Lino e diz que não, contando do homenzinho cousas que muito desdizem da sua alta missão de regeneração artistica. Vou transcrever um trecho para que os nossos leitores apreciem, Eil-o:

Cumpre-nos, então, declarar que a tal virtude do sr. dr. Gomes Cardim, está em verdadeiro antagonismo com a sua conducta, de ha pouco tempo, em Lavras, no Theatro Municipal, quando ali se encontrava a Companhia Dramatica.

O desgosto habilmente simulado pelo sr. dr. Gomes Cardim que, no theatro da referida cidade, mandou inutilisar a placa offerecida pela platêa a toda a companhia, para substituil-a por outra de sua propriedade, com - dizeres, - apenas, referentes á sra. Italia Fausta, só pôde confirmar a sua vocação de comediante..

No theatro de Juiz de Fôra, quando a sua ousadia de camelot o levou a mudar de posição todos os retratos de artistas notaveis que se encontravam no foyer, para collocar o da sra. Italia Fausta entre Novelli e Furtado Coelho, prova realmente o seu criterio artistico de... habil armador.

Isto está no numero de 1 de março corrente, no qual, e em alguns anteriores, podem ser encontradas cousas mais interessantes. Ninguem poderia suppor que o apostolo da arte dramatica tivesse semelhantes calundús e fosse dado a esses caprichos de namorado suburbano.

O Arthur era mais pratico; e o Coelho Netto que, actualmente, partilha, com o sr. Cardim, a missão de erguer o theatro brasileiro, tambem o é. Coelho Netto arranjou uma escola dramatica, em que não entram nella pretos, mas que elle entra nella, consumindo um razoavel ordenado; e o Arthur fez-se dictador do theatro revisteiro, no qual só as suas revistas prestavam.

O vil metal não move o sr. Cardim; mas “l'amor che muove il sole e l'altre stelle”.

Nessas cousas de theatro, actrizes, actores, pontos, coristas e figurantes, o que me assombra é a admiração dessa gente toda pelo Arthur Azevedo. Este senhor sempre foi uma grande mediocridade intellectual, com dotes secundarios de escrever e versejar regularmente, facilmente, correctamente; mas, sem imaginação creadora, sem poder de invenção e de emoção, sem nenhuma visão da vida em geral e, da particular, do seu meio social. Os seus dotes secundarios fizeram-no popular no theatro e fóra delle; e Arthur aproveitou essa popularidade para se fazer um dictador dos palcos do Rio de Janeiro. Ninguem chegava até elles, sem o apoio do A. A.; mas, como Arthur só fazia “revistas”, toda a gente começou a fazer “revistas”, como a celebre “mulata” — generalisação infame e lôrpa — com o tal matuto idiota que é uma toleima, etc., etc.

Elle exerceu durante os seus ultimos annos de vida esse ascendente despotico e só mal fez a toda a gente de theatro que é hoje escarnecida, injustamente, por todo aquelle que pensa um pouco.

Uma dictadura semelhante quer exercer aqui nas letras, nos jornaes e até no theatro o sr. Paulo Barreto, mas faltaram-lhe, por não ter sequer a habilidade e a manha para isso, a audacia e a coragem necessarias, em substituição. Arripiou carreira e voltou-se para a gamella munificente do Itamaraty.

A mania do brasileiro é ser chefe, seja de que fórma fôr. Se não pôde ser do Rio inteiro, contenta-se em sel-o do becco dos Boitos mas é chefe! Nas letras, o nosso typo de chefe é o sr. Ruy Barbosa, que já repudiou a literatura por occasião do seu jubileu, mas, assim mesmo continúa a ser o seu typo. O aspirante a

chefe literario, actualmente, é o sr. Coelho Netto, que, impondo-se á obrigação de preencher todas as exigencias do modelo barbosiano, quiz se fazer politico. Foi deputado durante nove annos, fez dous discursos de congratulações a Portugal, com “paredros, zimbram”, etc., fracassou e voltou-se para o “football”. Com essa muleta sportiva, é bem possivel que o autor do “Album de Caliban” venha a assumir o governo absoluto das nossas letras, tanto mais que, como o “Correio da Manhã”, de 11 do corrente, diz, commentando a sua missão *patriotica e desinteressada* a S. Paulo, *não ha ainda maximalismo, no sport brasileiro. Porque só admittindo que o virus desse mal do inferno e da morte se entranhasse no organismo sportivo nacional é que se poderia conceber tamanho dilate, tamanho crime.*

Com uma tão simplista philosophia social muito propria do burguezismo “parvenu” do sr. Netto, é bem possivel que elle me-reça, com ajuda do “football”, o supremo pontificado das nossas letras. Aguardo-o.

No theatro, porém, elle tem que se haver com o sr. Cardim e este, ao que parece, bebe a sua coragem e a sua força em fontes mais celestiaes e mais tonicantes. Falemos, porém, serio...

Não conheço o sr. Cardim, mas por não conhecel-o, é que esperava trazer elle para essa sua companhia, em favor do aperfeiçãoamento artistico da nossa ribalta, um espirito novo, sagaz e innovador.

O sr. Cardim, vivendo nos bastidores, convivendo com actores, gazistas, pontos, sentindo a platéa daqui e dali, devia ter observado que havia necessidade de pôr os gostos do publico e as exigencias do viver do pessoal scenico em accordo. Devia isso ser o seu postulado.

A “revista” ou que outro nome tenha, que desceu hoje até ao mais baixo grão de imbecilidade, estupidez e panurgismo, é procurada, é apreciada pelo publico, porque é actual, porque, em virtude do nosso amor á bisbilhotice e á maledicencia, fala mal dos outros e os ridicularisa.

O grosso publico do Brasil gosta sempre da critica amarga, muito actual, muito do dia presente, aos acontecimentos e ás pessoas, e não a quer em grandes vôos e generalisações. Elle a quer a “seu” fulano, delegado, ou ao “seu” Chaves vendeiro da esquina, ou à d. Sinhá Fagundes, que se finge de rica.

O missionario paulista devia ter observado isso e, sem abandonar os seus dramas e as suas peças de alto cothurno, encaminhar a sua actividade para tirar da “revista”, como auxilio do pendor que o publico tem por ella, alguma cousa de mais elevado e mais intellectual.

Da maledicencia e da critica, todo o nosso povo, do Amazonas, etc., a parte que mais gosta é a politica e uma comedia politica, ao geito das de Aristophanes, ou mesmo das velhas farças ou operas de Antonio José, com allusões a casos bem do dia de hoje, com troças e personagens antipathisados pelo publico, enquadrado tudo isto num livre e mesmo fantastico entrecho, sem que lhe puzesse

nenhuma restrição á fantasia, julgo que seria peça para grande successo.

Quem a faria? Ahi é que está o precalço. O sr. Cardim correria ao Coelho Netto e este tirava das estantes os Croisets, as obras de Aristophanes e o dictionario de Domingos Vieira e do Antiquidades Gregas, e decalcaria “Os Cavalleiros”, com parabases numa linguagem barôca de vocabulos obsoletos e inintelligíveis, de metro e meio de extensão, ou senão pasticharia — sem proposito e só por amor ao antigo — a ilha dos Lagartos.

Faria mal o sr. Cardim e seria sem desculpa o seu erro, desde que o fizesse, após o fracasso da collaboração academica na “A Noite”.

O meu amigo Marinho foi busca-la no Syllogeu em Botafogo, em Therezopolis, em Santa Thereza e em Petropolis e os academicos deram, com raras excepções no fiasco que o Rio de Janeiro todo assistiu embasbacado.

O Brandão, dos “Ecos e Novidades”, da mesma “A Noite”, que não é literato, nem academico, sempre fez a sua secção diaria com muito mais interesse e mais oportunidade, que todos os Nettos, o peor de todos, da semana academica reunidos. Até uma “Pagina de Album” de vetustos namoros já sahiu...

O sr. Cardim, que tambem é escriptor, deve conhecer bem o meio e os seus homens, ter a sagacidade sufficiente para encontrar o autor que lhe conviesse.

Tente e não se importe com a Academia e outras consagrações, rompa com ellas; não se incommode que os “delambidos” e doutores literarios condemnem as suas peças, por não serem comedia, nem drama, nem tragedia, nem lá que elles entendem, segundo os velhos canones literarios. Alargue os quadros, misture uns com os outros generos, mas, sem esquecer o seu postulado, de modo que contente o publico e faça cousa de pensamento e renda.

Querer attrahir o nosso publico, o grande, o remunerador, com as peças dos moldes estabelecidos, é vão. Elle não vòo tão alto nos conflictos de sentimentos, de paixões e caracteres. Na literatura escripta, póde-se tentar, porque bastam dois mil leitores, para custear uma edição; mas no theatro, o que são dous mil espectadores? Nada.

O que é preciso é que appareça no theatro, um grande genero bem nosso que attenda tanto á massa commum dos auditores como áquelles que até agora se têm afastado do nosso theatro, por ver as suas peças, “revistas” lôrpas feitas de cordel, que o que têm de melhor é a pornographia e a escatologia.

E’ um caminho que está a desafiar um empresario au-laz e intelligente.

Quanto á censura, o sr. Cardim, que é bacharel, sabe perfeitamente que a policia é perfeitamente desautorizada para exercela, não só legalmente, como literariamente. Não é possivel que uma lei ordinaria qualquer ou um simples regulamento ponha nas mãos de supplentes de policia, mininotes bisonhos, quasi sempre illetrados, bachareis ou não, autoridade sufficiente, para restringir a liberdade

de pensamento que a Constituição Federal dá a todo o cidadão, na fôrma mais ampla possível, respondendo elle pelos abusos que commetter, mas isto depois de se ter communicado com os seus leitores ou ouvintes.

Caso a policia se mettesse em prohibir a representação ou “cortar” a farça a Antonio José, havia o appello para os tribunaes que não poderiam permittir á policia do Rio de Janeiro, no XX seculo, ter mais poder para exercer a liberdade de pensamento na scena que os archontes de Athenas, no V seculo, antes da éra christã, ou o Santo Officio portuguez, da primeira metade do seculo XVIII.

Recorrer aos tribunaes, sr. Cardim, seria um esplendido reclame; e não se esqueça que, para fazer grandes cousas, é preciso “audacia, sempre audacia e ainda audacia”. Ponha esta nossa “ilha dos Lagartos”, em scena, sr. Cardim!

Pela “secção livre”

Os “apedidos” do “Jornal do Commercio” são uma das mais preciosas instituições brasileiras. Genuinamente nacional, mais do que isto: genuinamente carioca; mais do que isto: genuinamente “Jornal do Commercio”, elles não têm cousa semelhante em nenhum jornal do mundo, do paiz e mesmo da cidade do Rio de Janeiro.

Em nenhum outro quotidiano, a velha instituição dos “apedidos” se aclimata e prospera. Nos outros jornaes cariocas, toda a gente vê como definham as secções de literatura jornalística pagas; e, nos grandes jornaes dos Estados, como no magnifico “Estado de S. Paulo”, só em certas occasiões os seus respectivos “apedidos” têm alguma semelhança com os do velho órgão.

O proprio “Jornal”, por occasião de commemorar um seu anniversario, já fez a apologia da secção que inventou e creou. Disse o redactor do elogio que elle facilitava á toda a gente ser jornalista e ficar independente dos profissionaes. Os inimigos do vovô dizem, porém, que a sua secção livre é uma valvula de escapamento para os rancores e despeitos do grande órgão de publicidade, quando a sua expressão escripta não pode figurar nas partes officiaes do jornal.

E’ tão interessante a secção que bem merecia um estudo historico bem documentado. Vejo falar no Romão, no Mal das Vinhas, no Principe Ubá e outros velhos collaboradores daquella subdivisão do actual órgão do Sr. Botelho.

Do principe, sei até uma anecdota que não posso deixar de contar-a.

De onde em onde, o Principe Ubá II, d’Africa, tinha os seu pruridos de escriptor e, provocado, por isto ou aquillo, escrevia laudas e laudas que, com gomma arabica, ia grudando numa longa tira. Fazia assim uma especie de bobina que levava ao balcão do “Jornal” para ser publicada, mediante pagamento. Perguntava ao empregado:

— Quanto é ?

Respondia o caixeiro, depois de contar as linhas:

— 120\$000.

O Principe espantava-se, o empregado mantinha o preço. Ubá,

depois de meditar, pedia uma thezoura, cortava uma grande parte, assignava de novo e indagava:

— Quanto é ?

O caixeiro calculava e acudia:

— 80\$000.

S. A., já sem necessidade de meditação, recorria á thezoura, assignava novamente e perguntava:

— Quanto é ?

— 50\$000.

Nesse ponto, quasi sem nada dizer, o Principe Ubá amputava mais uma vez a bobina, punha de novo a sua principesca assignatura e inquiria:

— Quanto custa, agora ?

— 30\$000.

Emfim, quando o seu famoso artigo chegava ao preço de 10\$, por ahí assim, é que o Principe Ubá II, d'Africa, deixava-o sair, nos "apedidos" do órgão do Sr. Luiz Castro.

A não ser este Principe que mal conheci, os outros velhos redactores da secção, não foram do meu tempo; mas, ultimamente, vim a conhecer outros redactores dos "apedidos", bem interessantes.

E' do meu tempo, o Sr. Cezimbra de Araujo, que começou a escrever, como bom empregado do Thesouro, que era, a biographia do ministro Murтинho, em verso. Se elle a acabasse, levaria a melhor o Pelino do largo do Rocio...

Não falo aqui do Sr. Teixeira Mendes e outros positivistas que della se soccorrem. Hoje, são dous a falar em nome da Religião da Humanidade: o Sr. Bagueira Leal e o Sr. Barreto Galvão. Deve ter havido por lá alguma das suas costumeiras dessidencias... Das religiões, as mais capazes de schismas são as novas e as que têm poucos adeptos...

Além disto, tão procurados são os "apedidos" pelos advogados e politicos que nós unicamente, com a sua leitura, podemos aprender direito publico, civil, internacional, penal, finanças, malandragens bancarias, traficancias industriaes e negociatas ministeriaes. E' só lel-os com cuidado.

Eu os li sempre e sempre os leio. Tenho tido até saudades do Dr. Pedro Tavares que era um dos seus ornamentos. Por que os teria deixado ?

No dia 24 ultimo, eu, como de costume, ao abrir o "Jornal do Commercio", procurei logo a celebrada secção e dei com este "apedido" anonymo:

"Collegio Pedro II — Chamamos a attenção do Exmo. Sr. Presidente da Republica para o que quer fazer naquelle collegio o Sr. ministro da Justiça.

O Dr. Carlos de Laet, cujo talento, competencia, character e energia todos lhe reconhecem, com muito esforço conseguiu moralisar aquelle estabelecimento; fomos informados que o Sr. ministro, contra o regulamento e em pro-

veito de amigos seus, quer fazer matricular no curso gratuito alguns filhos de deputados e fidalgos, em prejuizo de candidatos pobres e que têm direito.

O Governo creou os logares gratuitos para os pobres orphãos de pae e mãe, etc.; quem quer fazer favores, faz á sua custa.

E não querem maximalismo”.

Lendo taes cousas, eu pasmei. Poi então o governo cobra para ensinar as materias do curso secundario?

Até agora julgava que a frequencia no Pedro II era gratuita. Nas Escolas Superiores, até bem pouco o era, só se pagando uma taxa de matricula e uma outra de exame, relativamente modicas. Como é que o governo facilitava assim o advento de doutores e bachareis e difficultava a aprendizagem das humanidades, estudo mais util que todas as sabenças juridicas e medicas e daquellas que o famigerado Club de Engenharia guarda o segredo.

Sabia tambem que o governo mantém quatro Collegios Militares que se vão multiplicando por todo o Brasil, sustentados por grandes verbas, em que uma grande parte dos alumnos internos é gratuita.

Como é então que no Externato Pedro II, que o governo republicano herdou do Imperio, o unico que me parecia accessivel aos pobres e remediados, eram pagas as mensalidades de frequencia?

Onde estaria isto? Em que lei?

Quando me acodem interrogações dessa natureza, a primeira cousa que faço é abrir a Constituição. Foi o que fiz. Lá encontrei, no Capitulo IV, art. 35, n. 4º, entre as attribuições não privativas do Congresso, o seguinte:

“Prover á instrucção secundaria no Districto Federal.”

Lá está e todos podem ler o que transcrevi ahi. Mas, como é que o Congresso dava provimento a essa sua attribuição?

Com o Collegio Militar? Este Collegio, que é carissimo ao paiz, não passa de um estabelecimento muito especial, destinado a meninos de certa origem e nascimento. Com o Pedro II? Mas lá se taxam as frequencias e o numero de alumnos é limitado.

Deixei o remedio facil de invectiva á nossa democracia; mas fiquei atarantado e não pude atinar que, após quasi trinta annos de Republica, o Congresso não tivesse pensado no assumpto, quando já creou mais tres collegios militares nos Estados.

Será possivel que os luminares do nosso parlamento acreditem que um unico externato, pago ou não, possa attender á fome de estudar dos rapazes de uma cidade de um milhão de habitantes?

Por que não fundam outros?

Por que foram fundar tantos Collegios Militares, nos Estados, e esqueceram-se do mandamento da Constituição que parece impôr ao Congresso o dever de tratar primeiramente da instrucção secundaria no Districto Federal?

E as meninas? E as moças? Então o Congresso tem a con-

cepção cazeira de que moça não precisa passar além do *a b c* municipal?

Reclamo Lyceus secundarios para as moças e isto por muitas razões, das quaes só cito duas aqui.

A primeira, para ser bem entendido aquelle distico do Ganot pequeno, o de “Jeunes filles”; a segunda, para que as moças casadas, desgostosas dos maridos e que queiram encontrar lenitivo para as suas maguas, nas letras e nas artes, não nos falem mais no Cesar Cantú das bibliothecas dos mandarins seus paes.

Excusado será encarecer, com outros motivos, a reclamação que faço do estabelecimento de Lyceus e Collegios secundarios para as moças cariocas; e o governo está no dever de creal-os quanto antes, para que a influencia feminina, mais bem orientada e instruida, se faça na familia e na sala, de fôrma a não estropiar a intelligencia dos seus influenciados com as cousas do caudaloso arranjo historico do Sr. Antonio Ennes.

O appello que acaba de fazer uma moça infeliz á traducção deste senhor pôde muito bem ter provocado sorrir aos chronistas ligeiros; mas, a um pedagogo como eu agora sou, enche de lastima.

Quem vem morto de sêde e se privou d’agua durante dias, bebe a primeira que encontra, por mais nauseabunda que seja. Agora imaginem uma moça a quem a fecundação e as dores domesticas alargaram a intelligencia, deram-lhe sêde de ler e saber, poderá ella, sem boa instrucção anterior escolher com acerto as suas leituras? Bebe o que encontrar á mão...

De certo, não é? Os governos devem tudo prever; e nenhum delles tinha isto previsto. Ainda é tempo.

O procedimento do governo federal no que toca á instrucção secundaria do Districto Federal, tem sido até hoje de um descaso sem limites.

Contentou-se até hoje com a manutenção de um unico externato, tendo matriculas só accessiveis aos filhos de poderosos e influentes. Os outros estabelecimentos que mantem, são ainda mais fechados e segregados á procura da grande massa de infantes.

Além disto, não creou collegios secundarios para moças; entretanto, apesar desse desprezo, desse esquecimento criminoso, para attender solicitações politicas, augmenta todos os annos os collegios militares anima a criação de escolas superiores e dá a entender que, quem não fôr militar ou tiver dinheiro, deve deixar os seus filhos na instrucção primaria que já dá capacidade para ser eleitor.

Quanto ás moças, então, com essas é atroz!

Pobres ou ricas, não têm outro remedio senão recorrer ás barafundas pedagogicas das irmãs de caridade e jámais vir a entender a imagem do mundo que os homens actuaes, por intermedio das sciencias, fazem.

E’ uma ignorancia decretada e que bem podia, com mais tempo e vagar, se attribuir como fonte de muitos dos nossos atrazos e muitas das desgraças domesticas que os jornaes trazem, na proporção de um por cento das que existem por ahi occultas.

Não será trancando todos os bebedos que se acabará com o vicio da embriaguez. Evital-o depende de cada um dos attingidos, do esforço delles sobre elles mesmos, e esse esforço será tanto mais constante e redobrado quanto mais illustrada fôr a victima, por saber os malefícios que lhe causam a sua falta.

A ignorancia e o sequestro nada valem. Entendam o que quero dizer e esclareçam com a instrucção secundaria, leiga e do nosso tempo as pequeninas cabeças das nossas moças que a vida estonteia.

26—3—19.

Sestros brasileiros

Houve ha annos, aqui, no Rio de Janeiro, uma revista semanal, no genero *Caras y Caretas*, de Buenos Aires, cujo redactor-chefe ostensivamente literario era Raphael Pinheiro. O meu amigo Raphael, e camarada dos bons tempos do Café Papagaio, sempre teve da vida uma concepção muito séria que, para caracterizal-a pittorescamente e de modo facil de logo ser apprehendida, eu a classifiquei de — *jogo do bicho*. Elle a cercou por *todos os lados*. Medico, orador, jornalista, político, burocrata, agitador, — Raphael jogou nella, na vida, pelo *antigo, moderno, rio, salteado, Garantia*, etc., etc.

Nos meiados de 1905, Raphael era director intellectual e literario do magazine *Figuras e Figurões*; e, em Agosto, no dia 2, publicava com a sua assignatura, na citada revista, uma noticia em reportagem aliteratada, descrevendo uma excursão com o maestro Puccini, que passara pelo Rio, de volta a uma visita-reclame á Republica Argentina.

Foram ao Jardim Botânico que, naquelle tempo, ainda estava na moda. Agora vou dar a palavra ao Raphael, transcrevendo o retalho da sua chronica que guardo ha cerca de quatorze annos. Eil-o:

“Voltavamos. Inquirimos do que mais o impressionara depois da “fatal” natureza..

— “I mori” (os negros).

De facto, uma fatalidade reuniu na rua dos Voluntarios, de todas as idades, de todos os feitios, uma centena de negros, proporção esmagadora para os brancos que por alli transitavam. Negros vinham connosco no bond, negros vira elle no cães, negros trabalhavam na muda do Largo do Machado. Um mal-estar nos entristecia quando uma crioula, toda de azul celeste, passou por nós á rua Marquez de Abrantes:

— Azzurro celeste e nero, ma quella é la vera — celeste Aida?...

Uma gargalhada sacudiu a caravana, ao ouvir esta phrase de Puccini.

E nós tambem... rimos, um tanto dolorosamente.”

Ha muita cousa de que me rio, mas o que menos podia fazel-o, era a bobagem puccinesca. Mesmo que se rissem todos os outros com uma banalidade dita por um homem da moda, admitto que o fizessem delicadamente, mas *dolorosamente* — por que?

Os companheiros de Raphael podiam fazel-o; mas Raphael, um sociologo pratico, politico, homem da multidão brasileira, sabia perfeitamente que, durante muitos annos, entraram milhões de negros no Brasil, vindos á força da Africa, e que não eram absolutamente estereis. O seu solido saber historico, particularmente no que toca ao Brasil, não podia achar graça dolorosa numa tolice de um superficial maestro italiano, cuja fama já Raphael Pinheiro está vendo morrer. Ora, o Raphael! Quem o diria?

Ahi, elle, sem o querer, obedeceu á um dos sestros brasileiros; mas ha outros. A senhora Gina Ferrero acompanhou seu marido, o eminente Guglielmo Ferrero, na excursão deste á America do Sul. Estiveram no Brasil e ella escreveu, após a viagem, sobre nós, cousas tocantes e amaveis; mas, em um dado lugar, disse que o *bicho de pé* era para os colonos italianos recém-vindos, uma praga, um flagello. Para que foi dizer isso? Petropolis, Botafogo, Laranjeiras e os sujeitos da Avenida mobilizaram as suas hostes patrioticas e cahiram em cima da moça, com a sua artilharia peculiar de tolices e asneiras.

Eu sabia perfeitamente que não devia haver exaggero nisso, porque, de visu, aqui, nos arredores do Rio de Janeiro, em menino, vi os perigos que o *bicho de pé* trazia á vida de pessoas já muito acclimatadas ou naturaes do paiz; mas, naquelle tempo estava *arrolhado*.

Meu pae me contava, e ainda confirma, que um filho do Sr. Dr. Teixeira Brandão, hoje deputado federal, e ha annos director delle, perdeu a vida nas proximidades do Rio de Janeiro, por causa de um *bicho de pé*. Ainda mais. Quando estive em Ouro Fino, na casa do meu generoso amigo Emilio Alvim, na colonia "Inconfidente", que fica nas proximidades daquella cidadita do sul de Minas, contaram-me que uma senhora allemã morrera, devido a um *bicho de pé*.

Daqui e dali, desta ou daquella fórma, póde qualquer observador registrar noticias de cousas iguaes e é facil de imaginar como semelhante pulga ou lá o que fór, póde ser um flagello sério para emigrantes ainda por adaptar-se á nossa roça e completamente ignorantes da existencia de tal *bichinho*, a ponto de não saber *tiral-os* com os cuidados especiaes conhecidos familiarmente pelos naturaes da terra.

Mas, o Brasil não póde ter essas cousas; e, tel-as, é uma vergonha, para Petropolis, Botafogo, Laranjeiras e para as calçadas da Avenida, por isso decreta-se a sua não existencia em um berreiro hypocritamente patriotico pelos jornaes.

O estimavel "Rio-Jornal", a que sou muito agradecido, em 17 do mez passado, caiu ingenuamente numa dessas infundadas manifestações de susceptibilidade nacional. Elle, ou alguem por elle, abriu o "*Resumen de la Historia de América*", por Nicolás Es-

tévanez, leu um trecho e deu um cavaco patriótico de todos os diabos. Este livro é muito conhecido entre nós, não só pelos Srs. Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Pedro do Couto, Escragnole Doria, como também por outros menores, inclusive eu, que até o tenho.

Nunca o trecho que o “Rio-Jornal” cita, irritou, não direi a mim, mas os outros que o leram.

Damos a palavra ao galante vespertino. Elle viu falar:

“Ahi, ao historiar a revolução pernambucana, de 1817, denomina os brasileiros, como aliás já tinha feito em outras partes do trabalho, de “los criollos”.

O trecho é o seguinte:

“En el Brasil habia muy pocos republicanos antes de la llegada de la corte, pero cuando “los criollos” vieron de cerca una familia real y conocieron los esplendores de la monarquia, no fueron pocos los que se sintieron inclinados á la democracia, á la república y al separatismo!!!”

Deixando de parte a tal historia de *diminuir*, peço licença para lembrar ao sympathico periodico que o “los criollos” de Estévanez é o nosso “os crioulos” portuguez, que quer dizer, conforme o modesto dictionario de Francisco de Almeida, o unico á mão, *pessoa de raça branca, nascida nas colonias européas do ultramar, especialmente da America.*

Josephina, a primeira mulher de Napoleão, que foi Imperatriz, é chamada pelos historiadores francezes — crioula; *créole*, — porque nasceu na Martinica, de paes francezes.

Nunca na França ninguem se zangou e disse que por isso se havia diminuido a poderosa amiga de Barras.

No Brasil, no nosso falar, ao que parece, é que se ampliou essa qualificação aos negros, nascidos de paes africanos; e, depois, só se veiu a applicar a denominação a elles unicamente.

Ir por ahi, porém, seria fazer rir, um tanto dolorosamente, o velho amigo Raphael Pinheiro; e não quero pol-o de máo humor...

Esses sestros e outros mais idiotas ainda, é que devemos combater, abandonal-os, e acceitar, com toda a coragem e decisão, sem falsas vergonhas que levam á mentira cynica, a nossa terra e a nossa historia como de facto ellas são e o tempo, os homens e a natureza as fizeram.

A circular do Reverendo Vigário Geral

Se não estou totalmente esquecido, é tratando de Barére, num dos seus Ensaio, que Macaulay diz que os philosophos francezes do seculo XVIII estavam com os Evangelhos, enquanto a Igreja se havia separado delles completamente. Agora, mesmo, com esse explodir ruidoso das reivindicações das classes opprimidas, aqui e ali, na America e na Europa, podemos repetir o asserto do grande escriptor inglez.

Sem se poder negar á Igreja, na sua existencia quasi duas vezes milenar, ter presidido, favorecido e patrocinado muita reforma social util e favoravel á fraternidade entre os homens, desde a Renascença para cá, porém, ella se mostra completamente impotente para continuar a fazer tal cousa.

A politica da Igreja tem consistido nestes ultimos tempos, em sustentar a classe poderosa no momento, com unhas e dentes, desculpar os seus erros e crimes, para poder viver; e quando ella, a classe poderosa, é derrubada e abatida, allia-se á victoriosa que lhe succede.

De um modo geral, pode-se dizer que a sua attitúde em face da nossa sociedade, é a mesma que os jesuitas tiveram na India, em presença da sua organização social de castas profundamente separadas, por um profundo e supersticioso criterio religioso, muito contrario ao espirito e á letra do Christianismo.

Quero falar dos ritos Malabares. Um jesuita italiano, vindo que o Catholicismo fazia poucos progressos na India, tratou de mudar de traje, e, de humilde servo e sacerdote de Jesus, transformou-se em um magnifico e orgulhoso brahmane. Como tal, vestiu-se, sarapintou-se, ajaezou-se, compoz extranhos hymnos e, para não se polluir, deixava de entrar nas casas de familia de classes inferiores e dava a hostia consagrada na ponta de um bastão, para evitar que, tocando as suas sagradas mãos na pelle do impuro, do pária, não ficasse elle tambem impuro.

O arcebispo de Gôa, diz Boehmer, "Les Jésuites", em 1618, citou o padre Nobili, o inventor da curiosa accommodação religiosa malabar, a comparecer á presença do seu tribunal; e, quando o fez, a estupezacção entre os assistentes foi tal que o arcebispo, de

espanto, resolveu submeter o caso á Santa Sé. O discípulo de Loyola, não podia ser reconhecido pelos seus collegas; mas, os doutores dos Vedas achavam-n'o conforme as suas doutrinas, ritos e, sobretudo, no que preceituava a separação total de castas, nos livros sagrados do brahmanismo.

Emquanto esses ritos de um catholicismo bastardo foram permitidos ou tolerados, as conversões augmentaram, mas desde que um papa energico os prohibiu, ellas cessaram e as apostasias cresceram.

Em ponto grande, a Igreja tem procedido como o tal padre Nobili. O seu methodo consiste em cultivar, desculpar, ou mesmo defender os preconceitos, as vaidades, os erros e crimes das classes dominantes de um paiz para dominar o resto dos seus habitantes, emfim, esse paiz.

Nós sabemos, pelo nosso caso particular de nação, que nunca da Igreja partiu um gesto decisivo condemnando a escravidão negra entre nós. Se não fossem os exemplos estrangeiros e a propaganda dos “demagogos”, como ella chama os apóstolos leigos, ainda no Brasil, se esperassemos por ella, haveria escravos; e as acquisições sociaes e politicas da revolução de 89, a franceza, foram obtidas “malgré elle”.

Fundada a nossa Republica, livre do “contrôle” regalista da Corôa, mansamente ella transformou a cidade de Petropolis em uma Lhassa romana; encheu-a de collegios para moças e meninos ricos, no intuito, especialmente no tocante áquellas, de dominar, por intermedio de seus educandos, a governança do Brasil. Já expliquei como a Igreja consegue isto, em outra parte.

Todas as vaidades e preconceitos das classes ricas do Brasil, ella afaga e augmenta até o de nobreza, com os seus jesuitas italianos eruditos e as suas irmãs de caridade ingenuas.

Para qualquer erro, abuso de poder, oppressão ou vexame imposto pela nossa burguezia rica, urbana ou rural, administrativa ou commercial á população miseravel do paiz, ella não tem uma palavra de reprovação ou censura; ao contrario: procura attentar ou explicar com manha e geito. Uma hora soccorre-se da Constituição contra os rivaes; em outra, fal-a esquecer, para obter favores.

Sabendo-se incapaz de dominar as almas, de tirar-lhes os defeitos oriundos das nossas correntes concepções de sociedade, a Igreja procura não melindrar as classes dirigentes, para obter destas o apoio material de seu poder, baseado na coacção administrativa e na força militar que subjugam a nação.

A prova mais frisante de que a Igreja é incapaz de comprehender as profundas transformações sociaes que se vão passando de uns seculos a esta parte, no sentido da fraternidade, do bom e mutuo entendimento, entre os homens, é o seu proceder nos Estados Geraes de 89, isto é, na Grande Revolução...

Os impostos de todas as naturezas, reaes e feudaes, gabelas e “aides”, mesmo os que deviam recahir em parte sobre a Nobreza e o Clero, recahiam de facto sobre o terceiro estado, e, neste,

especialmente, sobre os "routuriers". A mais elementar, medida a tomar, para sanar um dos males que corroíam a França antes da Revolução, era fazer que as tres "Ordens" do Estado pagassem impostos proporcionalmente á sua riqueza.

Ha uma gravura do tempo, reproduzida num livro de classe, Albert Malet, "L'E'poque Contemporaine", que mostra bem esse desejo geral; e nesse mesmo livro ha um trecho do "cahier des doléances" da nobreza d'Albert em que mesmo esta, apesar de estar no uso e goso de privilegios fiscaes, indica-os como causadores da degradação do paiz, da miseria dos cultivadores, da ruina dos proprietarios.

A egualdade fiscal de todos perante o Estado parecia ser, não só uma medida de justiça, mas tambem a salvação para o regimen social que governava a França. Attentava-se um pouco sobre a sua essencia baseada na desigualdade das "ordens", mas, decretada que fosse, adiava-se um pouco o 93.

A Igreja, porém, foi inflexivel mais do que a nobreza, e se oppoz tenazmente á medida. Era ella proprietaria de um quarto do territorio francez e levantava impostos, não só os que eram peculiares á sua condição, mas os feudaes devidos a todos os nobres e que estavam vinculados ás suas terras. Além de ecclesiasticos, os prelados eram tambem barões...

Com esses privilegios, não só os altos prelados, mas a grande nobreza, não prestavam os serviços sociaes que os justificavam quando nasceram. Viviam nas cidades, sobretudo em Paris, imitando o fausto real, mal conheciam as suas terras, de que só se lembravam para receber os rendimentos extorquidos á miseria do camponez.

Tinham feito com as suas abbadias, bispados, baronatos, condados, etc., o que os nossos burguezes fazem com as suas grandes empresas, representadas em acções, que elles não as dirigem de facto, nem sabem dirigil-as, mas recebem os dividendos annuaes, commodamente nos seus escriptorios urbanos ou senão com as apolices dos Estados, de que recebem os juros, indefinidamente.

Os nobres e ecclesiasticos não guiavam mais nada, nada mais dirigiam: gosavam o trabalho dos outros, representado em taxas mensaes e inqualificaveis sobre o miseravel trabalhador rural, o celebre animal de face humana de La Bruyere.

Os perceptores de impostos reaes ou arrendatarios delles eram odiados profundamente pelo povo, devido ás suas exacções e capacidade, tanto assim que foram condemnados em bloco á morte em 1893, entre os quaes Lavoisier, que era "fermier général".

Em presença de um estado tão terrivel, de miseria geral, a Assembléa Constituinte, resolveu apossar-se dos bens do clero. Nenhuma propriedade mais social do que esta. Ella fôra obtida com donativos de gerações sobre gerações, partidos de pessoas de todas as condições, sexo e idade; não tinha como as outras a individualização da herança, com a passagem de pae a filho, não havendo nella, como nesta, o vinculo imaginario do sangue, de ancestral para o seu immediato descendente, dos avós, etc.; e, portanto.

desde que, por isso ou aquillo, a nação della precisasse, todo o direito tinha de se apossar della.

Taine ataca a Assembléa, em parte com razão, por representar isso o exaggerado estatismo do Contracto Social e em parte porque as doações de 14 gerações anteriores tinham sido feitas com taes ou quaes condições e para preencher taes ou taes funções sociaes.

Mas, pelo facto dos mortos, como os vivos terem direitos na sociedade, é que os seus legados deviam ser confiscados, porquanto os seus legatarios não cumpriam mais as clausulas testamentarias. E' isso que se lê no "Ancien Régime", do proprio Taine.

Cioso de sua enorme riqueza, o Clero francez, sobretudo o alto, propõe pela boca do arcebispo de Aix, M. de Boisgelin, saldar immediatamente a divida publica, mediante um emprestimo sobre os seus bens, comtanto que fique com a sua situação privilegiada.

A Egreja, portanto, queria continuar com as suas obsoletas regalias e viver como um Estado no outro Estado, pouco se dando que, com tal regimen, ella mesmo se houvesse desmoralizado e empobrecido, tornando até miseravel, a massa do paiz.

Estas recordações ligeiras valem a pena ser feitas, quando nós vemos nos dias de hoje o Sr. Fernando Rangel, monsenhor e doutor (nunca se devem omittir os titulos, no Brasil), dizer, com toda a sufficiencia da sua alta situação ecclesiastica de vigario geral do Arcebispado do Rio de Janeiro, na circular que publicou no "Rio-Jornal", de 4 do corrente o seguinte:

"A Egreja Catholica é quem possui os dados para resolver situação tão difficil como a que ora atravessa o mundo: porque ella, unica depositaria da palavra divina, dos ensinamentos do Salvador do genero humano, é a escola da verdade, da justiça e da caridade".

Quando se ouve um prelado falar assim, logo nos vem á bocca, fazer uma pergunta de matuto simplorio: se a Egreja tem os dados, por que não resolve ou não resolveu a questão? Se ella tinha os dados de 89, por que não a resolveu, escapando até de desaparecer do mundo, sob as botas de Napoleão e dos exercitos francezes?

Onde está a ganancia de dinheiro, a anesthesia moral, o esquecimento dos principios christãos, o cynismo de processos para obter riquezas? E' nos seus inimigos, nos demagogos, nos revolucionarios, que vivem pelo mundo a soffrer prisões, que são injuriados, calumniados, por toda a parte, supportando todas as torturas em nome do seu ideal; ou nos condes papalinos e commendadores que por meio de ladroeiras legalisadas se apossam de grandes extensões de territorios de Estados, para deixal-os em abandono, ou com auxilio de politicos deshonestos e manobras legaes de tarifas, conseguem, empobrecendo uma nação inteira, enriquecer lorna e inutilmente do dia para a noite?

Para quem a Egreja se desvela em collegios, em incenso, em

recompensas? E' para o pobre criado de servir do grandiloquo burguez, mais fe'roz do que o antigo barão, por não ter o sentimento da eternidade do seu estado na sua geração, ou é para este burguez ?

A Igreja pode ter sido divina, mas hoje ella não o é. Não direi que lhe faltem grandes sinceridades de crença em religiosos de todos os feitios e classes; mas o seu geral espirito de hoje, é muito humano, muito—actualmente humano, e, para dominar, para se manter, ella, mesmo em contradicção com os seus fundamentos, está disposta a apoiar os factores da miseria, do soffrimento, das dores, dos crimes entre os homens que podem quasi totalmente ser removidos, desde que o seja a sua desigualdade social e economica.

Quem se oppoz á egualdade das "Ordens" perante o fisco, para defender as suas propriedades com as quaes explorava os camponeses, ás vezes mesmo deixando-as "en friche", por isso ou por aquillo, não ha de admittir actualmente as mais simples reformas que attentem contra os privilegios tacitos da burguezia que lhe dá apoio.

A sua acção moral sobre os corações não tem mais força e, quando os burguezes rezam, batem no peito, fazem-se condes, etc., é porque já estão totalmente inacessiveis a todos os sentimentos de verdadeira humanidade.

Elles se apóiam na Igreja e esta nelles, na sua fortuna, com a qual prendem os espiritos livres, os proletarios, que são obrigados a prestar directamente ou indirectamente, obediencia a elles, se querem viver, pensar, ter filhos ou mesmo cumprir as suas simples obrigações de parente e de amigo.

Houve tempo em que os apóstolos foram demagogos. Um pontifice de um Jupiter qualquer, cuja estatua deve haver no Vaticano, devia assim chamar S. Paulo; e, se não fosse esse revolucionario e demagogo, que foi contra a LEI, daquelle tempo, nós não estaríamos conversando amigavelmente, Sr. doutor monsenhor Fernando Rangel. Hoje, S. Paulo é apóstolo, e dos maiores, para mim, que já não sou catholico, e para o senhor que o é, e, por cima de tudo, sacerdote respeitavel da Religião de Jesus.

Se não creio na efficacia da igreja para resolver a questão que ora avassala o mundo, não é por não acreditar-a divina; mas porque, actualmente, os seus ministros deixaram de fazel-a assim para lhe darem uma feição muito humana. Ella está sempre com o poderoso do dia e sempre com um pontilhão, afim de passar-se para o poderoso de amanhã. Essa cautela não é de Deus...

Uma simples nota

O “A. B. C.”, em dias do mez passado, tendo a bondade de noticiar o apparecimento de um volume meu, deu-se ao amavel trabalho de achar uma classificação para a minha vida; e taxou-me de um “enranciné” do romantismo, certamente por causa da bohemia que elle me attribue.

Não me incommodo que me chamem de romantico, disso ou daquillo; o que não gostaria é que me chamassem de ladrão, adulator e desleal.

E não diria nada, tanto mais que se trata de camaradas do “A. B. C.”, se não fôra ter de ha muito notado que, das innumerables “idéas-feitas”, com que os jornaes são fabricados, uma dellas é que a vida irregular de certos escriptores e artistas, denominada ultimamente bohemia — é uma sobrevivencia do romantismo.

Se os autores e propagadores de semelhante affirmativa reflectissem e consultassem um simples dictionario biographico, veriam que muito antes do romantismo havia bohemia, e das mais desregradadas, ás vezes mesmo, criminosa.

Villon, que toda a gente conhece, poeta francez, *né á Paris*, diz o pequeno Larousse, *en 1431. Il mena une vie inquiète et risque plusieurs fois la potence; auteur du Grand et du Petit Testament, m. vers. 1489*”.

Por essa indiscreta revelação das cousas do “Laroussesinho”, que os meus amaveis confrades me provocaram commetter, Villon merece bem que lhe transcreva a primeira estrophe da sua singular, — “Ballade des dames du temps jadis”:

*Dictès-moy ou, n'en quel pays,
Est Flora, la belle Romaine?
Archipiade, ne Thais,
Que fut sa cousine germaine?
Echo, parlant quand bruyt on maine
Dessus rivièere ou sus estan,
Qui beaulté eut trop, plus qu'humaine?...
Mais ou sont les neiges d'antan!*

Pois, meus senhores, este grande poeta do XV seculo, classificado como verdadeiro “gibier de potence”, pelos seus contem-

poraneos, foi além de tudo aquillo que a actual bohemia permite, na sua vida inquieta de vagabundo.

O romantismo appareceu um pouco mais tarde. Em França, creio eu, os historiadores literarios marcam-lhe o apparecimento ahi, por 1830. Pelo menos, os jornaes repetem e repisam essa asserção.

Antes mesmo de Villon, sem querer ir á Grecia, do Sr. Coelho Netto ou outro qualquer, nós temos um bom specimen de bohemio literario. E' Juvenal, muito conhecido de todos nós, pelo menos de nome, não ha quem não lhe tenha de cór o seu celebre verso (será?) "Ridendo castigat mores". Viveu sob Trajano e Adriano, dous principes sabios e com um forte sentimento para com os seus subditos, das responsabilidades de sua investidura imperial. Trajano foi Cesar do Imperio Romano, do anno 98 ac 117, da nossa éra: e Adriano, seu filho adoptivo, occupou o throno depois de sua morte, imperando até o anno 138 da éra do nascimento de N. S. Jesus Christo. Não tendo conseguido nada com a sua eloquencia, o immortal satyrico, chegado do seu villar provinciano, levou uma vida das mais miseraveis e muito pouco edificante, que nos é contada por G. Boissier, no seu livro "L'Oposition sous les Césars".

Supportou, devido á sua miseria, o desdem dos cocheiros das grandes familias, de hstriões e gladiadores, repellido pelos grandes, viveu entre vagabundos e os sujeitos peiores da Suburra. Teve por companheiros poetas famintos, professores sem alumnos, etc. ao lado de tratantes, de marinheiros, de escravos fugidos, de fabricantes de ataúdes, na taverna Syro-phœnix, que as suas satyras immortalisaram.

Adquiriu um odio ao "Grego", que com a sua maleabilidade, servilismo e habil geito para a lisonja, sabia arrancar dinheiro e o mais do patricio rico e influente.

No seu despeito de homem orgulhoso e inadaptavel, exclama, com intonação patriotica:

"Cidadãos! Não posso supportar que Roma se tenha tornado uma cidade grega."

Não é ahi questão de Roma; é do "grego", que o precede, na porta do rico senador do monte Esquelino, logo ao amanhecer, para receber os sestercios da "sportula", emquanto elle, sem grande esperanza de obtel-a, sobe a collina, com o manto furado, tendo dormido em algum albergue immundo dos bairros suspeitos da cidade imperial.

Já viram que esse bohemio, da mais completa perfeição, floresceu um pouco antes da época em que as nossas autoridades literarias costumam a datar o apparecimento de poetas e escriptores de vida pouco regrada.

Nós temos um outro, é até inglez, que não chegou á perfeição bohemia de Juvenal, mas Macaulay diz que elle devia ter dormido muitas vezes em granjas ou por detraz dos marcos das estradas,

na sua vida errante pelas cidades e logarejos da Grã-Bretanha. E' Olivier Goldsmith.

Depois de afirmar a sua reputação literaria, ganhou dinheiro; mas, a sua generosidade, os seus vicios e o seu temperamento de desperdicio, levaram-no a viver sempre sem ceutil e cheio de dividas.

Em fins de 1764, atrapalhado com os meirinhos que o queriam despejar do seu "appartement", devido a atrasos de alugueis, enviou ao Dr. Johnson, o celebre critico inglez, um portador, pedindo-lhe dinheiro. O celebre dictionarista britannico correu á casa do amigo, a quem encontrou deante de uma garrafa de "Madeira", comprada com o guinéu, que o doutor logo lhe tinha enviado, ao receber-lhe o bilhete.

Johnson, que não era de graças, tomou-lhe a garrafa e ordenou-lhe que pensasse em um meio de arranjar dinheiro. Goldsmith disse-lhe que tinha o manuscripto de um romance; o Dr. Johnson, examinou-o, viu que tinha cousas boas, correu a um livreiro, e vendeu-o por 60 libras esterlinas.

Era o "Vigario de Wakefiel", que toda a gente ainda lê, até nós outros brasileiros, alguns pedaços, no "Graduated" ou "Estrada Suave", quando estudamos inglez.

Está ahi mais um bohemio — Goldsmith — que não conheceu nem Hugo, nem Lamartine, nem Musset, nem Murgér.

Que diriamos então do velho Machiavel que, hoje, nos parece um sujeito muito grave e sisudo, mas que, em vida, vivia a bebericar nas tavernas menos consagradas de Florença? E de Rabelais, aquelle do celebre quarto de hora?

Os nossos autorizados sabedores de cousas literarias, hão de concordar que, antes do romantismo, houve bohemia artistica e literaria; e que haverá depois, por motivos que a propria arte explica nas exigencias que faz a certos temperamentos, caracteres e intelligencias, quando attrahidos por ellas.

O que é difficil de explicar, apezar de ter existido, de existir e haver de existir, é literatos laçaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, á custa do Estado.

E' a escola literaria que se tem na conta de pratica, mas que, infelizmente, não produz obras que nos ensinem agir com o seu espirito.

Julgo que tal cousa se dá pelo simples facto de haver ahi um desvio de funcção.

A literatura e os literatos devem tratar de outra cousa; e esse negocio de "pratico", deve ser attribuição dos banqueiros, dos negociantes, dos zangões da bolsa, dos despachantes da Alfandega e outras pessoas conspicuas e necessarias á sociedade, mas que, para exercerem a sua digna funcção não perdem tempo em alinhar pa-

lavras e invocar as musas. Vão logo direito a seu fim, que pôde ser confessado a toda a gente, sem o minimo vexame.

Para findar, resumo o meu pensamento; todas as épocas literarias tiveram os seus bohemios, mesmo o romantismo. Por isso, convém não qualificar a bohemia como sendo desta ou daquela. “A horrivel mania da certeza”, de que fala Rénan, leva mais a enganos do que a duvida systematica. Quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois...

A missão dos utopistas

Graças a Deus, depois não sei de quantas peripecias de varias ordens, fazendo trabalhar o telegrapho e as gazetas, durante mais de seis mezes, a paz foi assignada entre os belligerantes que levaram cinco annos a bombardear-se mutuamente, para, afinal, nada resolverem ou, antes, resolverem um tratado de paz, cujas condições e clausulas trazem no bojo outras guerras futuras.

Os sangrentos conflictos entre tropas francezas e americanas que houve ha dias, nas ruas de Brest, se não comprovam de todo este asserto, dão a entender que as relações entre os tres alliados se foram, durante a guerra, não são mais perfeitamente cordiaes.

Convém lembrar que a contenda se originou no facto de ter um official da marinha americana enxovalhado publicamente a bandeira franceza. O inicio da desordem, portanto, não foi uma rusga entre marinheiros embriagados; ella tomou nascimento mais alto — o que faz pensar.

E' de sentir isto para os temperamentos metaphysicos, humanitarios, romanticos ou sentimentaes — como quizerem — entre os quaes me alisto, porquanto, desde o começo, sonharam elles que esta seria a ultima guerra entre os grandes povos da Humanidade.

Porque o fim da Civilisação não é a guerra, é a paz, é a concordia entre os homens de differentes raças e de differentes partes do planeta; é o aproveitamento das aptidões de cada raça ou de cada povo para o fim ultimo do bem estar de todos os homens. Ao contrario, não teria sentido algum.

A guerra tem sido até agora, ou foi, um dos "processus", como dizem os philosophos, da evolução civilizadora e um estimulo para a actividade humana no nosso globo; mas, não é o destino da especie. O seu destino, repito, é a paz.

Alfred Fouillée, ha annos, na "Revue des Deux Mondes", tratando desse nietzschismo bombastico que anda por ali abafado, disse e disse muito bem:

"O hymno dos naturalistas e, principalmente, o hymno de certos moralistas á luta e á guerra, é tão scientifico como o hymno do machinista aos attrictos e ás pancadas internas de sua machina. — Que bonita luta de rodas! Como ellas se prendem, como se agarram com estrepito, e se contrariam reciprocamente! E' a obra prima da sciencia."

Nietzsche, continúa Fouillée, tem tanto bom senso como esse machinista. Não ha duvida alguma.

Uma das grandes questões ou problemas que os engenheiros e constructores de machinas têm sempre posto delles para elles, desde muito, é a eliminação desses attrictos, dessas resistencias passivas.

Assim tem sido tambem na Humanidade. Em geral, os sonhadores, os grandes poetas, os grandes philosophos e sabios, todos esses malucos como são chamados por essa gente prudente que lhes aproveita os estudos, as descobertas, as invenções reguladamente, sem o saber — todos esses malucos, dizia eu, têm procurado acabar com esse attricto dos attrictos — a guerra — que retarda a evolução humana para o seu destino final que é o mutuo e perfeito entendimento de todos os homens.

Poderia citar grandes utopistas de Platão a Leibnitz, não esquecendo Thomas Morus, que foi decapitado, nem Campanella, que passou vinte e sete annos na prisão; mas, seria trazer para aqui coisas de dictionario biographico de que os leitores devem andar cheios.

Não querendo, porém, realizar tão facil obra, convem dizer que mesmo a guerra, ás vezes, tem como fim a paz, a harmonia, a mais perfeita entre os homens. A's vezes, é a sua explicação intima e primeira.

As guerras religiosas, sejam ellas entre christãos e mahometanos, entre catholicos e protestantes, têm por primeiro movel convencer o adversario de que deve adorar Deus da fórmula e maneira que outro julga serem as justas, verdadeiras e certas, afim de que o inimigo seja salvo e goze, na Terra, a felicidade outhorgada pela divindade.

A “guerra santa”, seja feita em nome de que credo fôr, é uma guerra para a utopia, é uma guerra sentimental em que os contendores visam a felicidade da nossa triste e pobre humanidade na pessoa do antagonista a converter, por meio da força. Convem observar que essas guerras são as mais crueis e inhumanas. Nada de quarta — é o lemma dellas.

A luta ahi não é o fim, mas o meio, como sempre o é em quas todas as guerras.

Fouillée, no artigo que já citei, affirma muito bem que “a luta pela vida não é o mais poderoso factor da evolução. Em ultima analyse esse factor é o consenso da vida. A associação é tanto nelle nas sociedades animaes como nas sociedades humanas: decorre das proprias leis da vida.”

E' o que Kropotkine, no seu excepcional livro “L'Entr'aide” com uma abundancia de argumentos, de “exemplos” e “observações”, tirados da historia e da natureza, demonstra com uma força igual á empregada por Darwin, nas “Origens das especies”, para elucidar a these da luta.

Tomar para exame ou para obter conclusões sociologicas aspecto ou a face da luta na natureza é um erro de logica em que um sabio ou um estudioso qualquer de boa fé não deve cahir. Parece até que, com a marcha da evolução aquelle aspecto, a luta, se va apagando para deixar o campo livre á solidariedade.

São ainda do autor citadas as palavras que se seguem: "As partes componentes de um ser vivo ajudam-se umas ás outras. Assim, em todas as relações dos entes animados, a luta pela existencia tende a tornar-se a luta pela coexistencia".

A victoria do homem na Terra sobre as grandes feras, não foi devido á sua força muscular, ao seu isolamento, á sua capacidade de lutar corpo a corpo com ellas. Foi devido á sua intelligencia e a intelligencia provém da capacidade do homem para a sociabilidade com os seus semelhantes. Ella augmentará tanto mais em extensão, quanto mais perfeita fôr essa sociabilidade. A carabina é, no final de contas, intelligencia.

Procedendo essas considerações todas, o meu fito era dizer que julgo perfeitamente engraçado que homens eminentes, homens de coração e de intelligencia, após essa monstruosa guerra de 1914, em vez de propugnarem pela remoção das causas capazes de determinar outras futuras, estejam a aconselhar o contrario.

Todos nós vimos com lastima os noventa e tantos intellectuaes allemães, entre os quaes havia sabios de valor universal e escriptores, como Hauptmann, superiormente populares no mundo inteiro, procurar justificar, não já a guerra em si, mas a conducta criminosa, baixamente criminosa dos exercitos allemães.

E' que a Allemanha tinha conseguido instalar em todos os espiritos um super-mysticismo patriótico, "super" porque o mais simples patriotismo é mystico, e o dos allemães excedia a toda e qualquer medida; e esse super-mysticismo, se assim posso qualificar, fez que todas as actividades germanicas, de qualquer ordem, tendessem para a guerra, se absorvessem na guerra, levando esse delirio a tal ponto que não havia allemão que não fizesse, no momento opportuno, um espião a serviço do seu dementado patriotismo, fosse elle quem fosse, tivesse o caracter que tivesse.

Agora, vencida a Allemanha, ou coisa parecida, por toda a parte apparecem arautos dos mais variados valores, pregando, bem ou mal, com este ou aquelle disfarce, as idéas patrióticas e politicas que fizeram os allemães delirar até ao paroxismo, e attrair sobre elles a colera e a maldição do mundo inteiro.

E' de fazer pensar isso, tanto mais que a historia nos ensina que, muitas vezes, os vencidos nos campos de batalhas são vencedores nos cerebros daquelles diante dos quaes abateram as suas armas. Querem avantajarse aos allemães em brutalidades, os vencedores.

Essa pregação das excellencias do "sport", "esporte", "desporto", ou quer que seja, é uma manifestação desse singular estado de espirito. Partindo de uma meia-verdade, isto é, de que para os "sportmen" britannicos, francezes, americanos, etc., que venceram os allemães, tambem sportivos, os sermonarios desses jogos, chamados athleticos não deixam de pedir favores ao Estado, para elles pretextando preparação para a guerra.

O observador imparcial sabe perfeitamente que a Allemanha só foi vencida pela fome e, talvez, pela falta de algumas materias

primas; e quem lhe causou essa derrota foi o bloqueio, foi a esquadra ingleza.

Fóra dahi, tudo o mais não tem consistencia e não se coaduna com a verdade dos factos.

Poderia ir além e apanhar o meu Spencer que está ali, na estante e mostrar, nos seus "Factos e Commentarios", como essa cultura sem medida e monomaniaca dos jogos phisicos constituiu um dos factores do regresso á barbaria, como se intitula o ensaio e essa guerra, sob muitos aspectos, o foi: entretanto, se puder tiver tempo, hei de tratar mais tarde do caso, com a elevação que o assumpto exige, e mais largamente.

Antes de terminar, porém, tenho a dizer que, quando Spence diz que esta questão de mortalidade, (deve ser em "A Educação") elle quer dizer que devemos ser caudaveis, robustos, dispor da força muscular necessaria ás exigencias da nossa vida e da nossa propria defesa individual. E' certamente isto só o que elle quer dizer; e é só senão não escreveria o que escreveu no primeiro dos seus livros aqui citados, que é o ultimo por elle publicado, por que Spencer, tendo uma longa obra e tendo vivido, creio eu, cerca ou mais de 80 annos, ninguem ao que me conste, o accusou de contra-dicção. Não obstante, posso estar em erro...

Ouso, comtudo, affirmar, apezar de não ter lido a sua "Educação", que aquillo que o autor dos "Primeiros Principios" pretendeu dizer foi o seguinte: que nós não podiamos mais ter ideal religioso de ascetismo, de jejuns, de flagellações, de mactações nem tampouco o da tuberculose poetica dos epigonos do romantismo; mas, dahi, abraçar o de retiario ou myrmillão, distancia é bem grande e Hebert Spencer não teria aconselhado semelhante retrocesso.

Nos dias que correm, todos os homens de boa vontade desprezando epithetos falsamente deprimentes que possam merecer dos panurgianos só podem ter como divisa aquellas palavras que o mais puro e, talvez o maior e o mais perfeito dos reis que a terra tem visto, — S. Luiz de França, — disse ao morrer ao seu herdeiro e filho: "Hais tous maux ou' qu'ils soient, tré dou Fils". Devem ser não só divisa, mas tambem consubstanciar a missão pratica dos utopistas.

Meia página de Renan

Esta revista, pela mão piedosa de um dos seus redactores ou collaboradores, publicou, em traducção algumas palavras de Renan que vêm, segundo foi dito, em uma de suas ultimas obras — “La Reforme intellectuelle et morale de la France”. Ellas são portadoras de pensamentos que merecem alguns commentarios.

Houve, nos grandes espiritos de França, que tinham florescido antes da guerra de 1870, um profundo abalo com a derrota e humilhação de sua patria, em 1871. Muito natural é isto, que se tenha dado, porque por mais que nós queiramos ficar acima dos preconceitos nacionaes, elles nos marcam de uma forma indelevel. Se isto se dá com os naturaes de paizes obscuros, muito mais fortemente se deverá dar entre francezes sobre os quaes pesam não sei quantos seculos de glorias de toda a ordem.

Eu que me julgo muito pouco patriota, não desejo absolutamente ver o Brasil humilhado e estrangulado por outra patria. Quero que não haja nenhuma, mas desde que se trate da humilhação, rebaixamento do Brasil por outro qualquer paiz, eu sou brasileiro.

Com a humilhação da França em 1871, deu-se nos grandes espiritos uma grande reviravolta de pensar. Dahi vêm aquelles extranhas palayras na boca de Renan que as escreveu em — “La Reforme”, etc. — e a “Contemporanea” traduziu.

Pensaram todos os grandes francezes, que a derrota da França era proveniente do enfraquecimento do seu espirito guerreiro, devido aos ideaes humanitrios que desde a Revolução vinham trabalhando os seus melhores espiritos, comquanto as campanhas propriamente da Revolução, tenham sido gloriosas e extraordinarias...

Taine o extraordinario Taine, encetou logò um exame detalhado disso com as — “Les Origines de la France” — cuja primeira parte — “L’Ancien régime” — appareceu em 1875 ou 76.

Todos conhecem o valor dessa grande obra como erudição, como concepção, como estylo; e não serei eu quem vá fazer della panegyrico ou critica.

No firme proposito de denegrir o 89, (não sei se o Sr. Au-

lard já disse isto), o grande Taine começou por fazer um vasto e inimitável quadro da França, antes da reunião dos Estados Geraes.

E' o "Ancien Régime"; e elle o fez de tal modo, de tal modo pintou a fraqueza da realeza, o seu esbanjamento, a frivolidade e a inutilidade da nobreza que abandonara as suas terras e se fizera uma verdadeira criadagem das "casas" da familia real, disputando pensões e propinas gordas, ("coterie Polignac", príncipe Salm-Salm, etc), de tal fórma debuxou a incapacidade social do alto clero, que não preenchia mais a sua missão historica e ainda mais voraz era por dinheiro do que os proprios fidalgos — fez tudo isso Taine de tal modo, que justificou a Revolução, á vista do estado de oppressão, penuria e miséria em que, desde muito tempo, se achava o povo, para cuja melhoria, devido á pressão dos grandes, a corôa de França não podia dar remedio, pois todas as reformas salutaes tinham o véto da Côrte, a começar pela infortunada rainha Maria Antonietta.

Mas, inconsequente com as premissas que tinha posto, quando trata della, a Revolução, é para destruil-a, ás vezes, com muita força — a psychologia do jacobino — ás vezes, francamente, á moda de jornal illustrado, chamando Robespierre de "cuisse", advogadinho de Arras e outras amabilidades.

A sua obra que devia resumir a imparcialidade do grande historiador que elle era, do grande sabio que foi, do grande artista que é, ficou assim tisonada de uma paixão mesquinha, a que só se pôde attribuir á dor de ver sua patria derrotada e humilhada, culpando disso o grande movimento revolucionario dos fins do seculo.

Com Renan devia ter-se dado a mesma coisa: e até o titulo da obra de que esta revista deu a traducção de alguns trechos, indica isso.

O autor do Marc-Aurèle, que, como eu, adorava em Minerva, N. S. da Gloria; affirma que uma raça de dominadores e soldados, como é a européa — não pôde supportar o trabalho manual da terra.

Reduzi esta raça, diz elle, a trabalhar no ergastulo como negros ou chinezes; e ella se revolta!

A' vista desse trecho, quizera ser Renan, para afiar bem a penna e dizer que "ergastulo" lembra, não a escravidão de negros ou chinezes, mas a de germanos, gaulezes, iberos, helvecios, gregos, em Roma e seus arredores, quando ella era dos Cesares da familia Julia, da burguezada, dos Flavios e outras; e que todas essas raças da Gallia, da Iberia, da Helvecia e da Grecia, são perfeitamente européas.

Mas, não sou Renan e tenho que falar com mais peso. Não vou orar a N. S. Minerva junto ao monturo de pedras do Parthénon; mas vou ali, a 15 de agosto, no outeiro da Gloria, pedir á minha madrinha por mim. Eis a differença entre elle e eu.

E' curioso que a visão de Renan, tão aguda e tão ampla, se haja esquecido daquillo; e que visse só a escravidão negra da Renascença e não se lembrasse da antiga. Tanto mais isso é de admirar porque, tendo escapado de ser um grande doutor da Igreja, devia saber que a Humanidade deve a ella a transformação da escravidão antiga em servagem; e isto sem uma lei e sem um decreto. Conta-se até que um dos primeiros papas, vendo escravos inglezes em Roma, ficou tão tocado pelo seu ar de candura e os seus olhos azues, que disse que eram anjos — em latim que não sei — donde se fez — anglos, e tratou de convertel-os.

Dizer que os negros e chinezes estão condemnados a uma servidão eterna é outro engano de Renan. O grande sabio devia conhecer a historia das antigas colonias de sua patria. Devia saber das rebeliões do Haiti, das surras que Louverture deu nas forças francezas que o foram subjugar e de que maneira traçoeira foi preso, para morrer de frio, nas mãos de salteador de Napoleão, no forte de Joux, em França.

Lamartine e Shoelcher, que foram seus contemporaneos, escreveram a esse respeito alguma cousa...

Muito me admira que Renan diga que os normandos foram creadores da propriedade territorial na Europa. Não é preciso ser grande historiador para saber que de ha muito ella já existia e era motivo de barulho, antes delles.

Renan, a respeito de negros, não sabia nada e não é de admirar que não soubesse, pois vivia em um paiz onde não os havia nem como escravos, nem como homens livres. A sua dôr patriótica e, talvez, o seu cansaço mental, fizeram que avançasse generalizações apressadas.

Se o inimitavel escriptor do "L'Antéchrist", vivesse entre nós, por exemplo, veria que nunca os negros aceitaram a escravidão, apesar de ser instituição legal e penal entre elles, com a docilidade que lhe parece. Aceitavam como os actuaes operarios recebem sua escravidão economica, o salariato, isto é, com continuas revoltas.

Quando chegou D. João VI, um dos maiores perigos e constantes que corria a sua côrte, estabelecida no Rio de Janeiro, era a revolta dos innumerados negros fugidos que havia pelos arredores, e se podiam associar de uma hora para outra, e, por todo o Brasil, as cousas se passavam assim. E é facil ver.

"Quilombo", é uma palavra, não sei de que origem, que quer dizer, acantonamento de negros fugidos.

Aqui, no Rio de Janeiro, onde nasci, ainda no regimen da escravidão, não tendo, porém, conhecido uma unica pessoa escrava, a nomenclatura dos accidentes topographicos de seus arredores marca com esse nome, indicando muitas revoltas de negros, varios logares. De prompto, eu me lembro de dous, em pontos bem afastados: um, na ilha do Governador — simplesmente "Quilombo", e outro, lá pelas bandas do Jardim Botânico, o morro do "Quilombo".

A paixão patriótica, como todas as paixões, cega mais do que

nenhuma outra, porém, ella é safara e esteril. As outras, as religiosas, por exemplo, destinam-se a convencer os outros para melhoral-os, para alcançar Deus; a da patria, porém, não! Ella nos faz julgar mal os semelhantes, homens como nós, soffrendo como nós a sua triste condicção humana, sem que, julgando-os mal, nós os procuremos melhorar, mas matal-os, o que não é funcção dos homens, mas de Deus ou cousa parecida..

Por hoje basta.

919.

As lições da grande guerra

O muito conhecido sociologo belga, creio eu, — Augustin Hamon — tem um livro com esse titulo. Tenho lido muito pouco dessa literatura de guerra. Acho-a muito opportuna demais, com o assumpto muito presente, muito proximo, para poder, já não direi imparcialidade, mas revelar sinceridade e acurada meditação. Mas o livro do autor da “Psychologia do militar profissional”, eu li. Além deste, um de Gustave Le Bon e, na literatura de ficção, “Le Feu”, de Barbusse: e foi só.

No mais, não li mais nada, nem mesmo as perlangas do phariseu Wilson, pastor protestante e presidente dos Estados Unidos da America do Norte. De todas as hypocrisias, a peor é a protestante, sobretudo quando é em americano.

O livro de Hamon, como todos os seus livros, além de ser cheio de lucidez e de verdade, está impregnado duma grande logica inductiva, a ponto de ter elle podido prever, com razoavel approximação, o fim da contenda monstruosa e sangrenta que acaba (?) de abalar o mundo inteiro. E' preciso não esquecer que o livro foi escripto dous annos e pouco depois de declarada a guerra.

Transcrevo textualmente a sua conclusão, depois de lidar com as porcentagens de perdas de um lado e outro: “Parece, pois, que a guerra não póde durar além de dezembro de 1918”. De facto, não durou, pois o armisticio inicial foi em novembro.

Uma predicção destas merece que se tenha fé no livro e no autor. Eu a tive em ambos e espero que os leitores a tenham tambem, para me acompanhar rapidamente por ahi a fóra.

O Sr. Hamon, além de chegar a outras conclusões rigorosas e interessantes, de que agora todos nós estamos verificando a justeza com o primeiro final deste gigantesco batalhar, informamos de detalhes preciosos, que, não sendo propriamente lições da guerra mundial, merecem registro para o nosso ensino nos tempos de paz.

Antes, porém, de irmos a taes detalhes, convém justificar porque digo “primeiro final”. Essa Conferencia da Paz, em Versailles e a paz que della sahir, não resolvem cousa alguma, porque lá nada é feito de boa fé e num sentido largo e humano, de accôrdo com as grandes aspirações do nosso tempo, que não quer mais revolver

o monturo do passado e a podridão da finança, sendo, por isso, uma paz precaria, acabando por se dar aquillo que o grande histologista hespanhol Ramon y Cajal, citado por Gustave Le Bon, disse: “Os vencidos terão apenas como fito imitar os methodos dos vencedores e experimentar vencer por seu turno. Quando os orphãos de hoje attingirem á maioridade, a terrivel chacina recommeará”. Talvez antes, digo eu; é questão de dez annos.

Veamos agora os detalhes de Hamon. Um, por exemplo, muito interessante, é este: “Até julho de 1918, as dividas de guerra dos belligerantes attingiram perto de 720 billiões de francos, dez vezes mais que todo o ouro accumulado no mundo”. Não sei se isso se verificou: mas, á vista de tal, peço aos financeiros que reflectam, mais uma vez, nesse negocio de lastro metallico e quejandos...

Temos mais um pequeno e notavel pormenor que ahi vae com as palavras do autor: “A politica da Allemanha apresenta muita affinidade com a Companhia de Jesus. A sua divisa é a mesma: os fins justificam os meios; a mesma é a sua base, obediencia passiva, “perinde ac cadaver”. Muitos acontecimentos o têm provado no decurso desta guerra mundial. A avaliar pela attitude dos jesuitas em Hespanha e nos Estados Unidos, parecia que a Internacional Negra, a Companhia de Jesus, era em toda a parte um solido esteio do Pró-Germanismo. Nos Estados Unidos, um escriptor observou esse facto, a todos os respeitos curioso: os barcos da Companhia Geral Transatlantica foram os unicos que escaparam aos ataques de submarinos, e a maior parte das accções dessa Companhia pertence á Companhia de Jesus.”

Como é sabido, a Companhia Geral Transatlantica é uma grande Empreza Frãnceza de Navegação que, creio, tem ou teve uma linha de paquetes para aqui: e a Companhia de Jesus, com as suas accções, funcionou para ella como Companhia de Jesus dos Seguros Maritimos contra os Submarinos Allemães. O titulo é longo, mas é adequado.

Não é de hoje, entretanto, que os jesuitas são dados a essas cousas peccaminosas de commercio, de banco, de empresas, de lucro e ganho, de especulações monetarias de toda a ordem.

Antes de sua primeira extincção, ainda não houve segunda — eu sei — os seus contemporaneos, no dizer de um historiador, admiravam-se de ver com que habilidade os Santos Padres jesuitas manobravam as operações de banco e usura. Não é preciso pôr mais na carta: todos conhecem o caso do padre Lavalette, em França, nos meados do seculo XVIII; e têm noticia dos juros hebraicos que cobravam os Santos Padres aos negociantes, na China, aos quaes emprestavam dinheiro. Até cento por cento, Jesus Nosso Senhor!

A guerra, e uma immensa guerra como a que findou (?), é uma violenta sacudidella nas nações, na sociedade e nas instituições; e, agitando tudo isso, ella faz sobrenadar muita borra que a tranquillidade dos dias de paz tinha depositado no fundo.

Nesta guerra, mais de que em nenhuma outra, isso se verifi-

cou; e tão grande foi o abalo, tanto elle sacudiu esta nossa pobre humanidade e até o proprio planeta, que os sábios e pensadores só acreditam em paz duravel, se ella fôr feita, não pelos governos, mas pelos povos.

O grande historiador francez Ernest Lavisse, citado pelo autor de que me estou servindo, affirma com toda a força de uma grande convicção: “a guerra não póde ter como remate um tratado de paz redigido por diplomatas, porquanto seria o fim miseravel de um grande drama”.

Ninguem de consciencia poderá dizer que a pachuchada de Versailles esteja preparando a paz ou a paz saia della. Dos regabofes no castello de Luiz XIV, só sairá guerra, mais guerra e sempre guerra...

Outro detalhe curioso que Hamon nos dá, é das treguas espontaneas entre soldados, sem audiência dos chefes e, mesmo, apesar da opposição delles. Na pagina 227 da traducção portugueza da sua obra, lá estão estes periodosinhos cheios de ensinamentos: “Depois de Outubro de 1915 existem em sectores da frente franceza treguas fixadas por soldados francezes e allemães, com ou sem vontade dos officiaes, impotentès. Cansados de matar inutilmente, combinaram entre si não atirar mais. Este facto deve reconfortar o pensador, porquanto prova que, apezâr de mezes e mezes de carnificina, o odio não invadiu todas as almas humanas”. Graças a Deus!

Na historia de Portugal, ha um episodio mais ou menos parecido, cuja iniciativa, entretanto, não partiu dos soldados, mas do proprio chefe militar portuguez, o duque de Lafões. Quem conta é Oliveira Martins. Esse duque, nos primeiros annos do século passado, levou a effeito uma campanha contra a Hespanha. Contava elle 82 annos e só tinha um ideal guerreiro: ser constantemente batido. A justificação de tão estranho desejo seu é feita com a mais risonha e simploria das philosophias. E’ melhor transcrever o trecho do grande historiador portuguez. “Rindo, diz Oliveira Martins, observou (o duque de Lafões) ao hespanhol que o atacava, a desnecessidade de se baterem. Para que? Somos duas mulas de carga. As esporas da França fazem andar a Hespanha; as da Inglaterra fazem-nos andar. Já que o mandam, pulemos; que se ouçam os guizos, pois que é necessario, segundo dizem. Mas, por amor de Deus! não nos façamos damno, rir-se-iam demasiado á nossa custa!”

Os soldados actuaes bem podiam dizer que as esporas, de um lado, eram do Sr. Poincaré, Clemenceau, o cannibal, e o seu cortejo de politicos, argentarios, industriaes e especuladores; e de outro lado, os acicates eram de Guilherme II e gentes semelhantes. Para que, elles, pobres diabos, se fazerem damno mutuamente? Que tinham elles com as questões entré esses dous grupos de felizardos cidadãos do mundo? Nada.

A guerra ha de acabar, quando essa simploria e exacta philosophia se transformar em sentimento e todos procederem, perma-

nentemente, como esses soldados procediam excepcionalmente; e não tardará muito esse dia... E' uma doce esperança...

Há ainda uma especie de guerreiros muito apreciavel, á qual pertence aquelle famoso principe de Soubise que Frederico II bateu em Rossbach. Elle levou para sua gloriosa campanha a ninharia de quinhentos cozinheiros; e, após a batalha, no dizer da canção do tempo, andou de lanterna na mão á procura do seu exercito.

Mas o meu proposito não era falar dessas cousas; o meu proposito era glosar um pouco a noticia que o "Rio-Jornal" deu da applicação que os nossos "nouveaux-riches" vão dando ás fortunas, por elles adquiridas com as traficancias da guerra. Já houve quem dissesse que a guerra é sementeira e colheita de capitalistas, mas não accrescentou: — cretinos.

Não ha documento mais profundo disso e prova mais fiel do que as noticias daquelle vespertino, onde se mostram a cultura e a intelligencia dos cavalheiros das nossas classes altas, como se diz nas secções elegantes dos jornaes. Outra cousa não era de esperar. Todos esses especuladores e traficantes (antigamente se dizia tratante, vocabulo que tem hoje outra significação; é questão de semantica); todos esses especuladores e traficantes, mal saem do curso primario e, de corrida, adquirem um pouco da falatina do Berlitz e eil-os fidalgos e guias da sociedade. O tempo em que deviam estar estudando, cultivando-se, convivendo com os grandes espiritos, meditando sobre o esplendor da natureza e interrogando o mysterio da vida, passam alli, na rua da Candelaria e adjacencias, a aprender com os galopins internacionaes do cambio e outras traquibernias financeiras e americanas, os meios e modos de enriquecer rapidamente. Mas o destino se vinga; e um bello dia põe-lhes nas mãos uma fortuna colossal. Querem voltar-se para as cousas do pensamento, mas é tarde; e todo aquelle que se absorveu nessas cousas, por menos que seja, ri-se delles, na sua pobreza. E' como se um telegraphista diabolico lhes dissesse na estação: "Você tem milhões, tem pressa... Está ahi o aparelho... Passe o telegramma a "madama", se é capaz". Vejam só este que foi a uma exposição de esculptura, como conta o seu caso o mesmo jornal: "Comprou vinte e duas estatuetas de marmore — uma fortuna! E ao pagar, distribuindo o numero de cartões de visita correspondentes, recommendou ao artista: — Ponha um em cada "calunguinha" desses! São meus e, quando acabar de mostral-os, mande-os lá para casa. "Calunguinha!" Deus dá nozes a quem não tem dentes... Calunguinha! Mas que idéa tem esse homem da arte, da esculptura? Se não tem nenhuma, por que comprou estatuetas? Quizera que ellas se animassem... Ainda hei de escrever a revolta dessas estatuetas.

Ricos de milhares de contos, tratam logo de arranjar uma amante e esta naturalmente já tem o seu Eufelio ou cousa parecida. Sem que, nem porque, passa um delles por uma rua, olha e dá á amante um tapete de vinte e cinco contos, assim, brincando! E' um Cezar romano, naturalmente...

Um outro que desconhece inteiramente moveis, não tem gosto por elles, não os aprecia, mas só porque arranjou mil e tantos contos de pancada, scisma em montar um interior carissimo. O que elle aprecia nos moveis: o dinheiro ou a belleza? Não é difficil responder. Era melhor ter o dinheiro numa “burra” de crystal...

Damos ainda a palavra ao “Rio-Jornal”. Elle que fale agora, como falou a 20 do mez ultimo: “O corrector S. C., diz o nosso amavel informante, ganhou num só anno, em 1917, cerca de oitocentos contos, liquidos. Uma tarde entrou em minha casa e expoz o seu projecto de mobiliar um “appartement” para uma senhora estrangeira, com quem havia pouco travara relações. Apresentei-lhe um orçamento de vinte contos, imaginando que elle acharia demasiado.”

O estofador enganou-se. O “parvenu” não achou a cousa cara. Achou, pelo contrario, muito barata. Que diabo! Queria gastar com a “Madama”. Estava no seu direito.

Este é o burguez legitimo, arrivista e o tentador: é o mais typico idiota delles todos. Não precisamos ir além.

Decididamente, temos que expropriar-os a todos. Para que essa gente quer tanto dinheiro — os Srs. não me dirão?

E’ mais uma lição da guerra mundial.

O “negocio” da Bahia

E' deveras triste tratar de qualquer forma desse caso da Bahia que se vae desenrolando com perspectivas tão sombrias.

Não fosse o comico do macedonia Callogeras com os seus planos ultra-prussianos de envolvimento das tropas revoltosas disseminadas pela vasta superficie de um grande Estado, aonde não ha estradas que mereçam esse nome; se não fosse isso, esses acontecimentos ultimos da politica bahiana só tinham faces e facetas do mais perfeito negror.

Das provincias do Brasil, é talvez a Bahia a que mais o resume. Nas raças, no clima, na producção, nos aspectos do seu territorio, é a Bahia o epitome do nosso paiz.

A sua capital, a velha Salvador, para o nosso escasso passado, é uma cidade cheia de recordações historicas, de usanças curiosas, de magnificas festividades do culto catholico, guardando a lembrança daquellaes dos tempos idos em que não havia outras publicas.

Os seus grandes homens, Castro Alves, o maior poeta do Brasil, que lá nasceu, o seu porto natural, um dos primeiros do mundo em que se aninham lendas do nosso povoamento pelos portuguezes; a honra que teve o seu territorio de abrigar Cabral; essas e tantas outras cousas que a nós, brasileiros, nos acodem logo quando se fala em Bahia, fazem della uma terra sagrada, veneravel, digna de estima e de culto.

Não é preciso que se tenha o patriotismo desse nacionalismo de palavriado a presidentes; não é preciso um patriotismo aggressivo e exclusivista; basta o suave, o esthetico, que se forma da belleza e do singular perfume que as cousas passadas exhalam e tambem das tradições, das lendas e superstições dos nossos avoengos, que ainda são sabidos por nós, como se a nossa vida se enca-deiasse instantes no viver dos que nos precederam num pedaço determinado do Planeta.

Nenhuma terra brasileira, como a Bahia fala tão fundo á nossa alma, até o ponto dos proprios sertanejos, esquecidos e ignorantes da vasta geographia nacional, só a conhecerem como a maior cidade de sua lingua. O resto é O'ropa — Bahia e O'ropa.

Como é que chegou a tal desordem essa Méca nacional, cujo prestigio não vem da riqueza, nem do luxo, mas da poesia e do sonho da alma nacional ?

Nós que lá não vivemos nem lá nascemos só podemos attribuir á politica, e só á politica como a unica causa de um tão lamentavel estado de cousas.

Tudo fazia crer, á vista da ductibilidade e do poder de assimilação da gente bahiana alliado ao seu natural enthusiasmo pelas cousas novas e grandes, que á veneravel Salvador estivesse reservado o papel de guardar muita cousa de colonial sem por isso deixar de ser uma cidade com os melhoramentos modernos.

Tal não se deu, segundo me informam; e a politica, que não lhe tem ministrado as commodidades e a hygiene de que é por todos os titulos, merecedora, só tem conseguido estragar os monumentos e recordações historicas com bombardeios e outros processos eleitoraes perfeitamente republicanos.

O mal da Bahia, mais do que em outra qualquer parte do Brasil, está na politica — é conveniente repetir.

Não sigo ou sigo mal a vida da Bahia. Quando vou a uma redacção de jornal ou á Associação de Imprensa, não vejo jornaes e revistas de lá, por isso o que vou dizendo não é baseado nas folhas daqui, ou em conversas apressadas de cafés e botequins.

O que me parece, porém, é que de dous em dous mezes, os partidos politicos da Bahia se dividem, se duplicam, se triplicam, se quadruplicam, se não vão além; cada jornal ou revista interessado por esta ou aquella facção, só dá apreço ao que attinge ao partidinho do seu peito e deixa de lado todo o assumpto que não se refira directamente aos propositos e tenções da tribu politicante a que serve; os moços arrebatados pelo vortice politico, logo ao amanhecer para as lides intellectuaes se embotam escrevendo artigos inflammados em favor de uma dellas; e tudo o que fez a grandeza da Bahia, por intermedio dos grandes nomes que deu ao paiz, é abandonado pela mocidade, por essa politica de campanario e de aldeiola, que não tem um ideal qualquer.

Chegada que é uma facção ao poder, trata immediatamente de esbanjar a fortuna publica, afim de manter e angariar proseytytos; e os cuidados materiaes e intellectuaes, os de assistencia e saude publica, ficam de lado, para quando? Para quando se consolidar no poder a retumbante aggremação politica que está sempre balançando...

Segundo me dizem pessoas viajadas, no Brasil, a capital da Bahia é das nossas grandes cidades aquella que dá mostras do mais absoluto desleixo municipal, nos seus logradouros publicos e servicos d edilidade; os professores publicos, na terra de tantos talentos, esmorecem na sua prestimosa tarefa, por não receberem em dia os seus vencimentos. Ainda não é tudo.

O Sr. Ruy Barbosa, no seu ultimo manifesto, traçou um quadro deprimente das sédes dos poderes publicos, numa cidade do interior; no sertão, conforme elle descreve, a cousa é pavorosa.

Insisto no quadro porque é preciso que elle seja posto por todos nós que escrevemos alguma cousa, aos olhos de todos, sobretudo dos bahianos, que parece não o verem em todos os seus detalhes.

Não se trata mais da capital; é o Estado inteiro.

Apezar do grande respeito que me merece Ruy Barbosa, não julgo que o Sr. Paulo Fontes fosse fazer na presidencia da Bahia mais do que o Sr. J. J. Seabra.

Considerando-se bem o malsão estado de espirito que avassalou a Bahia nestes ultimos trinta annos, de politica republicana, em que grupinhos se degladiam sem saber por que é para que, em que os seus jornaes se injuriam e só parecem feitos para injuriar os adversarios, seria para um governador, por mais habil que fosse, tarefa sobrehumana apaziguar, conter e encaminhar a intelligencia bahiana para outras funcções que não as da luta politica.

Em breve, mesmo no seio dos que elegeram o Sr. Paulo Fontes, surgiria a dissidencia e era novo barulho.

E' preciso pôr toda a politica e politicagem de lado; é preciso nós outros meros espectadores convencer a todos os nossos patricios do grande Estado do norte, pedir-lhes até filialmente, a elles, aos naturaes da nossa irmã mais velha e que nos criou, que deixem de banda esse partidarismo exaltado; que não votem mesmo e empreguem as suas qualidades naturaes de intelligencia e coração em tudo o que a nossa vida pede, excepto com politica.

Façam versos como os seus grandes poetas, porque não é mal fazer versos quando elles são cheios de grandes sentimentos e se orientam para grandes ideaes; façam romances como o seu notavel romancista Xavier Marques; façam musica, theatro; intentem a grande industria; sejam banqueiros, commerciantes; mas deixem a politica, pelo amor de Deus !

Deixem tão pavorosa actividade para muito poucos exercel-a e sejam estes obrigados pela pressão moral de trabalho e de ideaes superiores da sociedade bahiana, a guardar as conveniencias e a não pôr as manguinhas de fóra.

Pois é possivel que a cidade de S. Salvador que possui uma tradicional Escola de Medicina, que tem dado tantos medicos notaveis, seja a toda a hora e todo o instante, invadida pelas epidemias ?

E' um contracenso que difficilmente se admite quando não se conhecem os effeitos maleficos da politica.

Para elles, só ha um remedio, mas este não está nas mãos de tal ou qual governo applical-o, segundo tal ou qual Constituição; está na vontade de cada um, mesmo daquelles que não têm não exercem direitos politicos.

As mulheres, as mães, as irmãs, as namoradas e as amantes devem afastar os seus maridos, os seus filhos, os seus irmãos, os seus namorados e os seus amantes dessa actividade esteril que é a politica, e só é fecunda para o mal.

Cabe a cada bahiano desprezar totalmente a politica e fazer isso de tal modo que nunca mas vejamos o archonte Callogeras o polemarcha do basileus Epitacio debruçado sobre mappas alta noite, no Quartel General, planejando um movimento envolvente e fulminante que esmague de vez os seus patricios bahianos, com que obteria a gloria que o seu antepassado Alexandre da Macedonia

levou para o tumulto e até agora não quer deixar pousar mais na cabeça de qualquer dos seus descendentes.

Se por acaso algum bahiano me lê, espero que verá nestas bissonhas linhas a manifestação da mais viva sympathy pelo seu grande Estado e o desejo sincero de que a era de felicidade que ha de um dia chegar para toda a humanidade, o encontre capaz de recebê-la sem assombro.

6—3—20.

Homem ou boi de canãa?

Em 1893, quando se dava na bahia da nossa cidade a revolta Saldanha-Custodio, meu pae exercia um pequeno emprego de almoxarife das Colonias de Alienados na ilha do Governador.

Um bello dia, os revoltosos, capitaneados por um official de Marinha, de cuja patente no tempo não me lembro, o Sr. Eliezer Tavares, que morreu almirante, tendo por segundo um cirurgiãodentista, o Sr. Nogueira da Gama, lá desembarcaram, mataram bois, carregaram generos, medicamentos e roupas e se foram em paz. Assisti tudo.

Na manhã seguinte, de falu'a, com alguns moveis e outros pertences domesticos, transportavamos nós, isto é, a minha gente, para a Ponta do 'Caju', tomando caminho pelos canaes pouco profundos que ficam entre os mangues e praias de Inhauma e as ilhas do Fundão (ahi o canal é fundo), Caqueirada, Bom Jesus e outras, cujos nomes me escapam. Emigravamos.

Ficou estabelecido, entre as altas autoridades, que meu pae ficasse no Engenho da Pedra, littoral da Penha, com o deposito de generos necessarios ao alimento de duzentos doentes que estavam na ilha, e alli fosse morar, para guardal-os e envial-os em rações diarias para os dementados em abandono.

Assim fez elle.

Todas as manhãs, eu e meu pae sahiamos, elle, afim de providenciar para o envio diario de generos, e eu, menino de doze annos, para acompanhal-o até onde Deus fosse servido mandar-nos.

Embarcavamos os generos no logar denominado Engenho da Pedra, fronteiro a uma das colonias, Conde de Mesquita, tendo de permeio, no canal, a ilha do Fundão, coberta de grandes e frondosas arvores: Aquellas manhãs primaveris eram lindas e placidas. Tudo muito azul; as arvores muito verdes e roçagantes; as aguas do mar, espessas de azul da Prussia; os longes dos Orgãos solemnes, soberbos e altos; tristonho, o ilhéu do Cambambe, com as ruinas de um sobrado que parecia ter sido incendiado, á vista dos vestigios de fumaça nas paredes, nuas e erectas; risonha, a ilha do Raymundo, com o seu bananal verde-claro a mirar as aguas mansas do mar pela manhã e a de Saravatá, lá longe, com o seu paiol abandonado — todo este quadro immarcessível me ficou gra-

vado na memoria até hoje. indelevelmente, como se fosse impresso á machina.

Nós moravamos numa casinha de telha vã, muito poeticamente situada á meia encosta de uma collina, cavalgando a estrada que levava ao porto de embarque. Na frente, a vista era curta pois do outro lado da via publica, no alto de um monte que se erguia rapidamente, havia ruinas de uma capella, barrando, morrote e ruinas, o horizonte fronteiro da nossa casinha.

Aos lados, porém, a vista era vadia e larga, apezar de, á esquerda, existir construcções meio acabadas de uma fabrica de vidros que não chegou a funcionar.

Todas as manhãs iamos, eu e meu pae, até o “porto”, ver o embarque de generos para a ilha.

Havia ahi um destacamento de policia, commandado por um alferes ou tenente. Lembro-me ainda de alguns factos que lá assisti.

Uma manhã, quando estavamos á beira da praia, conversando meu pae com o commandante do destacamento, appareceu entre as Frecheiras, Ilha do Governador, é a Ilha de Saravatá, uma lancha revoltosa. Logo se viu que ella disparava o seu canhão-revolver contra nós. Abrigámo-nos; os soldados, apanharam as carabinas e entrincheiraram-se no casebre que lhes servia de quartel.

Fosse por que fosse, após dous ou tres disparos, a pequena embarcação armada voltou para donde viera, e o socego tornou de novo ao local em que estavamos.

No eirado, assim que o perigo cessou, o commandante disse para o meu pae :

— Olha, Barreto: se “elles” desembarcassem, eu fazia assim...

E mostrou como viraria a blusa pelo avesso.

Esse caso, porém, não é o que nos interessa agora. E' outro. Uma dessas manhãs, antes e depois do apparecimento da lancha na ilha de Saravatá — não me lembro bem — um soldado ou cabo chamou meu pae de parte e poz-se a' conversar com elle.

Fiquei afastado, olhando o mar encrespado pelo terral, as gai-votas e as bellas mangueiras do Galeão, lá no outro lado, que tinham visto D. João VI e recebido, por varias vezes, a sagrada visita do raio, na sua secular existencia.

Acabada a conversa, veio meu pae para mim. Nada me disse logo; mais tarde, porém, confidenciou-me:

— Você sabe o que aquelle soldado queria ?

— Não, papae.

— Queria que eu lhe dissesse por que esses dous homens estão brigando.

Esses dous homens eram Floriano e Custodio.

Esse pequeno facto, que podia passar completamente despercebido, feriu-me immensamente naquella fraca idade que eu tinha então. Nunca podia imaginar que um homem arriscasse sua vida sem saber porque, nem para que. Pareceu-me isto estúpido e indigno da condição de homem. Um acto desses, de jogar a propria

existencia, devia ser perfeitamente reflectido e consciente. Ficou-me o facto; e, annos depois, muitos annos mesmo, quando fui ler o formidavel — *Guerra e Paz*, de Tolstoi, encontrei uma scena não identica, mas do mesmo fundo. Não me recordo bem como é; mas della se depreheude que o soldado nada sabe dos motivos por que combate.

E assim é feita a guerra.

As massas de combatentes, homens simples e sem luzes, em geral, não sabem nitidamente porquê dão tiros uns contra os outros.

A's vezes, os seus chefes e directores conseguem instillar no espirito delles, vagos motivos patrioticos; mas, na ultima guerra, tal cousa não pode ser concebida como movendo arabes, gurkos, senegalezes, kurdos, etc., a se matarem e a matar.

Esta ultima guerra, foi uma mystificação de parte a parte. Vimos, agora, depois do que veio á tona o "negocio dos navios", como e porque nós entrámos na guerra; como estavamos ameaçados de morrer aos milhares no norte da França, unicamente para que alguns especuladores gathassem, em summa, um, dous ou mais milheiros de contos. Eis ahi a guerra, na sua essencia.

O que, porém, faz resaltar, de um modo cortante, o feitio de inconsciencia com que a massa dos combatentes é levada para os campos de batalha, é este trecho das burocraticas memorias do teimoso Ludendorff, que o "Correio da Manhã" publicou, em 18 do corrente.

Eil-o:

"Atravessando as montanhas, eu abordei uma sentinella. Respondeu-me, em não sei que lingua estranha, umas cousas que não comprehendí. Os officiaes austro-hungaros que me acompanhavam, tambem não comprehenderam".

E' eloquente o patriotismo desse pobre diabo de septinella, que não comprehende os seus officiaes e os seus officiaes não o comprehendem! Perdido entre as montanhas, soffrendo frio e outras privações, com risco de morte, elle tudo isto soffre, a tudo se arrisca, certamente sem saber porque, e nem ao menos entende a lingua dos seus chefes!

E' incrivel!

As causas da luta lhe devem ser perfeitamente extranhas, pois nem no minimo pode comprehender as exhortações dos interessados nella; elle não tem nenhum interesse proximo ou remoto na contenda; mas elle vae morrer!...

E' extranho, meu Deus! Não parece ser um homem; parece um boi de canga...

O cedro de Therezopolis

O eminente poeta Alberto de Oliveira, segundo informações dos jornaes, está empenhado em impedir que um proprietario ganancioso derrube um cedro veneravel que lhe cresce nos terrenos.

A arvore é remanescente de antigas florestas que outr'ora existiram para aquellas bandas e viu crescer Therezopolis já adulto.

Não conheço essa especie de arvore, mas deve ser bella porque Alberto de Oliveira se interessa pela sua conservação.

Homem de cidade, tendo viajado unicamente de cidade para cidade, nunca me foi dado ver essas essencias florestaes que todos que as contemplam, se enchem de admiração e emoção superior deante dessas maravilhas naturaes.

O gesto de Alberto de Oliveira é sem duvida louvavel e não ha homem de mediano gosto que não o applauda do fundo d'alma.

Desejoso de conservar a reliquia florestal, o grande poeta propoz comprar, ao dono, as terras onde ella crescia.

Tenho para mim que, á vista da quantia exigida por este, ella só poderá ser subscripta por gente rica, em cuja bolsa umas poucas de centenas de mil réis não façam falta.

Ahi é que me parece que o carro péga. Não é que tenha duvidas sobre a generosidade da nossa gente rica; o meu scepticismo não vem dahi.

A minha duvida vem do seu máo gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povôa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda pay-sagem da maioria delles está pedindo.

Os nossos arrabaldes e suburbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardimzito liliputiano de pollegada e meia; e as da gente pobre não tem cousa alguma.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

Os ricos gostavam de possuir vastas chacaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa exquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei ha quantos annos não a como assada e untada de manteiga.

Não eram só essas arvores que a enchiam, mas muitas outras de frutas adorno, como as palmeiras soberbas, tudo isso envolvido por bambuaes sombrios e sussurrantes á brisa.

Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aquelles extensos tapumes de maricás que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os suburbios e arredores do Rio guardam dessas bellas cousas roceiras, destroços como recordações.

A rua Barão do Bom Retiro que vem do Engenho Novo á Villa Isabel dá a quem por ella passa uma amostra disso.

São restos de bambuaes, de jasmineiros que se enlaçavam pelas cercas em fora; são mangueiras isoladas, tristonhas, saudosas das companheiras de alameda que morreram ou foram mortas.

Não se diga que tudo isso desappareceu para dar logar a habitações; não, não é verdade. Ha trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestigios das velhas chacaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela “casa” e que deve ser amor e religião para todos.

Que os pobres não possam exercer esse culto; que os medios não o possam tambem, vá lá! e comprehende-se; mas os ricos? Qual o motivo?

Elles não amam a natureza; não têm, por lhes faltar irremediavelmente o gosto por ella, a iniciativa para escolher bellos sitios, onde erguerem as suas custosas residencias, e elles não faltam no Rio.

Atulham-se em dois ou tres arrabaldes que já foram lindos, não pelas edificações, e não só pelas suas disposições naturaes, mas tambem, e muito, pelas grandes chacaras que nelles havia.

Botafogo está neste caso, Laranjeiras, Tijuca e Gavea tambem.

Aos famosos melhoramentos que têm sido levados a cabo nestes ultimos annos, com raras excepções, tem presidido o maior contrasenso.

Os areiaes de Copacabana, Leme, Vidigal, etc.. é que têm merecido os carinhos dos reformadores apressados.

Não se comprehende que uma cidade se vá estender sobre terras combustas e estereis e ainda por cima açoitadas pelos ventos e perseguidas as suas vias publicas pelas furias do mar alto.

A continuar assim, o Rio de Janeiro irá por Sepetiba, Angra dos Reis, Ubatuba, Santos, Paranaguá, sempre procurando os areiaes e os logares onde o mar se possa desencadear em resacas mais fortes.

E' preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não ha erro, o que ha é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietarios procuram valorisal-os num apice de tempo, encaminhando para elles os melhoramentos municipaes.

Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em pratica; e os panurgianos ricos vão docilmente sa-

tisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a belleza a saude dos homens, os interesses de uma população nada valem.

E' por isso que disse não me fiar muito que Alberto de Oliveira alcançasse realisar o seu desideratum.

Os ricos se afastam dos encantos e perspectivas dos sitios em que possam casar o mais possivel a arte e a natureza.

Perderam a individualidade da escolha; não associam á natureza as suas emoções nem esta lhes provoca meditações.

O estado dos arredores do Rio, abandonados, enfeitados com construcções contra-indicadas, cercados de terrenos baldios onde ainda crescem teimosamente algumas grandes arvores das casas de campo de antanho, faz desconfiar que os nababos de Therzopolis pouco se incommodam com o cedro que o turco quer derrubar, para' fazer caixas e caixões que guardem quinquilharias e bugigangas.

Dahi pode ser que não; e eu desejaría muito que tal acontecesse, pois deve ser um soberbo espectaculo contemplar a magnifica arvore, cantando e affirmando pelos tempos em fora, a victoria que obteve tão somente pela força de sua belleza e magestade.

27—2—20.

Coisas eleitoraes

Epilogar sobre eleições? Para que? Eleição é isso mesmo. Diz o povo pela boca dos seus eleitores mais representativos. Os animaes, conforme La Fontaine ou Esopo, tinham o costume de pedir a Deus os seus reis; os homens, em tempos passados, iam pedil-os aos bandidos, formando-se a realza na descendencia do escolhido cuja origem era tida como divina.

Ultimamente, porém, adoptaram a cerimonia eleitoral que não é totalmente nova. E' um modo como qualquer outro de obterem um senhor, porque os homens não podem passar sem um. Elles têm a illusão de que, possuindo-o não serão roubados, assassinados, suas familias e negocios serão protegidos, etc., etc. Ninguem lhes diga que não ha necessidade disso; que é uma illusão e tel-os uma desgraça. Elles, quando tal cousa ouvem, bramam, vociferam, dizem o diabo; mas, amanhã, após a eleição, estão a lançar a culpa de todos os seus males nas costas do pobre rei que arranjaram antehontem.

Um dia desses, os nossos patricios resolveram escolher um rei. Havia duas pessoas que queriam ser: o sr. Ruy Barbosa e o sr., Eпитacio Pessôa.

Pelo que conversei, pelo que ouvi, pelo que me disseram pessoas insuspeitas, todo o Brasil queria o sr. Ruy; mas quem saiu eleito foi o sr. Eпитacio Pessôa. Está ahi uma prova, entre muitas outras, de que eleição é cousa mysteriosa.

Não tenho o habito de desvendar mysterios, nem mesmo os das charadas que antigamente os jornaes traziam; mas, um dia, examinarei esse das eleições, com auxilio de luzes astraes superiores que hei de adquirir por ahi.

Uma cousa, por exemplo, logo, nesse negocio de eleições do dia 13, póde ser já examinada. Para que o Brasil quer um novo rei? O que está é dos mais excellentes que eu tenho conhecido e pouca gente póde negar que o sr. Delphim Moreira não está a calhar.

Elle governa maravilhosamente, porque passou por duras provas e commetteu graves peccados de governança no começo do seu transitorio reinado. A "Religiosa" de Diderot affirma em qualquer logar de suas confissões, que só vem a dar freira virtuosa aquella que tem faltas a resgatar...

O sr. Delphim Moreira, para lavar-se da culpa de ter sido, nos

primeiros dias do seu imperio, uma sombra, caixeiro dos amigos de um moribundo, vem governando de facto, com uma vontade constante e macia, e — cousa singular! — de accordo com a Constituição e as leis.

O vozerio dos “metings” e o berreiro dos jornaes se esqueceram d'elle e elle vae discretamente fazendo o que deve. Nenhum de nós sente a sua existencia, “vê” o presidente; elle vae suavemente empurrando o carro do Estado.

Então, depois que se viu livre das barafundas protocollares do esoterico Helio e ficou com o bonanchão Maggi ao lado, é mesmo um pae que o povo tem no Cattete.

A Constituição diz que elle deve escolher livremente os seus secretarios e ministros; elle, que tinha accedido alguns á força, quando poudes, fez o que devia: pôz o sr. João Ribeiro, no The-souro.

Esse sr. João Ribeiro deve ser seu amigo e é, no consenso de todos, entendido em cousas de fazer dinheiro com o dinheiro alheio. Não ha pessoa melhor para gerir as finanças arrebetadas da patria. Ainda não sentimos os effeitos da sentença especial do antigo director de “uma casa de prego da roça”, como elle mesmo já se intitulou; mas havemos de sentil-os em breve quando a sua turra com os bachareis, e burocratas do Tribunal de Contas estiver acabada e victoriosa para o seu lado.

Outra cousa bôa que o actual rei da Republica fez, foi nomear governador da cidade o sr. Frontin. Sem negar outros meritos ao actual prefeito, s. ex. tem o primordial de ter nascido no Rio de Janeiro e conhecer a cidade e seus arredores.

O dr. Rivadavia, por exemplo, que era bôa pessoa e excelente administrador estimava muito a “urbs” carioca, mas não a conhecia. Construiu á custa de heranças inopinadamente recebidas, verdadeiras cidades no Engenho Novo. Podia tel-as edificado em Alegrete seu torrão natal; mas quiz fazer aqui, e fez. Entretanto, quando se afastava da rua do Ouvidor queria que lhe mostrassem estancias e xarqueadas. Está ahi.

Pelo facto de muitas autoridades locaes desconhecerem assim o Rio de Janeiro, aconteceu um facto muito engraçado com o dr. Léon Roussouliéres.

Este senhor, logo nos seus primeiros dias de delegado auxiliar, foi á rua do Ouvidor e assustou-se muito com aquelle poviléo. Nunca tinha visto cousa igual em Bello Horizonte. Cioso de suas prerogativas policiaes e temeroso da segurança do amo e amigo Wenceslau Braz, envergou o botão na lapella e correu para o primeiro guarda-civil:

- Seu guarda, você não cumpre a sua obrigação!
- Como, doutor?
- Você não está vendo esse ajuntamento sedicioso.
- Que ajuntamento, doutor?
- Esse, ahi, na rua...
- Isto é assim todos os dias, doutor.

O sr. Roussoulières convenceu-se e ficou dahi em deante o mais carioca da gemma e de cinema que até então se tinha conhecido.

A nomeação do carioca Frontin para a Prefeitura veio impedir que o seu numero augmentasse, com um caro aprendizado á custa dos cofres publicos; e, além de tudo isso, foi uma grande satisfação para o Club de Engenharia.

Aquelle club é sociedade de homens praticos e sizudos, mas possuiue poetas e oradores para as grandes cerimônias e festividades. E' de espantar qua lá não houvesse surgido uma festa com sonetos e discursos, para commemorar o advento do sr. Frontin. Ha alguns annos, quando se effectuou a encampação dos "Melhoramentos", a cousa foi assim festejada. Disseram-me, entretanto, que o brodio está para ter logar no dia em que a Prefeitura puzer dez mil trabalhadores seus, as ordens do sr. Kennedy de Lemos, destinados a valorisar as restingas e areas do Leblon.

Não me lembro de mais algum de valor e significancia; mas quem como o sr. Delphim Moreira, affirmou a sua vontade com essas duas nomeações excepcionaes, ha de ter tido mais actos de verdadeira autoridade. Procurem o "Diario Official".

Eu que sou cidadão brasileiro e não desejo nenhum emprego, estou muito contente com o dr. Delphim de Sant' Anna do Sapucahy.

Se pudesse, não deixava que elle sahisse mais do Cattete para voltar á sua cidade natal.

O povo, porém, não enxerga a felicidade proxima e larga a carne pela sombra, apesar de dizer que antes um passarinho na mão do que dous voando...

E' isto; não ha quem queira obedecer a este sabidissimo dictado; e, apesar de termos um bom rei como o sr. Delphim, todos insistem em pedir um outro.

O sr. Ruy seria excellente, mas para o ser, devia fazer o que o sr. Moreira está fazendo: executar a Constituição. Sendo assim, tanto faz um, como outro; e o melhor é não experimentar uma mudança.

Não insisto neste ponto para não parecer que tenho alguma pretensão junto ao sr. Delphim e deixo a minha admiração por esse modesto estadista mineiro consignada nas linhas acima.

Entretanto, não posso despedir-me destas tiras sem observar que foi com agrado que vi o sr. dr. (quantas vezes?) Camará eleito senador pelo Rio de Janero.

Conheço o dr. Camará ha muitos annos. Isto foi nos tempos em que eu era estudante e morava pela Lapa. O sr. Camará já era uma celebridade entre os estudantes, por estudar ou frequentar dous ou tres cursos de doutor. Tinha vindo, creio eu, de Ouro Preto e já soccava, com aquellas suas pernas curtas, as calçadas a geito de mãos de pilão.

As barbas já crescidas abundantes tambem.

Uma vez, na Bibliotheca Nacional, naquelle tempo na Lapa,

quasi defronte ao Passeio Publico, lia um livro que nada tinha a ver com o meu curso. quando entrou o actual dr. Camará. Fez um pedido, fez dous. fez tres, fez quatro e esperou de pé. Dahi a tempos, vieram os livros e, sobraçando-os, procurou o lugar que a sua senha marcava.

Lembrei-me de um livro de leitura de Hilario Ribeiro em que ha um menino prodigio que estuda “latim”, “francez”, “mais inglez”... “já fala em sciencia, raizes, potencias”, etc., etc.

O actual dr. Camará sentou-se, folheou rapidamente os livros e, de repente, ergueu-se e foi até á mesa elevada do empregado da Bibliotheca. Fez um pedido, fez dous, fez tres... Houve uma duvida na leitura do boletim e eu poude ouvir, quando elle explicou o seu pedido. o seguinte titulo de um dos livros: “Théogonie de Moise”.

Vieram os livros e o sr. Camará desapareceu entre elles durante vinte minutos, ao fim dos quaes, levantou-se, pediu a senha e foi-se embora. Tinha consultado mais de quinze volumes. Era assim o homem que hoje vae ser senador pela minha cidade natal. Comquanto senador seja cargo de altas responsabilidades, é melhor que elle tenha acabado na rua do Areal do que houvesse escripto alguns estudos sobre religiões. Cada um para o que Deus o fez.

Após a guerra

Decididamente os homens não tomam juízo e mesmo a Morte, que deve ser a soberana mestra de todos nós, é impotente para nos pôr na cachola um pouco de bom senso elementar.

Ha um anno que as hostilidades entre povos de diversos fei-tios e estagios de civilização foram suspensas, após uma carnifi-cina nunca vista nos annaes da historia escripta.

As mais crueis campanhas da antiguidade, com os seus mas-sacres subsequentes, nada são comparadas com essa guerra que se desdobrou por todo o antigo continente.

• Cidades, aldeias, monumentos insubstituíveis do passado, fo-ram destruidos, sem dó nem piedade, á bala de canhões descom-munaes e pelo fogo implacavel.

Aquella região da Europa que, depois da Italia, é das mais interessantes sob o ponto de vista artistico, além de outros, foi calcada aos pés pelos exercitos allemães, arrazada, queimada. Quero falar da Flandres, tanto a belga como a franceza.

O espectáculo após a guerra é de uma tristeza sem limites. Não é daquella grandiosa tristeza do Oceano que nos leva a gran-des pensamentos; é o de uma tristeza que nos arrasta a pensar na immensa maldade da especie humana.

Não se sente isso só no que se vê ou se tem noticia por aquel-les que viram; mas tambem na fome, na miseria que lavra nas po-pulações dos paizes vencidos e vencedores.

Cousas mais invisiveis ainda enchem-nos dessa tristeza in-qualificavel que nos faz maldizer a especie humana, a sua intel-ligencia, a sua capacidade de aproveitar as forças naturaes, de ap-prehender um pouco do mysterio das cousas, para fazer tanto mal.

Os nascimentos, se não diminuíram aqui e ali, a mortalidade infantil augmentou e as crianças defeituosas ou sem o peso normal surgiram á luz em numero maior que nos transactos annos de paz.

A actividade intellectual toda ella se orientou para os malefi-cios da guerra; e foi um nunca acabar de inventar engenhos mortiferos ou augmentar o poder dos já existentes. Os chimicos, os maiores, trataram de combinar nos seus laboratorios corpos de

modo a obter gazes que fossem portadores da morte e misturas incendiarias que o mesmo fizessem.

A Historia veiu em soccorro dos guerreiros que, não contentes de ter o fuzil Mauser e Lebel, ainda foram se inspirar em estampas de livros dos tempos dos Cruzados para ter catapultas ultra modernas de mólas de aço e um bojo greguez cujas compostas eram dosadas em balança de precisão.

Não são só os engenhos de guerra antigos que são imitados e amplificados de poder com as conquistas da industria moderna. Com os "tanks" elles imitam os famosos carros de guerra da antiguidade e do medioevo, mas com as taes trincheiras-valas é em Polybio que vão buscar inspiração.

A arte da guerra de todos os tempos se baralha, se confunde nessa guerra immensa que, no mar, se estendeu a todo o universo; e em terra só poupou a America.

Um painel desses, de tão sombrias cores e de tão eloquente relevo de horror e sangue, devia inspirar aos homens idéas novas sobre a politica, sobre a patria, sobre as relações internacionaes.

Se a Allemanha levantou contra ella todo o mundo, deve-o á concepção hyper-mystica, se assim se pode dizer, da idéa de patria que ella inoculou na cabeça docil de seus filhos, com auxilio dos seus professores, padres e instructores de recrutas.

Seja-me dado aqui lembrar um trecho de leitura de menino. Quero falar nos filhos do Capitão Grant de Jules Verne, o meu amigo dos 12 annos.

Quando os que procuram o Capitão Grant, atravessam a Australia, encontram dormindo, numa certa paragem, um pequeno indigena que vem de sair de um estabelecimento inglez de instrucção e se dirige á sua tribu. Sabendo que elle estudava geographia, Paganel, o geographo, que fazia parte da caravana, o interroga. O pequeno responde e responde que toda a Europa é possessão da Inglaterra, até a França, que é governada pelo principe Napoleão, em nome da rainha Victoria.

Semelhante processo de instillar nos espiritos simples, desde o primeiro arreból da intelligencia, a idéa de um immenso poder de uma incalculavel força de uma certa aggremação politica, foi pelos allemães erigido em systema, em methodo de educação em drenagem do espirito dos seus filhos em relação ao Imperio Germanico, com aquella paciencia e tenacidade proprias aos allemães e recebida com aquella perfeita e profunda candura e obediencia tambem proprias a elleś.

O poder allemão era sem limites; tudo o que havia no mundo de bom era allemão. Pascal, Dantes, Descartes, Cervantes, não eram nem hespanhoes, nem francezes, nem italianos; eram allemães.

Com a gerigonça de uma erudição pantafaçada faziam crer os sabios teutonicos, elles mesmos já auto-illudidos, todas essas baboseiras aos seus ouvintes.

O padre fazia o mesmo; o instructor, desde o cabo até o capitão de companhia, repetia a seu geito patranhas semelhantes.

A Allemanha nunca havia sido derrotada e talvez dissessem os do clero que Jesus era allemão.

Passavam-se essas cousas na Allemanha e agora que tão dolorosamente ella expiou essa mystica exaltação patriotica e militar, que vemos todos nós ? Vemos os governantes, com ou sem investidura, de todos os paizes se apossarem das idéas allemãs, dos processos allemães, para incutir no espirito das suas populações delirio semelhante.

Deixo de parte o Sr. d'Annunzio ou Rapagueta para não irritar o Sr. Dr. Bellagamba, a quem devo um serviço de sua profissão inesquecivel; senão perguntaria, porque razão o poeta-voador não appella para os titulos do antigo imperio romano do occidente, afim de se apoderar da França, da Belgica, da Espanha, da Argelia.

A séde do imperio era em Roma, na Italia, que ainda lá está com as suas ruinas grandiosas que eu tanto desejaria ver.

Os allemães eram mais logicos, pois julgavam herdeiros dos Francos, Sabios e Ripnarios, e queriam a França até ao Loire para elles, allemães.

Deixo de parte este ponto para não zangar a um medico que teve cuidados commigo em occasião bem critica; e passou a falar de nós mesmos que estamos tomando ares de querer ser uma Allemanha despovoada e cantarolante.

Por toda a parte surgem medidas e cantigas patrioticas; por toda a parte são aventadas leis draconianas dignas do digesto allemão.

Nós chamamos os estrangeiros e não queremos que elles se queixem dos erros dos nossos governantes e da oppressão da nossa joven plutocracia; nós procuramos por todos os modos restringir a liberdade de pensamento e houve até um projecto no Senado que transformava, dava ao Estado politico ares de Magestade. Toda a critica a elle, era um crime, um crime vago, assim como quem diz um crime de lesa-magestade.

Não preciso dizer mais. Um tal estado de espirito enche-me de immensa tristeza e de sombrias apprehensões para o futuro.

Como acabará tudo isto ? Onde iremos parar com essa nossa megalomania militar e patriotica ? Que sairá desse delirio de grandezas dos nossos dirigentes, exaltando a simplicidade das massas nesse fervor pela patria politica, cousa obsoleta na Europa e sem motivo de ser aqui, entre nós ?

Eu não digo nada, pois sou doido; mas, parece-me, que os cadaveres dos milhares de allemães que morreram na guerra, não foram sepultados. Estão se decompondo ao ar livre e infeccionando a Terra toda, com os ideaes que tinham, quando vivos, de violencia, de brutalidade, de carnagem, em nome da Patria, pelos quaes morreram...

Boas Festas, meus senhores.

Mas uma vez

Este recente crime da rua da Lapa traz de novo á tona essa questão do adulterio da mulher e seu assassinio pelo marido.

Na nossa hypocrita sociedade parece estabelecido como direito, e mesmo dever do marido, o perpetral-o.

Não se dá isto nesta ou naquella camada de alto a baixo.

Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, ha muitos annos, fui parar com o meu amigo, já fallecido Ary Toom, no Necroterio, no largo do Moura, por aquella época.

Uma rapariga — nós sabiamos isso pelos jornaes — creio que hespanhola, de nome Combra, havia sido assassinada pelo amante e, suspeitava-se, ao mesmo tempo “maquereau” della, numa casa da rua de Sant’Anna.

O crime teve a repercussão que os jornaes lhe deram e os arredores do Necroterio estavam povoados da população daquellas paragens e das adjacencias do becco da Musica e da rua da Misericordia, que o Rio de Janeiro bem conhece. No interior da “morgue”, era a frequencia algo differente sem deixar de ser um pouco semelhante á do exterior, e talvez mesmo, em substancia igual, mas bem vestida. Isto quanto ás mulheres — bem entendido!

Ary ficou mais tempo a contemplar os cadaveres. Eu sahi logo. Lembro-me só do da mulher que estava vestida com um corpete e tinha só a saia de baixo. Não garanto se estivesse calçada com as chinellas, mas me parece hoje que estava. Pouco sangue e um furo bem circular no lado esquerdo, com bordas escuras, na altura do coração.

Escrevi — cadaveres — pois o amante-caften se havia suicidado após matar a Combra — o que me havia esquecido de dizer.

Como ia contando, vim para o lado de fóra e puz-me a ouvir os commentarios daquellas pobres “pierreuses” de todas as côres, sobre o facto.

Não havia uma que tivesse compaixão da sua collega da aristocratica classe. Todas ellas tinham objugatorias terriveis, condemnando-a, julgando o seu assassinio cousa bem feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo — tudo isto entremeiado de palavras do calão obsceno proprias para injuriar uma mulher. Admirei-me e continuei a ouvir o que diziam com mais attenção. Sabem por que eram assim tão severas com a morta?

Porque a suppunham casada com o matador e ser adúltera.

Documentos tão fortes como este não tenho sobre as outras camadas da sociedade; mas, quando fui jurado e, tive por colegas os médicos da nossa terra, funcionarios e doutos de mais de tres contos e seiscentos mil réis de renda annual como manda a Lei sejam os juizes de facto escolhidos, verifiquei que todos pensavam da mesma fórma que aquellas maltrapilhas “rodeuses” do Largo do Moura.

Mesmo eu — já contei isto allures — servi num conselho de sentença que tinha de julgar um exoricida e o absolvi. Fui fraco, pois a minha opinião, se não era fazer-lhe comer alguns annos de cadeia, era manifestar que havia, e no meu caso completamente incapaz de qualquer conquista, um homem que lhe desapprovava a barbaridade do acto. Cedi a rógos e até alguns partidos dos meus colegas de sala secreta.

No caso actual, neste caso da rua da Lapa, vê-se bem como os defensores do criminoso querem explorar essa estúpida opinião de nosso povo que desculpa o exoricidio quando ha adulterio, e parece até impôr ao marido ultrajado (sic) o dever de matar a sua ex-cara metade.

Que um outro qualquer advogado explorasse essa abusão barbara da nossa gente, vá lá; mas que o Sr. Evaristo de Moraes, cuja illustração, cujo talento e cujo esforço na vida me causam tanta admiração, endosse, mesmo profissionalmente, semelhante doutrina é que me entristece.

O liberal, o socialista Evaristo, quasi anarchista, está me parecendo uma dessas engraçadas feministas do Brasil, genero professora Daltro, que querem a emancipação da mulher unicamente para exercer sinecuras do governo e rendosos cargos politicos; mas que, quando se trata desse absurdo costume nosso de perdoar os maridos assassinos de suas mulheres, por^a isso ou aquillo, nada dizem e ficam na moita.

A meu vêr, não ha degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quasi geral; nada a degrada mais do que isso, penso eu. Entretanto...

A's vezes mesmo, o adulterio é o que se vê e o que não se vê são outros interesses e despeitos que só uma analyse mais subtil podia revelar nesses lagos.

No crime da rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não allegou quando depoz sósinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornaes, está procurando “justificar” que ella o era.

O crime em si não me interessa, senão no que toca á minha piedade por ambos; mas, se tivesse de escrever um romance, e não é o caso, explicaria, ainda me louvando nos jornaes, a cousa de modo talvez satisfactorio.

Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevel-os mais; se algum dia escrevi um, de accôrdo com os canones da nossa critica, por isso guardo as minhas observações e illusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz socie-

dade burgueza, cujo espirito, cujos imperativos da nossa acção na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo — o protagonista do lamentavel drama da rua da Lapa.

Afastei-me do meu objectivo, que era mostrar a grosseria, a barbaridade desse nosso costume de achar justo que o marido mate a mulher adúltera ou que a crê tal.

Toda a campanha para mostrar a iniquidade de semelhante julgamento não será perdida; e não deixo passar vasa que não diga algumas toscas palavras, condemnando-o.

Se a cousa continuar assim, em breve, de lei costumeira, passará a lei escripta e retrogradamos ás usanças selvagens que queimavam e enterravam vivas as adúlteras.

Convem entretanto lembrar que, nas velhas legislações, havia casos de adulterio legal. Creio que Solon e Lycurgo os admittia; creio mesmo ambos. Não tenho aqui o meu Plutarcho. Seja, porém, como fôr, não digo que todos os adulterios são perdoaveis. Peor do que o adulterio é o assassinio; e nós queremos crear uma especie delle baseado na lei.

A nossa situação

Quando os leitores desta revista forem ler, se acaso mereço esta honra, as presentes linhas, muitos outros factos se terão passado que me darão razão.

Do dia em que as escrevo decorre uma boa semana até o apparecimento dellas em letras de forma; e desejaria muito que, durante esse intervallo, nada houvesse acontecido que as justificasse, antes quizera que os acontecimentos m'aç negassem.

Não se abre actualmente um jornal qualquer sem que logo o leitor mais attento, não sinta a situação desesperada, o mal estar, a irritação contida, mas denunciada por este ou aquelle factos, que ha por estes Brasis afóra.

A guerra em que fomos um belligerante platonico, festeiro, kermesseiro e gritador, poz em fôco muitas das incapacidades dos nossos pró-homens e "arruinou", como diz o vulgo, as nossas chagas de povo, abrindo muitas outras.

Estes trinta annos de Republica têm mostrado, mais do que o passado regímen, além da incapacidade dos dirigentes para guiar a massa da população na direcção de um relativo bem estar, a sua profunda deshonestidade, os baixos ideaes de sua politica que, em presença de propinas e gorgetas, lucros ou quaes seja em moeda, não trepidam em lançar na miseria, na mendicancia, no alcouce, na taverna os seus patricios, mesmo atiral-os á aventura de uma guerra, quando o "pour boire", estrangeiro em geral, é de encher os olhos.

A todas as reclamações, a todas as criticas, elles só sabem responder com o Santo-Officio policial que já arvoraram em Academia, Synodo, Concilio, para julgar e condemnar esta ou aquella theoria politica que qualquer precisa expor e não lhes agrade.

Cobriram a nossa pobre gente de injustos buscatinas, ás vezes em duplicata, fizeram crescer os desfalques com o exemplo de suas delapidações aos cofres publicos; inventaram obras sumptuarias nas cidades, custando ellas o dobro, o triplo, o quadruplo. para endinheirar parentes e apaniguados; tudo encareceu com a criação de industrias artificiaes mantidas sob exorbitantes taxas alfandegarias, para afastar á concurrencia similares estrangeiras, taxas estabelecidas com o intuito preconcebido de enriquecer meia duzia de condes de arribação, de commendadores de S. Thia-

go, de egressos do fôro e da clinica, mas com boas relações no Congresso e nos salões archi-burguezes.

Basta ver, no "Diario Official", as actas ou cousa parecida das sessões ou incorporações dessas felizardas emprezas, para se verificar como os politicos, os mais influentes, tanto da opposição, como do governo, têm interesse nellas. Lá se encontram os seus nomes no minimo, como advogados.

O caso da "louça dos polos", no orçamento do anno passado, veio mostrar á saciedade como se fazem essas nababescas fortunas actuaes, cujos possuidores blasonavam a sua extraordinaria honestidade e merecem dos jornalistas, grandes e pequenos, panegyricos de verdadeiros homens illustres, que Plutarcho teria vergonha de fazel-os tão encumiasticos para Numa e Timoleão.

Tenho dito muitas vezes aqui e alhures que o principio geral a que obedece a politica republicana, é enriquecer cada vez mais os ricos e empobrecer cada vez mais os pobres.

A fortuna nas mãos dos que têm dinheiro ou alcançam possuir algum, por este ou aquelle processo inconfessavel, graça a toda a sorte de expedientes administrativos e legislativos, em breve é triplicada, quintuplicada, até decuplicada, em detrimento da economia dos pobres e dos remediados que não conhecem a governamental gallinha de ovos de ouro e são chamados de tolos pelos activos pro-homens bafejados pelos graudos da politica e da administração

As ultimas obras municipaes, os fanigerados melhoramentos de Copacabana, Vidigal, Leblon, Ubatubas e Lagôa dos Patos, mostram ao mais incredulo, como essas obras sem utilidade geral, sem alcance algum para a totalidade da população, são mais levadas a effeito para proteger certos e determinados individuos do que mesmo para embellezar, no minimo, a cidade. "A Noite" tem publicado a tal respeito dados excellentes. Na construcção do Tunnel João Ricardo, pouco menos do terço, sob o Sr. Frontin, custou quasi mais do dobro que o resto, na gestão do Sr. Sá Freire.

Diante de tudo isso, desse enriquecimento subito de individuos pouco preparados para usar da perigosa arma de fortunas avultadas, já pelo seu fraco cultivo, já pela sua nenhuma educação no sentido elevado, já pela massa de baixos appetites que os governa, causa pasmo que os moralistas se admirem de apresentar a sociedade carioca "up-to-date" manifestação de uma corrupção profunda, não só na "toilette", mas também no palavreado, na escolha de divertimentos e prazeres.

E' que os pobres são muitos e não se conformam com a pobreza; e os ricos se aproveitam disso para corromper aquelles que, sequiosos de luxo e, sendo muitos, formam com que um ambiente favoravel á descachida daquelles mesmos que estão na fartura e na ignorancia. Uns reagem sobre os outros...

O verdadeiro trabalhador, mesmo quando não é um simples assalariado, é quem mais soffre com esse nefasto estado de cousas e vê todo o seu esforço, por todos os motivos, respeitavel, annul-

lado pela incapacidade e concussões dos que governam esta estúpida democracia, cujo chefe tem dous palácios de inverno e não sei quantas casas de verão .

Ainda ha dias, um jornal noticiava que os “herbateiros” do Rio Grande do Sul, em Herval, preparavam um ataque a essa estação de estrada de ferro, em represalia ao descaso do governo que não providencia, apezar das queixas, para fornecer-lhes transporte destinado a exportar as suas colheitas de herva-matte para o Uruguay.

Eram 700 homens dispostos ao que dêsse e viesse. Ha annos que se fala nessa falta de transporte de toda a sorte.

Que se ha feito para sanal-a ? Onde se tem gasto tanto dinheiro? Os senhores sabem? Certamente, não; pois nem eu.

Os constructores, os empreiteiros de estradas de ferro, os arrendatarios estão ricos, mas as estradas de ferro virtualmente não existem, pois não preenchem a sua missão.

Ainda mais. O carvão mineral ameaça faltar-nos devido ao decrescimento de sua extracção nos paizes carboníferos. Fala-se em carvão nacional. Até hoje, porém, nada de positivo, de pratico, foi mostrado ao povo. Os doutores mais sabios do que os famosos sabios da Grecia, discutem. Um diz: presta; outro diz: não presta; mas vem o Dr. Caruru' e affirma: serve, mas em briquettes; entretanto, o Dr. Jamelão contesta: não se presta a linguetas, mas pode ser aproveitado em pó, ao que o Dr. Camelão objecta: é muito perigoso usal-o assim, porquanto a hulha nesse estado fica um verdadeiro explosivo. Emquanto se discute tudo isto, a hulha nacional não apparece nas fornalhas dos paquetes e locomotivas; mas o governo empresta milhares de contos aos mesias que cavam a terra em busca da nossa salvação.

São administrações dessas que se riem e endossam patranhas descabelladas contra o governo excepcional e, por sua natureza precario dos Lenines e Trotsky.

Ri-se o rôto, lá diz o povo, do esfarrapado e o torto do aleijado.

Creou o governo um Commissariado de Alimentaçaõ para regular o “maximum” dos preços dos generos de primeira necessidade.

Appareceram logo os doutores a discutir — a discutir tal e qual em Byzancio, como os turcos ás portas. Todos elles sabem economia politica e até, por signal, o Alto Commissario é ou foi professor dessa disciplina numa afamada escola superior; mas, por tanto saberem, não se entendem. Singular sciencia, essa !

O mal estar da população cresce sempre, a especulação de alto a baixo prolifera, os agiotas e bancos de agiotagem, catholicos, protestantes, sintoristas, distribuem pasmosos dividendos em relação ao valor das acções. Maravilhoso symptoma !

Não ha carne na capital da Republica dias seguidos e a parte da população que pôde, appella para as aves domesticas, conservas, para a carne de porco e o peixe que custam carissimo.

A outra parte, a maioria, a mais pobre, não tem para onde appellar, pois a carne secca é hoje alimento de luxo, tendo deixado de figurar dos “menus” dos encarcerados de toda a natureza.

Nesta cidade, já ha fome e não tardará muito a verificar-se criminosos que assim se fizeram, para ter sustento á custa do Estado; entretanto, projecta-se a criação de uma Universidade no Rio de Janeiro.

Que amor ao archaismo, tanto em tal criação como no desprezo ao soffrimento do povo !

Nunca houve na nossa administração “espirit de suite”.

Tudo é feito aos saltos e o governo que substitue outro, trata logo de desmanchar aquillo que o antecessor fez.

Ha annos que ha uma Inspectoria contra as Seccas, installada aqui com o luxo digno da alta conta ducal em que se têm os nossos sublimados e pantafaçudos doutores. As seccas são no Ceará, na Parahyba, no Rio Grande do Norte, mas a Inspectoria é aqui, onde só se conhece esse phenomeno quando as chuvas, durante alguns dias, não fazem os reservatorios do Dr. Van Erven, enchem-se. Muita gente ha de admirar-se disso; eu, não. Um facto desses está na logica das cousas do Brasil, em que o Dr. general ou general Dr. Lauro Muller e o reservista do Exercito Miguel Calmon são summidades em agricultura e cousas correlatas.

Após tantos annos de existencia da tal Inspectoria, as seccas, sem nenhum abrandamento nos effeitos, continuam a devastar o desgraçado nordeste de modo impiedoso. O arcebispo ou bispo do Ceará disse em S. Paulo que ellas, nestes proximos annos passados, mataram 70 mil pessoas e dous milhões de cabeças de gado. E ellas não cessam e continuam a matar; e os açudes da Inspectoria onde estão ?

No Congresso, nos jornaes, nas nossas divertidas sociedades sabias, discute-se a grande açudagem, a remoção da população da região flagellada para as que não foram, com auxilio de estradas de ferro e de rodagem — tudo muito bonito, com algarismos, schemas, graphias, diagrammas e alguma rhetorica, e nada se faz de util.

O Brasil é feito para desanimar; e não serei capaz de negar que haja entre os homens que têm estudado o problema das seccas, capacidades respeitaveis.

Mas a doutoromania que, em ultima analyse, desande num pedantismo livresco, impede os nossos technicos de observar directamente o phenomeno e, consequentemente de descobrir um adequado e proprio remedio.

Sabem o que em materia de irrigação, barragem, açudagem, fizeram os arabes, na Hespanha, os inglezes, no Egypto, os francezes, na Tunisia, os americanos, no Colorado, etc., etc.; e com autores e relatorios estrangeiros fazem os nossos sabios brilhantes; mas, é caso de perguntar, algum delles observou as condições da nossa zona de seccas e o porque das differenças entre ella e aquelles paizes ?

A nossa sciencia é assim uma especie de escolastica, em que a dialectica é tudo.

O brasileiro é um typo que não pode se afastar do modelo. Em todas as suas manifestações tem de copiar. Vê-se nas suas conversas sobre qualquer assumpto de intelligencia como é feita a sua critica, tendo sempre presente a autoridade: fulano, dizem uns, errou porque Haldane ensina assim; o livro beltrano é defeituoso, pois Anatole France nunca architectou um romance dessa maneira.

Nós temos o horror á iniciativa e nunca seguimos aquelle conselho de Flaubert a Maupassant a quem elle recommendava que se puzesse uma, duas, tres, cinco, cem vezes diante de uma fogueira, até que esta lhe apparecesse de um modo particular a elle proprio, para então descrevel-a.

Ao lado de todos os quadros tristes da nossa sombria situação, vem a politica para ennegrecel-os mais.

A Bahia anda em polvorosa. Ha conflictos nas cidades sertanejas; o governo estadual arma e embarca para o interior, forças de policia.

E o Amazonas? E o Pará? E Goyaz que não tem viveres? E Uberaba e adjacencias que se querem fazer independentes?

Ao lado disto tudo, projecta-se um arsenal de marinha, uma escola de aviação de guerra, discute-se a construcção da esquadra e outras cousas indispensaveis á população da miseria, da molestia, da fome e da... politica.

O melhor é não tratar dessas cousas. O real me desgosta, como disse o outro; e tanto mais me desgosta quanto não tenho ideal e não posso, portanto, viver nelle.

DO AUTOR

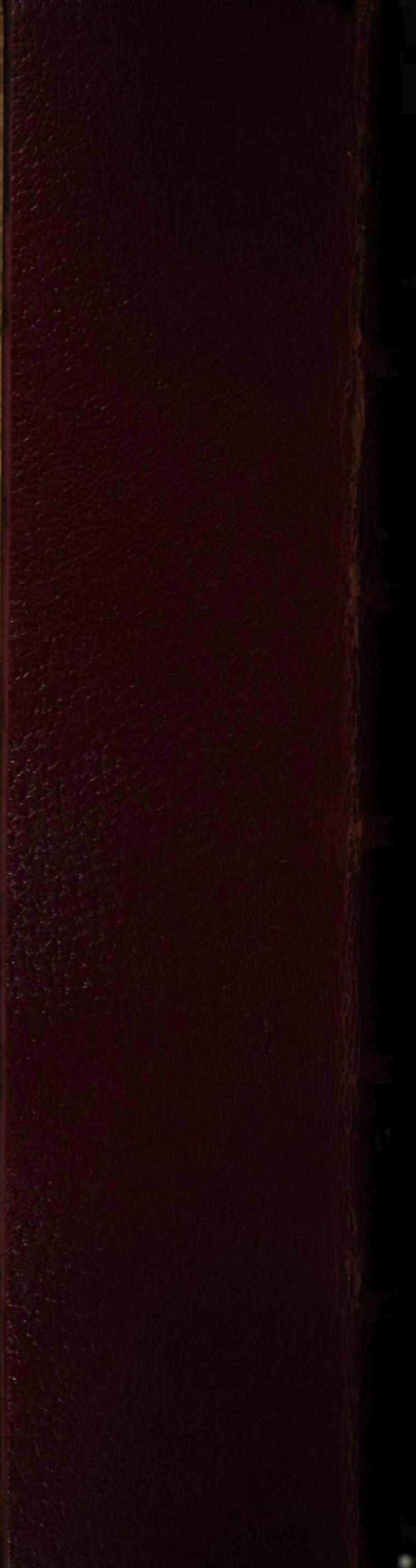
Recordações do Escrivão Isaias Caminha (novela).

Triste fim de Polycarpo Quaresma (idem).

Numa e a Nympha (idem).

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá (idem).

Historias e sonhos (contos).



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).